

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**



MARLENE FLAUZINA OLIVEIRA

**FESTA DE NOSSA SENHORA DA ABADIA EM JATAÍ/GO: UMA EXPERIÊNCIA
DE INTERPRETAÇÃO GEOGRÁFICA**

**DOURADOS/MS
2019**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

MARLENE FLAUZINA OLIVEIRA

**FESTA DE NOSSA SENHORA DA ABADIA EM JATAÍ/GO: UMA EXPERIÊNCIA
DE INTERPRETAÇÃO GEOGRÁFICA**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia como requisito para a obtenção do título de Doutora em Geografia.

Área de concentração: Produção do Espaço Regional e Fronteira.

Linha de Pesquisa: Espaço e reprodução social: práticas e representações.

Orientador: Prof. Dr. Jones Dari Goettert

**DOURADOS/MS
2019**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

O48f Oliveira, Marlene Flauzina

FESTA DE NOSSA SENHORA DA ABADIA EM JATAÍ/GO: UMA EXPERIÊNCIA DE INTERPRETAÇÃO GEOGRÁFICA [recurso eletrônico] / Marlene Flauzina Oliveira. — 2019.

Arquivo em formato pdf.

Orientador: Jones Dari Goettert.

Tese (Doutorado em Geografia)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2019.

Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:

<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Festa. 2. Cultura. 3. Experiência. 4. Geografia. 5. Território. I. Goettert, Jones Dari. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

**“FESTA DE NOSSA SENHORA DA ABADIA EM JATAÍ/GO: UMA EXPERIÊNCIA
DE INTERPRETAÇÃO GEOGRÁFICA”**

BANCA EXAMINADORA

TESE PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE DOUTORA

Presidente/Orientador
Prof. Dr. Jones Dari Goettert

1º Examinador
Prof. Dr. Dimas Moraes Peixinho

2º Examinador
Prof. Dr. Antonio Dari Ramos

3º Examinador
Prof. Dr. Marcos Leandro Mondardo

4º Examinadora
Prof.^a Dr.^a Juliana Grasiéli Bueno Mota

Dourados, 30 de maio de 2019

DEDICO

Ao Márcio Antônio Martins – Cebolinha.

À minha mãe, Terezinha, *in memoriam*.

Aos familiares, afilhados e amigos.

Aos “amigos da onça”, que culturalmente representam os jataienses.

AGRADECIMENTOS

A Deus.

À família pelo apoio.

Ao tão especial Márcio (Cebolinha). Muito grata pelo seu amor, carinho e cuidado, pelo apoio emocional e financeiro, que com certeza me fortaleceram para a produção deste trabalho. Obrigada pela companhia nos diversos trabalhos de campo, pela parceria durante os momentos felizes e em outros não tão bons durante este período.

Ao Prof. Dr. Jones Dari Goettert, que, desde o processo seletivo até o encerramento da tese, foi sempre simpático, receptivo e humano; orientou com sutileza e entusiasmo, o que contribuiu muito no aprendizado e na compreensão das experiências geográficas do grupo em estudo.

Aos professores Lisandra Pereira Lamoso, Flaviana Gasparotti Nunes, Marcos Leandro Mondardo, Maria Geralda de Almeida, Alécio Perini Martins, Dimas Moraes Peixinho, Cândida Graciela Chamorro Arguelo, Raquel Maria de Oliveira, Antonio Dari Ramos e Juliana Grasiéli Bueno Mota.

Ao Programa de Pós-Graduação em Geografia – UFGD

Ao Programa de Pós-Graduação em Geografia – IESA/UFG

Ao Programa de Pós-Graduação em Geografia – UFG/Regional Jataí

Aos colegas da turma do doutorado e a todos os colegas douradenses pelo carinho e acolhimento, especialmente a Zulmária, Patrícia Ferreira e Fábio.

Ao Adenildo, Divino, Iderlan, Gabriel, Evânia, Lucas Flauzino, pelo pronto atendimento quando solicitados para importantes contribuições na produção desta tese.

À kmad Regina, pela amizade e parceria de pós-graduação, que resultou na companhia nas diversas viagens, que se tornaram mais leves em nossos inúmeros 1.520 km (ida e volta) de conversas, risos e angústias. Assim fomos de Jataí/GO, a Dourados/MS, várias vezes, para atendermos aos requisitos do programa de pós-graduação.

Aos festeiros do período de 2008 a 2018, pelo acolhimento durante as festas, pela confiança e por contribuir com este trabalho, ao permitir que eu “participasse” também da festa, para coletar os dados que se faziam necessários.

Aos “amigos da onça” Ludmila, Lucinéia, José Abadio e Délia pela paciência, pelo pronto atendimento durante as inúmeras informações solicitadas – e que sempre se prestavam a isso.

A todos os participantes, ex-foliões e atuais foliões da festa de Nossa Senhora da Abadia, que em algum momento contribuíram com fotos,

informações, pousos, deliciosos cafés, almoços, lanches e jantares, com entrevistas formais e informais, verdadeiros parceiros deste trabalho.

A todos os foliões e especificamente ao grupo de 2016. Grata pela oportunidade em estar com vocês, de conhecer o trabalho “por dentro” do giro, pelas informações e entrevistas prestadas, pelas divertidas brincadeiras em que me envolviam. Muito obrigada pela oportunidade de conhecer um pouquinho de cada um de vocês, com suas alegrias e saudosismos dentro da folia. Obrigada por despertarem em mim admiração e respeito aos seus saberes e fazeres.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo auxílio financeiro que possibilitou uma maior dedicação para a realização desta pesquisa.

Por fim, sou muita grata a todos que colaboraram direta e indiretamente, de algum modo, para o desenvolvimento deste trabalho, que me permitiu conhecer e compreender um pouco mais sobre a cultura de um grupo jataiense.

Não basta viajar em torno do território; é preciso realmente invadi-lo. Vale a pena pelo menos tentar essa aventura.

(BONNEMAISON, J. 2002, p. 131)

FESTA DE NOSSA SENHORA DA ABADIA EM JATAÍ/GO: UMA EXPERIÊNCIA DE INTERPRETAÇÃO GEOGRÁFICA

RESUMO: A saída da folia, o giro da folia e o dia da festa são os eventos que compõem a festividade à Nossa Senhora da Abadia (Comunidade da Onça, Jataí, Goiás). Conduzidos pelas relações sociais, os eventos seguem os princípios do catolicismo popular e são constituídos pelos rituais religiosos sagrados e profanos, seguidos pela crença, memórias e cultura. Por esse viés, o principal objetivo deste trabalho é analisar, por meio da manifestação religiosa, as territorialidades e identidades que emergem das relações sociais e se estabelecem durante o desenvolvimento dos eventos no e pelo território, bem como compreender pelo olhar geográfico os sentimentos e emoções, os significados materiais e simbólicos dessa relação para aqueles que a expressam, considerando que as emoções ligam os sujeitos ao território festivo, tornando-o o centro da experiência geográfica. Para fundamentar este estudo, foram observados, em trabalhos de campo, as distintas vivências dos sujeitos envolvidos, as expressões corporais, os objetos, os rituais sagrados e profanos durante os eventos da festa; foram feitas entrevistas estruturadas e espontâneas com os fazedores da festa, depois analisadas e compreendidas por meio de diversas leituras para agregar o entendimento aos ritos e símbolos percebidos.

Palavras-chave: Festa de Nossa Senhora da Abadia, território, memória, vivência, Geografia.

NOSSA SENHORA DA ABADIA'S FEAST IN JATAÍ/GO: ONE EXPERIENCE OF GEOGRAPHIC INTERPRETATION

ABSTRACT: The exit of the feast, its swirl and the day of it, these are the events that make the festivity (Onça's Community, Jataí/GO). Led by social relationships the events follow the principles of popular catholicism, and made of sacred/profane religious rites, formed by creed, memory and culture. By this bias the main objective of this study is to analyse by means of religious manifestation the territoriality and identities that arise and lay down from these social relations during the development of the events, as, in and for the territory, as well as understanding by geographic perspective the feelings and emotions, the material and symbolic meanings of this relation to those who express it, considering that emotions link the people to the festivity territory turning the center of the geographic experience. To support this study participants' distinct livingness were observed in fieldwork, their body expressions, the objects, the sacred and profane rites, the feast's events, structured and spontaneous interviews with the feast's makers were done, after reviewed and comprehended via several readings to add understanding to the noticed rites and symbols.

Key Words: Nossa Senhora da Abadia's Feast, territory, memory, experience, Geography.

FIESTA DE NUESTRA SEÑORA DE ABADIA EN JATAÍ/GO: UNA EXPERIENCIA DE INTERPRETACIÓN GEOGRÁFICA

RESUMEN: La salida de la folía, la gira de la fiesta y el día de la fiesta, son los eventos que componen la festividad a la Virgen de la Abadía (Comunidad de la Onça, Jataí/Goiás). Conducidos por las relaciones sociales los eventos siguen los principios del catolicismo popular, y están constituidos por los rituales religiosos sagrados/profanos, seguidos por la creencia, memorias y cultura. Por ese sesgo el principal objetivo del trabajo es analizar por medio de la manifestación religiosa las territorialidades e identidades que emergen por las relaciones sociales y se establecen durante el desarrollo de los eventos como en y por el territorio así como comprender por la mirada geográfica los sentimientos y emociones, los significados materiales y simbólicos de esta relación para aquellos que la expresan, considerando que las emociones enlazan a los sujetos al territorio festivo haciendo el centro de la experiencia geográfica. Para fundamentar ese estudio se observaron en trabajos de campo las distintas vivencias de los sujetos involucrados, las expresiones corporales, los objetos, los rituales sagrados y profanos durante los eventos de la fiesta, se realizaron encuestas estructuradas y espontáneas con los hacedores de la fiesta, después analizadas y, comprendidas por medio de diversas lecturas para agregar el entendimiento a los ritos y símbolos percibidos.

Palavras-clave: Fiesta de Nuestra Señora de Abadia, territorio, memoria, vida, Geografía.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Oratório	69
Figura 2 - Quarto do casal	70
Figura 3 - Vários santos em um armário de cozinha	71
Figura 4 - Um altar na sala	72
Figura 5 - Santo em uma colcha de cama	73
Figura 6 - Giro em montaria de cavalos	81
Figura 7 - Giro da folia em automóveis.....	82
Figura 8 - Participação feminina na folia	84
Figura 9 - Uma alfer	85
Figura 10 - Ensino e aprendizado durante o giro da folia.....	87
Figura 11 - Crianças aprendendo com a tradição	87
Figura 12 - Adolescentes recebendo instruções	88
Figura 13 - Foliões chegando a uma moradia	98
Figura 14 - Morador recebendo a Santa e a folia	99
Figura 15 - Almoço durante a visita	104
Figura 16 - Em cantoria foliões pedem a bandeira	105
Figura 17 - Moradora levando a bandeira para entregar ao alfer	106
Figura 18 - Cantoria do pedido do pouso	114
Figura 19 - Preparação do jantar.....	117
Figura 20 - Crianças e adolescentes jogando futebol	118
Figura 21 - Crianças e adolescentes jogando truco	119
Figura 22 - Roda de conversas	120
Figura 23 - Hora do jantar	121
Figura 24 - Reza do terço.....	122
Figura 25 - Foliões em uma roda de viola	125
Figura 26 - Dança da catira	126
Figura 27 - Dançando forró	127
Figura 28 - Dormitório dos foliões	128
Figura 29 - Dormitório dos foliões	129
Figura 30 - Folião beijando a bandeira	133
Figura 31 - Bandeira de Nossa Senhora da Abadia	143
Figura 32 - Bandeira de Nossa Senhora da Abadia	144

Figura 33 - Giro da folia em montaria	148
Figura 34 - A bandeira sendo acomodada dentro do carro	149
Figura 35 - Reza do terço na saída da folia.....	154
Figura 36 - Altar do dia da festa. Devoto praticando sua religiosidade	155
Figura 37 - O sagrado e o profano se relacionam	155
Figura 38 - Devoto pagando promessa	157
Figura 39 - Santinho da padroeira distribuído por devoto.....	158
Figura 40 - Devotos promesseiros carregando a bandeira.....	159
Figura 41 - Devoto pagando promessa	160
Figura 42 - Bandeira hasteada no mastro	161
Figura 43 - Foliões brincando.....	175
Figura 44 - Crianças brincando – noite da saída da folia	176
Figura 45 - Produção de almôndegas	180
Figura 46 - A churrasqueira.....	181
Figura 47 - Participantes servindo o jantar na noite da saída para a folia.....	182
Figura 48 - Jantar na noite da saída para a folia	183
Figura 49 - Almoço no dia da festa.....	184
Figura 50 - A fé e a comida	185
Figura 51 - Merenda durante os preparativos	186
Figura 52 - Despensa da festa	187
Figura 53 - Bebidas à vontade	188
Figura 54 - Boteco da festa	188
Figura 55 - O encontro dos foliões com os festeiros	194
Figura 56 - Festeiro emocionado durante encontro com os foliões.....	195
Figura 57 - Alfer e festeira em abraço acalorado	195
Figura 58 - Emoção ao receber a cantoria enquanto segura a bandeira da Santa	200
Figura 59 - Festeira em agradecimento à Santa pelas bênçãos recebidas....	201
Figura 60 - Emoção recíproca	202
Figura 61 - Lista dos participantes e seus empregos para a festa de 2019 ...	208
Tabela 1 - Classificação das propriedades dos organizadores da festa	48

Gráfico 1 - Tempo de participação na organização da Festa de Nossa Senhora da Abadia	46
Gráfico 2 - O que motiva participar da organização da festa?.....	50
Esquema 1 - Jornada e tradição ritualística da folia de Nossa Senhora da Abadia durante o giro	96
Esquema 2 - Ritos de pouso	111
Esquema 3 - A relação do sagrado e do profano no dia da festa.....	171
Quadro 1 - Funções sociais existentes no tempo da folia	79
Quadro 2 - Pontos de pousos em 2016.....	166
Mapa 1 - Localização da comunidade ou “Região da Onça”	33
Mapa 2 - Giro da folia de Nossa Senhora da Abadia em 2016	168

SUMÁRIO

POUSO 1	16
INTRODUÇÃO	16
POUSO 2	26
FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL DE JATAÍ	26
2.1 Configuração do espaço produtivo e cultural do município de Jataí	28
2.2 As marcas da formação socioespacial do território jataiense	34
2.3 Conflitos e devoção no sertão sudoestino	38
POUSO 3	44
OS SUJEITOS DA FESTA: POSIÇÕES E ARTICULAÇÕES	44
3.1 Promotores do giro - foliões, acompanhantes e moradores	53
3.2 Saída da folia e os personagens	55
3.3 Da ordem da festa: lugar dos rituais sagrados e profanos	56
POUSO 4	59
TERRITÓRIOS DE MEMÓRIAS E DE IDENTIDADES	59
4.1 Identidade construída	65
4.2 O território festivo e suas inter-relações	75
POUSO 5	78
UM GIRO PELAS TERRITORIALIDADES DA FOLIA	78
5.1 Interação feminina na folia	82
5.2 Folia - um espaço do ensino informal	86
POUSO 6	94
OS TERRITÓRIOS DOS RITUAIS: DO GIRO, DO ALMOÇO E DAS MÚSICAS ..	94
6.1 Ritos: ordem e linguagem no território do giro	94
6.2 Ritos do Giro	97
6.3 Rituais de almoço	103
6.4 Ritos musicais: um elemento de territorialidade	107
POUSO 7	111
OS TERRITÓRIOS DOS RITUAIS DE POUSO	111
7.1 Ritos de pousos	112
7.2 Reza do terço	121
7.3 Roda de viola e danças	124
7.4 A catira	125
7.5 Dança do forró	126
7.6 O pouso de fato	128

POUSO 8	130
RITUAIS NA MANHÃ SEGUINTE AO POUSO	130
POUSO 9	143
A BANDEIRA COMO TERRITÓRIO	143
9.1 A bandeira e o território da fé	146
9.2 Território dos altares	152
9.3 Bandeira: um território das promessas	156
9.4 Mastro da bandeira	161
POUSO 10	164
O GIRO GIRANDO O TERRITÓRIO: ACOMPANHAMENTO E DESCRIÇÃO CARTOGRÁFICA-FOTOGRAFICA-ANALÍTICA DE UM GIRO PELO PROFANO NO TEMPO DA SANTA	164
10.1 Mapeando o território festivo	167
10.2 TERRITÓRIOS PROFANOS.....	170
10.2.1 Brincadeiras no giro	174
10.2.2 Os sabores territorializados da festa.....	177
POUSO 11	191
O GIRO COMO GEOGRAFIA: RAZÕES E EMOÇÕES EM UM ESPAÇO DE MULTIPLICIDADES	191
11.1 O território de Nossa Senhora da Abadia, da razão e da emoção	198
POUSO 12	205
O SORTEIO PARA NÃO ENCERRAR A FESTA (CONSIDERAÇÕES FINAIS)..	205
POUSO 13	210
SUJEITOS.....	210
(Referências orais).....	210
POUSO 14	212
REFERÊNCIAS.....	212
APÊNDICE	223
Relatório de campo	223
Giro da folia de Nossa Senhora da Abadia de 2016	223

POUSO 1

INTRODUÇÃO

A festa de Nossa Senhora da Abadia em Jataí, GO, aqui é considerada um símbolo da cultura imaterial no espaço rural do município. É uma festa tradicional que acontece aproximadamente há 130 anos¹. No seu tempo ela se realiza por meio de suas práticas sociais, envolvidas pela religiosidade e por momentos profanos também. Dessa forma ela promove o encontro e o reencontro dos sujeitos por meio de suas realizações, que são durante os eventos: da saída da folia para o giro, do giro da folia e da própria celebração no dia da festa.

Para este trabalho usa-se o recorte temporal do ano de 2008 a 2018, período em que se acompanha e registra sem interrupção o fazer festivo. A oportunidade em conhecer a festa acontece no ano de 2008. Após o primeiro contato com o fazer festivo, minha inquietude aumentou perante a escassez de material produzido e divulgado sobre a festa, que se pode considerar parte de uma cultura imaterial importantíssima para aqueles que a produzem e até mesmo para a comunidade jataiense.

Tudo que se tinha documentado eram poucas informações sobre os foliões de Nossa Senhora da Abadia, em apresentações na cidade, e algumas linhas escritas sobre o histórico da festa nos arquivos da Secretaria Municipal de Cultura. A mídia jornalística já tinha também publicado algumas matérias sobre a festa.

Diante dessa situação, juntei-me a uma equipe para realizarmos um projeto de pesquisa que resultasse em um filme documentário de 42 minutos de duração, um livreto e uma exposição fotográfica sobre a festa. A verba para esse projeto foi liberada pela Lei Municipal de Incentivo à Cultura. Aproveitamos a festa de 2009 para buscarmos todas as informações necessárias para a produção do material, uma vez que só tínhamos o prazo de um ano para a produção proposta.

¹ Em entrevista, o guardião senhor José Abadio de Gouveia afirma que foi por volta do ano de 1894 que foi feito o voto, e se iniciou a festa.

O material produzido foi intitulado de “Fazer religioso e festivo: festa de Nossa Senhora da Abadia na Comunidade da Onça”. A mostra fotográfica foi exposta ao público no Museu Histórico de Jataí; o documentário gravado em DVD e o livreto foram distribuídos gratuitamente a todas as escolas e universidades da rede pública e privada do município. As fotografias da exposição também foram doadas ao acervo do museu.

Após desenvolver este projeto, minha inquietação em materializá-lo por meio de material de cunho científico aumentava a cada instante. Foi aí que ingressei no curso de Mestrado em Geografia da Universidade Federal de Goiás/Unidade Jataí, no ano de 2010. E surgiu a dissertação sobre a festa e seus participantes, intitulada: “O giro de um povo: o espaço/tempo da festa de Nossa Senhora da Abadia em Jataí/GO”.

Percebendo que ainda poderia contribuir com mais uma produção acadêmica sobre a festa, em 2015 ingressei no curso de doutoramento da Universidade Federal da Grande Dourados/MS. Para este trabalho, com uma percepção mais amadurecida sobre a festa, com bagagem literária e as diversas vivências com o fazer festivo, bem como com seus sujeitos participantes, intentei aprofundar o pensar e a compreensão da comemoração a Nossa Senhora da Abadia, por meio das práticas sociais como um resultado da solidariedade, da reciprocidade, das identidades, da crença, das memórias e da cultura de seus organizadores.

Foi notável perceber que, durante toda a efetivação dos eventos da comemoração, os sujeitos compreendidos como participantes visitantes, participantes organizadores da festa e foliões estabelecem relações com o lugar e o território festivo. A festa se territorializa onde atualmente se reproduzem as atividades da pecuária, monoculturas de soja, milho, sorgo e da cana-de-açúcar. Por isso o seu tempo festivo representa um “desvio cultural” (SANTOS, 2011) frente à base econômica hegemônica no município. Ou seja, a festa é uma prática que se desvia da dominação econômica do território para se realizar².

² O “desvio cultural” foi um tema desenvolvido em minha dissertação de mestrado (OLIVEIRA, 2012), na qual se considera que a festa de Nossa Senhora da Abadia representa um desvio da cultura capitalista imposta pelo agronegócio. Destarte entende-se o desvio cultural como uma ação por meio de uma prática festiva, que acontece por caminhos que fogem à imposição socioeconômica dominante e que se apropria de um espaço para sua realização. Dessa forma, na “Região da Onça”, o desvio é negociado e faz uso de signos da tradição. Baseamo-nos em Santos (2011), que trabalha o conceito de cultura desviante, considerado na condição de “práticas, processos, culturas e

Embasados pela geografia, temos como objetivo analisar, por meio da manifestação religiosa, as territorialidades e identidades que emergem das relações sociais que se estabelecem, durante o desenvolvimento dos eventos pelo território em estudo. Dessa forma, objetivamos também compreender, pelas emoções, os significados materiais e simbólicos dessa relação para aqueles que a produzem. Para tanto, analisamos alguns fatos que acontecem durante os eventos que dão formato à festa tradicional, como a saída da folia para o giro, o giro da folia e a celebração no dia da festa. O giro é considerado, neste trabalho, como o trajeto percorrido pelo grupo de foliões para pedir esmolas e prendas e levar a Santa para abençoar as famílias visitadas.

O giro é um trajeto que contém em sua essência uma combinação de religião, devoção, experiências e vivência, que se efetivam durante o movimento de tracejar um percurso que venha a se firmar como o território da festa. Os sujeitos que exprimem o giro no território são os foliões, os acompanhantes da folia e os moradores que recebem a folia.

O giro, como o momento do transitar pela Região da Onça e adjacências, em suas ações simbólicas e materiais, tem a devoção que é imanente ao movimento, seguidas pelas emoções ao receber e despedir da Santa (bandeira), o sagrado, as alegrias, os altares, as pingas, os cantos (profanos e sagrados), as danças, os cafés, a disciplina, as rezas, os risos, as brincadeiras, os conflitos, os terços, os pousos, as esmolas, as prendas, os foguetes, as comidas fartas, as danças, o pagamento de votos, o aprendizado, a fé.

O giro da folia também se torna um momento para acontecerem as trocas simbólicas entre os fiéis e a Santa, deixando evidente que dar, receber e retribuir são atos comuns do “catolicismo popular”. Assim, as experiências e a devoção a Nossa Senhora da Abadia, durante o giro, revelam uma organização cultural, social, religiosa e profana.

O giro é atividade que complementa os fazeres da festa, tradicionalmente organizada pelos sujeitos do lugar, tendo suas particularidades inscritas em seus costumes e práticas sociais. A saída da folia, o giro da folia e o dia de celebrar a Santa com a festa são eventos que deixam suas inscrições no território e, por meio

das relações interpessoais e das identidades, fortalecem a tradição festiva. É uma festa do “catolicismo popular” que tem seus signos e símbolos próprios, e a religiosidade se manifesta pela fé dos crentes em Nossa Senhora da Abadia.

Diante das intersubjetividades percebidas e da materialização da festa em si, aplicamos, para compreendê-las, uma metodologia de observação das práticas sociais durante a festa, que consistiu em: dados obtidos por fontes orais; registros fotográficos; filmagens; gravações das músicas no momento em que eram executadas; anotações no caderno de campo; entrevistas informais ou formais com aplicação de questionários semiestruturados aos foliões, aos sujeitos que participavam da produção da festa e àqueles (devotos) que participavam como visitantes. Foi fundamental o tratamento dos dados obtidos, respaldado pelo embasamento teórico de várias referências científicas, encontradas em artigos, livros, teses e dissertações.

Durante o tempo de convivência com o grupo produtor da festa, foi-se estabelecendo confiança, amizades e respeito recíproco, de forma que se tornou mais fácil pensar em um questionário que atentasse em responder aos objetivos da pesquisa. Embora apoiados na ciência geográfica, buscamos também, para nos auxiliar nas interpretações, subsídios em outras áreas do conhecimento, como a história, a antropologia e, em alguns momentos, a sociologia.

Paralelamente aos trabalhos de campo na coleta de dados, aconteciam os embasamentos teóricos visando à compreensão espacial referente ao nosso objeto de estudo, para então entendermos os modos de ser-no-mundo dos fazedores da festa.

Dessa forma, vincular os conceitos e a descrição dos rituais como eles acontecem tem a intenção de trazer o leitor ao “mundo” festivo por meio da interpretação das representações, das experiências e dos valores que lhes são aplicados. Assim, começamos nossa análise pelo espaço em que ocorre a festa, já que o que orienta os estudos geográficos, a princípio, é o espaço, onde se contrapõem os diversos conceitos ou “essências”, como prefere Holzer (2013). O espaço geográfico, para esse autor, reporta “qualquer coisa dotada de materialidade, ou simplesmente desvelada como fenômeno, para a qual nos voltamos intencionalmente e com a qual temos um relacionamento intersubjetivo, enquanto seres-no-mundo” (HOLZER, 2013, p. 20).

Para Holzer (2013, p. 20), o espaço geográfico surge a partir de uma relação existencial do homem com a Terra. Tal relação “tem como essência a “geograficidade”, que expressa a razão de ser do homem no planeta Terra, ou seja, delimita e determina a sua possibilidade de existir como ser-no-mundo”. Por seu lado, a partir da existência e da vivência humana no espaço, Corrêa (2009, p. 44), aponta:

Eis o espaço geográfico, a morada do Homem. Absoluto, relativo, concebido como planície isotrópica, representado através de matrizes e grafos, descrito através de diversas metáforas, reflexo e condição social, experienciado de diversos modos, rico em simbolismos e campos de lutas, o espaço geográfico é multidimensional.

Dessa forma o homem, ao organizar o espaço, inventa, produz, consome, mantém, circula, desfaz, refaz, luta, sonha, enfim, configura e interage com o espaço (CORRÊA, 2009). Isso estabelece um conjunto de práticas, ou seja, de “ações espacialmente localizadas que impactam diretamente sobre o espaço, alterando-o no todo ou em parte ou preservando-o em suas formas e interações espaciais”, e essas ações “são meios efetivos através dos quais objetiva-se a gestão do território, isto é, a administração e o controle da organização espacial em sua existência e reprodução” (CORRÊA, 2009, p. 35).

Massey (2008, p. 28) também pensa o espaço como “um produto das inter-relações”, “uma esfera das multiplicidades na qual distintas trajetórias acontecem”, e “ele está sempre em construção”, jamais acabado. Por esse viés pensamos também a festa de Nossa Senhora da Abadia, que acontece num espaço concebido para além de sua superfície e de sua materialidade, um espaço que surge por meio da multiplicidade das relações e inter-relações sociais (de identidades e culturas, religiosas e políticas). Um espaço criado e (re)criado por e para uma história e uma vivência sempre em construção.

A partir desse espaço percebido, é possível decifrar as práticas sociais nos diferentes grupos que estão ali, oferecendo sentido para sua vivência. Ao estudar a experiência pela interpretação geográfica neste trabalho, partimos de dois suportes importantes para essa discussão, que são o lugar e o território. Esses conceitos ou “essências” apresentam “modos de ser-no-mundo, do mais introspectivo e solitário, ao mais interativo e compartilhado” (HOLZER, 2013, p. 20).

O lugar aqui é considerado a partir da prática festiva de Nossa Senhora da Abadia, ou seja, da relação, da inter-relação e da experiência dos sujeitos com esse fenômeno, que o configuram em um espaço rural. Assim, buscamos um entendimento para esse lugar a partir de aspectos percebidos, como a vivência, a permanência e a experiência. Para Tuan (1983, p. 6), o lugar se torna um centro,

à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. [...] A partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplitude, da liberdade [...], então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar.

Na mesma obra, ao falar das experiências íntimas com o lugar, o autor aponta que “o espaço se transforma em lugar à medida que adquire definição e significado” (TUAN, 1983, p. 151). E em toda a obra ele continua a afirmar que o lugar é o mundo das experiências humanas.

A festa é pausa nos movimentos do espaço para se constituir como o lugar da segurança, da liberdade e da estabilidade. A festa faz parte da vida dos sujeitos, então se torna o lugar das experiências, as quais se compõem a partir dos seguintes aspectos: dos sentimentos, do espírito de lugar (crença), da reunião (se torna um evento ou uma experiência), das raízes e do enraizamento, da interioridade (intimidade), de lar (pertencimento), de identidades, entre outros (RELPH, 2012). O lugar é pausado para ser conhecido, experienciado, descoberto, para assim se efetivar como tal.

É nesse espaço das inter-relações que se considera a subjetividade dos sujeitos com a festa e a sua materialidade. Destarte, o território simbólico e material será considerado, neste trabalho, como um lugar de apropriação pela representação social, sendo considerado também como um recurso de poder. Assim, o território é aqui analisado

como uma coisa bem diferente de um espaço fechado protegido por uma fronteira. No fundo, ele é muito mais um “núcleo” do que uma muralha, e um tipo de relação afetiva e cultural com uma terra, antes de ser um reflexo de apropriação ou de exclusão do estrangeiro (BONNEMAISON, 2002, p. 101).

Holzer (1997, p. 84) acredita que, para um lugar se tornar um território, faz-se necessário “delimitar suas diferenças, a diversidade de suas diferenças culturais”.

Ou seja, a concepção de território vai além de uma correlação entre poderes e um determinado sistema econômico. Para o referido autor, “o território deve ser gerido como um todo intersubjetivo, considerando toda a vida que há na Terra, considerando-a como um mundo” (HOLZER, 1997, p. 84

De acordo com o princípio da intersubjetividade, Haesbaert (2007, p. 20-21) aponta que o território tem dupla conotação, material e simbólica, e tem a ver com dominação (jurídico-política), e para aquele que o usufrui o território pode inspirar a identificação (positiva) e a efetiva “apropriação”. De forma que o território,

[...] em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional “poder político”. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais explícito, de dominação, quanto ao poder no sentido mais implícito ou simbólico, de apropriação.

Haesbaert (2007, p. 21), baseado em Lefebvre, diz que a apropriação é um processo mais simbólico, carregado das marcas do “vivido”, com menos valor de uso, e a dominação é um processo mais concreto, funcional (capitalista) e vinculado ao valor de troca. Assim, a apropriação é mais “subjéctiva e/ou ‘cultural-simbólica’”.

Portanto a “Região da Onça” é um território cultural que se constitui simbolicamente no espaço para se efetivar pela religiosidade e pelas identidades, um espaço de uma cultura tradicional em que a geografia nos norteia para responder aos objetivos levantados. Desse modo encontramos formas para compreender as relações dos sujeitos com a festa, ou seja, o homem *como* sujeito e não *como* um ou *versus* um objeto.

Por meio do mundo vivido e das experiências com a festa, analisamos o espaço vivido e existencial dos sujeitos, experiência essa que, pela geografia concebida no lugar, é possível ser estudada. Assim, as experiências percebidas e descritas dos sujeitos estudados serão consideradas aqui como um elemento de interpretação de nossas análises.

Para Nogueira (2005), a descrição é uma forma de compreender o mundo do sujeito, como ele vive o fenômeno naquele momento. Por isso, descrevemos da forma mais legítima e original possível, para apreender as complexidades dessa cultura que se inscreve no lugar e no território na “Região da Onça”, sendo que a descrição em nosso trabalho autentica a credibilidade do grupo em estudo, através dos significados da sua cultura e crença. Analisam-se as vivências por meio das

intenções da consciência, como um compromisso real dos sujeitos que efetivam o fazer religioso e festivo em um fenômeno que implica *dar* um sentido àquele “mundo” – o mundo enquanto essência.

Para tanto, a estrutura do trabalho foi dividida em tópicos, que são denominados de “pousos”. Cada pouso aborda e analisa as categorias geográficas, território e lugar a partir de elementos observados durante as vivências *in loco*, durante os trabalhos de campo. Os pousos são os períodos que a folia usa para pernoitar nas residências de devotos da Santa. Estes acontecem durante o desenvolvimento do giro, quando o grupo visita os moradores inseridos no trajeto, com o desígnio de levar as bênçãos de Nossa Senhora da Abadia, pedir esmolas (dinheiro) e prendas (objetos, animais, sementes, etc.), desenvolver os rituais pertinentes ao momento e também motivar os moradores e convidá-los para festejar a Santa, sempre no dia 14 de agosto de cada ano. É uma ocasião muito oportuna para observar e compreender cada particularidade e a importância de cada uma, quando acontecem as interações sociais (foliões, moradores e comunidade festeira), as relações entre sujeitos e divindade, bem como a realização dos rituais sagrados e profanos. Faz-se necessário explicar que o dia santo de Nossa Senhora da Abadia é 15 de agosto; no entanto, a festa em estudo é sempre comemorada no dia 14 de agosto, porque dia 15 é dia para os(as) féis se dedicarem e celebrarem *íntima e reservadamente* a Santa.

Mas aqui os pousos vão além do procedimento de pernoitar; os pousos se apresentam simbolicamente em forma de tópicos, abordando as relações sociais com os vários elementos percebidos em todos os eventos que compõem a festividade. Dessa forma, os pousos tentam responder e apresentar as problemáticas que inicialmente nos instigaram neste trabalho.

Os procedimentos metodológicos, por meio de categorias e conceitos, foram empregados para entender as experiências vividas durante a festividade da seguinte forma: território e identidades, conforme Cruz (2007), Penna (1992), Haesbaert (1999, 2001, 2007), Bonnemaïson (2002), Silva (2009), Holzer (1997, 2013), entre outros; o lugar, de acordo com Tuan (1983), Relph (2012) e Nogueira (2005); as memórias, por Halbwaschs (2006) e Pollak (1992); os diversos rituais, por Eliade (2013), Rosendahl (1999, 2002), Brandão (2004), DaMatta (1983), Segalen (2002), entre outros; a cartografia de Seemann (2001, 2003); e as razões e emoções na geografia, por Furlanetto (2004), Maia (2001, 2010) e Silva (2018).

Para construir os pousos (tópicos), inicialmente foi necessário compreender como se formou a região sudoeste de Goiás, onde se encontra o município de Jataí, para analisar a gênese econômica, cultural e religiosa e suas influências na “Região da Onça” (comunidade rural), lugar onde reside a maior parte dos fazedores da festa.

Posteriormente, para identificar os sujeitos da festa com suas devidas posições e articulações, vimos a necessidade de conhecer o perfil sociocultural de seus integrantes, bem como suas produções e a relação transcendental de devoção à padroeira Nossa Senhora da Abadia. Ou seja, os sujeitos envolvidos são a própria condição de existência do território da festa, sendo necessário, portanto, compreender a sua inseparabilidade.

Para compreender quais os tipos de territorialidades o grupo de foliões, os moradores, os festeiros e os rituais sagrados e profanos produzem durante a organização e desenvolvimento da celebração à Santa, discutimos alguns territórios: o território dos rituais, da bandeira, dos altares, dos cânticos e das emoções.

O giro girando o território é um pouso que tem o objetivo de descrever de forma cartográfica, fotográfica e analítica o giro pelo profano no tempo da Santa. Assim, geograficamente, o percurso da devoção foi tomando uma forma cartográfica, enquanto a folia evidenciava a territorialidade sagrada e profana por onde passava.

E, finalmente, para entender o giro como uma condição de territorialização dos rituais, buscamos pela geografia das razões e emoções estudar a vivência no território, que são experiências singulares na vida de cada sujeito participante da festividade. A emoção também induz o sujeito a participar ativamente da festa de forma individual ou coletivamente. Tratando o giro como geografia, no sentido de geografar o movimento durante sua realização, procuramos compreender as grafias e as inscrições espaciais.

Destarte, com este trabalho, esperamos contribuir com a Geografia, apresentando o fazer festivo de um grupo pela sua religiosidade, ritos, cultura, identidade e emoções, quando se atribui significado a um lugar por meio de suas práticas sociais.

As experiências são interpretadas a partir dos sujeitos que comportam e compreendem o seu mundo. Portanto, como eles vivem intensamente no tempo da

nesta esse lugar, repleto de significados, de essências e simbologias, é a “tentação” que moveu a construção deste trabalho.

POUSO 2

FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL DE JATAÍ³

Durante o século XVIII, Goiás passa por transformações em suas atividades econômicas. Conforme Estevam (1997), a descoberta do ouro tem início em 1722, ocorrendo o esgotamento da atividade mineradora em 1799. Conseqüentemente, houve o declínio da população nas regiões norte, central e sul da capitania, onde se dava a mineração aurífera. Nesse contexto, lentamente a lavoura de subsistência e principalmente a pecuária ostentam o sistema financeiro da capitania. Essas atividades econômicas já existiam concomitante à atividade mineradora, de forma que era subsidiária às regiões de extrativismo mineral. Com o processo de decadência da mineração, a população ruraliza-se, ou seja, abandona os arraiais próximos às jazidas e se dirige ao meio rural.

Esses movimentos populacionais em busca de ambiente favorável para a criação de gado e plantação de lavouras no sertão avançam em direção a várias regiões da capitania, mas, neste trabalho, vamos nos ater principalmente ao processo de ocupação da região sudoeste da capitania, até então habitada em sua maioria pelos índios Caiapó⁴ e em quantidade menor pelos índios Bororo⁵.

³ Milton Santos constrói o conceito de “formação sócio-espacial” em 1977; com hífen ou sem hífen, o conceito tem sido reelaborado até então, podendo ser encontrado até como “formação espacial” (cf. REIS, 2000, p. 70) – em que o termo espacial agregaria o social, ambos indissociáveis.

⁴ Pinto Junior (2015, p. 22), ao estudar sobre a corrente migratória para a província de Goiás, aponta que, “Ao sul, oeste e sudoeste, uma grande área que não tinha ouro mas que tinha dono e identificada na cartografia como o *certão dos Cayapós*”. (Grifos do original).

⁵ No começo do século XVIII, os Boe ou Bororo habitavam uma vasta área situada no centro da América meridional [...]. O território bororo, então, estendia-se da Bolívia ao Brasil, passando pelos atuais estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, mas as ações dos Bororo (de guerra, comércio, exploração) chegavam até áreas do atual estado de Goiás (VANGELISTA, 2015, p. 157). Neste contexto, Urquiza (2015, p. 165) afirma que a ocupação tradicional dos bororo em Goiás abrangia especificamente o centro sul da capitania.

Para Estevam (1997), o território goiano foi ocupado e povoado de forma bastante heterogênea e em áreas a grandes distâncias umas das outras, por conta da sua posição geográfica centralizada no território brasileiro. O autor afirma que:

Aconteceram dois fluxos diferenciados de povoamento em Goiás no século XIX. Um, oriundo dos sertões nordestinos e das matas paraenses ocupou o vale do Tocantins; o outro, de mineiros e paulistas ocupou o sul e o sudoeste da província. A lenta e silenciosa acomodação demográfica perdurou ao longo de todo o século (ESTEVAM, 1997, p. 36).

Inicialmente, os primeiros posseiros que chegaram ao sudoeste goiano eram criadores de gado e buscavam terras com relevo plano para o gado e para a cultura de subsistência, procurando também abundantes cursos d'água e vegetação natural à qual o gado se adaptasse, visando à produção de gêneros de primeira necessidade. Segundo Lima e França (2004, p. 06):

Por volta de 1830, os criadores de gado, [...] vieram para Goiás a procura de campos limpos para suas criações extensivas na região do sudoeste goiano e trouxeram o boi para viver no nosso cerrado. No entanto, o boi ainda era um animal alienígena, em adaptação ao cerrado. A convivência secular homem-boi-cerrado propiciou ao fazendeiro subsídio para extrair, desta combinação, o seu sustento com o mínimo de dano ao ambiente.

Em Goiás, a demarcação de grandes propriedades de terras aconteceu principalmente durante as três primeiras décadas do século XIX. A pecuária era a principal atividade econômica, sendo a responsável pelo surgimento de povoados na região sudoeste, como Rio Verde, Jataí, Mineiros, Caiapônia e Quirinópolis (PALACÍN; MORAES, 1994). Considerando a ocupação do território goiano, Estevam (1997) aponta que:

Em função do regime de apossamento puro e simples – de caráter latifundiário – no sudoeste de Goiás não restaram, desde o início do século [XIX], grandes parcelas de terras devolutas. Na verdade, a terra ocupada no sudoeste goiano teve dois tipos de uso: serviu como reserva de valor para capitais que ali eram investidos mesmo sem caráter produtivo e à exploração da pecuária extensiva (ESTEVAM, 1997, p. 60).

Desse modo, a pecuária tradicional, que precisava de grandes extensões de terras para suas pastagens, era a economia que sustentava a província, mesmo que de forma elementar. Já a agricultura era uma “economia simples”, produzida pelo trabalho familiar, sendo quase improvável a produção de excedentes.

Conforme França (1995), em 1836 o povoamento de Jataí se inicia com a chegada de seus desbravadores, vindos de Minas Gerais e de São Paulo. Com eles vieram também seus saberes e fazeres culturais e econômicos, principalmente em relação à agricultura e à criação de gado. E a fazenda, com suas especificidades e técnicas, tornava-se uma unidade produtiva. Melo (2003, p. 27) aponta que:

[...] aos poucos, a fazenda tornou-se um complexo produtivo auto-suficiente. Produziam-se, além dos produtos agrícolas e do gado, instrumentos de trabalho (carro de boi, corda de cedém, arreios, etc.), vestimentas (fiava-se, tingia-se e costurava-se), processavam-se alimentos (conservação de carnes, produção de farinha, fubá de milho, queijo, rapadura, açúcar, etc.).

Para Chaul (2015), a transformação da economia, bem como as migrações e logo o povoamento propiciaram uma nova configuração socioespacial à província. Ele afirma: “neste contexto, sedimentou-se um universo cultural próprio do homem do sertão, do roceiro, do camponês e do índio, distantes dos padrões europeus...” (CHAUL, 2015, p. 31). Nesse formato, a sociedade jataiense se constituiu pelas condições culturais e econômicas de cada posseiro de terras.

2.1 Configuração do espaço produtivo e cultural do município de Jataí

Para compreender os processos socioespaciais “modernos” em Jataí, faz-se necessário analisar os mesmos inseridos nas dimensões de tempo e espaço, de forma a considerar que Jataí está inserida num contexto complexo de mudanças. O desenvolvimento do município, por meio do sistema de produção capitalista, está vinculado a uma perspectiva espacial local, regional e nacional. Foram inseridas atividades econômicas com o objetivo de “promover o povoamento, o desenvolvimento econômico e a modernização sócio-cultural da região Centro-Oeste” (SILVA; MELLO, 2013, p. 59). No entanto, para a compreensão da espacialidade do município, faremos uma retomada em sua história socioeconômica.

Ainda durante o século XIX, o espaço rural goiano foi mantido pelo sistema econômico complexo da pecuária extensiva e da agricultura “camponesa”, em que se concentrava o trabalho familiar e havia pouco emprego de insumos. Estevam (1997, p. 45) afirma que, para o entendimento “do “mundo” goiano no século XIX, torna-se necessário observar a unidade básica da sua organização sócio-produtiva, ou seja, a fazenda.”

Nesse contexto de ruralização, a povoação goiana esteve no processo de reacomodação no espaço. Para Estevam (1997, p. 45), neste momento “os acontecimentos políticos que tanto marcaram o século pouco ou quase nada repercutiram em Goiás”. Dessa forma, a província se voltou para sua reorganização, de forma que não acompanhou as transformações capitalísticas em curso em outras regiões do país, como nas regiões Sudeste e Sul.

Foi a partir do último quartel do século XIX que o tempo das transformações passou a existir em Goiás, sendo a economia paulista a propulsora dessa modificação. A região sudeste de Goiás se beneficia com a proximidade dos trilhos e surgem as relações mercantis com o Triângulo Mineiro.

Para Melo (2003), foi em 1913, por iniciativa da Companhia Mineira de Auto-aviação, que se iniciam as construções das primeiras estradas de rodagem, ligando o sudoeste goiano a outras regiões do estado, bem como a Minas Gerais. Isso facilitou a propagação de veículos automotores na região sudoeste e “uma melhor fluidez de mercadorias, pessoas, informações, em relação ao tempo precedente, quando o transporte era feito unicamente sobre animais” (MELO, 2003, p. 49).

Os anos de 1930 representam para o país, bem como para Jataí, um marco no desenvolvimento econômico. Para Estevam (1997, p. 74), devido à “eliminação de barreiras ao comércio interno e aumento da interdependência das diversas regiões com o centro dinâmico do país, ocorreu a integração do mercado nacional”; neste contexto, o governo investe em infraestruturas, como na área de comunicação e transportes.

Um outro fator importante para o desenvolvimento de Goiás, principalmente na região sudoeste, foi a construção da cidade planejada de Goiânia, que passa a ser a nova capital do estado. Na análise de Estevam (1997, p. 82),

O implante de Goiânia, mesmo contando com firme disposição dos governos estadual e federal, deu-se demoradamente e por etapas.

Em 1933 aconteceu a tomada de decisão: escolheu-se o lugar lançou-se uma pedra fundamental. Em 1935 consumou-se a mudança provisória de órgãos do governo para Goiânia. Finalmente, em 1942, com o “batismo cultural”, a cidade foi oficialmente inaugurada e seu índice progressista dado como vertiginoso.

Silva e Mello (2013, p. 69) analisam que, ao se deslocar a capital goiana para o centro-sul do estado, isso teria significado naquele momento “colocar Goiás no caminho do progresso: era necessário trazer a capital para mais perto da Estrada de Ferro, aproximando-a do centro-sul do país”. Como nesse período as regiões sudoeste e principalmente sul de Goiás já se destacavam como centros econômicos, ficar próximo ao centro empreendedor e desenvolvedor do estado era vantagem quanto às questões desenvolvimentistas.

Outro movimento importante para o desenvolvimento econômico de Goiás foi a “Marcha para o Oeste”, projeto governamental anunciado em 1937, que tinha o objetivo de “povoar” e explorar a Região Centro-Oeste, bem como promover seu desenvolvimento econômico junto à modernização e à integração das regiões do país.

Conforme Borges (2000), foi a partir de 1940 que houve uma recomposição do espaço goiano, quando surgiram novas frentes de expansão, e as fronteiras agrícolas avançaram para as regiões sudoeste e o Mato Grosso Goiano⁶. O referido autor afirma: “Apesar do crescimento da produção de arroz, milho, algodão, café, fumo e de outros produtos, a sociedade goiana ainda vivia do boi” (BORGES, 2000, p. 104). A pecuária continuou sendo a principal atividade econômica do estado.

Nas décadas de 1940 e 1950, por meio de investimentos do governo federal, articulado à reestruturação de Goiás, são construídas estradas de rodagem cortando o estado e interligando-o ao resto do país; criou-se usina para geração de energia elétrica; e em 1960 houve a transferência da capital federal para o planalto central – a cidade de Brasília. A construção de uma nova capital federal também foi um projeto de povoamento do Centro-Oeste brasileiro e incentivou investimentos para o interior do país, como as rodovias, a eletrificação e as telecomunicações.

Essas políticas de investimentos, incentivando as migrações internas e novos desenvolvimentos econômicos, principalmente para a agricultura, foram

⁶ Para Estevam (1997, p. 108), os municípios que se destacavam na economia (comércio e lavoura) do Mato Grosso Goiano, em 1940, eram: Anicuns, Anápolis, Goiânia, Goiás, Inhumas, Itaberaí e Jaraguá.

fundamentais para a reordenação socioespacial de Goiás, inserindo-o nos moldes do tão desejado Brasil, de sociedade urbana, industrializada e capitalista. Dessa forma, nos anos de 1970 e 1980 algumas regiões goianas já se preparavam para desenvolver a “agricultura moderna”, que é:

[...] entendida como uma agricultura baseada no emprego de maquinários e insumos químicos industrializados para a produção de monoculturas, ou seja, um processo produtivo diferente na forma e também nas relações de produção do sistema agrícola tradicional (MELO, 2003, p. 65).

Jataí, bem como todo o sudoeste do estado, contou com o incentivo de projetos governamentais de desenvolvimento, sobretudo para a expansão da “modernização” da agropecuária, financiada pelo programa de desenvolvimento regional, o POLOCENTRO (Programa de Desenvolvimento dos Cerrados). Esses projetos destinavam-se à implantação de infraestruturas nas fazendas para dar suporte às novas atividades produtivas no cerrado. Dessa forma, o município se insere no contexto nacional de desenvolvimento agropecuário incentivado pelas políticas públicas. Nessa conjuntura, também se inserem as migrações sulistas.

Estevam (1997) e Borges (2012) corroboram a ideia de que a migração sulista para a região do sudoeste goiano foi atraída pelos baixos preços da terra, incentivos cedidos pelo governo federal e avanço técnico nas pesquisas de plantio na região. A migração sulista representa a maior parte do processo recente da ocupação do cerrado, bem como é responsável pelas modificações espaciais relacionadas à economia agrícola local, principalmente o cultivo da soja e a inserção de novos costumes culturais no município.

Melo (2003, p. 82) afirma: “a partir de 1985, [...] Jataí, diferentemente dos anos anteriores, é delineado pela expansão e consolidação da agricultura “moderna”, sobretudo com a produção de soja e milho”. Dessa forma, a atividade “moderna” foi gradativamente se incorporando no lugar das atividades antigas, ou seja, substituiu parcialmente as lavouras de autossustentação pelas “relações com a indústria e com o capital financeiro” (MELO, 2003, p. 87). Essas atividades de desenvolvimento subordinam a agricultura à indústria, produzindo grãos em grande escala para atender à demanda industrial, e conseqüentemente aumentou a área cultivada.

Melo (2003) afirma que o município de Jataí foi o maior produtor de soja da safra de 2000/1, representando 1% da produção nacional do grão. Isso demonstra o nível do investimento em tecnologia no campo, resultado da “modernização agrícola”. Na safra de 2014/2015, o município foi o segundo maior produtor de milho do Brasil e a segunda maior bacia leiteira do estado, conforme o Jornal Folha do Sudoeste (2016).

Segundo Silva (2011), a partir do ano de 2000 o sudoeste goiano também começa a se destacar como produtor de cana-de-açúcar. Em 2009, Jataí já contava com uma unidade industrial do setor sucroenergético com capacidade para processar a cana-de-açúcar de aproximadamente 55 mil hectares por safra. Em 2010, essa unidade se destacou em segundo lugar no estado em rendimento, e sua produtividade obteve 132 ton./ha (SILVA, 2011).

A implantação do sistema de produção agrícola também trouxe mudanças socioespaciais significativas para o município: a zona rural apresenta uma paisagem uniforme das monoculturas de soja, milho, sorgo e cana-de-açúcar; além disso, houve a persistência, em parte do município, de áreas com extensas pastagens de gado. Configuram-se, assim, as relações do município com o capital financeiro e com a indústria, modificando e inserindo no campo novas relações sociais. O espaço da agricultura “moderna”, a partir de então, passa a ser composto por novos tipos de sujeitos e objetos, majoritariamente agrônomos e técnicos agrícolas, produtores, máquinas de plantar e colher com seus respectivos operadores, caminhões e seus motoristas, aviões, silos, pivôs centrais, adubos, computadores, internet, etc.

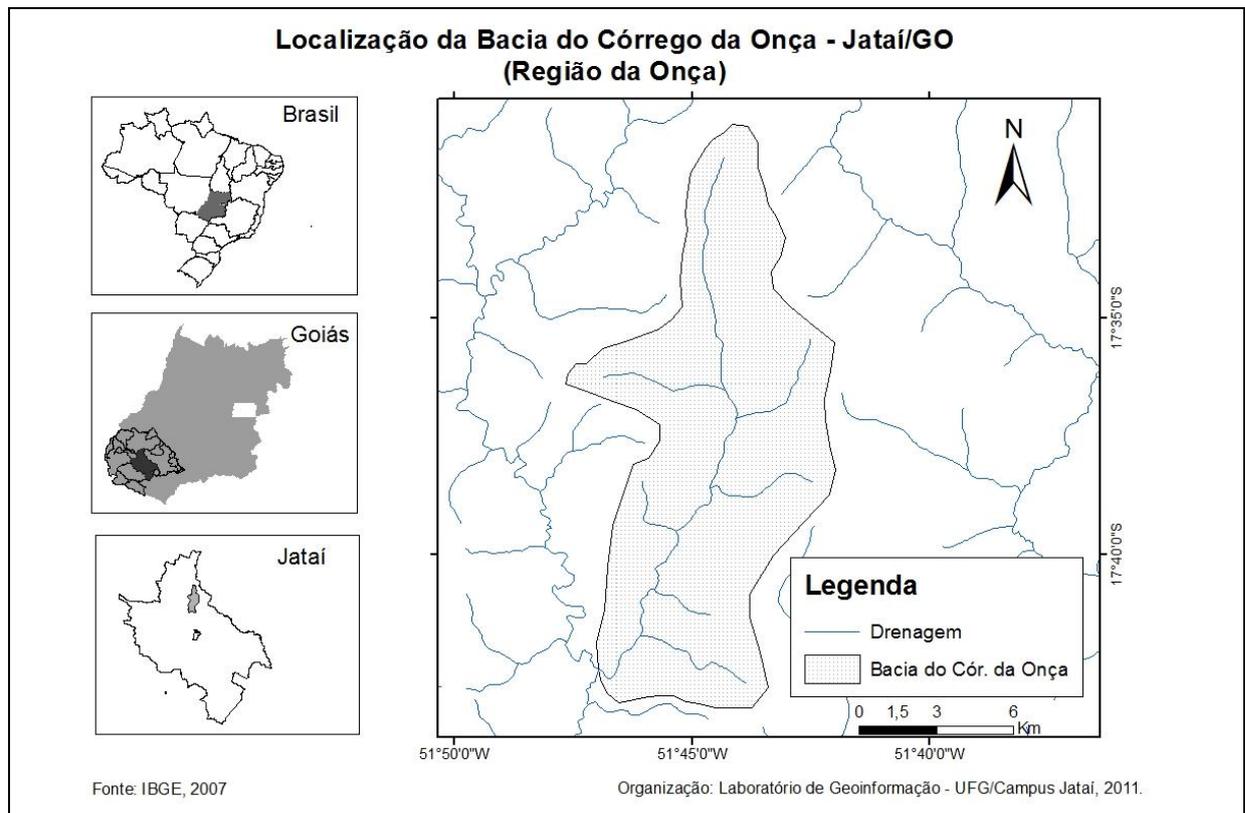
O processo de “modernização” no meio rural jataiense intensificou a expansão do uso da terra, de forma a originar uma transformação na organização socioespacial no município, evidenciada no campo bem como na zona urbana. É também no meio rural que está o recorte espacial deste estudo, pois é onde se realiza uma prática social tradicional e centenária – a festa de Nossa Senhora da Abadia ou a “Festa da Onça”.

Nesse recorte espacial que recebeu as novas técnicas do processo produtivo capitalista, também são desenvolvidas tradicionalmente práticas culturais entre as paisagens que agora são resultado da modernização do cerrado. As práticas culturais e o processo capitalista em determinados tempos se encontram e interagem, de forma que

A modernização apesar de ser avassaladora e hegemônica não erradicou a tradição; e essa embora resistindo não se impõe. Mesmo que não se imponha, ora converge, ora conflita, ora se adapta aos novos signos modernizantes. De tal modo que a modernização é incompleta, mas hegemônica; e que hegemônica ao relacionar com a tradição, possui especificidades que singularizam os lugares do cerrado goiano e reformula os símbolos que percorrem o cérebro do homem sertanejo (CHAVEIRO, 2005, p. 53).

A comemoração à Santa ocorre na denominada “Região da Onça” ou “Comunidade da Onça”, um lugar popularmente conhecido pelos jataienses. Situa-se na Bacia do Córrego da Onça, aproximadamente a 30 km da cidade de Jataí, que se distancia da capital goiana quase 320 km. A “Região da Onça” se localiza ao norte do município, e suas principais vias de acesso pela cidade são: a) a GO 184, antiga “Estrada Velha para Caiapônia”; b) a antiga estrada “Trans-Onça”, atualmente denominada de Estrada Municipal JMS (José Matias de Souza).

Mapa 1 - Localização da Comunidade ou “Região da Onça”



Fonte: OLIVEIRA, M. F. (2012, p. 52)

Nesse contexto, existe um movimento “conservador” de práticas, e cada grupo preserva a sua, sendo um representado pelos “modernos” agricultores e outro

pelos moradores antigos da região, que são os guardiões de suas culturas. Santos (2003) assegura que nessa relação existe uma dialética que

[...] significou penetrações de valores da cultura técnica, promovendo alterações nas paisagens naturais e culturais as quais incluem, além dos fenômenos naturais, os pertencentes à economia, ao cultivo, ao tráfego, à população com seus saberes, seus acordos, suas festas, tradições, artes e religião (SANTOS, 2003, p. 135).

Apesar de as práticas rurais terem sido redefinidas por conta da conjuntura da modernidade no cerrado, a “Comunidade da Onça” assegura, com seus saberes, suas festas, tradições e religiões, a continuidade de suas vivências e experiências no meio rural. E é por meio desses saberes e fazeres que a reprodução da festa à Nossa Senhora da Abadia acontece desde o final do século XIX.

Considerando a importância do estudo sobre esse processo “moderno” e o tradicional inseridos nesse cenário, é que se analisam as relações sociais, econômicas e culturais do cerrado sudoestino. Devido à escassez de material bibliográfico de referência sobre a formação da “Região da Onça”, buscaram-se informações junto aos materiais produzidos sobre a formação do território jataiense e do sudoeste goiano como um todo. Para a produção deste estudo, foram usadas principalmente as bibliografias produzidas sobre o assunto por França (1995) e Melo (2003), bem como relatos obtidos por meio de entrevistas com moradores e conhecedores do histórico da festa em questão.

2.2 As marcas da formação socioespacial do território jataiense

Conforme França (1995), a história da ocupação de Jataí, bem como a do sudoeste goiano, se constitui com a última fase de expansão do gado, que, vindo da zona leste do Brasil, por meio do Rio São Francisco, chegou a Minas Gerais, veio para Goiás e alcançou também o Mato Grosso.

Nesse contexto econômico, foi em setembro de 1836, vindo de Espírito Santo dos Coqueiros, Minas Gerais, que Francisco Joaquim Vilela, seu filho José Manuel Vilela e dois peões, o Janjão e o Braúna, chegam a Goiás, em busca de terras para criação de gado.

As leis do Império garantiam o direito de posse de terras, de forma que era escolher e marcar a gleba. Assim o fizeram. Os mineiros “entraram pelo leste,

através de Rio Verde, nos sertões do sudoeste goiano, fundando uma fazenda de criação de gado nas margens do rio Claro” (OLIVEIRA, 2007, p. 156). Já em território jataiense, em região que logo seria povoada por eles no cerrado “quase” intocado, como desejavam, encontram terras próprias para a criação de gado.

Em 1837, vindo da província de São Paulo, especificamente de Franca, chega em busca de terras outro “pioneiro”, o José Carvalho Bastos, que se apossa das terras da Região do Bom Jardim, vizinha às terras de José Manuel Vilela.

Em 1838, “os pioneiros” já estavam oficialmente instalados em suas posses, com suas esposas, alguns escravos, mestiços, gado, cavalos, burros, alguns instrumentos de trabalho, mudas e sementes trazidas de suas terras natais. Rios e córregos foram usados para demarcar suas propriedades, de forma que ficou acertado entre eles,

de modo definitivo, simples e prático, que todas as terras banhadas por águas afluentes do Ariranha pertenceriam aos Vilelas e as percorridas por tributários do Bom Jardim seriam dos Carvalhos (FRANÇA, 1995, p. 72).

Martins (2014), baseado na obra de França (2005), representa por meio da cartografia o território ocupado pelos “pioneiros”, em que,

[...] considerando apenas as redes de drenagem dos Rios Ariranha e Bom Jardim, chega-se a uma área total apossada de 1.110 Km² (aproximadamente 15% do atual município de Jataí), sendo aproximadamente 690 Km² pertencentes aos Vilelas e 420 Km² de posse dos Carvalho Bastos. Outros relatos no próprio livro apontam que estas terras poderiam se estender até a divisa com o estado de Mato Grosso, no rio Araguaia (MARTINS, 2014, p. 94).

Nessas terras o rebanho de gado crescia significativamente, de forma que crescia também a demanda por mais mão de obra para lidar com o gado, bem como com as atividades que giravam em torno, como: a ordenha; a fabricação de queijo; aproveitamento do couro para produção de arreios, laços, chicotes, cordas de cedém, chinelos, catres, etc. O gado, nesse momento, virou moeda de trocas, e José Manuel levou gado para as Gerais em troca de escravos.

Os “pioneiros” foram também às suas províncias de origem em busca de brancos empreiteiros, de mais escravos e parentes para povoar e para dar impulso às propriedades. Dos chegantes, “os homens foram levados ao trabalho de

construção e do campo e as negras à lida de casa” (FRANÇA, 1995, p. 79). Assim, as casas de pau a pique foram substituídas por casarões com esteios de aroeira com várias janelas; construíram-se novos engenhos, monjolos, carros de boi, teares, rodas de fiar; os currais também tiveram melhorias em suas estruturas; as roças de “arroz, milho, algodão, fumo, mandioca, feijão e cana cobriam largas extensões de solo” (FRANÇA, 1995, p. 79).

Diante da territorialização do novo lugar, “aos poucos a fazenda tornou-se um complexo auto-suficiente” (MELO, 2003, p. 27), produzindo instrumentos de trabalho e vestimentas. Os moradores plantavam e processavam seus alimentos conforme suas técnicas e saberes vindos dos seus lugares de origem. Nessa conjuntura, França (1995, p. 79) aponta uma outra demanda social: “ao lado da paisagem, que se ia transformando sob o esforço do homem, a sociedade incipiente complicava-se dia a dia, apresentando problemas originais aos chefes”. Eram doenças, “problemas de amor” entre os escravos e outros assuntos de relações sociais entre os empregados.

A influência cultural dos migrantes mineiros e paulistas na formação do território jataiense também é destacada em toda a obra de França (1995), como a culinária, a linguagem, as festas, a religião, etc. Contudo, o autor informa que a religião católica esteve presente desde o início da povoação; os primeiros moradores que vieram de Minas Gerais trouxeram para o sudoeste de Goiás a devoção ao Divino Espírito Santo. Além das orações católicas, em suas sabedorias populares as pessoas sempre se dispunham a realizar suas práticas de misticismo e superstições.

Em seu romance histórico, França aponta que sempre havia algum camarada na porta da casa de José Manuel Vilela, pedindo que curasse o filho, a esposa ou ele próprio de algum mal. O trecho abaixo retrata uma ocasião dessas, na qual o pai leva o filho para ser benzido pelo patrão:

- [...] hoje ele amanheceu quieto, suando, com dor na perna e esse mijacão danado no pé direito. Prá completa acordou co pescoço duro. Vim aqui pro sinhô dá um jeito nele.
- Banha a ferida com fumo e urina... – José Manuel falava sem tocar no doente. Caso corriqueiro.
- Urina de quem?
- Dele mesmo.
- E a febre?
- Prá febre, chá de folha de laranja.

- Cura pescoço duro tombém?
 – Não. Isto é ar. Traz o maroto aqui. O menino chegava resabiado, com medo da carantonha dura – Vira de costa.
Ar do sol – Fez o sinal da cruz e rezou um padre nosso.
Ar da lua – Outra vez.
Ou outro ar qualquer que seja,
saia do corpo desta pessoa
e vai para as ondas do mar,
onde não ouça galo cantar,
nem vaca berrar,
nem cachorro latir,
pra nunca mais voltar.
Assim seja.
 – Minha mulher – prosseguia o trabalhador – anda coas dor de cadeira e coça a mão e o pé até sangrar. Que que aconselha?
 – Manda ela beber todo dia chá de raiz de sapé ou velame do campo. Um santo remédio.
 Lá ia satisfeito prá casa o camarada, levando o garoto que manquejava. Tinha fé nas mezinhas do patrão. Era assim. (FRANÇA, 1995, p. 81-82). (Grifos do original).

Dessa forma, as práticas eram produzidas em casa, onde se batizavam e se benziavam pessoas. Benzia-se para evitar a picada da cobra (ou a cura dela) e de outros insetos peçonhentos. Faziam-se simpatias também para o bem-estar dos animais, para amansar a chuva forte, para o desenvolvimento das plantas. Ensinava-se a produzir remédios naturais à base de plantas para cura de algum mal, tanto para pessoas como para os animais. O migrante mineiro “acumulava estas funções a muitas outras que o papel de patriarca sertanejo exigia. Médico, chefe temporal e orientador espiritual dos que o cercavam” (FRANÇA, 1995, p. 82).

A forte devoção e a religiosidade católica foram primordiais para a criação de um espaço urbano de orações. O mesmo surge a partir da necessidade de um estabelecimento para se exercerem as práticas religiosas com mais frequência. “[...] onde pudessem fazer batizados, crismas, casamentos e bênção dos corpos, tornou-se o caminho imediato para trazer ao sertão o conforto espiritual da presença de vigário permanente” (FRANÇA, 1995, p. 103).

Diante dessa demanda, o senhor Francisco Joaquim Vilela (o pai de José Manuel) e sua esposa doaram, em 1848, uma área de terras para a construção de uma capela e também um espaço que pudesse ser um povoado. Em 1958 a construção da capela iniciou-se e recebeu o nome de Divino Espírito Santo de Jataí. Conforme França (1995, p. 122): “Batizaram o embrião de povoado com o nome

doce do mel abundante nos prados e sonoro como o riacho que fertilizava a fazenda Bom Sucesso”. O mel da abelha jataí.

Nessa capela procediam às normas e atividades religiosas, sob os domínios da instituição católica, e não mais em casa ou no distrito vizinho, como acontecia antes. A identidade católica com o Divino Espírito Santo se faz presente até os dias de hoje pelos seus fiéis, e é representada pela catedral que leva seu nome – Igreja Catedral do Divino Espírito Santo de Jataí.

Em 1864, por meio da Resolução n. 362 do Governo da Província, eleva-se a freguesia a Capela do Divino Espírito Santo de Jataí. Enquanto a Freguesia de Jataí se estrutura para subir à categoria de vila, e futuramente a município, as atividades no campo continuam em ascensão, com a pecuária sendo solidificada. Aos poucos aparecem técnicas de trabalho diferenciadas, ou mesmo produtos manufaturados, como roupas, perfumes, calçados, máquinas de costura, ferramentas diversas para o trabalho trazidas pelos viajantes.

Para Melo (2003, p. 33), junto às instalações das grandes fazendas aos poucos foram surgindo “[...] as relações de comércio com outros estados (Minas Gerais, São Paulo e Mato Grosso), relações sociais e culturais no lugar e, juntamente, as instituições da sociedade.” Em 1885, a Vila do Jatahy já possuía cadeia e câmara.

2.3 Conflitos e devoção no sertão sudoestino

É no meio rural do sudoeste goiano da atual Jataí o cenário em que, a partir de um acontecimento trágico envolvendo fazendeiros e índios, se inicia a devoção à Nossa Senhora da Abadia, indo até os dias atuais. Segundo relatos orais⁷, por volta de 1894, o culto a Nossa Senhora da Abadia se inicia na “Região da Onça” e adjacências, quando na região existiam conflitos sangrentos entre índios e não-índios.

França (1995) narra o mesmo fato conflituoso envolvendo índios e não-índios, mas na data de 1872. Conforme o autor, o lugar é a fazenda Jatubá, no “Vau do Urubu”, às margens do Rio Doce, que fica próximo à “Região da Onça”. E é por

⁷ Conforme entrevista do Sr. José Abadio Gouveia, Fazenda Vista Alegre, “Região da Onça”, Jataí, GO. Setembro de 2009. Essa informação é igualmente repetida por todos os devotos e participantes da festa que foram entrevistados.

meio de seu romance histórico⁸ que ele descreve os detalhes do momento em que houve o ataque dos índios a uma família.

França (1995) narra que o marido Zezé está campeando, a esposa sinhá Bibiana está em casa, cuidando da filha Mariinha, uma bebê que está aprendendo a falar as primeiras palavras, ao mesmo tempo em que lava as roupas na bica d'água; ela tem a companhia da ama Bina, de dez anos, e do crioulinho Dito. Nesse momento, um bando de índios Bororo se aproxima da casa e deixa todos apavorados; eles eram muito violentos, segundo a narrativa. O garoto e os cachorros vão para o curral e com gritos e latidos tentam intimidar o grupo, para que os índios fossem embora. Mas, quanto mais tentavam expulsar o grupo, mais eles se sentiam provocados e aproximaram enfurecidos. Mataram com flechadas o garoto e os cachorros.

França (1995) relata que a crueldade ainda continua. Os Bororo⁹ foram em direção à casa onde estavam a senhora e as duas meninas, arrombaram a porta e mataram a mãe e a filha, a ama foi atingida com uma flecha na virilha direita, mas ela se fingiu de morta. Os índios ainda roubaram roupas, joias, cereais e açúcar. Quando foram embora, Bina, a garota, foi pedir ajuda aos vizinhos mais próximos, a seis quilômetros de distância.

Nesse momento, o Zezé chega e se depara com a tragédia. Logo chegam os vizinhos, que providenciam o funeral e avisam os demais vizinhos e moradores do Distrito de Jataí sobre o acontecido. A revolta foi geral. Os homens amigos da família, consternados por Zezé, prometeram vingança aos índios, eles também temiam por suas famílias. Foi então que, dois dias após o acontecido, a “bandeira punitiva” de aproximadamente vinte homens armados, inclusive Zezé, foi em direção ao acampamento dos índios, que ficava próximo ao Rio Araguaia.

França (1995) relata que, ao avistarem as palhoças na aldeia, se posicionaram e esperaram a noite cair, para então atacar. Quando aparece o primeiro índio fora da palhoça, matam-no com um golpe de facão, mas com seu grito os demais índios são atraídos para a armadilha e a tiros dizimam vários deles sem piedade. Logo exterminam o grupo. E logo depois “a bandeira punitiva” pega a estrada de novo, rumo ao Distrito de Jataí.

⁸ Pioneiros – Romance histórico da fundação de Jataí e contribuição ao estudo do povoamento de Goiás.

⁹ França (1995) destaca a presença de índios Bororo, o que é raro nas literaturas pesquisadas, onde se fala mais da existência dos índios Caiapó.

Nesse contexto histórico de colonização da região do sudoeste goiano é que faremos uma breve análise sobre os conflitos gerados pelas resistências indígenas ao domínio explorador da época. Um processo que alterou diretamente o modo de vida desse povo, além da dizimação e conseqüentemente da sua extinção.

A literatura traz relatos históricos sobre os contatos intensos dos povos indígenas com os não-índios, no século XIX, período do avanço das embrionárias atividades pecuaristas e agrícolas na região do sudoeste goiano. Urquiza (2015, p. 165), ao estudar sobre esse mesmo avanço na região de Cuiabá, em Mato Grosso, aponta: “Avanço muitas vezes dificultado pelos embates entre colonos e indígenas, que resultavam em mortes e perdas de ambos os lados, sendo que em maior número do lado indígena”. Esses conflitos na disputa pelas terras indígenas também aconteciam exatamente assim na região do sudoeste de Goiás.

O avanço da “frente pioneira” comandada pelos fazendeiros ocupava o território como se este não fosse de “ninguém”, sendo considerado como um “vazio”. Pinto Junior (2015, p. 28) argumenta que o movimento “vai além da simples ocupação de uma população sobre territórios de outros”. No caso, sobre os indígenas que viviam nesses territórios; “tratava-se de uma frente de expansão que avançava sobre eles ininterruptamente. Seguia em seu encaço instaurando um tempo de conflito e alteridade [...]”. Pinto Junior (2015, p. 32) afirma sobre a questão:

No sudoeste goiano, os conflitos recrudesceram. Sem interferência do governo, cabia aos fazendeiros resolverem a infestação restante das duas únicas maneiras possíveis: expulsá-los, forçando-os a ir mais profundamente no sertão ou extingui-los. Neste cenário, a população indígena conheceu um rápido declínio.

Diante da expropriação do território indígena pela “frente pioneira”, a violência praticada contra esse povo tinha em seu discurso a justificativa de que os índios eram violentíssimos, bárbaros e guerreiros. “Matavam todos, indiscriminadamente, destruíam roças, pilhando o que podiam carregar, queimavam casas e não faziam cativos” (PINTO JUNIOR, 2015, p. 32). Esse discurso camuflava a realidade de que os índios buscavam naquele momento, por meio de sua resistência, defender seu território dos verdadeiros intrusos. E diante dos processos de povoação e atividades agropecuárias, os índios

[...] reagiram ao processo por meio de ataques e retaliações à violência sofrida, ou seja, utilizaram as armas que tinham para dizer que não queriam, que não aceitavam, que não desejavam aquela imposição, aquela mudança abrupta e desequilibradora da ordem interna do grupo (COELHO; BICALHO, 2016, p. 07).

Para Pinto Junior (2015, p. 55), os indígenas “encontraram na força dos ataques violentos a única maneira de se opor à perda de seu ancestral território”. É nesse mesmo contexto histórico conflituoso de expropriação e apropriação territorial que, por meio da religiosidade católica, se manifesta a crença em Nossa Senhora da Abadia. Segundo relatos orais de José Abadio e de outros moradores da “Região da Onça”, foi após esse conflito relatado por França (1995) e outros acontecimentos conflituosos entre índios e não-índios que, por volta de 1894, uma moradora da região, a Ana Furtado de Mendonça, fez uma promessa a Nossa Senhora da Abadia: se a Santa afugentasse os índios daquela região, ela iria rezar um terço e fazer uma janta em homenagem a ela em seu dia, 15 de agosto.

Segundo os moradores, depois da promessa, os índios que viviam na região ficaram “mansos”; e nunca mais houve conflitos entre eles e os não-índios. Depois do voto feito à Santa, iniciou-se o terço e o jantar em sua homenagem. A partir desse momento, começou a devoção à Santa e a obrigação de cumprir com o voto.

Em entrevista a nós concedida, o senhor Binômio da Costa Lima (Seu Meco)¹⁰ revela sua versão para o início da festa a Nossa Senhora da Abadia, que se inicia na região do Bonfim Velho – região onde atualmente se encontra o município de Perolândia, GO. Nessa região viviam seus antepassados, e, após o conflito já narrado, entre índios e não-índios, sua avó, Ambrosina Franco de Carvalho, fez o voto à Santa protetora das fazendas – era assim que consideravam Nossa Senhora da Abadia. Ela pediu para que Nossa Senhora não deixasse repetir a cena “de matar pessoal” e evitasse que os índios viessem.

Ambrosina Franco de Carvalho era muito rica e tinha em suas fazendas grande quantidade de agregados. Em um dado momento ela quis fazer a festa na casa de um agregado. A partir daí houve interesse de outras famílias em realizar a festa também. Surgiu então o sistema de sorteio para escolher o próximo festeiro entre os participantes que quisessem também fazer a festa em suas residências. E a festa durou algum tempo nesta fazenda, até que uma tia de Seu Meco, a Isilia,

¹⁰ Conforme entrevista do Sr. Binômio da Costa Lima (Seu Meco), Jataí, GO. Outubro de 2017.

casou-se com um dono de terras próximas ao povoado da Estância. Quando Ambrosina Franco de Carvalho faleceu, Isilia continuou realizando a festa por muito tempo.

Os participantes da festa da “Região da Onça”, em relação à versão de Seu Meco, apresentam divergência quanto à pessoa que fez o voto. Eles também têm conhecimento da festa somente a partir das realizações próximas ao povoado da Estância. Relatam ainda que, quando a festa acontecia próximo à Estância, a folia fazia o giro por, aproximadamente, sessenta dias. Era um percurso muito grande, abrangendo também a “Região da Onça”, por onde arrecadavam uma quantidade muito grande de prendas e esmolos.

Os moradores da “Região da Onça” dizem que, quando iam às festas da região da Estância, não eram bem tratados pelos moradores do lugar, e então não saíam pelo sorteio moradores da “Região da Onça”, o que deu início a conflitos entre os participantes das duas regiões. Por esse motivo um grupo de moradores da “Região da Onça” resolveu dividir a tradição, fazendo sua própria festa. Dividiu-se então a festa em duas. Isso por volta de 1970. Em decorrência disso, há aproximadamente 47 anos, acontece uma festa em homenagem à Santa no Povoado da Estância e outra na “Região da Onça”.

A festa será referenciada aqui a partir dos depoimentos de seus participantes, por se tratar de um patrimônio imaterial pertencente a eles, sendo produzida em razão de suas relações sociais e de suas identidades. Assim, ela acontece no meio rural, nas residências de seus participantes. A festividade tem em sua estrutura: a saída da folia, o giro da folia e o dia da festa.

A saída da folia, assim como todos os eventos da comemoração, tem aspectos do sagrado e do profano, e é a partir da saída da folia que a celebração à Santa se inicia. Na “Região da Onça”, ela acontece em ambiente familiar, na residência do senhor José Abadio Gouveia, e é composta por encontros dos vizinhos, de amigos, familiares e compadrios. É também o momento de os membros do grupo de foliões se encontrarem a fim de saírem para o giro. Regado a bebidas alcólicas e muita comida, o evento se torna muito importante, uma vez que se reza o terço também.

O giro da folia é o momento de a folia andar pela região, arrecadando esmolos e prendas para custear a festa. Além de ser um momento de convidar a

comunidade para a festa, de pagamento de promessas, de rezas do terço, de festejos e de alegrias.

O dia da festa é o momento de pagar o voto feito à Santa, prometido no tempo em que havia conflitos entre os ocupantes da região – índios e não-índios. É um evento composto por vários rituais sagrados e profanos. Tem-se a chegada da bandeira (Santa), ritual composto por muitas cantorias; tem-se um altar preparado para acolher a Santa; almoço; jantar; às vezes lanches; leilão; reza do terço; fogueira; mastro com a bandeira da Santa; foliões cantando para conseguir mais esmolas; sorteio das funções para a próxima festa; e o baile.

Nesse formato, a celebração a Nossa Senhora da Abadia da “Região da Onça” dá continuidade a essa tradição religiosa, que já está com mais de cem anos de existência.

POUSO 3

OS SUJEITOS DA FESTA: POSIÇÕES E ARTICULAÇÕES

A população da “Região da Onça” é formada por grupos familiares que, por meio de suas relações sociais, estabelecem costumes e tradições, como a realização das festas religiosas celebradas a São Sebastião e a Nossa Senhora da Abadia, entre outros eventos religiosos sociais. Essas festas são representadas por práticas profanas e religiosas e são aspectos importantes da cultura material e imaterial do lugar, promovendo o encontro e o reencontro dos sujeitos durante suas realizações.

A celebração a Nossa Senhora da Abadia é uma festa com princípios da religião católica, que surgiu no meio rural jataiense. Por isso pode ser considerada como um elemento do “catolicismo rústico”, conforme Queiroz (1973). Para a autora, em seu estudo sobre o catolicismo popular brasileiro urbano e rural, para a segunda população considera-se que o culto aos santos, “no campo, é composto de práticas domésticas ou realizadas no interior de pequenos grupos, [...] no meio rural afasta-se do calendário da igreja e das prescrições eclesiais” (QUEIROZ, 1973, p. 73).

Ainda conforme a referida autora, no catolicismo rústico há elementos fundamentais, como “um esquema religioso básico, formado de ritos, crenças, cultos dos santos e uma hierarquia de “agentes do culto””, que, no caso em estudo, podem ser os “agentes da festa”: o festeiro, a folia, o chefe da folia, o alfer, o rezador do terço, o guardião, os participantes favorecidos com “empregos” pelo sorteio e os participantes voluntários – entre eles as mulheres, que raramente têm funções determinadas pelo sorteio, mas que comparecem e ajudam em vários serviços.

Esse tipo de catolicismo também é abordado por Rosendahl (2005), sendo denominado de “catolicismo popular”, e apresenta características peculiares:

A liderança religiosa cabe aos rezadores, leigos que assumem a função de evangelização na ausência de padres e bispos. A

dimensão do lugar nos oferece as características do catolicismo popular tradicional. O oratório é o espaço religioso nas residências. Em alguns casos o espaço sagrado da comunidade que abriga o santo protetor e padroeiro é uma pequena capela (ROSEND AHL, 2005, p. 12939).

O “catolicismo popular”, para Brandão (2004), possui características do catolicismo institucional, como as doutrinas, os gestos e ritos, mas

[...] possui tantos matizes quantas são as culturas em que vivem as suas pessoas reais: no campo ou na cidade, na Amazônia ou em Minas Gerais, em áreas de uma marcada influência de tradições negras, como a Bahia, ou de migrantes italianos, como em São Paulo. [...] Ali estão tanto as crenças populares e alguns costumes patrimoniais, como sistemas sociais de trocas de atos, de símbolos e de significados que, no seu todo, recobrem quase tudo o que uma pessoa necessita para sentir-se de uma religião e servir-se de seus bens e serviços (BRANDÃO, 2004, p. 268).

Nesse contexto, a festa de Nossa Senhora da Abadia é parte, podemos dizer, do “catolicismo rústico ou popular”, com aspectos de uma cultura dinâmica, que vem sofrendo mudanças estruturais e sociais ao longo do tempo, mas sem deixar de lado o sentido da devoção à Santa e fortificando a sua representatividade simbólica e social para a “Região da Onça”.

É uma festa organizada majoritariamente pelas famílias do lugar, por pessoas que residem (ou residiram) nele, ou que são descendentes de moradores, ou antigos moradores, e também por sujeitos simpatizantes que se identificam com as festividades. Nesse ínterim, vimos a necessidade de conhecer o perfil sociocultural de seus integrantes, bem como suas produções socioculturais e a relação transcendental de devoção à padroeira local. Procedemos, então, a uma análise dos sujeitos participantes e organizadores que estão presentes nos eventos que constituem o todo da festa: saída da folia, giro da folia e dia da festa.

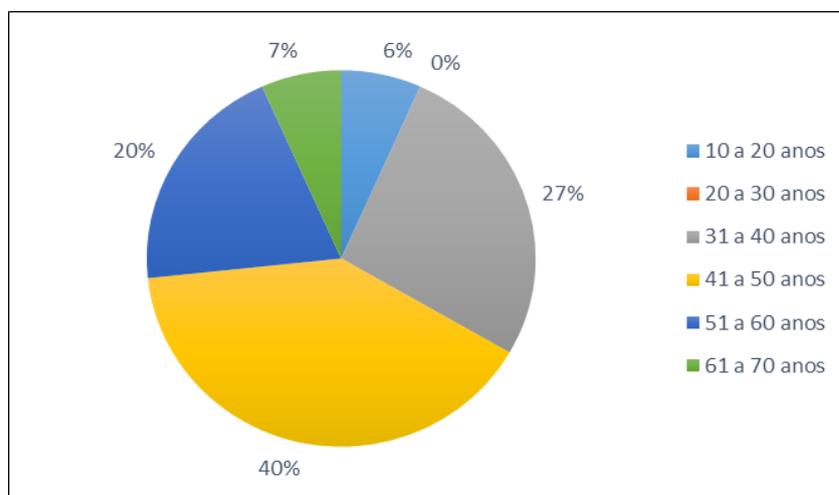
Em relação à origem dos sujeitos pesquisados que ajudam nos fazeres da festa a Nossa Senhora da Abadia, 46% deles são naturais da região, 47% são de outras regiões rurais, e apenas 7% nasceram na cidade. Dos entrevistados, 67% têm propriedade e residem na “Região da Onça”, 27% moram em regiões rurais adjacentes e em suas próprias propriedades (esses têm parentes e tiveram contato a vida toda com a região e com o festejo), e 6% moram na cidade (esses também tiveram e têm contato e parentesco com os moradores da região).

Quanto à religiosidade dos participantes e organizadores da festa, todos os entrevistados são católicos, e 13% deles declararam que são também adeptos de religião espírita. Todos eles afirmaram, ainda, que são devotos de Nossa Senhora da Abadia.

Dos promotores da festa, somente um entrevistado, de 28 anos de idade, ajuda há somente 13 anos na organização, enquanto todos os demais têm acima de 30 anos de envolvimento na festa. A participação na produção da festa foi considerada no seu sentido literal de ter parte em algo, de forma que quando o sujeito está participando da comemoração ele faz parte da festa: sem ele naquele momento de ajuda, a festa não se realiza. De acordo com Maia (1999, p. 197), a participação nas festas evidencia “um movimento intencional de “ir-ao-encontro-do-outro”, com vistas ao alcance de uma meta comum, pressupondo-se ainda a reciprocidade de tal movimento”.

Ainda com o mesmo autor, a participação também significa “proximidade” e “sacrifício”, no sentido da renúncia de afazeres cotidianos para se dedicar às “necessidades em prol de um prazer extraordinário por ocasião da festa”, ou ainda a participação pode estar ligada à “penitência e pagamento de promessas” (MAIA, 1999, p. 197). Em grande medida, isso ficou evidenciado nas falas de alguns devotos participantes.

Gráfico 1 - Tempo de participação na organização da Festa de Nossa Senhora da Abadia



Fonte: Trabalho de campo (2018)¹¹

¹¹ No gráfico não aparece a porcentagem de participantes com 20 a 30 anos de organização da festa, porque não houve participantes entrevistados com esse total de tempo em participação.

O envolvimento desses sujeitos na produção e organização é um momento de doação de “mão de obra”, de bens materiais e de bens imateriais para a festa. Assim, o momento pré-festa, o giro da folia e a festa são as ocasiões em que ocorre também a simbólica “troca de serviços”¹² entre a Santa e os devotos e dos devotos entre si na forma de ajuda mútua. Dos sujeitos entrevistados, 13 deles afirmaram que vão à festa desde crianças, o que é significativo, considerando-se que a faixa etária varia de 28 a 80 anos, e a maioria está com idade entre 60 e 70 anos. As ajudas ou a prestação de serviços por meio da solidariedade são realizados conforme o estilo de vida rural dos sujeitos participantes, que estão acostumados em seus ambientes familiares e de trabalho.

É nesses ambientes festivos e solidários que os sujeitos sempre reforçam e expressam a sua religiosidade. E conforme Queiroz (1973):

Os ritos do catolicismo popular que se conservaram no meio rústico brasileiro dizem respeito ao reforço da solidariedade do grupo de vizinhança, no caso da festa religiosa; das famílias entre si, no caso das novenas familiares; dos indivíduos entre eles, no caso de diferentes ritos promovendo o compadrio (QUEIROZ, 1973, p. 92).

A celebração à Santa, de acordo com o modo de vida rural, traz aspectos do comportamento dos sujeitos, tais como: as relações familiares, de vizinhança, de amizade e de compadrio. A devoção desse grupo gera a solidariedade e a reciprocidade por meio das atividades desenvolvidas. Essas pessoas representam “as gentes de dentro”, que são os sujeitos pertencentes a “um mesmo grupo ritual religioso” (BRANDÃO, 2004, p. 392). Ou seja, o modo de ser das pessoas em seus ambientes domésticos é reproduzido durante a produção da festa, condicionando a possibilidade de surgirem as identidades e o sentimento de pertencimento àquele momento. Conforme as respostas dos entrevistados, fica evidente que todos têm relação de compadrio com algum morador da “Região da Onça”. Somente três entrevistados não têm grau de parentesco, mas são casados com descendentes de moradores da região. Os demais têm familiares e parentes da região, como pais, avós, filhos, tios, irmãos, primos, sobrinhos, netos e bisnetos. O compadrio na

¹² A troca de serviços materiais e imateriais é o momento de reciprocidade entre os participantes e a Santa, entre a Santa e o festeiro e entre o festeiro e os demais participantes. Pode ser usado para pagar promessas e para ajudar o festeiro nas lidas da festa.

“Região da Onça” segue os princípios da religião católica institucionalizada e/ou popular. Conforme Lanna (2009), o compadrio é uma relação de afinidade espiritual, acrescida de respeito. É uma relação de laços reafirmada entre parentes ou amigos, que surge no momento em os padrinhos recebem o afilhado no ritual do batismo, ou na cerimônia matrimonial, ou no batismo de fogueira.

Em relação à propriedade de terras dos sujeitos participantes da festa, usamos para a análise do tamanho dos imóveis a classificação do INCRA (2018), conforme mostra a Tabela 1. Os participantes são produtores rurais, na categoria de minifundiários e médios produtores. Eles produzem, em sua maioria, leite e gado de corte. Mas *in loco*, observando as propriedades em geral, sabe-se que alguns participantes, que não aparecem na entrevista, arrendam suas terras para produtores de grãos e cana-de-açúcar.

Tabela 1 - Classificação das propriedades dos organizadores da festa

Área em módulos fiscais*	Quantidade de propriedades	Porcentagem
Abaixo de 4	4	57%
Até 4	-	-
De 4 a 15	3	43%
Mais de 15	-	-
Total	7	100

*Conforme o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA/2018, cada módulo fiscal em Jataí equivale a 40 hectares.
Fonte: Trabalho de campo, 2018.

De acordo com o INCRA¹³ (2018), pelo tamanho da área dos imóveis rurais em Jataí eles são classificados como:

Minifúndio: é o imóvel rural com área inferior a 1 (um) módulo fiscal; **Pequena Propriedade:** o imóvel de área compreendida entre 1 (um) e 4 (quatro) módulos fiscais; **Média Propriedade:** o imóvel rural de área superior a 4 (quatro) e até 15 (quinze) módulos fiscais; **Grande Propriedade:** o imóvel rural de área superior a 15 (quinze) módulos fiscais (grifos do original).

Do grupo de participantes e organizadores da festa que são proprietários de terras, 54% deles receberam as glebas de herança de seus antepassados, 31%

¹³ Classificação dos imóveis rurais. <http://www.incra.gov.br/tamanho-propriedades-rurais>. Acesso em: 31/07/2018.

adquiriram por meio de compra e 16% por meio de doação. Em sua maioria, eles são produtores de leite, sendo que existe um posto de resfriamento de leite na região. A pecuária leiteira é a principal atividade que gera renda familiar, seguida pela venda de produtos *in natura*, como suínos, aves, peixes, ovos, queijo, requeijão, e produtos artesanais, como panos de prato, crochês e tapetes. Como renda fixa é também importante destacar o benefício da aposentadoria para 73% deles. Os demais participantes trabalham no ensino (duas pessoas – existe uma escola na região) e com a atividade de pecuária – gado de corte. Em relação ao nível de escolaridade dos interlocutores, 47% têm o ensino fundamental I, 33% têm o ensino fundamental II incompleto, e 20% têm curso superior.

De acordo com Candido (2001), as organizações sociais das comunidades rurais acontecem de forma equilibrada, com ajustes ao meio e ao momento certo em que elas ocorrem. Essa organização política e social também é desenvolvida quanto à estrutura social da festa. Uma das formas de organização entre os participantes do festejo é o sorteio de algumas funções entre eles, como: festeiro, alfer, fogueteiro, rachador de lenha, banqueiro, fiscal de mesa, servente de mesa, bordão do mastro, tordeiro (responsável pela tenda), fogueireiro (responsável pela construção da fogueira).

Existem outras funções de ajuda livre: o participante escolhe em que pode ajudar, como o abate dos animais, por exemplo. Há os cozinheiros, os quitandeiros, o limpador de quintal, o rezador do terço, o que trabalha na produção do altar e o leiloeiro. Nesse quadro cada participante se identifica com a função que irá desempenhar. E a festa, no seu tempo e espaço, vai se formatando com seu significado histórico e tradicional.

Para Candido (2001, p. 32), “a cultura pode significar, pelo simples fato de existir, uma solução coerente de sociabilidade e equipamento material em relação ao meio”. Nesse ajustamento da comunidade ao meio, a religiosidade e a cultura festiva são elementos que oferecem equilíbrio ao grupo no tocante ao fortalecimento das relações sociais, através dos encontros e reencontros durante seu desenvolvimento.

A festa de Nossa Senhora da Abadia, no seu tempo e espaço, torna-se um evento das relações sociais. Sob outro olhar, sabe-se que a sociabilidade, as trocas, a religiosidade, os momentos profanos, o reencontro são também características do “mutirão”, uma prática tradicional muito comum nas propriedades rurais brasileiras

nos séculos XIX e XX, como nos estados de São Paulo, Minas Gerais e Goiás. O mutirão

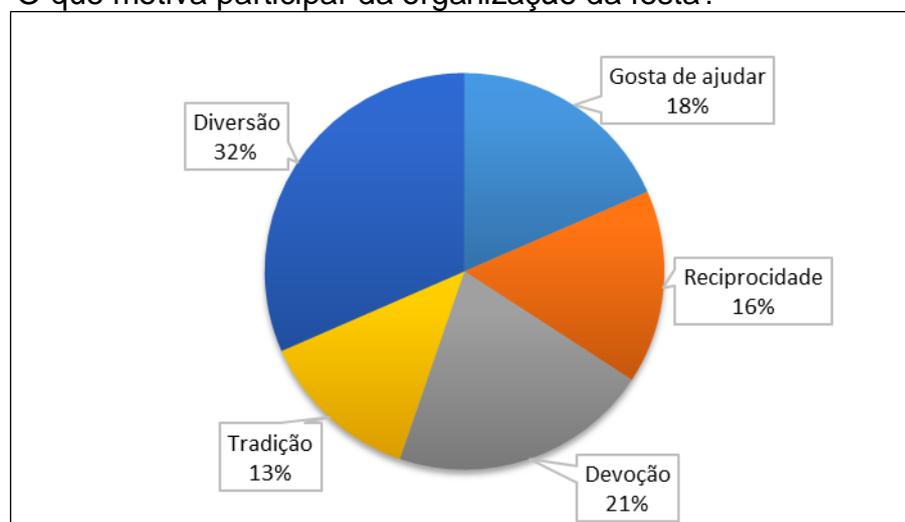
Consiste essencialmente na reunião de vizinhos, convocados por um deles, a fim de ajudá-lo a efetuar determinado trabalho: derrubada, roçada, plantio, limpa, colheita, malhação, construção de casa, fiação, etc. Geralmente os vizinhos são convocados e o beneficiário lhes oferece alimento e uma festa, que encerra o trabalho. Mas não há remuneração direta de espécie alguma a não ser a obrigação moral em que fica o beneficiário de corresponder aos chamados eventuais dos que o auxiliaram (CANDIDO, 2001, p. 88).

O mutirão gerava (gera) uma ampla rede de relações entre os vizinhos, de forma que, se, em algum momento, um ou outro sujeito necessitava (necessita) desse serviço coletivo, o convidado jamais se negava (se nega) ao chamado, porque era (é) recíproco o auxílio. Esse aspecto de solidariedade do mutirão está presente no tempo da festa em estudo. Alguns entrevistados lembraram saudosamente os tempos em que havia os mutirões na região.

Os sujeitos que não tiveram uma atividade sorteada comparecem também, espontaneamente, para servir de forma coletiva o festeiro. Quando indagados sobre a preferência em ajudar em alguma atividade específica, a maioria respondeu que não escolhe serviço e que ajuda no que for preciso. Muitos deles ajudam porque também esperam ajuda quando, por sua vez, forem festeiros.

Quando indagados sobre qual é a sua motivação em ajudar na organização dos eventos da festa, os entrevistados apontaram elementos que foram analisados e representados em um gráfico para melhor disposição das respostas.

Gráfico 2 - O que motiva participar da organização da festa?



Fonte: Trabalho de campo, 2018

Por ser um momento de sociabilidade, de descontração e de reencontros, 32% das respostas apontaram a diversão como motivação. É uma ocasião em que eles se divertem, prestando seus serviços com contentamento. O entusiasmo em ajudar está explícito no sentimento da alegria que contagia o ambiente, que tem a forma de brincadeiras verbais, piadas e risadas, *muitas risadas*. É o momento de os participantes, em suas conversas, trocarem experiências sobre os afazeres cotidianos, falarem de seus familiares, dos negócios, dos amigos, dos cuidados com seus animais. Enfim, alguns entrevistados consideram os encontros nos dias que antecedem a festa melhores que o dia da festa, por serem mais íntimos e descontraídos, envolvendo os participantes que de fato se importam com a festa.

A devoção à Santa aparece na resposta de 21% dos pesquisados, que acham que ajudar na organização é uma forma de expressar sua devoção e religiosidade. Dedicar-se à organização da festa é estar ajudando o festeiro e também se dedicando à Santa, demonstrando sua religiosidade.

Para Pereira (2003, p. 68),

A devoção nasce, geralmente, da crença em determinados poderes sobrenaturais que o santo de devoção possa ter, freqüentemente um acontecimento extraordinário, milagre ou algo do gênero que ocorreu ou que ouviu-se dizer que tenha ocorrido.

Nesse contexto, a devoção, como uma prática religiosa especificamente do catolicismo popular, se manifesta de forma individual e coletiva. É uma prática caracterizada pelas “trocas simbólicas” (BOURDIEU, 2013), em que a relação simbólica entre o devoto e a Santa se estabelece e fortifica a confiança entre ambos, de forma que, ao ajudar na organização da festa, o devoto acredita que garante o subsídio celeste para suas indigências. A devoção, dessa forma, diminui as barreiras entre o devoto e a padroeira, tornando-a mais acessível.

A motivação em ajudar pela tradição aparece em 13% dos entrevistados. Destacamos algumas motivações:

“Para continuar a festa, que é tradição da região...”
Entrevistada O - 62 anos. 2018

“Porque gosto da tradição, um trem que vem de geração a geração, então procuro continuar...”
Entrevistado P - 69 anos. 2018.

“Eu gosto, fui criada no meio da festa, então eu gosto de ajudar na festa, então eu gosto de tá colaborando pra festa e depois é a fé que tenho em Nossa Senhora. Eu acho que, se a gente deixar de estar participando e fazendo, vai chegar ao ponto que não vai ter mais a festa, vai deixar de existir a festa. Então eu acho que minha colaboração tá contribuindo para que essa tradição continue. Então isso me motiva...” Entrevistada X - 48 anos. 2018.

Ajudar na organização da festa movidos pela reciprocidade aparece em 16%; e por gostar de ajudar, em 18% das respostas: são dois pressupostos importantes que impulsionam parte da produção da festa e da ação coletiva. Ambos representam uma relação social marcada pela dádiva, pela qual as pessoas ajudam para serem ajudadas. Se alguns participantes ajudam pela devoção à Santa, naturalmente esperam ter seus préstimos reconhecidos pela padroeira. É um momento também de trocas de fé, em suas dimensões materiais e imateriais.

Nesse caso, a reciprocidade também se constitui pela união do grupo e gera a coletividade. Essa prática coletiva constitui um objetivo comum, que é ajudar o festeiro e a família da residência do pouso da folia. Essa ajuda se constitui em produzir bens e serviços ao festeiro do dia. Abaixo algumas falas dos entrevistados sobre essas duas motivações em ajudar na organização da festa:

“Ah! É o prazer de ajudar fazer as coisas, né? É bom ajudar, bom demais! Também pela reciprocidade, ajudar para ser ajudado quando precisar.” Entrevistado T - 66 anos. 2018.

“Além dessa questão de manter a fé, da tradição que sempre foi ensinada, que a gente cresceu vendo, tem a questão da união também, de manter a união, a festa é a união do pessoal. Então se a gente não for ajudar fica complicado de a pessoa fazer, então além dessa questão de fé e tradição é a união. É o que motiva a gente de tá lá sempre, porque se fosse na casa da gente, tenho certeza de eles viriam, então é o ajudar o próximo, tá tocando a festa para frente.” Entrevistada Z – 28 anos. 2018.

“Para ajudar o outro, para quando for sua vez ser ajudada.” Entrevistada A1- 62 anos. 2018.

“A gente vai ajudar porque gosta de ajudar, gosta de participar da festa. Porque quando você precisar tá ali todo mundo te ajudando, participando junto.” Entrevistada S – 64 anos. 2018.

A reciprocidade de que falam os entrevistados se realiza no sentido de ajudar na organização da festa e vai além das “trocas de serviços”. Eles também

consideram que a relação da reciprocidade cria e reforça o elo das relações de amizade, de vizinhança, de compadrio e de parentesco entre os promotores da festividade e os moradores da “Região da Onça”. É uma ação de dever moral e de consistência social que regulariza e nutre a socialização entre eles.

3.1 Promotores do giro - foliões, acompanhantes e moradores

A folia é um grupo de viajores, cantadores e pedintes de adjutório para a festa (BRANDÃO, 2004) que levam a Santa durante o trajeto, para abençoar a viagem e as casas visitadas e suas respectivas famílias. Os participantes são movidos pela prática coletiva de ritos sagrados e profanos durante seu giro pela “Região da Onça” e adjacências. O grupo é formado por homens e mulheres (estas atualmente), adolescentes e crianças, adultos e idosos. Há folião natural da “Região da Onça” e citadinos também. O grupo promove e provoca a solidariedade material (doações) e simbólica por onde passa. Convidam os moradores para a festa e garantem, dessa forma, a presença dos variados perfis de participantes.

As funções da folia de Nossa Senhora da Abadia são de cunho material e imaterial, e de forma tradicional o grupo mantém preservados a estrutura ritualística e simbólica por meio das relações sociais realizadas durante todo o giro. A territorialidade da festa tem as seguintes ações:

- Viagem do grupo pelo trajeto planejado
- Santa (bandeira) segue com o grupo
- Visitas às residências rurais (raramente vão à cidade)
- Muitas músicas sagradas e profanas
- Tiros de garrucha e estouros de foguetes
- Pedidos de esmolas (dinheiro) e prendas (objetos, cereais, animais, etc.)
- Pedidos de café da manhã, almoço e jantar
- Pedidos de pouso para a Santa
- Pedidos de pouso para a companhia
- Pedidos de pasto para a tropa (quando estão a cavalo)
- Café da manhã, almoço, lanche da tarde, janta, café e pinga
- Rezas do terço
- Dança da catira
- Sempre tem os sujeitos acompanhantes da folia

Baile com som tocado ao vivo e animado pelos foliões

Folia – lugar de pagar votos

Agradecimentos, muitos agradecimentos, por tudo que conquistam durante o giro.

O grupo de foliões descritos nesta pesquisa é a equipe do ano de 2016, que foi observada em suas ações durante todo o giro. Conforme as observações, todo ano ocorrem alterações quanto à participação dos integrantes. Às vezes não é possível a presença de alguns indivíduos todos os anos consecutivos. Houve dia em que estavam presentes 24 integrantes; em outros dias, havia somente 16 pessoas ou até menos. Quando era fim de semana, geralmente o número de foliões aumentava, por serem dias de descanso, então algum folião de folga do trabalho se juntava ao grupo.

A composição do grupo de precatórios é a seguinte: um chefe, um alfer, um garrucheiro e um caixeiro – e os demais na categoria de foliões que cantam e tocam instrumentos musicais ou somente tocam. O chefe organiza as visitas com os moradores e cuida da ordem dos integrantes. O alfer conduz a Santa durante o giro e recebe os donativos. O garrucheiro dá tiros com a garrucha para avisar que a folia está chegando à casa. E o caixeiro acompanha o garrucheiro na chegada à casa. O caixeiro toca o instrumento musical – a caixa.

A faixa etária dos foliões varia entre crianças, representando 17% deles; adolescentes, 29%; adultos, 37%; e os idosos, em 17%. As crianças e os adolescentes, com idade entre 10 e 17 anos, em sua maioria são descendentes de moradores da “Região da Onça”, aproveitam o período de férias para dar continuidade à tradição festiva e se divertirem. Todos eles estão em idade escolar. Participam da folia por gostarem do ambiente que a folia proporciona, todos tocam instrumentos musicais durante as visitas (vão se revezando). Tocam triângulo, pandeiro, reco-reco e a caixa. Para esses instrumentos não precisam de conhecimentos musicais prévios, pela observação eles aprendem o momento certo de tocá-los, harmonizando-os com os instrumentos de cordas.

Os adultos e idosos que ainda trabalham organizam suas férias para o “mês da folia”; suas profissões são: professor, contador, do lar, trabalhador rural, motorista de caminhão e pedreiro. Dos idosos somente dois integrantes são aposentados.

O grupo é composto por 43% de sujeitos que moram na “Região da Onça” e 57% que residem na cidade. Mas, desses cidadãos, há muitos descendentes dos

moradores da região. Em 2016 houve a presença de mulheres com os foliões em todo o percurso. Eram quatro, duas delas esposas de foliões, e as outras duas eram jovens que moram na região.

Quanto ao tempo de participação na folia, alguns homens adultos não souberam precisar exatamente. Mas, em sua maioria, principalmente os que tiveram contato com a festa desde o nascimento, afirmaram que desde crianças, em algum momento, andaram no giro. E depois de adolescentes acompanhavam com mais intensidade. Essa participação acontece com os que são naturais da região ou que nasceram em outras regiões, mas que conhecem a tradição desde crianças. Alguns adultos, geralmente durante a vida ativa no trabalho, diminuíram suas participações, mas agora alguns destes têm autonomia para participar por alguns anos consecutivos da folia.

Quanto à religião dos foliões, 80% deles se consideram católicos, 13% são espíritas e 11% não têm religião. Dos foliões de 2016, 93% são devotos da Santa e 7% não são devotos. A maioria dos adultos já fez promessas e foi atendida. Quanto aos adolescentes, a maioria já cumpriu votos que alguém fez para eles, mas eles mesmos não fizeram votos.

A folia de Nossa Senhora da Abadia, com essa composição social, segue o giro com os objetivos de ordem econômica, simbólica, sagrada e profana. E seguem com eles também os acompanhantes da folia.

3.2 Saída da folia e os personagens

O giro da folia se inicia em meados de julho, assim que termina a festa do Divino Pai Eterno na cidade de Trindade, GO. Alguns foliões participam da festa de Trindade também. Há aproximadamente 40 anos (desde 1976/1977) a folia sai para o giro da residência do casal José Abadio Gouveia e Delícia Prado Gouveia, na fazenda Vista Alegre. O casal é o guardião dos instrumentos musicais usados durante o giro da folia, das bandeiras antigas e também da atual bandeira. O evento da saída da folia acontece geralmente no sábado, e no domingo após o almoço a folia segue o percurso.

A saída da folia é marcada pelo encontro das famílias, dos amigos, dos vizinhos. É o momento em que José Abadio e Delícia Prado Gouveia compartilham sua casa com todos os presentes, acolhendo-os com sorrisos nos rostos e com a

melhor hospitalidade. É um evento apreciado por um público mais seletivo, ou seja, são praticamente os sujeitos da “Região da Onça” e sujeitos devotos de Nossa Senhora da Abadia que participam da solenidade.

A saída da folia representa o reviver da fé na padroeira, nas práticas sociais e na solidariedade. Na parte da tarde de sábado, alguns sujeitos, sendo eles familiares, amigos e vizinhos, chegam ao local da saída da folia, para ajudar na organização dos eventos. Inicialmente começam os preparativos dos alimentos que vão compor o cardápio do jantar. No sábado à noite acontecem algumas atividades, como o jantar e a reza do terço. Às vezes improvisam a dança da catira ou mesmo a dança da quadrilha (festa junina), ou somente a dança do forró, com roda de viola. Há também muitas rodas de conversas e risos, alegrias, crianças brincando por todo lado e/ou interagindo com os acontecimentos da noite, mesa de truco, altar produzido exclusivamente para a reza do terço. O evento também tem a função de reunir os foliões, quando os mesmos vão programar a viagem, com seu percurso, paradas para visitas, almoços e pousos.

3.3 Da ordem da festa: lugar dos rituais sagrados e profanos

As especificidades em cada evento da festa, tanto na organização quanto na produção, são usadas como estratégias que territorializam a vivência e a produção de uma festividade por meio do princípio religioso, simbólico e das relações. Resumidamente, conheça os diversos participantes que se possa compreender as dinâmicas, conforme vão acontecendo dentro do espaço e do território festivo.

O festeiro tem essa função porque tem seu nome na lista de empregos da festa e foi sorteado na festa anterior. Alguns estão com nome na lista para cumprir algum voto válido feito a Nossa Senhora da Abadia, outros espontaneamente para seguir com a tradição. Com a obrigação de coordenar e produzir a festa, ele recebe em sua casa os diversos participantes visitantes e os participantes que o ajudam nos fazeres, e dispõe a estrutura para as atividades que serão desenvolvidas no ambiente de sua casa.

O festeiro tem ao seu dispor os seguintes ajudantes: os foliões, que angariam esmolas e donativos durante o giro e continuam cantando para pedir bênçãos e esmolas aos presentes, durante a festa. Há ainda o alfer, o bordão do mastro (responsável por construir o mastro), o fiscal da mesa, o banqueiro (que

constrói os bancos), o fogueireiro (responsável pela construção da fogueira), o fogueteiro (responsável pela soltura dos fogos de artifício), o toldeiro (responsável pela construção da tolda ou tenda), o rachador de lenha, o servente de mesa (serve as mesas com as comidas, pratos e talheres), o fazedor de banca (responsável pela construção da bancada para o leilão), os churrasqueiros.

Espontaneamente ou a convite do festeiro, há os cozinheiros, o rezador do terço, o leiloeiro (locutor que faz o leilão), os ajudantes de serviços gerais. Há festeiro que gosta de produzir o altar para a Santa, mas às vezes passa a função a algum participante de sua confiança. Estes sujeitos desenvolvem suas funções sem remuneração, mas têm seus desempenhos reconhecidos pela gratidão do festeiro, e ajudam também pela devoção, como disseram na entrevista. Em algumas festas, o festeiro contrata cozinheiros, mas não dispensa a ajuda dos participantes.

Durante a festa, existem outros participantes, que também têm sua importância durante a realização da festividade – são expectadores citadinos, da própria região, ou de outra região rural, crianças, adolescentes e o leigo visitante. As crianças e os adolescentes, quando são moradores da região, em alguns momentos da produção da festa e do giro da folia, se envolvem em alguma atividade. Quando não estão empenhados nas atividades, juntam-se a outras crianças e aos adolescentes visitantes e, conforme suas faixas etárias, vão brincar, namorar, conversar, etc.

Já os citadinos e os leigos visitantes, em sua maioria, são sujeitos consumidores dos serviços sagrados e profanos prestados, e às vezes participam da festa sem se importar com sua essência religiosa e histórica, geralmente estão ali somente pela diversão; outros já respeitam e participam há vários anos.

Os participantes pagadores de promessas, em algum momento da produção ou realização da festa, pagarão suas promessas, o que se concretiza na realização de alguma atividade, como: ajudar nos serviços da cozinha ou em outro ambiente, andar três dias a pé com a folia, carregar a bandeira por alguns dias durante o giro, de joelhos levar a bandeira da Santa até o altar, usar roupas brancas, distribuir imagens da Santa aos participantes, e outras.

A religiosidade, a solidariedade e a ajuda mútua são elementos essenciais para efetivar a Festa de Nossa Senhora da Abadia. Mas é fundamental também a forma como os sujeitos se permitem ser durante o fazer festivo, onde se produz o lugar da festa, ou seja, os participantes redefinem suas posições nas atividades,

dando o formato necessário ao festejo. Esse fazer festivo é o momento em que os sujeitos fortalecem a fé, a devoção e as relações sociais.

POUSO 4

TERRITÓRIOS DE MEMÓRIAS E DE IDENTIDADES

Aqui buscamos compreender como os territórios das memórias e identidades são formados e desenvolvidos por meio das práticas sociais, articulando memória individual com “memória coletiva” (Halbwachs, 2006), com experiências festivas e também com experiências cotidianas, e dessa forma “solidificando-se” por meio da cultura material e imaterial. Tais territórios se estruturam com as trocas de saberes e fazeres locais entre os participantes da festa de Nossa Senhora da Abadia, desenvolvendo uma tradição em comemoração à Santa. Nesse processo, procuramos entender o lugar a partir do sujeito como memória, ou seja, o lugar das memórias para entender o território, suas territorialidades e identidades.

Haesbaert (2001) aponta algumas noções para definir o território, destacando que o mesmo é constituído de três elementos: o jurídico-político, determinado pelo poder geralmente conduzido pelo Estado; o econômico, articulando relações econômicas, classes sociais e as relações capital-trabalho; e o cultural, priorizando “a dimensão simbólico-cultural, mais subjetiva, na qual o território é visto sobretudo como o produto da apropriação simbólica de um grupo sobre seu espaço” (HAESBAERT, 2001, p. 118). Dessa forma, o território se constitui de relações e construções concretas e simbólicas. Ainda em Haesbaert (2001), temos que “o território vai além do simples valor de uso ou troca, estendendo-se pela valorização simbólica, indentitário-existencial” (HAESBAERT, 2001, p. 121).

Bonnemaison (2002) também considera importante o fator cultural na constituição do território, e aponta que “não existe etnia ou grupo cultural que, de uma maneira ou de outra, não tenha se investido física e culturalmente num território” (BONNEMAISON, 2002, p. 97). Dessa forma, as memórias individuais e coletivas aqui percebidas também organizam o espaço no tempo da fé, por meio da

festa à Santa, apropriando-se do território e proporcionando a ele um formato e sentido simbólico pelos rituais sagrados e profanos desenvolvidos.

Assim, a comunidade que configura a “Região da Onça” se apossa do território para reafirmar um fato religioso comum a todos, realçando elementos que constituem suas identidades e memórias. Observa-se que esse mesmo território usado pela festa com práticas tradicionais no seu tempo é também, paralelamente, usado pelas atividades “modernas” no campo, como a monocultura de grãos, da cana-de-açúcar, pela pecuária e também pelas atividades domésticas cotidianas, ou seja, existe, em um mesmo momento, um território com diferentes usos e significados.

Ao desenvolver a memória festiva, a vida social dos moradores dessa região é marcada culturalmente pela festividade religiosa à Nossa Senhora da Abadia. E, ao materializar o festejo, são inscritos no território elementos significativos por meio da oralidade, dos movimentos dos corpos, da religiosidade, das representações, da tradição, das cores, sons, cheiros, das práticas “antigas” e “modernas” e das estruturas materiais e imateriais. E assim, de forma peculiar, os significados de festejar Nossa Senhora da Abadia se delineiam em cada sujeito participante, de forma também perceptível nos depoimentos das entrevistas:

É uma das formas além da fé que se tem aqui da região pela Santa, é a própria cultura também. Pra mim o significado de festejar tá entre a fé e a cultura. Entrevistada H – 21 anos. 2011.

Significa assim, é um momento de alegria, de participação da comunidade, um momento de tá assim junto com os amigos, né? Eu acho assim, eu sinto assim, um momento de confraternização. Entrevistada F. 56 anos. 2011.

Esses elementos são impressos com muita sensibilidade e nitidez nos fatos e nas atitudes dos sujeitos envolvidos no evento, ocasião em que os guardiões da memória, no tempo da festa, recriam a história e a cultura local.

Para Halbwachs (2006):

A história não é todo o passado e também não é tudo o que resta do passado. Ou, se o quisermos, ao lado de uma história escrita, há uma história viva que se perpetua ou se renova através do tempo e onde é possível encontrar um grande número dessas correntes antigas que haviam desaparecido somente na aparência (HALBWASCHS, 2006, p. 67).

Nesse sentido, quando as memórias guardiãs da história reproduzem a festa, buscam no passado uma história viva e em constante perpetuação. No trecho da entrevista abaixo, sobre o significado de festejar a Santa, o entrevistado associa a importância em manter atualmente a perpetuação da festa ao voto feito no passado.

“Ah, é muito bom, né? Pra nós é um orgulho muito grande, tem muita fé nela mesmo, sempre!

*Quando fizeram o voto para retirar os índios aqui da região, que os índio moravam aqui na região, e matava gente demais, aí eles fizeram o voto pra se os índios se retirasse, todo ano rezava o terço pra Senhora d’Abadia, e aí eles retiraram, e aí continuou fazendo a festa. E vem sempre cumprindo, rezando o terço pra ela todo ano”.
Entrevistado E - 70 anos. 2011.*

De acordo com Halbwaschs (2006), ao se *reproduzir* a história, tem-se a oportunidade de retratar experiências pela memória, o que também pode acontecer em um momento muito especial para aqueles que fazem parte da tradição festiva. Assim, a experiência do voto feito à Santa e sua importância estão sempre presentes na memória dos sujeitos participantes da festividade. Dessa forma, é possível ouvir de vários participantes a história e a origem da festa, conforme se pode conferir na entrevista abaixo.

“Segundo o que me contaram meus avós, foi por causa dos índios que existiam na região, então, eles faziam muitas proezas, matavam gado, matavam gente, aí numa certa ocasião aqui na fazenda Rio Doce, aqui pertinho, eles mataram uma família, só sobrou uma menina que eles criavam, sabe?

*E o empregado matou, eles pegaram e mataram a esposa, matou os dois filhos, e foram embora. Ele (o marido) foi atrás, perseguiu, matou um bocado (de índios), então por causa disso surgiu o voto. Fizeram o voto que, se os índios fugissem daqui da região, afastasse daqui da região, eles haveriam de rezar um terço pra Senhora d’Abadia, então rezou o terço e aí surgiu a festa, no segundo ano que rezaram o terço aí já fizeram o sorteio, isso foi em mais ou menos 1894, daí pra cá surgiu o sorteio, aí vem dando continuidade até hoje”.
Entrevistado JAG - 71 anos. 2009.*

E, ao *reproduzir* o compromisso do voto, os participantes saudosamente sempre buscam em sua memória alguns fatos do passado que se perderam ou foram substituídos para atender às demandas dos processos “modernos”, como as tordas (tendas) cobertas com folhas do coqueiro indaiá, os bancos de madeira, as

brincadeiras entre os foliões, os cavalos no giro, a merenda depois do terço, o som ao vivo durante a festa, etc.

Na concepção de Halbwaschs (2006), a memória é uma *reconstrução* social, um artifício coletivo, e por isso ela surge a partir das relações existentes nos grupos ou individualmente. Para o autor, o indivíduo só consegue recordar suas lembranças com a ajuda de outras pessoas ou de um grupo; mesmo que ele esteja só, ele sempre acessará suas lembranças ligadas a um grupo culturalmente constituído, no qual ele esteve ou está inserido. Constata-se então que o indivíduo constrói suas memórias a partir dos variados grupos, como o grupo familiar, dos amigos, da igreja, do trabalho, entre outros. Dessa forma, a memória tem caráter tanto individual quanto coletivo.

Nessa reconstrução da memória, os sujeitos resgatam fatos que aconteceram e ficaram marcados pela alegria, como a fartura de comidas, as brincadeiras, os bailes, as músicas tocadas ao vivo, os milagres da Santa. E também se lembram de fatos desagradáveis, como a retirada da merenda que era servida após o sorteio dos próximos empregos. A maioria dos entrevistados se lembra desse fato com muita tristeza. A merenda foi retirada do dia da festa porque “sujeitos que não eram da Região da Onça” agiram com desrespeito e depredação, invadindo a mesa da merenda.

Esse fato foi lembrado quando as memórias foram reconstruídas, ao se perguntar aos entrevistados se houve alguma mudança no formato (estrutura, organização e participação) da festa desde seu início até hoje.

“Houve alguma mudança, né? Por exemplo, de primeiro a merenda era o doce. Faz trinta anos que eu fiz a festa da onça, da Nossa Senhora d’Badia, trinta anos, foi a última que teve assim como merenda à noite, doce e bolo, porque o povo invadiu de uma certa forma. A gente ficou uns quinze dias só assando bolo e fazendo doce.

Aí então já foi uma mudança, né? Nunca mais teve essa merenda à noite. Depois do terço, depois do sorteio, ali por volta de duas horas, aí seria a merenda. Então agora, você faz assim: hora que se estende o mastro, aí você esquenta a comida, carne, e o pessoal come de novo”. Entrevistada I. 2011.

Já um outro interlocutor relata saudosamente uma forma de brincadeira que antigamente era feita entre os foliões. A brincadeira acontecia quando um folião ganhava, separadamente, algum lanche, como bolo, queijo, brevidade e rapadura.

Se, ao ganhar o lanche, não o dividisse com o resto da turma, os demais foliões faziam a brincadeira, que era substituir, na sua bagagem, o lanche por rochas ou estrume de vaca. E, assim que pegavam o lanche, imediatamente ele era dividido e consumido entre eles. Um folião dá o seu depoimento:

“A gente tá andando aí, e escuta os outros falar, mesmo no giro escuta os outros falar, de primeiro os outros, vou usar a palavra certa “roubava” nas casas, por exemplo, fumo, rapadura. Os foliões, então, não podia descuidar que eles pegavam e roubava, então era um tipo de brincadeira deles, mas ninguém importava, num falava, os donos da casa, né?

Aí sempre também eles (os donos da casa) brincava com eles (foliões) mesmo. Eles faziam aquelas brevidade e bolo, o pessoal da casa, né? Aí às vezes dava para um cara (folião) mais conhecido, aí o cara falava: O dia que for embora para minha casa, vou levar para minha esposa, né?

Aí eles (os foliões) pegavam e roubavam dele, e punham estrume de vaca no lugar.

Então já combinava, umas duas ou três pessoas, quando chegar na próxima casa, nós põe ele para cantar, e vai um lá e pega e põe no outro lugar.

Ele montava no cavalo, despedia e ia embora, quando chegava em casa, que ia pegar, era estrume de vaca. (Risos). Logo que o cara (folião) sumia na estrada (os demais) já iam comer (o bolo).

Agora, era desse tipo, se você ganhasse e se não dividisse.

Tem que dividir, todo mundo que tá andando tem que comer. É por isso que falo, de primeiro era umas brincadeiras que ninguém reclamava, né? Agora hoje, se você fizer uma brincadeira dessa, às vezes chegar numa casa, e pegar alguma coisa e sair, o fulano vai falar que o cara roubou lá. Já fala com maldade.

Agora a gente pede na base da brincadeira e o cara (o morador) dá, e fala esse cara (o folião) é enjoado demais (risos), para se ver livre dele”. Entrevistado T- 66 anos. 2018.

O interlocutor afirma que, se o fato ocorrer atualmente, a brincadeira pode novamente acontecer. Ou seja, eles buscam em suas memórias, práticas que ficaram arquivadas no passado, trazem de volta porque, em outras épocas os participantes viveram essa experiência, e que de alguma forma marcou aquele momento.

O grupo que *reconstrói* anualmente a festa de Nossa Senhora da Abadia age de forma coletiva ao recordar os aspectos que a constituem. Por ser uma festa tradicional, centenária e com poucos registros documentados, seus organizadores ativam as memórias individuais e a coletiva sobre a festividade. A memória festiva

em questão acontece de forma coletiva, pela experiência de seus participantes, no período em que se realiza a celebração à Santa. É na oralidade que os participantes trazem à tona suas lembranças, e a partir daí os sujeitos procuram materializá-las e vivenciá-las, também, como espaço.

A memória coletiva é *reestabelecida* no instante em que a lembrança dos sujeitos organizadores do evento se encontram. Não de outra forma, Halbwachs (2006, p. 41-42) salienta, em relação à memória coletiva, que “esse tipo de atitude mental só existe em alguém que faça ou tenha feito parte de um grupo”. Esse mesmo autor destaca que a memória coletiva é o resultado da fusão das memórias individuais, a partir do momento em que surgem pontos comuns de negociações. Ou seja, as lembranças do grupo são constituídas e pertencentes a todos. Halbwachs (2006, p. 30) aponta que:

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós.

Como a memória está ligada à história vivida, com a festa em estudo não é diferente. Apesar de não existir entre os organizadores a escrita documentada formalmente, os eventos acontecem de forma sistematizada. Todo o desenvolver do festejo acontece pela oralidade daqueles sujeitos que se envolvem em sua organização há muito tempo. E a festa vai sendo inscrita espacialmente pelas oralidades entre os sujeitos, que revelam pelas experiências seus saberes, emoções, e vários elementos visíveis e invisíveis, que vão se apresentando junto ao e pelo uso do espaço, recriando o lugar festivo.

Assim, as experiências sociais vividas surgem a partir dos movimentos entre tempo, memória, corpo e oralidade, em que “o movimento é o próprio fazer” (GOETTERT, 2008, p. 37). Portanto o movimento formata o lugar no tempo da festividade. Assim, o lugar se torna especial ao *reunir*, num “sentido mais psicológico, nosso corpo, o estado do nosso bem-estar, a imaginação, o envolvimento com os outros e nossas experiências ambientais” (RELPH, 2012, p. 29).

A partir das experiências no espaço vivido, compreende-se que, no tempo e espaço da festa de Nossa Senhora da Abadia, as memórias individuais e coletivas

são pressupostos importantes e fundamentais para sua reprodução no território. Para Halbwachs (2006, p. 78), “a memória não se apóia na história apreendida, mas na história vivida”. Assim, os participantes detentores da memória da festa reproduzem o que foi vivido em outros tempos, por eles ou por seus antepassados, porque a memória se prende ao fato que foi vivido.

Pollak (1992, p. 201 e 202) também corrobora essa ideia, mas estabelece uma relação entre identidade e memória ao afirmar que existem elementos que constituem as memórias individuais e coletivas, sendo eles “os acontecimentos vividos [...] são os acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer”. Além dos acontecimentos, a memória é constituída por “pessoas, personagens”. Para esse autor, os indivíduos podem ter participado ou não dos acontecimentos vividos, mas se sentem parte do acontecimento e se identificam. E finalmente Pollak (1992) aponta o “lugar” como sendo o último constituinte das memórias – os lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança. Como exemplo, o lugar das férias na infância, um lugar de comemoração, os monumentos aos mortos que lembram uma pessoa, locais muito longínquos que podem ser importantes para uma pessoa ou para um grupo.

Identidade e território aparecem na obra de Halbwachs (1990, p. 143) quando ele diz que “não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial”. Nessa perspectiva, a memória festiva se identifica e se *territorializa* ao criar lugares e momentos sagrados e profanos por meio das relações sociais, de modo que o grupo que a realiza *territorializa* seus eventos compostos por história e identidade.

4.1 Identidade construída

A “identidade é construída”, conforme Castells (1999, p. 23). Nesse contexto, a festa à Nossa Senhora da Abadia foi se estruturando paralelamente à construção de algumas identidades. Desde o momento em que surgiu o voto à Santa para que intercedesse nos conflitos sociais locais da época. A partir de então, os participantes da festa mantêm a tradição festiva ativa, acreditando nas bênçãos e temendo as maldições da Santa. Mas, para manter a continuidade da comemoração, são necessários alguns elementos da identidade, como o significado simbólico e material da festa para seus participantes, a internalização dos partícipes por meio

das relações sociais e da cultura local, das memorialidades coletivas, dentro da perspectiva da espacialidade e temporalidade.

Os significados sociais e culturais da festa nos levam a entender a formação das identidades também por meio de sua construção relacionada à característica cultural, das relações e práticas sociais essencialmente realizadas no interior da festa. Nesse caso, a identidade se constrói a partir de elementos culturais. A cultura por ser um processo dinâmico, conseqüentemente faz da identidade também um processo dinâmico, em que está sempre em “movimento sempre se realizando”, conforme Cruz (2007, p. 15). Pode-se ainda acrescentar à construção das identidades da festa em evidência, outro referencial para o grupo – as memorialidades. Destarte, para Pollak (1992),

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992, p. 204). (Grifos do original).

Durante a produção da festa de Nossa Senhora da Abadia, o pressuposto da memória acontece por toda a realização da comemoração, de forma que é um evento totalmente desenvolvido pela oralidade de seus produtores. Os conhecimentos e as experiências são naturalmente recuperados, pronunciados e recriados pela(s) memória(s) desenvolvida(s) por meio das vivências, obedecendo à forma tradicional de festejar. Nota-se que, pela representação da prática cultural no lugar, os participantes se reconhecem e se identificam com a representação que ali se materializa.

A comemoração à Santa é um símbolo que identifica, ou seja, representa a “Região da Onça” no município jataiense. Ela acontece por meio de dinâmicas da estrutura social baseadas na reciprocidade, na religiosidade e profanidade, em um espaço tomado pela amizade, compadrio e parentesco. E esses sujeitos produzem e moldam materialmente e simbolicamente o território por acreditarem em um fator de sentido geral para todos os devotos ou participantes – o milagre da Santa ocorrido na “Região da Onça” e adjacências. No tempo da festa, as identidades territoriais, sociais e religiosas vão se constituindo e se reforçando, paralelamente às

realizações dos eventos, de forma que são (re)estruturadas, de acordo com os interesses sociais do grupo.

Bonnemaison (2002) também professa essa ideia com seu estudo sobre território de grupos, ao afirmar que as identidades estão vinculadas à formação territorial, de forma que:

[...] o território apela para tudo aquilo que o homem se furta ao discurso científico e se aproxima do irracional: ele é vivido, é afetividade, subjetividade e muitas vezes o nó de uma religiosidade terrestre, pagã ou deísta. Enquanto o espaço tende à uniformidade e ao nivelamento, o território lembra as idéias de diferença, de etnia e de identidade cultural (BONNEMAISON, 2002, p. 126).

Ou seja, o território é o lugar da vivência, da segurança e da cultura. Haesbaert (1999) também trabalha na perspectiva de que a existência da identidade territorial se faz a partir da construção da identidade social. Neste caso em estudo, a festa à Nossa Senhora da Abadia é o símbolo intercessor no território que implica o surgimento e a solidificação das identidades em questão. Ou seja, o território, no seu aspecto material, possibilita, em sua dimensão, a produção simbólica, estruturando assim as identidades possíveis de relações sociais. E a produção simbólica constitui a identidade social, por ser composta de subjetividades e pela cumplicidade de seus devotos e participantes. De forma que a produção simbólica é mobilizada e mobiliza todos aqueles que se identificam com ela, de forma a induzi-los à sua produção no recorte espacial em que se encontram.

Penna (1992, p. 71), ao tratar as identidades sociais, afirma que se faz necessário considerar “a função política dos sistemas simbólicos”. Entendemos que isso signifique como o grupo se organiza (lideranças) e realiza a festa, de que forma as identidades são representadas, e de que forma as práticas materiais e simbólicas são representadas. Ao descrever o desenvolvimento da festividade, entramos nessa tentativa de entender as identidades observadas como um reconhecimento social entre os sujeitos festeiros.

Mas existem outras relações e afinidades presentes com as particularidades da festividade, como os rituais desenvolvidos em cada evento pelas identidades, pelas afetividades sociais contidas nas características locais e regionais; como a própria goianidade presente na culinária, no modo de falar, de agir nas lidas do dia a dia e no lazer; nas memorialidades individuais e coletivas, que são representadas

pela existência da cultura e das práticas sociais, “enquanto manifestações vivas e cheias de significados”, conforme Penna (1992, p. 76). Esses são alguns elementos relacionais percebidos que configuram a identidade social entre os participantes da festa.

A identidade religiosa poderia ser analisada inicialmente pelo tipo peculiar da festa – de culto à Santa ou festa de Santo –, da qual muitos sujeitos participam juntos, pela sua crença comum na padroeira, por acreditarem na sua intercessão junto à divindade maior e conseqüentemente no seu poder de milagre. Porém a religiosidade dos participantes se estende para fora do período da festa, porque a maioria tem sua religiosidade ligada ao catolicismo institucionalizado e em menor quantidade à religião espírita.

Dessa forma, a religiosidade externa ao ritual festivo está presente no cotidiano dos participantes da festividade, e outros santos também fazem parte da peleja pela sobrevivência diária – aos quais eles recorrem pedindo bênçãos, saúde, emprego, livramento de algum mal, sucesso em algum projeto, proteção aos animais, boa colheita, etc. Para Andrade (2012, p. 191): “Aquele que crê, crê na eficácia protetora do “santo”, é nele que deposita sua esperança”.

Quando questionados se tinham em casa algum objeto que representasse a sua religião, todos os entrevistados disseram ter em casa alguns objetos religiosos, como a Bíblia Sagrada, terços, imagens de Nossa Senhora da Abadia, de Jesus Cristo Crucificado e de outros santos também, como Nossa Senhora da Aparecida, Divino Pai Eterno, São Sebastião, Santa Luzia, São José, São Judas, Nossa Senhora da Guia, Divino Espírito Santo e outros.

Dessa forma a religiosidade externa ao ritual festivo dos participantes da festa é também representada por meio das imagens existentes em suas residências. A seguir, objetos religiosos nas residências de alguns dos participantes da Festa de Nossa Senhora da Abadia.

Figura 1 - Oratório



Fonte: Trabalho de campo (2018).

Esse oratório, instalado num canto da garagem da residência, demonstra a devoção também a Nossa Senhora Aparecida, ao Divino Pai Eterno, a Santa Luzia e a São Sebastião. É um espaço criado exclusivamente para o oratório, no qual se percebe a busca de harmonia e ornamento, com plantas aos seus pés e porções de rochas nas paredes. A dona da casa acredita no poder de sua fé, dizendo que:

“Já veio ladrão até a porteira, mas, por conta da proteção dos santos, ele votou para trás”. Entrevistada O - 62 anos. 2018.

Para a devota, esse oratório está em um ponto estratégico de proteção para a sua propriedade. Na mesma casa, no quarto do casal, a religiosidade também é representada por meio de outros objetos sagrados.

Figura 2 A - Quarto do casal



Fonte: Trabalho de campo (2018)

Figura 2 B - Quarto do casal



Fonte: Trabalho de campo (2018)

Em um lugar privado da casa, o quarto do casal anfitrião, tem-se, ao lado da cama, uma poltrona vermelha, em cujo assento se encontra uma Bíblia aberta, havendo também um terço sobre seu encosto (Figura 2 A). Em frente a essa poltrona, encontra-se um móvel de madeira do tipo de baú, servindo de altar; em sua parte superior, sobre um forro de crochê, estão duas imagens do Divino Pai Eterno, duas imagens de Nossa Senhora Aparecida, um terço e uma fotografia do neto dos anfitriões (Figura 2 B). Conforme relatos verbais da anfitriã, o quarto do casal se transforma, por alguns instantes, em um ambiente contemplativo para a oração, momento em que ela e seu esposo praticam, todos os dias, a reza do terço.

Figura 3 - Vários santos em um armário de cozinha



Fonte: Trabalho de campo (2018)

O armário de cozinha, na cor bege, recebeu mais uma função que não a sua originalmente primária, que é abrigar utensílios de cozinha. Ganhou aparência de altar e uma vivacidade de cores em sua parte externa, ao receber outros objetos,

como os laços coloridos no forro de crochê, diversos bibelôs, fotos de familiares e amigos, um adesivo de Nossa Senhora da Abadia, colado em uma porta, e na outra porta uma foto da Sagrada Família. Em harmonia, estão dispostos vários quadros com imagens de outros santos, que representam outras devoções: Santa Luzia, Nossa Senhora da Aparecida e São Bento.

Figura 4 - Um altar na sala



Fonte: Trabalho de campo (2018)

Como se vê na Figura 4, a parede da sala da casa é um espaço para a exposição de imagens de animais (especificamente tigres e cachorros), de imagens da religião (católica) e da família (fotos do aniversário do anfitrião). Essa parede representa um altar, bem destacado e com significado de proteção, sendo composto por uma imagem central de um quadro religioso, onde está inscrita a figura do Sagrado Coração de Jesus, trazendo a mensagem “BÊNÇÃO DOS LARES”, com o propósito de expor que as bênçãos de Jesus Cristo e Maria representados se fazem presentes nesse ambiente familiar. Na parte inferior da imagem, vem escrita uma oração, que diz o seguinte: “Rogamos a Deus pai, filho e espírito santo, que se digne abençoar esta casa. Abençoe também os que nela moram, conceda-lhes o melhor

dos seus bens, paz divina às suas almas e paz humana na terra”. Para a moradora, as bênçãos também se estendem aos que chegam à casa.

No lado esquerdo, no canto inferior da Figura 4, na ponta da mesa da televisão, encontra-se outro símbolo de devoção, um pequeno oratório de madeira com a imagem do Divino Pai Eterno – assim Deus é representado pelas três pessoas presentes: Pai, Filho e Espírito Santo. Essa é uma forma de mediar a presença do divino no lar. O oratório está rodeado por flores artificiais e bibelôs. Há também um pequeno terço – vendo-se ainda um *tablet* de uma criança que estava de férias na casa dos avós. Esta parede na foto representa uma territorialidade religiosa católica, pelas várias imagens de santos nela expostas. Os santos disputam os espaços vazios da parede e com quem adentra a casa.

Na figura abaixo, uma cama de casal no quarto de visitas expõe a devoção dos anfitriões a São José, por meio de imagens em uma colcha e travesseiros.

Figura 5 - Santo em uma colcha de cama



Fonte: Trabalho de campo (2018)

São José é mais um intercessor de Deus na fé cristã presente em um lar. Quanto às cores do manto do Santo, o marrom simboliza a terra e também a

madeira, objeto principal de sua profissão de carpinteiro¹⁴. Na ocasião pôde-se assimilar a arte da carpintaria a uma especialidade do morador, que faz móveis e objetos em madeira. Já a paisagem em segundo plano da figura pode se associar ao ambiente de sua moradia que é no meio rural.

Essa religiosidade externa à festa transparece também durante o processo da sua produção, estando a religião “católica popular” (Rosendhal, 2005) representada por meio das relações com o sagrado durante os eventos da festividade (a saída da folia, a realização do giro da folia e o dia da festa).

Nesses eventos, a maioria dos sujeitos participantes pratica rituais sagrados do catolicismo, momento em que se tornam visíveis suas emoções, por meio de ações e linguagens corporais, como: benzer-se frente à Santa, beijá-la, reverenciá-la, realizar rezas e cânticos específicos, fazer e pagar promessas. Por essas características comuns a muitos sujeitos, considera-se a coesão religiosa que o sagrado exerce sobre eles. A comunidade festeira age em nome da crença e da moral religiosa, pelo que se faz necessário cumprir com o voto feito à Santa, a qual, por sua vez, os atendeu no momento de aflição.

E a moral religiosa se transforma em experiência religiosa. Na análise de Durkheim (1996), é a sociedade que compõe a experiência religiosa. Ele afirma que, para acontecer a religião, é necessário que no grupo haja afinidades e uma coletividade que conseqüentemente gera identidade. Quando os indivíduos se reúnem e agem em comum, o ato religioso se afirma. E, no caso em estudo, ao se afirmar, a experiência religiosa se reafirma, por meio dos encontros anuais no território da festa.

Ainda com o referido autor, “as forças religiosas, portanto, são forças humanas, forças morais” (DURKHEIM, 1996, p. 462). E é essa experiência em sociedade que faz seus sujeitos constituintes tomarem consciência de si, ao se fixarem em um objeto exterior. No caso em estudo, o objeto é a padroeira Nossa Senhora da Abadia, que se tornou sagrada para a comunidade festeira. E a força religiosa é o sentimento gerado por meio da coletividade e das identidades dos sujeitos devotos.

¹⁴ Santos e Ícones Católicos. São José. <<http://cruzterrasanta.com.br/historia-de-sao-jose/20/102/#c>>.

4.2 O território festivo e suas inter-relações

As inter-relações durante as territorialidades dos eventos da saída da folia, do giro da folia e da festa transformam esses momentos em condutores de energia simbólica divina e de práticas profanas, e com isso ocorre a eficácia de atrair público e vincular ainda mais os sujeitos à tradição. Esses eventos trazem, em seu desenvolvimento, momentos de sacralidade, que, para o religioso, é uma ocasião de se aproximar do mundo transcendental, de se relacionar com Deus.

Dessa maneira, o público é atraído pelas memórias e identidades cultural, religiosa, social e territorial, pelas trocas simbólicas e pelas práticas realizadas pelo grupo. Ou seja, quando os sujeitos participam daquilo que é pertencente, como a festa tradicional, eles se sentem mais do lugar, por meio dos valores religiosos e de suas vivências.

Os eventos em comemoração à Santa são movimentos vividos pelas articulações do mundo subjetivo e concreto; ambos acontecem por meio da cumplicidade de seus participantes em sua contextualização no espaço-tempo. As identidades religiosa, cultural, social e territorial vêm se evidenciando desde o momento em que se constituiu um fato histórico (a festa) na região, atrelado às relações de apropriações do território e ao mesmo tempo agregando-se a este – uma “valoração simbólica”, conforme Haesbaert (1999). De forma que, no território da festividade, essa valoração simbólica se apresenta com nitidez por meio das práticas, das relações sociais e das ações sagradas e profanas.

E assim cada identidade vai se formatando frente às outras identidades também inseridas no território festivo. Ou seja, é por meio das relações e do identificar-se ou não com algo de forma objetiva ou subjetiva que as identidades vão se estruturando. Na construção da identidade por meio das relações sociais, os diálogos acontecem em busca do reconhecimento frente às diferenças, “pois é no encontro ou no embate com o Outro que buscamos nossa afirmação pelo reconhecimento daquilo que nos distingue [...]” (HAESBAERT 1999, p. 175).

As identidades sociais, territoriais, religiosas e culturais são construídas no tempo e espaço da festividade por meio da seleção de reconhecimento e integração e da diferença de alguns atributos relacionados a essas identidades. Desse modo, os sujeitos participantes dão sentidos às identidades pelas formas que reproduzem a relação social com o espaço, sendo elas relacionais e conflituosas. Em relação ao

processo de identificação e construção das identidades, Cruz (2007, p. 17) aponta que elas são construídas “na e pela diferença e não fora dela [...]”.

Isso faz da identidade um processo relacional e ativo, sempre em constante mudança, definido pela diferença. Pode-se exemplificar com os sujeitos ex-devotos a Nossa Senhora da Abadia, que deixaram de participar dos momentos religiosos dos eventos da festa, porque são agora da religião protestante. Mas esses momentos religiosos são também usufruídos por sujeitos de outros lugares que se identificam com a religião naquele momento. Cruz (2007, p. 17) afirma que “nenhuma identidade é auto-referenciada em sua positividade”, ou seja, o seu significado é determinado pelo processo da diferença. Dessa forma, as identidades são construídas pelas inserções e eliminações do grupo, ao mesmo tempo em que o grupo é identificado e diferenciado dos demais.

Ainda em relação à identidade e à diferença, Silva (2009, p. 81) considera que elas são “o resultado de um processo de produção simbólica e discursiva”. Assim, elas se desenvolvem de forma desproporcional e não convivem harmoniosamente, estando sujeitas a “vetores de força, a relação de poder”, disputadas por seus representantes no grupo em que estão inseridas. O resultado da disputa define o grupo e garante o acesso “privilegiado aos bens sociais”, de forma que a identidade é afirmada e a diferença é expressa. Nessa conjuntura, quando o grupo festeiro (re)afirma suas identidades no tempo-espço da festa, busca para si o reconhecimento social e cultural em que estão inseridos na “Região da Onça”, mantendo sua visibilidade tradicional reconhecida e respeitada principalmente em relação aos “outros”.

Portanto, todos os anos desde a sua existência, o grupo realizador da festa de Nossa Senhora da Abadia constitui e concretiza, por meio de suas memórias e identidades, a celebração no território em que atua, confirmando a tradicionalidade. As memórias e identidades são elementos presentes entre aqueles que participam do fazer festivo à Santa. Esses sujeitos, em sua maioria, conhecem e participam da comemoração à padroeira desde que eram crianças ou adolescentes, ou, então, têm mais de 30 anos de participação. Receberam como herança imaterial a tradição centenária de seus pais, parentes ou conhecidos que participam da celebração.

E assim se formam os guardiões da memória religiosa e profana, que produzem e organizam o sistema festivo a eles pertencentes, de forma que transmitem os saberes aos aprendizes de maneira informal. Cada sujeito, no seu

tempo, se insere espontaneamente no evento e recebe sua função pela observação e envolvimento. Não existem manuais e livros para o aprendizado do saber religioso popular. De acordo com Brandão (1981, p. 165), “[...] o limite do saber da crença e da prática é o da memória que existe nas pessoas ou entre elas”. Assim, o grupo cria e preserva um sistema de relação social e espiritual entre os participantes e a Santa, por meio da interação, da coletividade e da reciprocidade.

POUSO 5

UM GIRO PELAS TERRITORIALIDADES DA FOLIA

Com a socialização deste trabalho, pretendemos apontar a visibilidade do giro da folia por meio de suas territorialidades e reafirmar a importância do grupo, por conseguir preservar uma tradição cultural e religiosa tão significativa para os devotos da Santa. O grupo consegue manter a herança cultural festiva por meio das transmissões orais, ao longo dos tempos, de geração a geração.

As transmissões orais, durante o giro da folia, criam um trajeto na zona rural e às vezes vão à zona urbana também. Nesse trajeto ocorrem todas as atividades para a folia se recriar, ou seja, os foliões visitam as famílias no intuito de convidá-las para o dia da celebração à Santa, e ao mesmo tempo a folia arrecada bens (dinheiro e objetos) que servem para custear as despesas da festa. O giro é também o momento para acontecerem as relações sociais e para se realizarem serviços religiosos (terços, cantorias, pagar promessas, reverenciar a Santa) e ainda serviços profanos.

O trajeto da folia repete seu percurso praticamente todos os anos, porque faz parte da tradição visitar e pousar nas mesmas residências. Às vezes acontece de serem inseridas novas residências ao giro a pedido dos devotos, assim como serem retiradas algumas visitas, por conta de mudanças de religião, de proprietários ou de caseiros.

No período de 2015 a 2018, o grupo se constituiu por foliões de faixas etárias variadas entre crianças e idosos, homens e mulheres. Os agentes que compõem a folia, em sua maioria, são participantes antigos da festa, e, dentre os mais novos no grupo, alguns são descendentes de foliões, são moradores da “Região da Onça”, ou, quando não há, geralmente são devotos – conforme já apresentamos quanto à formação social do grupo, no Pouso 3 deste trabalho.

A folia é um grupo que não separa seus integrantes por questão social – participam cidadãos, moradores da região ou não, mulheres e homens, crianças,

jovens e idosos. É um grupo que produz um sistema de relação social e de símbolos, e que atua como principais agentes modeladores do território no tempo da festa, conforme o Quadro 1.

Quadro 1 - Funções sociais existentes no tempo da folia

Categoria (social)	Tipo de participação	Função
Guardião	Escolhido pelos participantes mais antigos da festa (geralmente ele fica no cargo por vários anos).	Guarda a bandeira da Santa e todos os instrumentos musicais que serão usados pelos foliões durante o trajeto. É em sua casa que acontece o encontro dos integrantes da folia para a saída para o giro.
Alfer	Sai tradicionalmente pelo sorteio (anual).	Responsável por arrecadar esmolas e prendas durante o giro da folia. É condutor da bandeira com a imagem da Santa. Anda à frente da folia.
Chefe	Escolhido pelos participantes mais antigos da festa (geralmente ele fica no cargo por vários anos).	Responsável pelo trajeto, o “giro” que irão percorrer e pela ordem dentro da equipe.
Garrucheiro	Escolhido pelos participantes mais antigos da festa (geralmente ele fica no cargo por vários anos).	Avisa quando a folia se aproxima das casas por meio dos tiros de garrucha. Essa é também uma forma de pedir permissão ao morador para a folia se aproximar.
Foliões	Participantes em geral da folia.	São todos os participantes da folia. Dentre eles, o alfer, o chefe, o garrucheiro, os cantores, os instrumentistas e o rezador do terço.
Festeiro	Sai por meio do sorteio (anual)	Organiza a Festa de Nossa Senhora da Abadia e oferece estrutura aos foliões durante o giro, aos “empregados” e participantes da festa. Constrói o altar e recebe a Santa.
Caseiro	Dono da casa de pouso	Recebe a folia e oferece: janta, bebidas, pouso, esmola e prenda.
	Dono da casa do almoço	Recebe a folia e oferece: almoço, bebidas, esmola e prenda.
	Dono da casa de visita	Recebe a folia e oferece: lanche, bebidas, esmola e prenda.
Acompanhantes	Devotos ou participantes que seguem com a folia.	Participam de alguns momentos da folia, como: reza do terço, pagamento de promessa. Também acompanham o giro.
Assistentes	Devotos ou participantes que esperam a folia em alguma casa.	Frequentam alguns lugares por onde a folia passa. Interessam-se pelos momentos profanos, como as danças da catira, comer, beber e dançar.

Fonte: OLIVEIRA 2012, p. 34-35.

A folia de Nossa Senhora da Abadia passa a ser, durante a criação do seu território, um momento das práticas culturais onde acontecem as trocas e a distribuição de serviços religiosos – traços do catolicismo popular.

Nos anos de 2015 a 2018, a folia fez o giro usando carros e não montarias em cavalos como de costume. O chefe da folia justificou a mudança pela falta de animais disponíveis para andar no giro, porque a maioria dos foliões não possui cavalos, então precisam pegar emprestados com alguns fazendeiros. A festa ocorre em uma época em que vegetação fica muito seca, principalmente a pastagem, que serve de alimento para os animais. Isso dificulta cuidar deles, e às vezes há fazenda que não tem pasto nem ração como fonte de alimentação. Algumas fazendas foram arrendadas para as monoculturas de grãos e cana-de-açúcar.

Por esses motivos fica difícil pegar cavalos emprestados, já que, durante o giro, a estrutura disponível é imprópria para cuidar deles. Sendo assim, alguns proprietários não gostam de emprestar, pois os animais voltam do giro muito debilitados. Por isso os foliões estão adaptando o giro de montaria em animais para o giro em automóveis.

A Figura 6 retrata o momento dos foliões chegando a uma residência no ano de 2009. Quando o giro era a cavalo, a folia ia deixando de forma mais particularizada sua inscrição pelo território da fé. Inscrição essa definida pela sacralidade e pelo profano também. O giro em montaria mantinha, na prática tradicional, por um tempo maior, sua proximidade com a Santa, de forma que os foliões ficavam junto a ela por aproximadamente 20 dias, girando. Não havia limites para se aproximarem dela quando quisessem durante o giro, pois a Santa também ia no arreio do cavalo, ali juntinho com o alfer. Próximo às residências, ainda em cima do cavalo, a bandeira era estendida e conduzida pelo alfer, o que lhe permitia com emoção entregá-la ao anfitrião da casa visitada.

Quando o giro era a cavalo, a interação entre os foliões era maior, pois o grupo se mantinha mais aglomerado. As informações necessárias ao grupo fluíam com mais rapidez, pois estavam mais próximos uns dos outros. As brincadeiras entre eles também eram mais calorosas. Dessa forma, o ritual do giro tinha um aspecto humanamente mais homogêneo, o que pode ser resultado das vivências pessoais e coletivas, durante todo o percurso.

Figura 6 - Giro em montaria de cavalos



Fonte: Trabalho de campo (2009)

A Figura 7, registrada em 2016, exibe o segundo ano do giro em automóveis. A “modernidade” chegou ao campo e trouxe consigo práticas “modernas” também. A adaptação do carro no giro da folia é uma delas e acontece para dar continuidade a uma prática tradicional e centenária. A adaptação é necessária por conta da falta de estrutura e logística para atender os animais durante o percurso. O ritual do giro percorre o mesmo percurso de antes, só que agora com mais rapidez, pois os carros permitem isso. Assim, os foliões ficam sem perceber alguns detalhes na paisagem, que só eram possíveis de ver ao compasso dos cavalos.

Figura 7 - Giro da folia em automóveis



Fonte: Trabalho de campo (2016)

O primeiro carro da fila, que é uma camionete, foi conduzido pelo chefe da folia. Foi onde a bandeira da Santa foi levada, enrolada no seu próprio bastão e acondicionada no painel do carro. Em sua carroceria estava toda a bagagem dos foliões. Os foliões foram divididos em grupos, acomodando-se nos cinco carros disponíveis para o giro. O carro trouxe conforto aos foliões, mas a interação em alguns momentos do giro acontece de forma individualizada com sujeitos separados pelos carros. Nas paradas, fora dos carros, o grupo interage de novo, levando a tradição ritualística às casas com entusiasmo e alegria durante as visitas. Assim redimensionam seus corpos para a prática ritualística do sagrado e do profano.

5.1 Interação feminina na folia

Em relação ao espaço social da folia, nesse período de 2015 a 2018, foi notável a presença feminina. Em conversa informal, elas afirmaram que se fosse a cavalo provavelmente não acompanhariam o giro. Mas o carro proporciona conforto durante os vários dias de giro. Conforto esse que as protege do sol escaldante do inverno goiano, da poeira, dos ventos e dos dias frios ou de muito calor, além de diminuir os dias fora de casa.

Em 2016, das quatro mulheres que compuseram o grupo de precatórios, duas delas eram esposas de foliões, uma era a filha do alfer e a outra era uma professora e moradora da região. Todas eram novatas no movimento. Fora da folia, duas delas se ocupavam com os serviços domésticos, ou seja, eram donas de casa. A professora lecionava na escola da “Região da Onça”, e a outra era estudante dessa mesma escola. Três dessas mulheres residiam na região da festa, e a outra morava na cidade.

A foliã professora e a estudante aproveitaram o período das férias escolares para participarem do giro. A professora também auxiliou a pesquisadora deste trabalho durante o giro, ajudando com informações de dados e como motorista. Por mostrar interesse em ajudar a folia, em muitos momentos a professora era orientada pelos foliões mais experientes, que lhe mostravam como tocar os instrumentos musicais. O mesmo acontecia com as demais foliãs e com os outros foliões novatos.

Ao falar sobre as mulheres, neste momento, não se tem a intenção de fazer comparações entre a organização social feminina e masculina, no decorrer da festividade. Mas apenas de analisar a dinâmica dessa produção social, no espaço festivo. De acordo com Silva; Nabozny; Ornat (2010),

A dimensão relacional que a ideia de gênero concebe é a compreensão de que os seres não estão isolados e estáticos e os recortes sociais estabelecidos no processo de pesquisa devem ser considerados de forma relacional e processual na estrutura socioespacial a que pertencem (SILVA; NABOZNY; ORNAT, 2010, p. 28).

A participação de mulheres no interior da folia nos mostra que existe espaço social para elas, durante a organização bem como na estrutura do movimento itinerante. Atualmente a presença feminina acontece em outros eventos da organização, como na saída da folia e no dia da festa. Sua presença nesta comemoração religiosa reforça a crença junto aos demais devotos à Santa.

A estrutura socioespacial da festa depende totalmente da relação social no seu fazer. A relação de gêneros aqui é compreendida como uma representação social desempenhada por sujeitos preocupados em dar vida a um evento tradicional. Vai além de corpos representando o que é trabalho masculino e feminino, valorizando, sim, o compromisso entre os participantes e o festeiro, bem como um compromisso coletivo religioso e profano. Na folia de Nossa Senhora da Abadia não

é muito usual a participação de mulheres, mas em uma folia ou outra tem-se a presença delas, ocupando as funções de instrumentistas ou cantoras durante as representações.

Figura 8 - Participação feminina na folia



Fonte: Trabalho de campo (2016)

No registro da Figura 8, durante a cantoria da folia a uma família, observam-se duas mulheres participando com os demais foliões. Nessa ocasião as mulheres tocaram pandeiro e triângulo, que são instrumentos musicais de percussão¹⁵.

As folionas¹⁶ são novatas no grupo e não precisam ter experiência musical para compor o grupo, basta ter vontade de estar ali. Espontaneamente algum folião músico ensina pelo ritmo dos outros instrumentos o momento certo de tocar o instrumento que elas usam. E assim, acompanhando o ritmo musical, uma foliona acrescenta com as batidas do pandeiro um som, junto aos demais instrumentos. Dessa forma, enquanto segura o instrumento com uma mão, com a outra ela bate delicadamente com a palma da mão e os dedos, e o som sai do centro do objeto e

¹⁵ Os instrumentos de percussão são todos aqueles que produzem som ao passarem por impacto, agitação ou raspagem. <http://blog.multisom.com.br/conheca-os-tipos-de-instrumentos-de-percussao/>.

¹⁶ Foliona – termo usado pelo grupo, indicando, pelo gênero, que é uma mulher foliã.

das laterais por meio de suas placas de metal. O som do pandeiro é nitidamente ouvido ao se produzir o impacto sobre ele.

A outra foliona toca o outro instrumento de percussão, o triângulo, que também acrescenta ritmo à música. Com um som mais delicado, porém não menos perceptível, ele tem uma contribuição musical importante, de forma que não fica de fora do conjunto musical. Com uma mão ela segura um cordão amarrado ao triângulo de ferro (este de fabricação artesanal), e com a outra mão bate um pequeno bastão (batedor), também de ferro, no corpo do instrumento, produzindo um som mais agudo.

Não houve um aprendizado anterior para tocar os instrumentos, mas as foliãs toparam tocar os instrumentos repentinamente, e assim estão aprendendo e contribuindo para a existência do grupo naquele momento. Essa também é uma forma de representar sua crença na Santa, de legitimar sua identidade com o grupo da folia, bem como com a religião, e, de certa forma, legitimar que a mulher também tem seu espaço na folia.

No giro da folia de 2012, a função de alfer saiu por sorteio para uma mulher, e a mesma cumpriu com o “emprego” durante todo o giro de 2012.

Figura 9 - Uma alfer



Fonte: Trabalho de campo (2012)

Na Figura 9, a alfer está conduzindo a bandeira, no momento em que esta é retirada da residência a fim de ir para a festa em sua homenagem. A alfer fala sobre sua experiência durante a folia:

“Eu emociono porque sou muito bem recebida, eles são receptivos e então eu tenho que retribuir. (Falando do respeito recíproco entre ela e os foliões). As brincadeiras são assim saudáveis.

Quando fui ser alfer... teve umas mulheres que falaram... mas você vai ser alfer no meio dessa homaiada?

– Eu falei uai, mais por quê? Eu vou ser alfer, eu sair alfer, eu vou ser alfer... quantos dias que ficamos andando a cavalo? Nós levantava cedo, pegava o cavalo, e parava, almoçava, saía, chegava. Tinha lugar que nós chegava já de noite. E foi bom, hein?

- Eles escondiam minhas botas, nossa!! (Emocionada e com um leve sorriso) ... Eu queria ser alfer de novo!” Entrevistada Y- 63 anos. 2018.

Percebe-se que as mulheres que participaram da folia consideram o espaço da folia como um momento de sociabilidade, o lugar de pagarem seus votos, de exercerem a religiosidade, de fazerem e fortalecerem amizades, de aprenderem novas práticas.

Em relação à formação do agente no saber popular, Brandão (2007, p. 296), observa que “o que garante [...] a lógica da prática da religião popular é que ela faz e preserva a moldura e as redes sociais de transmissão de seu próprio saber”. Observa-se que, na religião popular, os sujeitos têm necessidade de emitir o conhecimento assim como outros sujeitos também têm necessidade em apreender o saber e o fazer do grupo religioso e profano.

5.2 Folia - um espaço do ensino informal

Ainda em relação ao espaço social que a folia compõe durante o seu tempo, observamos, nos trabalhos empíricos, as maneiras de ensinar e aprender entre os foliões mais velhos e as crianças, entre os foliões e os adolescentes e mesmo em relação aos adultos que queriam participar do grupo. Essa nova geração geralmente é composta de moradores ou descendentes de moradores da “Região da Onça”, os quais estão sempre envolvidas nos rituais da folia.

Na Figura 10, observam-se várias gerações participando. Há crianças, adolescentes e adultos tocando instrumentos musicais durante a cantoria da folia. À

esquerda tem-se dois foliões adultos tocando violões, e depois uma menina de oito anos de idade, cujos avós moram na região, ao lado dela tem-se um adolescente também morador da região. A menina era uma acompanhante da folia juntamente com seus familiares, ela manifestou vontade de tocar um instrumento de percussão, o reco-reco; sendo assim, ela participou até acabar o evento.

Figura 10 - Ensino e aprendizado durante o giro da folia



Fonte: Trabalho de campo (2016)

A Figura 11 retrata uma visita do grupo de precatórios. Um menino, atentamente, segura a bandeira da Santa e recebe a cantoria da folia, que solicita à divindade bênçãos e proteção a ele. No momento ele está acompanhado de sua família. Logo depois dele a sua irmã, uma bebê de colo, também recebeu a cantoria da folia, ocasião em que sua mãe segurou a bandeira. Assim, no tempo das férias escolares, que é o tempo do giro da folia, o menino se envolve na realização da cultura de sua região. De forma que não deixou o aprendizado de férias, porque a folia lhe permite aprender.

Figura 11 - Crianças aprendendo com a tradição



Fonte: Trabalho de campo (2016)

Figura 12 - Adolescentes recebendo instruções



Fonte: Trabalho de campo (2016)

Em outro momento, um registro raro, na Figura 12 tem-se foliões adultos ensinando as notas musicais, bem como seu dedilhar nas cordas de um violão e de um cavaquinho a alguns jovens foliões. Geralmente esse tipo de ensino acontece no momento das atividades da folia, na forma de observação, e não em momentos exclusivos, como esse apresentado aqui. Eles aproveitaram também para ensinar e aprender a cantar algumas estrofes fixas das músicas.

Como o giro da folia ocorre no tempo das férias escolares, é comum, no município de Jataí, durante o período de férias, estudantes passarem a temporada em fazendas e em sítios de seus pais ou parentes. Dessa forma, a escola, nesse momento, é no giro da folia. Sim, agora crianças e jovens vão aprender informalmente a cultural local. Conforme conceitua Gohn (2006, p. 28), a educação informal

é aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização – na família, bairro, clube, amigos, etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados.

Em acordo com a autora, a educação informal em questão acontece no giro da folia, quando se tem, como lugar do ensino e do aprendizado, o próprio grupo de foliões, as casas visitadas, as relações sociais e o próprio trajeto do giro ao traçar seu movimento. A folia possui vários rituais, muita organização e disciplina, características que se aproximam das regras do ensino formal. Para Gohn (2006), o movimento socializa os sujeitos participantes e eles desenvolvem

hábitos, atitudes, comportamentos, modos de pensar e de se expressar no uso da linguagem, segundo valores e crenças de grupos que se frequenta ou que pertence por herança, desde o nascimento (GOHN, 2006, p. 29).

O aprender e o ensinar fazem parte do cotidiano do grupo. Sobre a formação da folia, um antigo folião entrevistado dá seu depoimento sobre o que é preciso para ser um folião:

“...ter vocação para aquilo e começar acompanhando, e vai começando, mexendo com instrumentos, dependendo da vocação dele pra cada instrumento, se ele tem dom pra cantar, gosta de cantar, vai treinando até ser um folião. Hoje tem muitos foliões mirins

pequenos que já acompanham a folia, já toca pandeiro, aquele reco-reco, depende da vocação.

...você tem as criancinhas mirins que quer acompanhar, aí vai deixando participar pra ir aprendendo, pra não acabar.

Pesquisadora: E o senhor vê importância nessa atitude das crianças?

*Eu vejo! Então, se não, não tem continuidade, porque eu mesmo esse mês, eu não participo mais, se não tivesse ninguém pra me substituir e aí? Ia é acabar, aí é importante, acho isso importante".
Entrevistado JAG, 70 anos – 2009.*

A concepção do entrevistado se alinha à ideia de Pessoa (2005), que afirma:

A festa é uma grande escola. As crianças que começam a dar as primeiras batidas de tambor ou os primeiros passos no ritual, as que vão acompanhando os pais para simplesmente verem a festa, introduzem-se numa grande aprendizagem. Mesmo os jovens e adultos estão sempre aprendendo na festa (PESSOA, 2005, p. 39).

De acordo com o pensamento de Pessoa (2005), além da festa, acrescenta-se que o ambiente da folia de Nossa Senhora da Abadia também é o lugar do fortalecimento dos laços sociais do ensino e do aprendizado. A maioria dos integrantes mais velhos tem essa consciência, de forma que se preocupam em transmitir essa herança cultural cuidadosamente às novas gerações. Um folião, quando indagado sobre a forma usada para repassar os rituais aos novatos, respondeu...

"Estamos tentando ingressar pessoa nova na folia, você vê, tem hora que eu ponho do meu lado, canto de frente, depois quando vejo que o cara vai sair fora eu canto no lugar dele, eu ajudo ele, depois eu paro, para ele ir firmando. (O cara a que ele se refere são os(as) novos(as) aprendizes).

...Não sou eu que estou ensinando não, é Deus e Nossa Senhora, eu só estou dando aquele empurrãozinho para ele aprender.... Esses que vêm chegando tem que ser com sacrifício (ele se refere ao ato de ensinar) ...porque senão acaba. Porque eu não sei mais quantos anos eu vou girar, e nem se eu vou o ano que vem, né?

Você vê, estão aprendendo! Porque, Marlene, você tem estudo, para você passar para o outro você tem que fazer o quê? Ensinar!

...Você tem que passar as coordenadas tudinho, oh! Você tem que fazer assim, oh! Eu falo para muita gente: tudo quanto é coisa você tem que querer (se refere ao aprender), que quem vai ensinar tem que querer ensinar... ninguém nasceu sabendo... Aprendi porque o

cara me deu oportunidade.... eu tinha aquele dom de Deus, que Deus me deu... (ele se refere ao dom de ser músico)". Entrevistado N1 - 69 anos, 2017.

A didática do ensino e aprendizagem é usada pelos foliões durante a realização do giro, não há entre eles encontros fora do tempo do giro para repassar os conhecimentos antes adquiridos. Não há uma organização e nem uma ordem para a difusão do conhecimento entre eles; a transmissão acontece durante sua composição e a realização de suas práticas, de forma espontânea, em um ambiente onde “as relações sociais se desenvolvem segundo gostos, preferências, ou pertencimentos herdados” (GOHN, 2006, p. 29).

Pelo depoimento do último entrevistado, nota-se que a forma espontânea do ensino informal pelos foliões também respeita os limites e a capacidade do aprendiz, então esse receptor do ensino tem seu tempo de apreensão respeitado. Dessa forma, existe um rodízio também de forma espontânea entre os aprendizes, e, durante todas as atividades do dia, cada um deles tem sua participação e seu momento de aprendizado.

A didática do ensino e aprendizagem acontece por meio da oralidade, é no momento das emoções e dos sentimentos que esses guardiões do saber transmitem seus conhecimentos. Na folia os guardiões do saber são aqueles foliões com mais experiências de giro, que conhecem bem os vários rituais a serem seguidos, bem como as normas estruturais e morais que todos os componentes devem seguir, de forma que, pelo não cumprimento das regras, podem sofrer penalidades do próprio grupo ou da Santa.

Mas, ao ingressar no grupo, cada sujeito contribui com a dimensão educativa inerente ao grupo, que “se transforma sempre num grande balcão, numa grande demonstração das inovações, das mudanças, das novas descobertas, das novas concepções [...]” (PESSOA, 2005, p. 39). E assim o grupo de precatórios apreende o quanto tem a preservar do conhecimento, do valor e da tradição festiva. E os novatos reproduzem o aprendizado cultural por meio da vivência e da experiência, apreendida e codificada por meio da oralidade.

Outro elemento a ser destacado é a identidade que está presente nos depoimentos dos dois foliões apresentados, quando eles falam que tem que ter vocação e dom para participar da folia. Ou seja, por ser um grupo com vários rituais e com muitas cantorias, os participantes desenvolvem o sentimento de identidade

com as atividades e com os demais parceiros foliões. Desenvolvem também habilidades para conviver coletivamente no espaço e tempo do giro.

O giro da folia, fazendo parte de uma comemoração centenária, passa a ser um grande disseminador da educação informal, transformando-se em um “espaço educativo” (GOHN, 2006). De forma que a celebração a Nossa Senhora da Abadia com seus eventos ritualísticos é um momento de integração entre o velho e o novo. De acordo com Pessoa (2005, p. 39), “sem o novo, paramos no tempo. Mas sem o velho nos apresentamos ao presente e ao futuro de mãos vazias”. E ambos se completam, geram saberes por meio da aprendizagem e garantem que o passado norteie o futuro. Nessa perspectiva de educação informal instituída na folia, os ensinamentos e aprendizados são permanentes, passando de geração a geração.

Em relação à participação da nova geração de foliões, quando foram indagados por que estariam participando do giro da folia no ano de 2016, alguns deles responderam:

Há cinco anos andando na folia. Começou a andar na folia porque via outros adolescentes acompanhado a folia, aí resolveu ir também. Entrevistado B1 - 16 anos de idade.

Segundo ano consecutivo. Está no giro para seguir com a tradição, para não deixá-la morrer. Acredita na força jovem. Entrevistado C1 - 14 anos de idade.

Há dois anos na folia. Começou a andar por gostar da folia. Entrevistado H1 - 10 anos de idade

Dois anos na folia. Está na folia porque acredita na Santa, e que se pode melhorar a vida quando se tem fé. Entrevistado I1 - 15 anos de idade.

Já participou algumas vezes da folia, mas no giro todo é o primeiro ano. Está seguindo o giro por causa da tradição. Entrevistado J1 - 12 anos de idade.

(Trabalho de campo, 2016)

O sentimento de pertencimento à cultura e à tradição religiosa e profana é unânime nas respostas de todos. Esses jovens participantes são descendentes de moradores da “Região da Onça” e desde muito pequenos estão envolvidos com o fazer festivo, ou seja, fazem parte e pertencem à festividade. Esse fazer festivo desperta em seus seguidores o sentimento de pertencimento por meio da crença na Santa, da religião, das relações sociais e de poderem participar do giro como um movimento que gera afetividade e valores. De forma que a transmissão e a recepção

dos conhecimentos por meio dos sujeitos envolvidos neste ensino informal também desperta outros elementos por meio das emoções, como a identidade.

A identidade também está presente nas respostas dos jovens foliões. Eles participam da folia por pertencerem e se identificarem com uma cultura – uma representação carregada de códigos e sistemas simbólicos. E, para entender e participar dessa representação, os sujeitos precisam se envolver em seu interior, ocupando alguma posição de participante a partir da identidade. Dentro do grupo o sujeito vai tomar sua posição naquilo com que se identificar: folião cantor, folião instrumentista, folião rezador ou folião chefe da folia. Ao falar da relação entre cultura e identidade, a autora Woodward (2014, p. 19) afirma que “a cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade”. Por essa posição, entende-se que é pela cultura que se molda a identidade, de forma que é por meio das relações sociais que surge a cultura.

Assim sendo, o giro da folia de Nossa Senhora da Abadia tem como elementos constituintes as relações sociais, a devoção, a cultura e a identidade, o que formata especificamente esse sistema simbólico da “Região da Onça”. Estruturado o grupo folião, o giro segue o trajeto entre uma visita e outra aos moradores. Os foliões seguem o ritual da peregrinação com muita alegria e muitas brincadeiras entre si. A folia, com suas práticas, reforça a religiosidade, a identidade e assegura o elo de amizade entre os sujeitos pertencentes à tradição festiva, ou seja, pratica a territorialidade por meio da afetividade.

É nesse trajeto da folia que a tradição se renova a cada ano. Isso graças à sensibilidade e à percepção dos guardiões do saber, que se importam com a continuidade da tradição festiva por meio da transmissão de seus conhecimentos àqueles que também têm essa percepção de continuidade dessa prática social.

A folia, por ser uma atividade cultural, é dinâmica e está sempre absorvendo ou certificando alguma mudança, como a troca de componentes, bem como a troca dos cavalos pelos automóveis – já comentada. Dessa forma, o aprendizado é contínuo, para todos os sujeitos, independentemente do tempo de folia.

POUSO 6

OS TERRITÓRIOS DOS RITUAIS: DO GIRO, DO ALMOÇO E DAS MÚSICAS

6.1 Ritos: ordem e linguagem no território do giro

Uma festa tradicional, que se inicia com a saída da folia para o giro¹⁷, indo até a celebração da Santa em um dia de consagração a ela (o dia da festa) e termina no dia seguinte com a retirada da bandeira do mastro. Uma festa com um giro, que todos os anos gira e nunca acaba seu giro. Termina por mais um ano e não fecha seu ciclo, pela expectativa instaurada para a sua próxima realização. Uma festa do sagrado, do profano, das cores, sorrisos, alegrias, em que depois da batida da caixa, entre os sons do pandeiro e dos violões, vêm as vozes, cantando, pedindo, agradecendo, rezando. Complementando, vêm os gestos, as emoções, as prendas, as comidas fartas, o cafezinho e a pinguinha.

Esses, entre outros elementos e performances, se desenvolvem em um cenário ritualístico feito por aqueles que são devotos e por aqueles que só vão festar, durante a produção e realização da festa à Nossa Senhora da Abadia. Uma interação territorial em um cenário onde a arte de celebrar uma bênção alcançada é efetivada por práticas coletivas, onde a fé e as identidades se fortificam por meio dos rituais também coletivos. Uma festa tradicional que tentamos historiar com suas devidas emoções em alguns elementos essenciais, como os rituais desse universo do catolicismo rústico em Jataí.

Consideram-se “alguns” elementos essenciais, porque existe uma variedade de ritos que são elementos invisíveis aos olhos dos observadores e participantes, sendo descortinados somente após se entender os códigos dessa tradição ritualística. Que às vezes podem ser revelados ou não pela oralidade, dependendo

¹⁷ O giro da folia de Nossa Senhora da Abadia, para seus componentes, significa o trajeto que o grupo folião percorre na região, juntamente com a bandeira da Santa. Esse trajeto serve para desenvolver os rituais sagrados e profanos durante a saída da folia, os pousos, os ritos de almoço e as visitas às residências.

do momento ou dos sujeitos componentes do grupo, por isso existe essa dificuldade ou talvez a impossibilidade de se falar de todos os elementos rituais de uma só vez.

Para compreender a alma e a arte da festa religiosa dedicada à padroeira da “Região da Onça”, foi necessário vivenciar o fazer e o se relacionar de maneira completa com os sujeitos atuantes, bem como compreender suas relações com o momento e o território. Dessa forma, em acordo com Brandão (2004, p. 31),

É preciso entregar-se por inteiro, da mesma maneira como as mulheres e os homens que preparam, dias antes, o cenário de uma casa de fazenda ou mesmo um rancho de beira de estrada para passagem ou a chegada, [...] de uma folia [...] devem antecipar em cada pequeno gesto a plenitude do que virá a acontecer. E o que vem a acontecer não é somente o viver a crença como e com a arte, o que seria, convenhamos, trazer uma aura de qualidade rústica quase sempre notável, pelo que é e pelo que provoca nos que estão ali.

Com a vivência durante os trabalhos de campo que participei aleatoriamente e os 14 dias consecutivos no giro da folia em 2016, foi possível observar, na territorialidade efetivada, a crença dos devotos, as emoções e os rituais compartilhados entre eles. Também o entusiasmo dos moradores em acolher a Santa e seus condutores, atribuindo sentido religioso ao território familiar de forma que acreditam que a santidade esteja entre eles, naquele lugar.

Os rituais que aconteceram no ano de 2016, no desenvolver do giro em todo o seu percurso, serão descritos aqui, como denomina Brandão (2004, p. 108), de “ritos de giro”, que acontecem durante as rápidas visitas às casas; “ritos de almoço”, onde o grupo almoça e descansa; “ritos de pousos”, onde os foliões jantam e dormem. O giro da folia de Nossa Senhora da Abadia é um giro fechado, pois se inicia na casa do guardião (José Abadio de Gouveia) e termina na entrega da bandeira da Santa ao festeiro no dia da festa. A seguir são esquematizadas a sequência e a rotina da jornada e dos rituais diários.

Esquema 1 - Jornada e tradição ritualística da folia de Nossa Senhora da Abadia durante o giro

Ritos de pouso	Ritos de giro	Ritos de almoço	Ritos de giro	Ritos de pouso
Na residência tem-se a saída do pouso pela manhã. Realizam-se cantos, peditórios de prendas e esmolos, agradecimentos		Residência para o almoço, descanso, cantorias, peditórios de prendas e esmolos, (rezas, quando solicitadas), agradecimentos		Residência para a chegada dos foliões ao entardecer, para jantar, repousar, (rezar, cantar e dançar, quando isso é solicitado).
	Trajetos ritualísticos de visitas com cânticos, peditórios de prendas e esmolos, doações, (rezas, quando solicitadas), agradecimentos		Trajetos ritualísticos de visitas com cânticos, peditórios de prendas e esmolos, doações, (rezas, quando solicitadas), agradecimentos	

Adaptado de Brandão (2004, p. 351).

A descrição dos momentos ritualísticos que o giro produz no território festivo será feita por meio de observações das atividades executadas pelos moradores e pela organização do grupo folião, relativamente ao conjunto das cantorias, das emoções, das fartas comidas, das rezas, das danças, das alegrias e dos acolhimentos.

Durante a efetivação da festa à Nossa Senhora da Abadia são desenvolvidos vários rituais. Esses rituais são momentos para que os sujeitos se expressem ou manifestem seus costumes ou alguma ação espontânea. Para um pesquisador o ritual se torna um espaço propício para se explorar e compreender sua ideologia e seus valores durante o giro da folia, durante a festa e no dia depois da festa. Torna-se necessário compreender os rituais por serem frações que compõem uma festividade que é uma referência para a “Região da Onça”.

Segundo DaMatta (1983), o ritual é um elemento importante para transmitir e reproduzir valores, e ao mesmo tempo põe em foco um aspecto da realidade; dessa forma, materializa alguns elementos ou as relações. Neste caso em estudo, podem-se relacionar os aspectos da realidade da rotina do morador ao ritual da folia. De forma que algum elemento rotineiro, como rezar sozinho e rezar com a folia, tem significado diferentes. Rezar com a folia reforça o elo das amizades, traz a sacralidade de forma diferenciada ao ambiente, é momento em que se tem o símbolo da Santa e da festa por meio da bandeira.

Oferecer almoço para a família é diferente de oferecer almoço para o grupo folião. Ambos são momentos de nutrição e de reforço das relações. Fazer almoço para a família é nutrir e unir a família para um ritual diário. Porém, no almoço da folia, destacam-se a reciprocidade e a troca de serviços sociais entre a família, a folia e a Santa, e o almoço passa a ser também um momento de descontração entre os sujeitos presentes. É o ritual se consolidando por meio das identidades, da territorialidade, da religiosidade, da solidariedade e da cultura.

O ritual da folia, quando se territorializa, apresenta por meio das relações sociais a verdade do grupo, uma realidade religiosa e profana, que é apropriada e materializada pela coletividade social, dando visibilidade e liberdade à ideologia de sua tradição. Com isso cria-se um espaço para a compreensão entre o “mundo real e o mundo especial”, de forma que o rito é “o veículo da permanência e da mudança. Do retorno à ordem ou da criação de uma nova ordem, uma nova alternativa”, conforme DaMatta (1983, p. 32).

É durante o desenvolver do ritual com os sujeitos envolvidos que se faz necessário entender o porquê de se ritualizar aquele momento e o que é fundamental naquela ação.

6.2 Ritos do Giro

Os ritos do giro acontecem durante o percurso, quando os foliões estão nas estradas, de forma que nenhum carro ou sujeitos do giro passem à frente da bandeira, a bandeira não passe embaixo de cerca de arame ou de porteira, e não se cruze um caminho já percorrido para se evitar a “batida cruzada”. Acredita-se que, se se cruzar um caminho, pode acontecer um infortúnio ao proprietário do lugar.

Os ritos do giro também acontecem nas visitas aos moradores (com cânticos, rezas, gestos, bênçãos). Nesses momentos a folia para nas residências por pouco tempo, e o grupo realiza os rituais de chegada, o garrucheiro solta tiros de garrucha avisando que estão chegando, o folião responsável pela caixa anuncia a chegada com toques, até a entrega da bandeira aos moradores. Assim os moradores acolhem a Santa, bem como a companhia.

Figura 13 - Foliões chegando a uma moradia



Fonte: Trabalho de campo (2009)

Na Figura 13, tem-se o registro da chegada do grupo a uma residência, bem no momento em que se dá o tiro com a garrucha – observa-se no lado direito, acima de dois cavaleiros, a fumaça resultante da explosão da pólvora. Estão tradicionalmente avisando sua chegada, dessa forma a folia anuncia também que é o tempo dos rituais sagrados e profanos. Para os dois rituais proclama-se muito entusiasmo. A bandeira da Santa já está devidamente em evidência, as batidas na caixa se misturam às expectativas dos foliões pela recepção dos anfitriões, que geralmente é muito acalorada. É um momento que irradia alegria.

Figura 14 - Morador recebendo a Santa e a folia



Fonte: Trabalho de campo (2017)

Esta figura traz o momento da chegada da folia a uma visita, sendo recebida pelos anfitriões. Nessa imagem tem-se o morador, um devoto de Nossa Senhora da Abadia, em um ato do catolicismo pelo qual ele reverencia a Santa, ao ajoelhar-se diante da sublime intercessora do divino na terra naquele instante. Com as duas mãos traz a bandeira até sua face e, em silêncio, faz sua oração, como uma forma de encontro íntimo com a santidade. Nesse clima de oração, o grupo de precatórios que permanece atrás da bandeira, em sinal de respeito ao “encontro” do devoto com a Santa, também mantém a calma e o silêncio. Para encerrar a adoração, o anfitrião faz o sinal da cruz com uma mão, levanta-se e empunha a bandeira. Logo cumprimenta os demais devotos foliões com muita alegria e brincadeiras.

Prosseguem com as atividades, e o tempo para a visita depende da quantidade de visitas programadas para o dia. Se tiverem menos visitas, os sujeitos do grupo ficam por ali conversando, brincando, andando pelo pomar, comendo um lanche, tomando água, café e pinga (estes dois últimos, quando são oferecidos), mas, se tiverem muitas casas programadas, fazem uma visita mais rápida.

O estandarte fica dentro da casa até o momento de “tirar as esmolas”¹⁸. Quando chega esse momento, geralmente fica um representante da família na porta da cozinha ou da sala. Na ocasião recebem a cantoria, pedindo a bandeira a fim de cantar para os devotos interessados na bênção da Santa e/ou na doação das esmolas.

Pedido para trazer a bandeira e para tirar a esmola

Senhor(a) dono(a) da casa
 Senhor(a) dono(a) da casa
 Pro(a) senhor (a) eu vou cantar
 Senhor(a) dono(a) da casa
 Pro(a) senhor (a) eu vou cantar

Traga lá essa bandeira
 Traga lá essa bandeira
 E a esmola pra dá
 Traga lá essa bandeira
 E a esmola pra dá

Senhor(a) dono(a) da casa
 Senhor(a) dono(a) da casa
 Pro senhor e pra senhora
 Senhor(a) dono(a) da casa
 Pro senhor e pra senhora

Traga lá essa bandeira
 Traga lá essa bandeira
 E também sua bela esmola
 Traga lá essa bandeira
 E também sua bela esmola

Ao atender o pedido, o(a) anfitrião(ã) traz a bandeira e fica posicionado geralmente na porta, onde recebe a seguinte canção de pedido de esmola:

Pedido de esmola

(Essa cantoria foi executada para um homem que solicitou)

Aqui está o companheiro
 Aqui está o companheiro
 Que a bandeira segurou
 Aqui está o companheiro
 Que a bandeira segurou

Veio dá a bela esmola
 Veio dá a bela esmola

¹⁸ Tirar esmolas, para os foliões, significa pedir as esmolas.

Para mãe de nosso senhor
 Veio dá a bela esmola
 Para mãe de nosso senhor

Essa santa vem girando
 Essa santa vem girando
 Percorrendo a freguesia
 Essa Santa vem girando
 Percorrendo a freguesia

Vem tirando a bela esmola
 Vem tirando a bela esmola
 Para o festejo do dia
 Vem tirando a bela esmola
 Para o festejo do dia

Mas Deus vos pague a bela esmola
 Mas Deus vos pague a bela esmola
 Mas que o companheiro vai dar
 Mas que o companheiro vai dar

Mas a Senhora da Abadia
 Mas a Senhora da Abadia
 Mas é quem vai lhe abençoar
 Mas é quem vai lhe abençoar

Mas a que está em suas mãos
 Mas a que está em suas mãos
 Mas a vossa mãe com muito gosto
 Mas a vossa mãe com muito gosto

Mas está vos convidando
 Mas está vos convidando
 Mas pra rezar 14 de agosto
 Mas pra rezar 14 de agosto.

Após a canção do pedido de esmolas, a doação é entregue ao alfer. Quando recebe esmola (dinheiro), é guardada dentro do embornal, uma bolsa de napa preta, que ele carrega para esse propósito. Quando a doação é prenda, o alfer preenche uma ficha com os dados do doador para a retirada futura e para identificá-lo durante o leilão.

Logo após a doação, o grupo canta pedindo a bandeira para seguir a viagem pela região. Essa música não é um repente, tem a letra fixa para todos os momentos em que precisa ser executada, só se usa o gênero adequado conforme o sujeito que segura o estandarte.

Pedido da bandeira para viajar

Senhor(a) dono(a) da casa

Senhor(a) dono(a) da casa
 Peço pra nos desculpar
 Senhor(a) dono(a) da casa
 Peço pra nos desculpar
 Queremos sua licença
 Queremos sua licença
 Precisamos viajar
 Queremos sua licença
 Precisamos viajar

Senhor(a) dono(a) da casa
 Senhor(a) dono(a) da casa
 O(a) senhor(a) e sua família
 Senhor(a) dono(a) da casa
 O(a) senhor(a) e sua família

Despede dessa bandeira
 Despede dessa bandeira
 Da Senhora da Abadia
 Despede dessa bandeira
 Da Senhora da Abadia

Despede dessa bandeira
 Despede dessa bandeira
 Até pro ano que vem
 Despede dessa bandeira
 Até pro ano que vem

Essa santa vai com nós
 Mas essa santa vai com nós
 Fica com vocês também
 Essa santa vai com nós
 Fica com vocês também

A Senhora da Abadia
 E a Senhora da Abadia
 Padroeira do lugar
 E a Senhora da Abadia
 Padroeira do lugar

Essa santa se despede
 Essa santa se despede
 Para o ano tornar voltar
 Essa santa se despede
 Para o ano tornar voltar

O(a) morador(a) recebe a cantoria geralmente posicionado na porta principal, ou dentro da sala da casa. Depois, pega a bandeira e segue com o grupo até o ponto final, que pode ser no portão, ou até o carro, ou até o alfer, que está a cavalo.

A canção do pedido da bandeira para viajar apresenta elementos que confirmam a territorialização da Santa nos versos: “O senhor e sua família / Despede dessa bandeira / da Senhora da Abadia”. Ou seja, a Santa esteve na propriedade, foi recebida e abençoou o lugar. Há também elementos que indicam que a Santa ainda precisa fortalecer o circuito da fé, nos versos: “Queremos sua licença / Precisamos viajar”. Ou seja, ela ainda tem que traçar e reforçar no território sua autonomia religiosa. Nos versos “Essa Santa se despede / Para o ano tornar voltar”, indica-se que, na moradia de onde está saindo, a Santa já deixa o compromisso religioso confirmado para o próximo ano.

6.3 Rituais de almoço

Nos ritos de almoço, acontecem os rituais de chegada, descritos nos ritos de giro. Esse é também um momento para os foliões descansarem um pouquinho. O chefe da folia, por telefone ou pessoalmente, combina com o morador a visita e o almoço antes de o grupo chegar.

Quando a folia chega à residência, o morador recebe a bandeira e a acondiciona dentro de casa. Neste caso, não existe altar. Geralmente a bandeira é colocada em cima da cama do casal, ou fica em cima de algum móvel na sala. Como o grupo chegou na hora do almoço e os foliões estão famintos, logo é servido o almoço. Como é de costume, o alfer é o primeiro a se servir, seguido pelos demais foliões.

Em seguida vêm os demais participantes que estão na casa. A Figura 15 retrata esse momento de organização. Todos comem com alegria, pois as brincadeiras verbais não param nem nesse momento. Ao terminar a refeição, cada sujeito lava o prato e seus talheres. Esse é também um costume, uma forma de diminuir o trabalho dos moradores, que os receberam tão bem.

Figura 15 - Almoço durante a visita



Fonte: Trabalho de campo (2016)

O hábito de se alimentar revigora os rituais que compõem a festividade, e a mesa está farta e atrativa, está abastecida com cores, cheiros e sabores. Em todos os almoços servidos ao grupo folião e seus acompanhantes, a quantidade de comida é farta e saborosa, de forma que todos comem e ainda sobram muitas comidas nas panelas.

O exagero de comidas, presente nos eventos de celebração à Nossa Senhora da Abadia, também aparece nas festas estudadas por Brandão (2004, p. 28):

Rústico e simples, como tudo no mundo rural, tudo deve ser uma oferta dos sinais do exagero: a decoração dos locais por onde se passa e até onde se chega, a fartura costumeira da comida que, depois de servida a todos os presentes, deve sobrar visivelmente ainda, mesmo quando em casa de um pobre.

Como o exagero faz parte dos costumes locais, neste almoço apresentado na Figura 15, o cardápio era: arroz branco, feijão preto, macarronada, carne moída, frango ao molho com pequi, molho de abobrinha, milho refogado, molho de gueroba, mandioca cozida, banana frita, salada de tomate picadinho, salada de repolho, farinha de mandioca. Para a sobremesa, queijo fresco e vários doces produzidos ali

mesmo na fazenda: doce de goiaba, de tamarindo, de manga, de casca laranja, de banana, e outros. Algumas famílias servem sobremesas, refrigerantes, sucos. Outras servem o almoço e alguma bebida. As despesas do almoço ou jantar são por conta do caseiro.

Tem-se um intervalo para o descanso – uma pequena sesta, que varia de acordo com a quantidade de visitas programadas para a tarde. Logo após, os foliões em cantoria pedem ao morador para trazer a bandeira para pedir esmolas e prendas aos presentes, conforme registrou o instante da Figura 16.

Figura 16 - Em cantoria foliões pedem a bandeira



Fonte: Trabalho de campo (2016)

Esta imagem apresenta o momento em que o grupo de precatórios, por meio da cantoria, solicita a bandeira à família que ofereceu o almoço a eles. O repente foi cantado para os anfitriões, que de frente para os foliões ouviam atentamente os dizeres da cantoria. O pedido da bandeira é para dar continuidade ao momento de trocas de serviços, a folia sacraliza o momento por meio de suas cantigas, em que se pede a proteção da Santa aos moradores e sua família bem como aos participantes que estavam presentes. É também o momento para agradecer pela estadia (estada) e pela alimentação.

Algum componente da família traz a bandeira até os foliões, que geralmente ficam em frente a uma porta principal da casa (da sala ou da cozinha). O sujeito que vai receber a cantoria segura a bandeira com a imagem da Santa de frente¹⁹ para si, enquanto o grupo de cantadores entoam um repente para cada pessoa da família e para cada participante que segurar a bandeira, ou seja, tem que segurar a bandeira para receber a canção. Nesse momento em alguns sujeitos as emoções são visíveis, por meio dos choros discretos, sorrisos e gestos corporais. Os cantores pedem proteção à Santa e pedem também esmolas às pessoas presentes. Cantam para o patriarca ou a matriarca por último para pedir as bênçãos da Santa, para agradecer pelo “belo” almoço, café, pinga e esmola.

Quando acabam os cânticos, a bandeira é guardada novamente dentro da casa. E o morador entrega as doações (esmola e prendas) ao alfer. Depois de um intervalo, o grupo canta novamente pedindo a bandeira para seguirem a viagem.

Figura 17 - Moradora levando a bandeira para entregar ao alfer



Fonte: Trabalho de campo (2016)

¹⁹ Conforme relatos orais, ao se pegar a bandeira, a imagem da Santa fica de frente para o devoto que a segura, isso porque é o devoto que está pedindo as bênçãos e proteção da Santa. Então ela tem que ficar de frente para ele.

Após a cantoria, o morador leva a bandeira da padroeira, ainda voltada para si e para sua casa, até o portão, depois disso a bandeira é virada com a imagem voltada para frente, ou seja, virada para os foliões bem como para o trajeto que irão seguir. Conforme relatos orais, tradicionalmente, quando o alfer pega a bandeira, vira-a de frente, para o sentido do caminho que vão seguir. A Santa vai à frente de todos, ela é a mãe, ela guia. Dessa forma ela vai abençoando, iluminando e guiando o caminho de cada um que está com ela. A Figura 17 mostra o momento em que a Santa deixa a casa, seguindo o giro junto ao grupo de precatórios.

6.4 Ritos musicais: um elemento de territorialidade

A música é uma importante expressão social que aparece nas práticas durante o percurso do giro. Para Queiroz (2005, p. 85),

a música como fenômeno cultural constitui uma das mais ricas e significativas expressões do homem, sendo produto das vivências, das crenças, dos valores e dos significados que permeiam sua vida em sociedade.

Ela faz parte dos símbolos presentes durante todos os rituais da folia. Ao se descrever os ritos do giro, percebe-se a expressividade da música sagrada e profana em vários momentos. Os foliões cantam música para pedir pouso, pedir a bandeira para beijar, para pedir esmolas, cantam pedindo licença para viajar, para agradecer pelos serviços recebidos (como pouso, almoço, janta), pelas refeições, cantam durante o terço também. E quando acabam as obrigações sagradas os foliões cantam músicas profanas para que todos os presentes se divirtam. De forma que a música está presente em todas as interações sociais da manifestação.

As músicas que aparecem neste trabalho foram conseguidas durante os trabalhos de campo nos anos de 2016 e 2018, durante o giro da folia. As mesmas foram gravadas por um aparelho de mídia portátil e posteriormente foram transcritas e conferidas junto a alguns foliões, porque às vezes a linguagem e o barulho do ambiente interferem na compreensão das palavras.

A música é um importante símbolo geográfico, cultural e religioso do giro da folia, no território da festa. O estudo musical de folias realizado por Lôbo e D'Abadia (2015) se aplica à folia de Nossa Senhora da Abadia.

[...] com função sagrada, a letra expressa em versos rimados cria um clima de devoção, os sons dos instrumentos musicais, transpõe o ambiente e o sacraliza. A realidade é ressignificada por meio de uma performance ritual (LÔBO; D'ABADIA, 2015, p. 631).

A sonoridade musical durante o giro traz aspectos característicos da espacialidade e temporalidade da folia. De forma que a comunicação e expressão de alguns ritos se faz pela música, que evidencia alguns aspectos religiosos, caracterizando bem cada momento. Essas canções são códigos que revelam a crença e a tradição festiva por meio do catolicismo popular. Para Martins Filho (2013, p. 23), os cantos tradicionais e populares brasileiros são uma demonstração da “cultura viva de um povo que exprime sua relação com o sagrado pelo canto e a música”. A música traz elementos, como o ritmo, a letra e a harmonia, que despertam vários tipos de emoções nos sujeitos.

As emoções foram constatadas no trabalho empírico, quando os devotos, ao receberem a cantoria da folia, se emocionavam, expressando alegria e, às vezes, discretos olhares lacrimejados. Interpretando esses comportamentos emocionais, nós os consideramos provocados pelas cantorias e também como fruto de uma identidade com a religiosidade e com a atividade tradicional. Percebemos que são momentos em que o devoto tem uma relação direta com a divindade. Martins Filho (2013, p. 24) acredita que a música,

assume o papel de interface comunicativa, tornando-se o modo pelo qual a expressão religiosa do indivíduo, na particularidade de sua experiência, em sua idiossincrasia, estende-se à divindade e à comunidade como um todo, fortalecendo os laços de unidade e compromissos mútuos entre si.

Dessa forma as cantorias da folia durante sua atuação se tornam um elo de comunicação entre o sujeito e o divino, agregando a elas importantes referências da religiosidade popular durante o giro da folia de Nossa Senhora da Abadia. Pelas músicas da folia também podemos compreender que é um momento que atrai elementos ritualísticos do sagrado e do profano, nos espaços em que atuam.

Só não há músicas durante as visitas da folia se a família visitada estiver enlutada ou, por outro motivo, não quiser. Do contrário, todas as visitas querem os repentes dos foliões. Devido à identificação e emoções que a música proporciona,

surge uma relação entre os ouvintes e os cantores por meio de suas composições, que são representações simbólicas, registros dos momentos da religiosidade e da territorialidade produzidas pela folia. “A identificação da coletividade a partir dos sons é um dos elementos responsáveis pela construção de espaços restritos, nos quais os grupos humanos se reúnem para compartilhar momentos de suas vidas” (TORRES, 2016, p. 182). Esse espaço restrito é produzido pelas relações sociais entre a folia e as famílias visitadas, em que a especificidade sonora revela um universo de elementos de comunicação entre eles, por meio dos símbolos e ritos.

Portanto, a música se associa aos demais rituais da folia, combinando todos, entre si, para dar forma ao território religioso, bem como para despertar nos devotos o sentimento de pertencimento àquele momento. “Nas festas religiosas, a música atua como o fio condutor de todo processo ritual” (LÔBO; D’ABADIA, 2015, p. 629). Destarte, a função dos repentes é nortear as etapas dos rituais, que devem ser seguidos pelos foliões e moradores, e nesses momentos os sujeitos se comunicam por meio das músicas. O grupo de cantores produz versos quase sempre rimados, formando os repentes com um som cheio de particularidades religiosas, às vezes com a descrição dos ambientes onde estão; referindo-se ao gênero de quem recebe a canção; revelando quem é ou foi folião; quem paga um voto; fazem agradecimentos pelos alimentos, pousos, esmola, pinga; e ainda convida os sujeitos para o giro.

As letras das músicas cantadas pela folia apresentam características do território, como o controle e o poder da religiosidade e a territorialidade da bandeira. Por meio do “catolicismo popular”, a música territorializa o espaço onde se desenvolvem as ações da festa. Por exemplo, quando os foliões cantam o verso “a Senhora da Abadia é a Padroeira do lugar”, significa que, por meio da crença, a Santa protege e mantém, pela religião, o poder na “Região da Onça”.

O pedido da bandeira no verso “Traga lá essa bandeira...Traga lá essa bandeira” retrata o poder religioso que a bandeira tem sobre o momento, pois, somente com a bandeira em punho, é que se pedem as esmolas e as bênçãos aos participantes. Dessa forma, também se revela a territorialidade da bandeira; afinal, antes do pedido para trazer a bandeira, ela se encontrava no interior da residência. Ou seja, a ordem do lugar passa ser a territorialização da bandeira, que envolve os sujeitos e o ambiente onde se encontram.

Como as representações das músicas da folia constituem momentos sagrados, as cantorias podem ser consideradas verdadeiras orações, simbolizando a relação da fé dos participantes aos seres divinos (Deus e Nossa Senhora da Abadia), ao mesmo tempo que apresentam expressão e criatividade dos seus cantadores. São momentos de relações sociais que eternizam a melodia da folia.

POUSO 7

OS TERRITÓRIOS DOS RITUAIS DE POUSO

O geógrafo, ao analisar um território, encontra nas relações sociais um pressuposto para vivenciar empiricamente, por um tempo, as experiências vividas pelo grupo dominante. Dessa forma é possível compreender os seus saberes e fazeres. Assim, esta parte do trabalho tem o objetivo de compreender os territórios dos rituais nos lugares em que ocorrem os pousos para os foliões. “Para tanto, não basta viajar em torno do território; é preciso realmente invadi-lo. Vale a pena pelo menos tentar esta aventura” (BONNEMAISON, 2002, p.131). Por isso foram vivenciados *in loco* momentos do giro da folia com o fim de compreender “que os ritos são momentos especiais de convivência social” (DAMATTA, 1983, p. 60).

Os rituais se territorializam por meio de suas manifestações e consolidam o território festivo durante os pousos, complementando as atividades do grupo de precatórios pelo giro. Segundo Bonnemaision (2002, p.124), “[...] por meio de sua territorialidade, um povo exprime sua concepção de mundo, sua organização, suas hierarquias e funções sociais.” Esses sentimentos e comportamentos serão expostos aqui com a intenção de compreendê-los melhor. De forma resumida, o Esquema 2 apresenta a organização do grupo, bem como as atividades que ocorrem durante a estadia da folia no giro dos pousos.

Esquema 2 - Ritos de pouso

Folia	Moradores
Rituais religiosos: cantos, rezas, bandeira, pagamento de votos. Rituais profanos: cantorias, danças, entretenimentos.	Oferecem: fogos de artifícios, refeições, altar, esmolas e pousos.

Org.: OLIVEIRA, Marlene Flauzina, 2018

Os rituais da folia têm sua fundamentação nas trocas de serviços e bens simbólicos, e nessa festa de santo os rituais acontecem predominantemente em função das crenças e das atividades coletivas. De acordo com Brandão (2004, p. 393), “É um período de marcado valor simbólico, onde são acentuadas trocas de prestações de serviços entre categorias de sujeitos não muito diferentes daquelas do cotidiano”. Nessa troca de serviços, os rituais simbólicos e materiais são produzidos de forma a agradar quem os solicita e quem os oferece.

A folia, instituída como uma organização sociocultural, executa, durante o giro, elementos, como os ritos e rituais, para consolidar sua credibilidade, por meio dos valores morais e religiosos. DaMatta (1983, p. 56) reforça essa ideia ao dizer que “os ritos seriam momentos especiais construídos pela sociedade. São situações que surgem sob a égide e o controle do sistema social, sendo por ele programadas.” E assim a folia, com sua organização e com o desempenho de seus tradicionais rituais sagrados e profanos, reforça sua ideologia religiosa e profana pelo território da fé. Segalen (2002), em seu estudo sobre rituais, considera que:

O rito ou ritual é um conjunto de atos formalizados, expressivos, portadores de uma dimensão simbólica. O rito é caracterizado por uma configuração espaço/temporal específica, pelo recurso a uma série de objetos, por sistemas de linguagens e comportamentos específicos e por signos emblemáticos cujo sentido codificado constitui um dos bens comuns de um grupo (SEGALEN, 2002, p. 31).

Por meio dessas ações estratégicas da folia que são os ritos, ela passa a ser um elemento que se consolida simbolicamente pelo território ao trazer à tona os costumes e a crença da comunidade envolvida. E nessa ocasião expõe os gestos e sentimentos dos sujeitos envolvidos de forma a tornar aquele momento extraordinário e representado pelos valores religiosos e sociais. São esses momentos que serão revelados a partir de agora, considerando-se a importância e particularidades do evento para seu público.

7.1 Ritos de pousos

A maioria dos pousos acontece há muito tempo no mesmo lugar, ou seja, em residências que compõem o trajeto, de forma que o grupo de foliões já conhece o sistema do lugar e se identifica com os proprietários da moradia. Os pousos da

folia acontecem com sua configuração planejada a cada visita. Ao se aproximar da moradia, iniciam-se os rituais de chegada, que começam pelos tiros de garrucha e batidas na caixa, avisando que os foliões estão se aproximando. Logo o morador também sinaliza a recepção e o acolhimento com a soltura de foguetes. Afinal ele já esperava pelo grupo.

Os estouros dos tiros de garrucha e foguetes inicialmente poderiam assustar os sujeitos pelo barulho, mas esses estouros têm significados importantes, principalmente de festejar e de se comemorar algo. Os estouros dos tiros significam que a Santa, os foliões e seus acompanhantes têm liberdade para adentrar o espaço, que antes era restrito aos afazeres domésticos, e que os moradores esperam pelos serviços e alegria que o grupo carrega. Já os foliões entendem que são bem-vindos àquele lugar e terão que, sob muita responsabilidade, realizar seus rituais. A manifestação lúdica dos barulhos de tiros significa que se estabelece a partir daquele momento a sociabilidade e a religiosidade ou a fé e o lazer. Além de revelar a identidade e entusiasmos recíprocos entre o grupo precatório e os moradores do lugar.

Ao se encontrarem, foliões e moradores se cumprimentam formalmente:

– “Boa tarde, cê tá bom?” Às vezes em tom de brincadeira o morador responde:

– “Bom e bonito”. E algum folião responde:

– “E mentiroso”.

E o som das risadas preenche o ambiente com descontração. Depois que todos se cumprimentam, logo os sujeitos se posicionam, para continuarem com o ritual de chegada à casa.

A Figura 18 registra o entardecer do inverno goiano, momento em que a folia chega a mais um pouso e é recepcionada pelos anfitriões, que, bem dispostos, empunham a bandeira para receber a cantoria do pedido de pouso. No portão, entrada principal que dá acesso à casa, os anfitriões se posicionam em frente ao grupo. De acordo com Chaves (2014, p. 260), “o rito reconhece a autonomia do espaço familiar e a autoridade da família sobre aquele território”. Mas, o grupo só avançará o território familiar conforme vai evoluindo o repente e com a permissão gestual dos donos.

Figura 18 - Cantoria do pedido do pouso



Fonte: Trabalho de campo (2016)

Os foliões em cantoria pedem ao morador pouso para a Santa e para os foliões e tudo o que se relaciona às necessidades do grupo durante aquela noite. Geralmente é uma cantoria longa e, conforme avança nos pedidos de permissões, chega até o interior da casa, quando finaliza o ritual. Abaixo a descrição de um repente:

Pedido de pouso

Deus vos salve a casa santa
 Deus vos salve a casa santa
 Onde Deus fez a morada
 Deus vos salve a casa santa
 Onde Deus fez a morada

Onde mora o cálix bento
 A onde mora o cálix bento
 E a hóstia consagrada
 Onde mora o cálix bento
 E a hóstia consagrada

Essa Santa vem de longe
 Essa Santa vem de longe
 De viagem vem cansada
 Essa Santa veio de longe
 De viagem vem cansada

Procurou a sua casa
 Procurou a sua casa
 Para lhe pedir uma pousada
 Procurou a sua casa
 Para lhe pedir uma pousada

Senhor dono da casa
 Senhor dono da casa
 Homem de bom coração
 Senhor dono da casa
 Homem de bom coração

Queremos milho pra tropa
 Queremos milho pra tropa
 E jantar para os foliões
 Queremos milho pra tropa
 E jantar para os foliões

Eu já cantei pro senhor
 Mas eu já cantei pro senhor
 Mais ainda torno a cantar
 Mas eu já cantei pro senhor
 Mais ainda torno a cantar

Queremos sua licença
 Queremos sua licença
 Para poder desarrear
 Queremos sua licença
 Para poder desarrear

Senhor dono da casa
 Senhor dono da casa
 Também tem sua religião
 Senhor dono da casa
 Também tem sua religião

Queremos sua licença
 Queremos sua licença
 Para entrar no seu salão
 Queremos sua licença
 Para entrar no seu salão

A comunicação com os moradores da residência do pouso se faz por meio da melodia e da letra, que revelam alguns elementos religiosos, de forma que os sujeitos podem atribuir valores simbólicos a cada momento da música. De acordo com Torres (2016), essa valoração parte da individualidade de cada sujeito, sendo de uma experiência ou necessidade “material ou imaterial”, de forma “coletiva ou individual”. O autor ainda afirma que, “por meio das experiências e dos valores atribuídos, os grupos humanos organizam-se, creditando significados que estão nos

distintos campos da vida, expressos nas diferentes formas simbólicas” (TORRES, 2016, p. 184).

É um momento também de identificação com a religiosidade de natureza católica por meio do sagrado contido nas estrofes. Na música “Pedido de pouso”, notam-se as referências a elementos da igreja católica bem como a seus símbolos no primeiro e segundo versos. Também aparecem na primeira, segunda e terceira estrofes alguns elementos considerados sagrados pelo catolicismo. São eles: Deus, casa santa, cálix bento, hóstia e Santa (em referência a Nossa Senhora da Abadia). A casa santa pode ser comparada a uma igreja ou santuário, que são considerados como as moradas de Deus, do cálix bento e da hóstia consagrada.

O cálix é a taça que serve o vinho que será consagrado durante a missa, e a hóstia representa o pão que se associa ao corpo de Cristo. Conforme Paula (2015, p. 04), esses elementos sagrados presentes na música “[...] simbolizam respectivamente, o sangue e o corpo de Cristo. Por isso na canção, a hóstia é exposta como “consagrada” e o cálix como “bento””. E Deus representa o criador do mundo. A relação dos participantes e dos foliões com os elementos sagrados e com os seres divinos expressos nessa canção, que foi executada durante o giro, expressam a devoção e a crença e estabelecem um elo entre Nossa Senhora da Abadia e seus seguidores.

Os versos “Queremos sua licença. Para poder desarrear” indicam o momento em que o grupo e seus seguidores adentram o portão em direção à casa e param próximo à porta da casa até chegar na parte que cantam “Queremos sua licença. Para entrar no seu salão”, quando são liberados para adentrar a casa, seguindo os moradores. Mesmo sendo recebidos pela calorosa recepção, os foliões, ritualmente, precisam pedir licença aos moradores para entrarem no espaço doméstico. É uma forma de expressar educação e respeito com o ambiente que os acolhe. Da mesma forma pedem pouso e licença para que a bandeira possa adentrar a casa. Só depois de concedida a licença, por gestos, a bandeira é acondicionada dentro da casa junto com os instrumentos musicais. A partir desse momento, os foliões estão liberados até os próximos compromissos ritualísticos, que são a janta e a reza do terço. Aproveitam o tempo para tomar banho, conversar, brincar, arrumar os aposentos ou descansar.

Nas casas das visitas rápidas, de almoço e de pousos, onde a rotina é estabelecida pela relação familiar, acontecem alterações no espaço com a chegada

da folia. A reorganização do espaço acontece a partir da presença de novos parentes da família, amigos, vizinhos, convidados, parentes dos foliões, devotos ou mesmo participantes que querem compartilhar o momento profano e se reúnem no local para esperar o grupo de precatórios.

A moradia é um espaço fixo de ambiente familiar, de tranquilidade e de identidades, enquanto a folia é o espaço do movimento e das prestações de serviços. Coelho (2012, p. 125-126) aponta que a folia, “ao ser aceita pelo devoto morador, quebra a monotonia rotineira da casa, ou seja, reciprocamente há uma interação espacial dos peregrinos com o morador, rompendo o silêncio momentaneamente”.

Esse movimento também acontece no fazer festivo a Nossa Senhora da Abadia, e foi observado durante a reorganização do espaço do pouso, onde a cozinha recebe elementos e sujeitos novos; o quintal se enche com várias rodas de conversas, brincadeiras, jogos; a área de serviço recebe o altar; formam-se filas para o banho; crianças brincam pelo quintal; é servido o jantar; é organizado o dormitório dos foliões; reza-se o terço; faz-se roda de viola, com danças de forró ou de catira; há jogos de dominó ou do truco; o pasto vira estacionamento de carros. Enfim, a territorialidade do pouso acontece por vários lugares da moradia.

Figura 19 - Preparação do jantar



Fonte: Trabalho de campo (2016)

Na Figura 19, amigas, comadres, parentes, vizinhas, familiares e a anfitriã preparam o jantar para o grupo de precatórios e demais participantes presentes na noite do pouso da folia. Geralmente a cozinha é um espaço feminino, mas acontece também de a comida ser preparada por homens ou ter a ajuda deles. De forma que a ajuda mútua é um dos ingredientes principais para o feitiço do jantar. Enquanto o espaço da cozinha é dominado pelo calor das amizades, do fogo dos fogões, pelos cheiros dos temperos e pelo barulhos das panelas, no pátio ou em outro lugar as crianças, adolescentes e adultos se organizam em busca de algum lazer.

Figura 20 - Crianças e adolescentes jogando futebol



Fonte: Trabalho de campo (2016)

Nessa interação a bola é a estrela da atividade divertida. Crianças e adolescentes jogam bola num gramado impróprio para o futebol, onde não se tem torcida organizada, arquibancadas, gol, nem juiz, mas eles desviam-se das plantas do jardim, improvisam o esporte e se divertem muito. As poucas regras do jogo são instituídas por eles mesmos, inclusive de forma a se adaptar ao espaço improvisado. Nessa diversão também se observaram as questões morais, como o respeito, a sociabilidade e a educação entre eles, como requisitos para manter o bom desenvolvimento da brincadeira. Crianças e adolescentes sempre ocupam seu tempo com alguma atividade, no tempo e espacialidade da festa. Eles aproveitam o

tempo da festa para sociabilizar e interagir com o grupo; para alguns desses participantes é o primeiro ano em que se encontram. É momento também de se expressarem por meio da linguagem e pensamentos próprios da idade.

A Figura 21 mostra, em um pouso, crianças e adolescentes jogando truco. A interatividade acontece de forma muito natural porque todos se conhecem, alguns são parentes, e em sua maioria são moradores ou descendentes de moradores da “Região da Onça”.

Figura 21 - Crianças e adolescentes jogando truco



Fonte: Trabalho de campo (2016)

A organização e a disciplina são totalmente coordenadas por eles. Não há adultos ali, e nesse ambiente demonstram que são educados e respeitosos com os parceiros envolvidos no jogo e que aprenderam a lição dos valores morais em casa. O conhecimento das cartas e de suas regras é explicitado pela habilidade e criatividade em resolver as estratégias que lhes são postas. Os desafios de ganhar e perder presentes no jogo, em meio a gritarias e risos, também mostram o equilíbrio emocional e o quanto estão preparados para esse desafio social que o mundo apresenta em várias fases da vida. O jogo segue por muito tempo até ser interrompido por um adulto, chamando-os para a reza do terço.

Quem perdeu? Quem ganhou? Isso não importa, o fato é que esses pequenos sujeitos ganham com a oportunidade de participar de uma cultura tão significativa para a região.

Outros ambientes também são recriados, como as rodas de conversas entre aqueles que esperam pelos outros eventos que ainda acontecerão na noite. A roda de conversa dos sujeitos participantes da comemoração à Santa é um momento de descontração, de troca de experiências, de compartilhar o prazer da amizade, de comer e de beber.

Figura 22 - Roda de conversas



Fonte: Trabalho de campo (2015)

A Figura 22 mostra uma roda de conversas entre os sujeitos que participaram do grupo de precatórios (acompanhantes da folia) e amigos dos anfitriões, confraternizando-se no quintal da residência. Nessa ocasião acontecia um churrasco, acompanhado de bebidas, enquanto o jantar era preparado. Logo foi criado um círculo de cadeiras em volta da churrasqueira, podendo-se aquecer da temperatura fria e ao mesmo tempo saborear um suculento churrasco.

É um momento interativo muito alegre, pois acontecem brincadeiras verbais entre eles e muitas risadas. Ouvem-se conversas sobre vários assuntos: economia, negócios, relações sociais da região, assuntos do cotidiano doméstico, “causos”,

piadas, etc. Observa-se que o momento também propicia o exercício de memorialidades, quando se resgatam fatos ocorridos no passado, principalmente relacionados às brincadeiras durante os giros da folia.

As rodas de conversas que surgem durante o giro da folia constituem-se um importante espaço-tempo para a socialização descontraída entre os sujeitos. Assim, elas são criadas e revividas a cada encontro.

O jantar representado na Figura 23, assim como qualquer outro momento de comensalidade durante o trajeto da folia, é um momento de compartilhar o prazer de comer juntos e ter a fartura de alimentos à disposição.

Figura 23 - Hora do jantar



Fonte: Trabalho de campo (2015)

O hábito de se alimentar coletivamente estreita os vínculos sociais entre os presentes, sendo eles os “de dentro e os de fora” da tradição festiva.

7.2 Reza do terço

A reza do terço é um ritual sagrado esperado pelos devotos da padroeira. Todos que se identificam participam. Nessa ocasião, podem-se pagar promessas, fazer um voto, estar próximo à divindade, enfim, é o tempo da reza coletiva, das

memórias, dos reencontros e de reforçar os laços. O terço também revela ser mais um ritual da cultura popular que se mantém pelas memórias e oralidades.

O terço só acontece se o dono da casa solicitar, e os foliões não se negam a fazê-lo. Ao decidir onde irá se desenvolver o ritual, que pode ser na garagem, na área de serviço ou na sala principal da casa, o anfitrião inicia a territorialização do sagrado pela reza do terço. Ali é produzido um altar especialmente para a ocasião e se tem a presença de Nossa Senhora da Abadia, velas, terços, flores e também imagens de outros santos. Para a realização do terço geralmente participam os sujeitos que têm afinidade com os donos da casa, familiares, amigos, compadres, vizinhos e os foliões.

Figura 24 - Reza do terço



Fonte: Trabalho de campo (2016)

A Figura 24 apresenta a territorialidade por meio da reza, que acontece quando os sujeitos se posicionam o mais próximo possível do altar, ficam de frente e em pé, com os olhares para a Santa. Na primeira fileira ficam os(as) rezadores(as), seguidos(as) pelos demais presentes. Posteriormente inicia-se o terço cantado, que tem duração aproximada de 40 minutos, entre cantos, rezas do Credo, Ave-marias, Pai-nossos, oração Salve Rainha, emoções, gestos e foguetes – tudo feito com muita fé. Com uma cantoria, o terço finaliza após os sujeitos se ajoelharem em

frente à bandeira da Santa, fazerem uma pequena concentração (que pode ser para uma oração, um pedido ou um agradecimento), benzerem-se e beijarem a imagem na bandeira.

Durante o giro da folia e no dia da festa à padroeira, todos os terços realizados são do tipo cantado, sem nenhuma dança, como acontece em alguns grupos de folias. De acordo com Paula e Duarte (2010, p. 414),

[...] cantar o terço é também uma festa em que o dito profano inexistente em absoluto e a liturgia dos homens e mulheres cumpre o louvor incondicional. Dessa forma, tal terço se vale da religião como identificador do grupo na medida em que enraíza, por meio dela, a fé, as esperanças e as devoções variadas aos santos.

A reza do terço tem a participação alternada e complementar de rezadores(as) que conduzem e demais participantes que respondem coletivamente. Os(As) rezadores(as) são sujeitos da festa, sem formação eclesiástica, mas que, naquele momento, ao realizar os rituais, tomam os comandos do terço para si, tornando-se líderes no tempo da reza.

Embora essa hierarquia se estabeleça simbolicamente, nos rituais desta prática, ela não se estende, porém, a outras relações sociais entre esses sujeitos, pois os rezadores são compadres, irmãos, vizinhos ou companheiros diários da lida na roça, iguais na vida (PAULA; DUARTE, 2010, p. 413).

O conhecimento da reza do terço entre os sujeitos da festa é um saber popular, que é “compartilhado, experienciado e adquirido na prática, principalmente oral” (PAULA; DUARTE, 2010, p. 413). Dessa forma, é um ritual que se aprende pela oralidade, por meio da observação nos momentos oportunos. Em todas as rezas de terços cantados durante o giro da folia, constatou-se que a reza possui uma estrutura fixa, ou seja, segue-se o mesmo ritual para todos os terços. Apesar de ser um culto à Santa padroeira da região, os rezadores em cantorias invocam outros santos também, pedindo o livramento de pestes, livramentos do mal para suas vidas, para salvar os mortos, levantar os doentes, entres outros pedidos.

Para Gonçalves e Contins (2008, p. 81), “As rezas constituem um meio simbólico de concentração coletiva e individual dos devotos [...]. Mas constituem também um meio para os indivíduos intensificarem sua comunicação com o Divino”. Dessa forma, por meio dos rituais, os devotos presentes nos terços durante o giro da

folia demonstram sua espiritualidade e crença nas rezas coletivas e ainda, de forma individualizada, a sua devoção. A cada terço esses sujeitos recriam sua religiosidade.

A folia é “um ritual que permite alternâncias entre situações de sagrado e profano”. A parte sagrada é muito expressiva por meio da devoção à Santa. “No entanto, ela sempre se completa com momentos de “festar”, incluídos entre suas sequências devocionais e dos quais os integrantes do grupo participam intensamente” (BRANDÃO, 2004, p. 118).

Na festividade a Nossa Senhora da Abadia, rezar geralmente vem acompanhado de festar. Portanto, quando acaba a reza do terço, se o dono da casa solicitar a roda de viola e as danças ou o baile, como gostam de chamar, os foliões atendem. Para Brandão (2004, p. 370), na

troca de prestações de serviços entre os membros da Folia e os da casa, é ao dono que cabem as iniciativas mais importantes. Ele ou sua esposa pedem ‘o terço’ e solicitam à Folia que dance a catira. Dessa maneira, é ele quem determina o comportamento ritual em sua casa.

Geralmente as cantorias e as danças duram enquanto algum integrante da moradia estiver participando; quando este se retira, logo a “festa” acaba. Por respeito, não se faz mais barulhos e todos vão dormir também.

7.3 Roda de viola e danças

As cantorias de variadas músicas sertanejas acontecem em meio a muita descontração e participação daqueles que se identificam com o estilo. A Figura 25 mostra um momento em que se cantavam várias músicas. Parecia um *show* particular que o anfitrião apreciava bem de pertinho, mas os demais participantes também curtiam, só que se encontravam um pouco mais afastados da roda. É no ritmo envolvente das músicas que de vez em quando surge um casal de dançarinos animados.

Nesses momentos existem outros grupos formados por vários lugares do ambiente. Há grupos de mulheres conversando, de crianças brincando, dos adolescentes, enfim, cada indivíduo busca uma forma de se descontrair.

Figura 25 - Foliões em uma roda de viola



Fonte: Trabalho de campo (2016)

7.4 A catira

A catira dançada nos eventos que compõem a festividade de Nossa Senhora da Abadia geralmente acontece quando é solicitada pelos moradores; em muitos pousos, geralmente é o último evento da noite. A dança é composta exclusivamente por homens, é “alegre e muito vigorosa, nada tem a ver com as sequências de um ritual religioso” (BRANDÃO, 2004, p. 370). Durante seu desempenho, geralmente não há uma faixa etária específica para os componentes, que são adolescentes e idosos. É uma dança que atravessa gerações, acompanhando as realizações da festa de Nossa Senhora da Abadia.

A Figura 26 retrata o momento da dança em que seus componentes batiam palmas, uma das performances da dança. Ao som das violas e dos cantores que animam o grupo, os demais participantes que são dançarinos desenvolvem os passos, obedecendo aos ritmos musicais e performáticos. E a maioria dos participantes da noite festiva vira plateia e prestigia a dança improvisada, como se fosse um espetáculo programado.

Figura 26 - Dança da catira



Fonte: Trabalho de campo (2016)

A dinâmica do grupo da catira é a seguinte: duas filas de homens, uma de frente para a outra, formando pares. Um par de violeiros fica na ponta da fila, fazendo a animação musical. A catira, observada em sua performance, geralmente acontece da seguinte forma: os violeiros cantam algumas estrofes, ponteando as violas, os catireiros respondem com palmas bem sincronizadas e depois com fortes sapateados. Em alguns momentos da dança, no ritmo da música, os dois violeiros também mudam de lugar, passando um para o lugar do outro. Já os catireiros mudam de lugar durante a música toda; quando é a ocasião, cruzam-se entre eles, passando para o lugar da próxima dupla. Essa mudança de lugar acaba quando cada par de catireiros chega à posição inicial da dança. Todas as performances têm ritmos e o momento certo para acontecerem.

7.5 Dança do forró

A Figura 27 apresenta a dança do forró. Em todos os eventos da Festa da Nossa Senhora da Abadia com essa dança, ela permite a liberdade em relação aos gêneros. Dançam homem com mulher, mulher com crianças, mulher com mulher, os casais casados e namorados trocam de pares no ritmo da música e da alegria. De

forma que, ao som da roda de viola, que toca seus instrumentos musicais ritmados pelos toques fortes do forró, e também ao som das melodias, a diversão às vezes vai até a madrugada. Nos momentos das danças de salão, além do forró, destacam-se ainda os ritmos do xote e do vanerão.

Figura 27- Dançando forró



Fonte: Trabalho de campo (2015)

No tempo do giro, a valorização e apropriação simbólica do território também acontecem pelas músicas e danças. Esses elementos evidenciam a identidade aos sujeitos, de forma que a dança e a música se apropriam e dominam o território festivo daqueles que se divertem. Para Haesbaert (2007, p. 21), o território, como “espaço-tempo vivido”, constitui-se pelos poderes político-econômicos à apropriação de domínio mais subjetivo relacionado ao poder cultural simbólico. De forma que esse território, pela interação dos sujeitos com os símbolos, resulta em um efetivo produto de apropriação pelas relações sociais.

O poder simbólico dá sentido à essa territorialização profana. As danças podem ser uma linguagem corporal que estabelece satisfação pela união dos participantes presentes, de forma que pelas danças eles demonstram sentimentos de alegria e gratidão pela solidariedade. A música e a dança, nesse espaço vivido, tornam-se um código cultural.

7.6 O pouso de fato

Como parte do ritual, os foliões, por respeito à Santa, não dormem dentro da casa. Sempre foi assim, talvez também porque não caberiam tantas pessoas agasalhados dentro da casa. Nas noites frias de julho, o grupo se acomoda conforme são oferecidos os lugares, podendo ser dentro do curral, como se vê na Figura 28.

Figura 28- Dormitório dos foliões



Fonte: Trabalho de campo (2016)

Outros dormitórios podem ser em garagem, em barracas de *camping*, em galpão das maquinarias, no pomar, no pasto, conforme a Figura 29, ou até mesmo na carroceria da camionete que transporta suas bagagens. Enfim, de forma que todos se agasalhem bem para passar a noite.

Figura 29 - Dormitório dos foliões



Fonte: Trabalho de campo (2009)

As imagens postadas aqui sobre a reorganização do território familiar durante a estadia (estada) da folia em uma residência representam um pouco dessa territorialização materializada no ambiente familiar. A reorganização do lugar gera um momento de confraternização entre os presentes, a cozinha com muitas pessoas ajudando no feitiço da comida, no pátio crianças brincando, jovens conversando ou namorando, outros jogando na mesa do truco, foliões arrumando o local para dormir, outros na fila para o banho, outros conversando com os presentes. A garagem, parte do curral, áreas em volta da casa (quintal e pastos) se transformam em dormitórios da folia, a sala de estar recebe o altar, parte do quintal recebe as rodas de conversas, a churrasqueira e as mesas de truco. Enfim, o cotidiano e o espaço dos moradores é alterado simbolicamente e fisicamente. É dia de festa!

Por meio do desenvolvimento dos rituais nesse território festivo, compreendemos um pouco a sua relação com os sujeitos; os gestos emocionados, os dizeres e as canções produzem significados e a construção desse mundo material e imaterial. De forma que são expostos e explorados símbolos, a cultura local e a religiosidade vivida por aqueles sujeitos.

POUSO 8

RITUAIS NA MANHÃ SEGUINTE AO POUSO

Em continuidade aos estudos sobre a estrutura da folia durante a realização do giro, esta parte do trabalho persiste em apresentar e compreender as interações espaciais do grupo, as formas de se fazer o giro da folia com sua crença, cantorias e simbologias pelo território. Como de fato se compõe e se estrutura a religiosidade popular.

Consideram-se elementos estruturantes e simbólicos a bandeira da Santa, os foliões, as rezas, os cânticos e os rituais. As políticas desenvolvidas como forma de causar o bem-estar aos participantes aparecem por meio da organização e administração das estruturas e nas relações sociais (foliões e moradores), quando acontece o desenvolvimento dos rituais, pela vivência no território. A folia, por meio do seu método de organização espacial, demarca no tempo da festa o seu território, controlando-o pela religiosidade popular. Dessa forma, com suas especificidades, constitui-se o território religioso pelo “modo de distribuição espacial e de gestão de espaço” (ROSENDAHL, 2005, p.12933).

Por meio das execuções, percebe-se que essas estruturas ritualísticas são fixas e se realizam em todas as visitas, mas, eventualmente, os foliões podem mudar a forma de executá-las, o que geralmente fazem para se adaptarem à moradia em que estão. Como, por exemplo, quando a família está enlutada, ela recebe os foliões e a bandeira, mas sem músicas, sem os tiros da garrucha e sem as batidas da caixa. O grupo precatório leva a bandeira para dentro da casa, recolhe os donativos, agradece e vai embora, sem músicas. A reza do terço, as rodas de viola e as danças também são rituais que acontecem conforme a vontade dos moradores visitados.

As identidades, as relações sociais e os elementos estruturantes são essenciais para a concepção do giro da folia de Nossa Senhora da Abadia no território festivo. A musicalidade presente nos pontos de visita da folia continua

sendo compreendida aqui como rituais necessários aos seus desenvolvimentos, dessa forma temos a oportunidade de entender suas particularidades, bem como as particularidades do grupo de cantadores também.

Assim, nos trabalhos de campo, durante a execução de todas as canções pelo grupo de precatórios, observou-se como os integrantes se portam, constatando-se que se assemelham aos comportamentos de outra folia estudada por Chaves (2014, p. 264), em que,

[...] os foliões, para bem transmitir o que cantam, devem se expressar, se entregar à interpretação, colocando sentimento no que fazem. Os foliões, quando cantam, pouco movimentam seus corpos, mantendo uma postura de solenidade, seriedade e concentração. Olhares que se perdem ao longe, que se direcionam para o alto. Olhos fechados, olhares que se cruzam, que se misturam. O canto é o momento de maior sacralidade durante uma visita. Os corpos, os gestos, as expressões faciais, os sons e a presença do santo dão o tom, a tonalidade desse evento.

É nesse clima de apresentação e concentração que se invoca a presença dos divinos (Deus e a Santa). Assim, o ritual aproxima por algum tempo o céu e a terra, por meio da comunicação particular dos cânticos. Destarte, para se acompanhar o desenvolvimento das atividades da folia, é importante continuar com as descrições dos instantes em que ocorrem.

Os rituais da manhã que sucede ao pouso iniciam-se por volta das 06 horas da manhã, quando o chefe da folia dá um tiro de garrucha para despertar os foliões. E nesse instante provavelmente acordam alguns membros da família também, que já aproveitam o despertar para preparar o farto café da manhã para seus hóspedes. Logo vão aparecendo todos ao local onde será servido o café da manhã. Chegam, tomam o café e depois desmontam suas camas e barracas e colocam tudo na camionete para o transporte.

Após o café da manhã os rituais do dia se iniciam. Os foliões requisitam os instrumentos musicais e, em meio a brincadeiras verbais, “causos”, risadas, olhares, começam a afinar os instrumentos. Terminada a afinação, o chefe da folia pede ao morador, geralmente o patriarca, mas pode ser outro representante da família, que, juntamente com foliões, se posiciona diante de uma porta principal da casa, sendo a porta da sala ou da cozinha, ou mesmo dentro da sala principal.

O morador fica de frente para os foliões, que em cantoria entoam um pedido para trazer a Santa para eles beijarem. Os ritos musicais conduzem os processos dos fazeres entre foliões e participantes. O anfitrião prontamente atende ao pedido, após receber e ouvir atentamente a canção abaixo apresentada.

Música do pedido da bandeira para beijá-la

Senhor dono da casa
 Senhor dono da casa
 Homem de bom coração
 Senhor dono da casa
 Homem de bom coração

Traga lá a vossa mãe
 Traga lá a vossa mãe
 Pra juntos tomar bênção
 Traga lá a vossa mãe

Queremos tomar bênção
 Nossa mãe é magnífica
 Nossa mãe é magnífica
 Faça o favor, venha cá
 Nossa mãe é magnífica

Faça o favor, venha cá
 Aqui está o vosso filho
 Aqui está o vosso filho
 Vem a nós abençoar
 Aqui está o vosso filho
 Vem a nós abençoar.

Os versos das músicas em que se tem expressão sagrada, ao serem estas executadas pela folia durante o giro, impõem o seu poder simbólico e apresentam seu controle de religiosidade rústica pelo território. Como já foi dito neste trabalho, a música entoada pela folia é um meio de comunicação entre a folia, o morador e a Santa, tendo nos versos as ordens cerimoniais, pedidos, agradecimentos, promessas pagas, recebimento e agradecimento de bênçãos.

A música do pedido da bandeira descreve bem seu objetivo, ao solicitarem os foliões a bandeira da Santa que pousou dentro da casa, para que possam pedir sua proteção e fazer suas orações particulares. “Ao senhor dono da casa” pedem a Santa, e ao mesmo tempo afirmam a sua devoção a ela no verso “Traga lá a vossa mãe”. É uma ordem dada de forma religiosa para que tragam a bandeira até os foliões. Referenciam todos que estão no ambiente, pois é “Pra juntos tomar bênção”.

Essa canção do beijo da bandeira somente se canta nesse momento do dia; e sua letra é fixa, pois esta música não é um repente; a única palavra que muda é o gênero, conforme o sujeito que segura a bandeira.

Depois de entoarem a canção do pedido da bandeira, os moradores, com o estandarte empunhado, iniciam os rituais sagrados do dia. Esse é um momento especial, pois é o momento em que cada folião se ajoelha diante da padroeira inscrita na bandeira, beija-a e pede proteção para seguir o giro do dia. É um momento em que se dá a interação de moradores, a Santa e os foliões. A Figura 30 mostra essa interação materializada.

Figura 30 - Folião beijando a bandeira



Fonte: Trabalho de campo (2016)

Os foliões se organizam formando uma fila, e, quando chega sua vez, ficam de joelhos em frente à bandeira, tocam-na com as mãos, beijam-na, fazem suas orações e por fim se benzem. É um ritual sem o qual o folião jamais sai para o giro. Beijar a bandeira mostra respeito ao sagrado e devoção à Santa. Após todos beijarem a bandeira, ela é novamente guardada dentro da casa. Depois de um intervalo, pedem aos moradores que tragam novamente a bandeira para continuar com os rituais.

Posteriormente os foliões começam a cantar para os membros da família e para os outros sujeitos que estão presentes também (pedem esmolas e proteção da Santa para quem segura a bandeira), e geralmente o patriarca ou a matriarca são os últimos a receberem a cantoria segurando a bandeira. Isso porque são os chefes da família e são eles que doam a esmola e a prenda.

A letra da música descrita logo abaixo mostra o pedido de esmola no momento em que uma mulher segura a bandeira.

Pedido de esmola

A Senhora da Abadia
 A Senhora da Abadia
 Veio aqui lhe visitar
 A Senhora da Abadia
 Veio aqui lhe visitar

Ela veio pedir esmola
 Ela veio pedir esmola
 E você abençoar
 Ela veio pedir esmola
 E você abençoar

Senhora dona da casa
 Senhora dona da casa
 Com prazer e alegria
 Senhora dona da casa
 Com prazer e alegria

Esta Santa lhe abençoa
 Esta Santa lhe abençoa
 Toda hora e todo dia
 Esta Santa lhe abençoa
 Toda hora e todo dia

Mas Deus vos pague a bela esmola
 Mas Deus vos pague a bela esmola
 Mas que a senhora vai dar
 Mas que a senhora vai dar

Mas a nossa mãe padroeira
 Mas a nossa mãe padroeira
 Mas é quem vai te abençoar
 Mas é quem vai te abençoar

Mas a que está em suas mãos
 Mas a que está em suas mãos
 Mas vossa mãe com muito gosto
 Mas vossa mãe com muito gosto

Mas convida com você sua família

Mas convida com você sua família
 Mas pra rezar 14 de agosto
 Mas pra rezar 14 de agosto.

No repente executado para pedir as esmolas, a criatividade religiosa aparece em todos os versos. “A Senhora da Abadia. Veio aqui lhe visitar. Ela veio pedir esmola. E você abençoar”. “Mas a Senhora da Abadia. Mas é quem vai lhe abençoar. Mas a que está em suas mãos”. Na música se legitima a presença da Santa na casa em que estão, de forma que ela vai abençoar o fiel pela esmola doada. Mas, se a padroeira está na casa do doador, isso estabelece o elo de fé entre os participantes e a padroeira.

A folia de Nossa Senhora da Abadia tem também “um propósito definido de ordem econômica”, conforme Brandão (2004, p.113). Durante o giro ela tem o objetivo de arrecadar esmolas (dinheiro) e prendas (objetos, animais, sementes, vestuários, etc.) para o leilão, com o objetivo de custear a produção da festa. Nos versos:

A Senhora da Abadia
 Veio aqui lhe visitar
 Ela veio pedir esmola
 E você abençoar

Os foliões apontam um momento específico do trajeto, que é a visita à moradia, de forma que se justifica o giro da Santa quanto ao pedido da esmola: é para custear a festa. E pela visita o morador também vai ser abençoado. Desse modo, no tempo do giro da folia de Nossa Senhora da Abadia, a “ordem econômica” se refere às esmolas e prendas arrecadadas, e que nesse momento se transformam em bens religiosos. Mesmo tendo um valor mercantil, esses bens adquiridos durante a organização são revestidos de valores religiosos, porque são adquiridos em nome do sagrado. Ou seja, a organização da festa acontece para festejar a Santa que atendeu a seus devotos em um momento de aflições e conflitos. Em festa de santo, tudo é pensado e produzido em nome do padroeiro. Assim, no entendimento de Rosendahl (2010, p. 189), o bem simbólico

reflete duas realidades: a mercadoria e o significado, isto é, o valor cultural e o valor mercantil do bem. Poderíamos dizer que os bens simbólicos são mercadorias que possuem valor de uso e que, em

determinado contexto cultural, passam a ter associado o valor simbólico.

Em festas do catolicismo popular, é comum a circulação de bens simbólicos durante a prática devocional. Nesses bens simbólicos, geralmente são agregados valores religiosos, ou seja, os bens de ordem econômica passam a ser simbolicamente bens religiosos, porque é em nome da religiosidade que eles terão seu valor de uso. Assim, alguns objetos adquiridos durante o giro vão ser leiloados para arrecadar finanças para custear a festa. Outros serão usados em sua produção, como os alimentos consumidos durante a sua realização. A comunidade festeira tem consciência da importância do bem religioso para a “Região da Onça” – o compromisso com o sagrado por meio da tradicional celebração. Por isso colabora para a dinâmica econômica necessária durante o giro da folia.

Quando se canta uma música para uma mulher e outra canção para um homem, tem-se, nos versos “Senhora dona da casa” e “Aqui está o companheiro”, formas de revelar a identidade do receptor da música pelo gênero. Para a mulher usa-se um tratamento mais formal, mais respeitoso, enquanto o homem pode ser chamado de “companheiro”, do que se pode compreender que há mais liberdade com o homem. Essa abordagem nos cantos ritualísticos referindo-se aos moradores é, para Chaves (2014, p. 265), “polida e formal, incomum em outras situações comunicativas, demarca a excepcionalidade da situação da visita”. De fato, ao terminar o ritual, conforme os foliões tenham ou não amizade com os anfitriões, estes são abordados por seu nome ou apelido. Ao final do repente, a Santa convida toda a família para a reza e festa do dia 14 de agosto. Nesse momento, com o convite, encerram-se os rituais do giro.

Após essa cantoria, a bandeira é novamente guardada dentro da casa. O morador entrega a esmola e/ou a prenda ao alfer. Vem um intervalo, e a folia faz a cantoria da saída, pedindo ao morador a bandeira para seguir a viagem. Esse repente já foi descrito aqui no tópico dos ritos do giro.

O(s) morador(es) conduz(em) a bandeira até o portão, porteira ou até o carro ou cavalo em que a Santa viaja. O momento da saída também é composto de muita emoção, às vezes o morador entrega a bandeira com os olhos marejados. “Não são raros os donos que choram “ao despedir da bandeira”” (BRANDÃO, 2004, p. 367).

A música abaixo expressa agradecimento ao pouso, que, na ocasião, foi na residência de um antigo folião. Essa música tem a duração de aproximadamente 12 minutos.

Agradecimento pelo pouso

Aqui veio em sua casa
 Aqui veio em sua casa
 A Senhora da Abadia
 Aqui veio em sua casa
 A Senhora da Abadia

Ela veio pedir esmola
 Ela veio pedir esmola
 Abençoar sua família
 Ela veio pedir esmola
 Abençoar sua família

O meu nobre folião
 O meu nobre folião
 Dessa Santa padroeira
 O meu nobre folião
 Dessa Santa padroeira

É quem vai lhe abençoar
 Mas é quem vai lhe abençoar
 A nossa mãe padroeira
 É quem vai lhe abençoar
 A nossa mãe padroeira

O meu nobre folião
 O meu nobre folião
 Dessa nobre companhia
 O meu nobre folião
 Dessa nobre companhia

Essa santa lhe abençoa
 Essa santa lhe abençoa
 Toda hora e todo dia
 Essa santa lhe abençoa
 Toda hora e todo dia

Mas Deus vos paga a bela esmola
 Mas Deus vos paga a bela esmola
 Mas que o folião vai dar
 Mas que o folião vai dar

Mas a Senhora da Abadia
 Mas a Senhora da Abadia
 Mas é quem vai lhe abençoar
 Mas é quem vai lhe abençoar

Mas Deus vos pague o belo cômodo

Mas Deus vos pague o belo cômodo
 Mas que vos deu a Nossa Senhora
 Mas que vos deu a Nossa Senhora

Mas a Senhora da Abadia
 Mas a Senhora da Abadia
 Mas que te dê a boa glória
 Mas que dê a boa glória

Mas Deus vos pague o belo lanche
 Mas Deus vos pague o belo lanche
 Mas que vos deu a companhia
 Mas que vos deu a companhia

Mas é quem vai agradecer
 Mas é quem vai agradecer
 Mas a Senhora da Abadia
 Mas a Senhora da Abadia
 Mas a Senhora da Abadia

Mas Deus vos pague o belo cômodo
 Mas Deus vos pague o belo cômodo
 Mas que vos deu aos instrumentos
 Mas que vos deu aos instrumentos

Mas a Senhora da Abadia
 Mas a Senhora da Abadia
 Mas que lhe dê o rendimento
 Mas que lhe dê o rendimento

Mas Deus vos pague a bela janta
 Mas Deus vos pague a bela janta
 Mas que vos deu a companhia
 Mas que vos deu a companhia

Mas a nossa mãe padroeira
 Mas a nossa mãe padroeira
 Mas que te dê uma boa guia
 Mas que te dê uma boa guia

Mas Deus vos pague a bela pinga
 Mas Deus vos pague a bela pinga
 Mas e também o belo café
 Mas e também o belo café

Mas essa Santa lhe proteja
 Mas essa Santa lhe proteja
 Mas que aumenta a vossa fé
 Mas que aumenta a vossa fé

Mas Deus vos pague tudo mais
 Mas Deus vos pague tudo mais
 Mas a sua boa vontade
 Mas a sua boa vontade

Mas a nossa mãe padroeira
 Mas a nossa mãe padroeira
 Mas é quem vai lhe abençoar
 Mas é quem vai lhe abençoar

Mas o meu nobre folião
 Mas o meu nobre folião
 Mas pra você eu vou cantar
 Mas pra você eu vou cantar

Mas essa Santa lhe convida
 Mas essa Santa lhe convida
 Mas pra com ela ir girar
 Mas pra com ela ir girar

Mas já cantei já para o senhor
 Mas já cantei já para o senhor
 Mas ainda torno a cantar repete 2 x
 Mas ainda torno a cantar

Mas o meu nobre folião
 Mas o meu nobre folião
 Homem de bom coração repete 2 x
 O meu nobre folião
 Homem de bom coração

Essa Santa lhe convida
 E também os foliões
 Essa Santa lhe convida
 E também os foliões

Nesse repente de agradecimento pelo pouso, os foliões narram: “Aqui veio em sua casa. “A Senhora da Abadia. Ela veio pedir esmola. Abençoar sua família”. Assim como na maioria dos repentes, os foliões validam a presença da padroeira no lugar por meio da afirmação “ela veio”. No verso “O meu nobre folião. Dessa nobre companhia”, é destacado que o anfitrião é um antigo folião, ou seja, foi folião no passado, mas, para a Santa, sempre será um folião.

No repente também é possível analisar a questão da reciprocidade entre o morador, os foliões, Deus e Nossa Senhora da Abadia. Reciprocidade essa em que se agradece por tudo: “Deus vos pague” a bela esmola, o belo cômodo, o lanche, o cômodo dos instrumentos musicais, a janta, a pinga e o café. De acordo com Tremura (2004, p. 06), nesses versos também se “[...] legitimiza a presença de Deus e estabelece o caráter religioso da cerimônia, criando um ambiente solene entre os participantes”.

É uma ocasião em que se sacraliza o ambiente por meio da música, invocando-se os seres divinos que emanam das crenças dos participantes. Claval (2014, p. 150), ao analisar o sistema do pensamento que se situa além dos nossos sentidos, aponta três universos em que se baseia a transcendência: o “céu, o mundo subterrâneo, o espaço abstrato da revelação ou da Razão”. Ao acontecer a transcendência, ocorre uma comunicação com o além; assim a folia sacraliza o ambiente pela presença e poder da Santa e pela comunhão dos sujeitos na crença. Para o referido autor, “Certos pontos ou certas áreas são dotados de uma realidade mais fundamental, pois o além aí aflora, carrega-os de poder sobrenatural e sacraliza-os” (CLAVAL, 2014, p. 150). Nesse momento a sacralização é geral e passageira, mas dura o tempo suficiente para os sujeitos vivenciarem os mesmos valores e sentimentos.

Nos versos:

“Aqui veio em sua casa
A Senhora da Abadia
Ela veio pedir esmola
Abençoar sua família

Essa Santa lhe abençoa
Toda hora e todo dia
Mas a Senhora da Abadia
Mas que te dê a boa glória
Mas que lhe dê o rendimento”

A territorialidade da padroeira aparece nos versos do repente assegurando sua presença na moradia, por meio dos seus serviços religiosos e da sua imagem no estandarte. Para Rosendahl (2005), a territorialidade torna-se uma “estratégia de controle”. Ao executar as músicas, o grupo de cantores desenvolve a religiosidade e reafirma o domínio do catolicismo rústico pela presença da padroeira, traçando o território. “O poder só pode se tornar estável quando aceito” (CLAVAL, 2014, p. 155). Dessa forma, entende-se que os sujeitos receptores da folia, por sua fé, aceitam a Santa, bem como sua territorialização, ao acreditar em seu poder transcendente.

As ajudas ou serviços prestados entre os foliões e os moradores presentes nos rituais musicais podem também ser analisados pelo viés dos valores cristãos, relacionados à reciprocidade, que é um elemento fundamental de ajuda ao próximo. A folia contribui com os serviços religiosos e profanos em troca da crença, da estrutura física oferecida pelos moradores devotos. Em relação à dádiva, Mauss (2003, p. 303) analisa que, em sua maioria são “contraprestações, feitas em vista

não apenas de pagar serviços e coisas, mas também de manter uma aliança proveitosa [...]”. Neste viés, essa aliança é existente entre os foliões, a Santa e os moradores do trajeto do giro.

Para Sabourin (2011, p. 30), “O princípio de reciprocidade não se limita a uma relação de dádiva/contra-dádiva entre pares ou grupos sociais [...]”. Em grupos como o dos foliões em estudo, é importante focar o reconhecimento, a identificação, a amizade, a submissão à Santa, o respeito e o vínculo religioso que a reciprocidade exige entre os seres (humanos e divinos) envolvidos. Dessa forma destaca-se, nessa relação de trocas, os valores morais e afetivos existentes durante o desenvolver dos rituais.

A dádiva e a reciprocidade estão em perpétua circulação entre a generosidade, o interesse e a sua utilitária, gerando a sociabilidade entre os sujeitos, por meio do prazer, do lazer, da religiosidade, da espontaneidade e da obrigação. O giro da folia é uma estrutura que permite e sobrevive da reciprocidade no território dos sujeitos envolvidos.

E por fim, no repente do agradecimento ao pouso, vem a gratidão verbal, em alguns versos, como uma forma de educação, reconhecimento e garantia de continuidade dos laços e da reciprocidade material e espiritual para os próximos anos.

Após esse último repente, os foliões se despedem dos moradores, que estão visivelmente emocionados, e seguem cumprindo com os demais compromissos pelo giro. Eles seguem rumo à próxima visita, no que se considera “ritos de giro”, durante a parte da manhã, até a visita na casa onde será o almoço, realizando os “ritos de almoço”, e, à tarde, voltam a desenvolver novamente os “ritos de giro”, até chegarem ao pouso e realizarem novamente os “ritos de pouso”.

A música, como um código cultural no giro da folia, demonstra neste trabalho a identidade e o mundo vivido no tempo da festa por sujeitos que se envolvem com o giro. As canções abordam elementos e características socioespaciais que evidenciam a crença e a devoção de seus sujeitos, bem como a organização de uma cultura tradicional no território da festa.

Já os “ritos podem ser vistos como algo que não se resume em repetições das coisas reais e concretas do mundo rotineiro. Como coisa real e concreta consiste no que pode ser materializado e simbolizado” (SILVA; FREITAS, 2008, p. 03). Os ritos, ao serem materializados e simbolizados no território da fé pelas

canções e gestos, possibilitam compreender um pouco, pela geografia e pela antropologia, o que esses elementos representam, em seus significados, pelos dizeres e fazeres, para os sujeitos envolvidos.

Em seu estudo sobre a música caipira e a música sertaneja, Martins (1975) assinala a importância de se reconhecer que, nas letras das músicas caipiras, existem termos sem fins mercantis e apenas com o valor da economia de trocas de produtos e de relações sociais. Enquanto que a música sertaneja tem outro objetivo, sendo “destinada ao consumo ou inserida no mercado de consumo” (MARTINS, 1975, p. 113), caso em que a realidade da relação social é posta na qualidade de mercadoria.

Destarte, pode-se relacionar o objetivo da música caipira exposta por Martins (1975) com as músicas executadas no espaço rural pela folia de Nossa Senhora da Abadia. Notadamente, a religiosidade faz parte da vida cotidiana dos sujeitos devotos e de alguns participantes da festa em questão, bem como as comemorações do catolicismo popular. É nessa conjuntura que as músicas entoadas pela folia durante o giro e durante os outros eventos da festividade também legitimam a regularidade da religião em suas rotinas.

Nesse contexto a relação da música caipira com os repentes executados pela folia é que estes também “se caracterizam estritamente por seu valor de utilidade, enquanto meio necessário para efetivação de certas relações sociais”, conforme Martins (1975 p. 112). Assim, onde existem as trocas de bens simbólicos e a efetivação da fé, em que o meio é sacralizado pela crença na Santa, essa característica musical é essencial para sua perpetuação cultural e religiosa no território. Conforme Martins (1975, p. 113), “a música caipira é meio”, uma inspiração do meio, que se inicia em sua composição, indo até a relação com o universo em que se executa.

POUSO 9

A BANDEIRA COMO TERRITÓRIO

Figura 31 - Bandeira de Nossa Senhora da Abadia



Fonte: Trabalho de campo (2008)

A Figura 31 apresenta a senilidade da bandeira por meio da quantidade de objetos fixados, da cor da imagem desbotada e alterada pela poeira e dos desgastes em sua base. Assim ela precisou ser substituída. Porém encerrou seu ciclo de peregrinação no ano de 2008. Agora repousa sob os cuidados do guardião, que também cuida dos instrumentos musicais usados durante a folia.

Essa bandeira é um objeto sagrado e possibilita a visibilidade das graças recebidas por seus devotos, que são representados pela quantidade de objetos

fixados à sua base. Esses objetos inserem novas formas, texturas, cores e potencializam o seu poder transcendental sobre seus fiéis. Com o passar dos anos, pelos vários movimentos durante os incontáveis rituais, alguns objetos se desprendem pelo caminho do giro. Mas essa perda de objetos não significa que se perdeu o pagamento dos votos, significa que a bandeira se territorializou em vários momentos e foi bastante cultuada. A perda é considerada pelos devotos um processo natural. Nesse processo, sempre que se desocupa um espaço, outros pagamentos e novos votos e promessas aparecem.

Os variados objetos dividem de forma democrática cada milímetro da bandeira como um território sagrado. Cada objeto tem sua particularidade e significado nesse território, de forma que, se os objetos forem acondicionados em outro lugar terão também outro significado.

Figura 32 - Bandeira de Nossa Senhora da Abadia



Fonte: Trabalho de campo (2018)

A Figura 32 apresenta a atual bandeira que carrega a padroeira da “Região da Onça” pelo giro festivo. Ela também apresenta ao centro a imagem da Santa e,

com dez anos de giro, se harmoniza com novos elementos que se fixaram nesse território. Esses elementos representam depoimentos materializados na fé à Santa.

Como um território que representa o poder transcendental, também traz exemplares da economia financeira atual, por meio de 243,00 reais em cédulas fixadas à sua base. Sem fazer parte da transação comercial, essas notas de dinheiro têm que permanecer nesse território até se desfazerem naturalmente, pois, afinal, foram oferecidas à Santa. As fotografias às vezes representam a situação em que a pessoa estava quando pediu a bênção, como mulheres com problemas na gestação ou sujeito com queimaduras pelo corpo.

Entender a bandeira como um território é expor por meio da observação analítica a sua dimensão simbólica, bem como seu caráter político em seus momentos de atuação pela manifestação festiva. Para Haesbaert (2007), o território, ao possuir elementos materiais e simbólicos, se concretiza pela dominação (jurídico-política), e ao mesmo tempo também pelo simbólico cultural, que está sempre presente. A bandeira de Nossa Senhora da Abadia é um objeto do imaginário religioso, uma representação espacial, no entanto pode ser um “instrumento de poder” (HAESBAERT, 2001), pois ela desdobra as relações sociais, que dialogam com seu poder transcendental.

O sagrado emanado da bandeira implica o seu poder sobre a fé dos sujeitos, resultando nas trocas simbólicas entre eles; tem o poder de sacralizar os ambientes em que se encontra; e tem o poder de despertar nos fiéis o respeito e temor de alguma revolta da Santa sobre eles, caso a contrariem. Dessa forma, a bandeira, enquanto um território, tem sua dominação política explícita pela religiosidade católica rústica, pelas organizações simbolicamente impostas por ela, como as regras que seus devotos seguem ao desenvolver os rituais sagrados durante todos os eventos da festa, de forma a satisfazê-la.

Como um elemento material, a bandeira tem seu território composto por sua base de tecido, onde está inscrita a imagem de Nossa Senhora da Abadia, com seus vários objetos fixados. Esses objetos têm um significado peculiar àqueles que se apoderaram desse território para expressar sua fé, no momento de fazer ou validar um voto ou promessa. Dentro do processo relacional que estrutura um território, Sack (1986, p. 23) afirma que “as relações humanas no espaço são o resultado da influência e do poder”. Aqui a influência e poder são emanados pelo sagrado, pela

gratidão, pela esperança, pelo respeito, pela congregação, pelas memórias e pela crença.

O estudo da bandeira como um território segue a concepção do território cultural(ista) de Haesbaert (2001, p. 118), em que se

prioriza a dimensão simbólico-cultural, mais subjetiva, na qual o território é visto sobretudo como o produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo sobre seu espaço.

Nesse caso é a bandeira o produto da apropriação e valorização simbólica, por conseguinte a bandeira é considerada como uma questão central, por conta das representações sagradas e profanas que são geradas em seu redor durante o tempo da festa. Para Eliade (2013, p. 109), “[...] é num “centro” que se efetua a comunicação com o Céu, e esta constitui a imagem exemplar da transcendência”. Nos momentos das representações sagradas, a bandeira exerce sobre seus fiéis a influência do poder do sagrado, de forma muito particular, em que se percebe, pelos gestos corporais, as emoções e os sentimentos. Poder esse que assegura sua territorialidade pela religiosidade dos fiéis. De forma que os territórios assim se constituem e se mantêm pelo esforço constante em que, “Eles são resultados de estratégias para afetar, influenciar e controlar pessoas, fenômenos e relações” (SACK, 1986, p. 22).

As estratégias são resultados das relações sociais, por meio das identidades, de compromissos, valores e atitudes religiosas. Essas estratégias moldam a bandeira como um território da fé, sendo que, ao mesmo tempo, o território da Santa também se constitui, durante os eventos que compõem a festividade em sua comemoração, e se territorializa por meio dos rituais sagrados realizados, como os cânticos: de chegada, de saída das casas, para os devotos doarem esmolas ou pedirem uma bênção, no dia da festa, de louvação, de agradecimentos, nos pedidos de esmolas, no ritual de beijação, nas rezas dos terços, no pagamento de promessas, no mastro e nos altares.

9.1 A bandeira e o território da fé

No território da festa, a bandeira é um dos símbolos mais importantes da comemoração. Estando presente em todos os eventos da festa, ela é mais um meio

para os participantes sentirem a presença da Santa entre eles. Brandão (2004, p. 354) afirma que “a bandeira é o objeto ritual de maior valor religioso”. Nos períodos sagrados dos eventos, ela tem sua eficácia transcendente explícita quando os fiéis a buscam para, em seus momentos íntimos, se aproximarem do divino. Rosendahl (2002, p. 71-72), considera que

[...] os santos são as representações fundamentais do catolicismo popular, como seres pessoais e espirituais dotados de poderes sobrenaturais. Estando no céu, podem intervir junto a Deus em favor dos homens, graças aos méritos que adquiriram durante sua vida. Os santos, apesar de estarem no céu, se fazem presentes na terra por meio de sua imagem. [...] Desta forma, torna-se possível o contato direto entre o fiel e o santo.

Durante os eventos dedicados à Santa em que se tem o altar com a bandeira e outros objetos sagrados, como imagens de outros santos, terços e Bíblias, o estandarte é o objeto mais reverenciado pelos participantes, tornando-se um ponto focal. Na análise de Bitter, as bandeiras também se tornam um meio privilegiado,

para a intermediação com a ordem supramundana. Em muitos contextos, a importância desses artefatos para a vida social pode ser resumida na crença de que sejam capazes de fornecer bênçãos, graças e outras dádivas, como curar enfermos, cessar calamidades naturais ou propiciar ganhos materiais (BITTER, 2008, p.104).

Durante as visitas feitas pelo grupo folião, a bandeira vai à frente de todos, sob os cuidados do alfer, que a entrega aos moradores da casa visitada; no tempo da visita ela permanece dentro da casa, geralmente sobre a cama do casal; é comum também somente a Santa adentrar a casa, ficando os foliões e acompanhantes do lado de fora.

Um outro momento em que se exalta a bandeira é quando ela acompanha os foliões durante todo o giro. Eles sentem que são guiados, protegidos e acompanhados e ao mesmo tempo impulsionados pela fé em Nossa Senhora da Abadia para cumprir com as atividades. A Figura 33 apresenta a bandeira durante o giro da folia quando esta percorria a região em montaria a cavalos.

Quando a folia percorria o giro em cavalos, a bandeira da Santa ia sempre com o alfer, e ninguém passava à frente desse cavaleiro. A Santa vai à frente de

todos, por ser uma respeitada autoridade religiosa e para proteger o folião de algum mal. Durante o percurso em que havia somente os foliões, sem nenhum outro participante, a bandeira ia enrolada em seu próprio bastão, junto ao arreio do cavalo, mas, quando se encontrava alguém pelo percurso ou chegava próximo à casa a ser visitada, ela era estendida, para ir ao encontro do devoto.

Figura 33 - Giro da folia em montaria



Fonte: Trabalho de campo (2009)

A partir do ano de 2015, a folia troca os cavalos por carros para seguir o giro, mas algumas regras tradicionais são seguidas – outras são adaptadas conforme a situação.

Uma adaptação notável com a mudança do giro da folia a cavalo para o giro feito em carros é que a bandeira pode deixar de ir com o alfer, caso o mesmo esteja em seu próprio carro, ou se ele não souber o caminho a percorrer - função que o chefe da folia sabe muito bem por ter o mapa do giro memorizado. Nesse caso, o chefe da folia leva a bandeira em seu carro, por ser o primeiro do grupo. A Figura 34 mostra o momento em que o alfer entrega a bandeira ao folião que está no primeiro carro que compõe o giro. Neste caso, o alfer era o motorista do veículo e também o chefe da folia. A função do alfer é receber os donativos, conduzir a bandeira pelo giro, bem como entregá-la ao morador.

Figura 34 - A bandeira sendo acomodada dentro do carro



Fonte: Trabalho de campo (2015)

Quando os participantes da festa se identificam com a Santa, estão se relacionando diretamente com um ser sagrado. Este ser transcendental é materializado por meio da imagem contida na bandeira, essa que percorre o giro da folia, pernoita nas residências, está presente nas canções, fica hasteada no mastro e repousa nos altares, que se transforma em um espaço sagrado durante a manifestação. O que Brandão aponta sobre a bandeira das festas religiosas em seus estudos pode-se aplicar neste estudo também. Assim, a bandeira

é sempre o mais definido objeto de culto em todo o ritual. É diante dela que as pessoas se colocam de joelhos para beijar sua ponta. É ela que é passada por sobre a cabeça dos fiéis como uma forma indiscutível de “bênção do Divino”. Diante de altar, é a ela que se reza o terço, ou é ao seu santo, através da presença da bandeira. São muito comuns votos de “levar a bandeira” por um, dois ou vários dias de jornada da folia. Nela há representações simples da imagem do santo [...]. São comuns também os votos de pregar fotografias de pessoas na bandeira “pra fazer o giro”. Finalmente, pequenas esmolas em dinheiro (quase sempre notas de 1 a 5 reais) são pregadas na bandeira. Em qualquer circunstância, durante os deslocamentos de uma fazenda a outra, a bandeira deve ser levada na frente do grupo, “em primeiro lugar” (BRANDÃO, 2004, p. 142).

Em relação ao sentimento religioso pelo objeto sagrado, Rosendahl (2002, p. 27) considera que: “não se trata de uma veneração do objeto enquanto tal, e sim da adoração de algo sagrado que ele contém e que o distingue dos demais”. Diante disso a bandeira com a imagem de Nossa Senhora da Abadia inscrita é um objeto sagrado, contendo a energia invisível, mas perceptível, em que o sagrado se revela. Quando o sagrado se manifesta em algo, é etimologicamente considerado como hierofania por Eliade (2013). De fato no espaço onde se encontra a bandeira, “algo de sagrado se revela” (2013, p. 17). A bandeira possui um mistério que se revela nas experiências vivenciadas pelos sujeitos durante os eventos que compõem a comemoração à padroeira.

O sítio²⁰ sobre santos e ícones católicos descreve os símbolos e significados presentes na imagem de Nossa Senhora da Abadia:

A coroa de Nossa Senhora da Abadia

A coroa de Nossa Senhora da Abadia nos lembra o Quinto Mistério Glorioso: a coroação de Maria como Rainha do céu e da terra. Ela é a Rainha dos Anjos, que está diante de Deus intercedendo por nós, seus filhos.

A túnica de Nossa Senhora da Abadia

A túnica de Nossa Senhora da Abadia é branca com flores cor de rosa. O branco simboliza a pureza da Virgem Maria. As rosas simbolizam a alegria. E o motivo da alegria está nas mãos da Mãe: o Menino Jesus que nasceu para a salvação da humanidade.

O menino Jesus no colo

O menino Jesus no colo de Nossa Senhora da Abadia lembra-nos do amor de Deus, que entregou seu próprio filho para nos salvar. Esta é a razão de nossa maior alegria. Nesta imagem, Nossa Senhora como que nos apresenta seu Filho mostrando que Ele é o caminho. A auréola dourada ou, às vezes, coroa, sobre a cabeça do Menino Jesus simbolizam sua divindade. Ele é Deus.

O cinto e a gola vermelhos

O cinto simboliza a prontidão para anunciar o Evangelho. Isso nos lembra que Maria está sempre pronta para nos mostrar Jesus, como ela o faz nesta imagem. Jesus é o Evangelho, a Boa Notícia de Deus para o mundo. A cor vermelha simboliza o sangue. Por isso, o cinto e a gola em vermelho nos lembram que o anúncio do Evangelho tem que conter o sofrimento que Jesus viveu por nós. Anunciamos Jesus vivo, vencedor, mas Ele passou pelo sofrimento e a morte.

O manto azul de Nossa senhora da Abadia

O manto azul de Nossa senhora da Abadia tem dois significados: o céu e a verdade. Estes são os significados da cor azul nos símbolos cristãos. A imagem de Nossa Senhora com o manto azul nos fala do céu. Maria vem do céu e quer nos levar para o céu. O azul também

²⁰ Santos e Ícones Católicos. Nossa Senhora da Abadia. Disponível em: <http://cruzterrasanta.com.br/historia-de-nossa-senhora-abadia/20/102/#c>.

nos diz que sua mensagem é verdadeira, é digna de confiança e fé. Quem crer nela não vai se decepcionar.

Os três anjos aos pés de Nossa Senhora da Abadia

Os três anjos aos pés de Nossa Senhora da Abadia simbolizam que a Virgem Maria está no céu e nos lembram que ela é a rainha dos anjos. Por isso, os anjos estão a seus pés. O número três é o símbolo da Santíssima Trindade. Por isso, os três anjos aos pés de Maria nos dizem que ela tem autoridade para trazer sua mensagem aos homens em nome da Trindade.

De acordo com Bitter (2008, p. 127), “o mundo representado na *bandeira* não é apenas o dos homens e da Natureza, mas, sobretudo, dos seres não-humanos, do panteão das divindades que compõem o Cosmos” (Grifo do original).

Materialmente, a bandeira é um suporte para representar Nossa Senhora da Abadia por meio de sua imagem impressa em uma base, que é de tecido de algodão bem forte para resistir aos movimentos e as energias que recebe durante a viagem do giro, como: a poeira, o vento, o frio do inverno goiano, os raios solares, às vezes chuva, os beijos, o tocar dos fiéis, as rezas dos terços e os objetos que são fixados em alinhavos com linha de costura ou com alfinetes. Ela tem a forma retangular e geralmente é contornada por franjas em alguns de seus lados; na parte superior possui uma barra de madeira ou metal para facilitar seu manuseio, inclusive para ser enrolada quando não está em uso. Ela é sempre conduzida por um sujeito.

Por meio de fotografias antigas, percebe-se que já percorreram com o giro bandeiras nas cores vermelha, bege e branca. Quando novas, ora são bem enfeitadas com rendas e fitas, ora vêm sem nenhum enfeite, mas sempre com a imagem da Santa ao centro. Quando o tecido está sujo, com alguns rasgões, quando já está bem cheio de pequenos objetos materiais (fotos, fitas, laços, dinheiros que não podem ser usados, terços, feixes de cabelos, flores artificiais e outros objetos), já é o momento de a bandeira ser substituída por outra nova, sendo a velha guardada pelo guardião.

O guardião dos instrumentos musicais e das bandeiras mantém a bandeira antiga muito bem acondicionada em sua casa em um guarda-roupas da família. O cuidado com o estandarte ainda presente implica o respeito ao significado que ele teve durante o seu tempo de uso, indicando que continua sendo um objeto com laços no passado, quando passou pelo sistema de trocas simbólicas com seus devotos. Pelo seu contexto histórico, ainda é considerado um objeto sagrado. Segundo o guardião, “não pode se desfazer das bandeiras velhas”.

No ano de 2008 houve a troca das bandeiras – “da velha pela nova”. Conforme informações dos participantes da festa, das muitas bandeiras que foram usadas, algumas delas foram compradas no comércio de outras cidades e outras confeccionadas por devotas moradoras da região, inclusive as imagens da Santa eram desenhadas e produzidas artesanalmente. O motivo para a substituição de uma bandeira por outra acontece quando a bandeira já está muito suja, apresentando sinais do tempo, com rasgos e desgastes no tecido, na pintura e nas franjas.

A bandeira atual foi comprada em Goiânia, GO, por uma participante da festa (ela não quis se identificar). Uma outra participante da festa, por meio de uma entrevista, revela os procedimentos do ritual para a troca da bandeira velha pela nova, procedimentos esses que aprendeu com seu pai, que era devoto e folião,

“A bandeira tem que ser colocada pelo menos dois dias antes na casa em que se vai fazer a festa. Hora que montar o altar já coloca ela lá, para ela ir receber a outra.

O dia que vai fazer a chegada, o festeiro pega a nova lá no altar e leva para o alfer. Aí faz a chegada, aí eles trocam, sabe?

Aí a velha fica com o festeiro e a nova com o alfer.

Aí, quando vai para o mastro, quando vai acender a fogueira, e que colocar ela no mastro, aí tem que ser a velha porque foi ela que girou, ela que deu a volta, então ela tem que terminar no mastro. Não pode chegar com a nova e já ir trocando assim. Tem que ser no dia da festa”. Entrevistada B2 – 2019.

Todo o ritual do dia com a bandeira é feito com a bandeira velha porque ela não terminou os rituais do ciclo, e a nova não fez o giro para ser usada. Os dois estandartes permanecerão juntos no altar. Só serão separados quando a bandeira velha for para o mastro.

Quando termina a celebração à Santa, a bandeira velha fica sob os cuidados do “guardião” – o senhor José Abadio de Gouveia. A partir daí ela não será mais procurada como objeto de adoração. Só é cultuada no tempo da homenagem à Santa.

9.2 Território dos altares

Durante a saída da folia, o giro da folia e o dia da festa, são elaborados altares exclusivamente para acomodar a bandeira de Nossa Senhora da Abadia,

imagens de outros santos, terços, Bíblias, velas e flores. Os altares se constituem, mesmo que em uma condição *territorial* temporária (de um dia ou mesmo de apenas algumas horas), como parte intermitente de um espaço sagrado, pois não parece haver dúvidas de que esse espaço se constitua “um campo de forças e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo” (ROSENDAHL, 1999, p. 233). Ou seja, são lugares onde se territorializa o sagrado, mesmo que por um momento curto.

Mesmo construído em um lugar profano, o território do altar, temporariamente, anula a condição dessacralizadora que a profanidade encerra. Se, para Eliade (2013, p. 29), “no recinto sagrado, torna-se possível a comunicação com os deuses”, os altares do giro de Nossa Senhora da Abadia tornam ainda mais possível, para os sujeitos envolvidos, a comunicação com a Santa. Podemos então salientar que “ocorre visivelmente o encontro simbólico do santo [da santa] com o povo, num contato direto, sem intermediários” (ROSENDAHL, 2009 p. 46).

O território do altar se constitui, assim, como intermeio entre o sujeito terreno e Nossa Senhora da Abadia, ente divino. O altar, construído tanto em espaços internos como em áreas externas das casas, vai se constituindo como meio passível de relação entre devotos e a condição sagrada representada pela Santa. Em frente aos altares, os sujeitos expressam corporal e ritualisticamente as suas devoções. Lágrimas percorrendo a face, a forma de direção do olhar, os sinais da cruz feitos com as mãos, a elevação das mãos em direção ao céu, a inclinação do rosto, o ajoelhar-se, o silêncio, os olhos fechados, as expressões labiais, o tocar na bandeira, a concentração e a oração são parte de contato que o altar, como território de fé, emana.

Ao se construir o altar em lugar profano, reforça-se sua sacralidade inserindo objetos religiosos e o estandarte da Santa. Mesmo com essa estrutura sagrada do altar, os participantes da festa rezam e entoam cânticos religiosos em um determinado momento, e em outro comem, ingerem bebidas, fumam e fazem brincadeiras.

A Figura 35 mostra o território do altar no dia da saída para a folia, é um território importante, onde acontecem as relações intercedidas pelas rezas entre os sujeitos e a Santa. Os fiéis se posicionam perante o altar, que foi preparado especialmente para a ocasião, ficam em pé e com os olhares direcionados para a

santidade referência da ocasião. Esse território se torna, no tempo da reza, o lugar mais importante da casa, um ponto central para exercer a fé.

Figura 35 - Reza do terço na saída da folia



Fonte: Trabalho de campo (2012)

Tão importante que a oração coletiva do terço ou as individuais são meios para louvar, suplicar ou mesmo contemplar a Senhora D'Abadia. Geralmente os promesseiros e os rezadores do terço ficam mais próximos do altar, conseqüentemente mais próximos da Santa. No tempo da reza, os procedimentos profanos são ofuscados e silenciados pela reza coletiva.

A Figura 36 retrata um altar elaborado com detalhes em rendas brancas, muitas flores artificiais e coloridas, um arco de folhas verdes de coqueiro que delimita o território do altar, separando-o do resto da parede. Os instrumentos musicais dos foliões repousam nesse lugar quando não estão em uso, mas ficam pouco tempo por ali. É nesse território que se registra o momento íntimo entre o devoto e a Santa ou às Santas em destaque no altar – Nossa Senhora da Abadia e Santa Luzia. Em um ato de respeito, o devoto segura o chapéu nas mãos e inclina a cabeça para frente, de forma a se concentrar por alguns instantes em silêncio. No seu silêncio pode-se inscrever uma oração, um pedido ou um agradecimento. Assim,

o altar, um campo de forças sagradas, torna-se nesse momento o ponto central para a relação entre o divino e os sujeitos.

Figura 36 - Altar do dia da festa. Devoto praticando sua religiosidade



Fonte: Trabalho de campo (2012)

Figura 37 - O sagrado e o profano se relacionam



Fonte: Trabalho de campo (2017)

A Figura 37 mostra o momento em que o sagrado e o profano se relacionam em um mesmo território. O altar com a Santa está ao fundo, sendo contemplado por alguns sujeitos, enquanto que, no mesmo ambiente, encontram-se vários sujeitos que ingerem bebidas e comidas, e ainda acontecia o leilão das prendas, intercalado com músicas para animar os presentes, havendo também várias rodas de sujeitos conversando e uma mesa com sujeitos jogando cartas de baralho.

9.3 Bandeira: um território das promessas

O pagamento de promessas e votos é comum durante os eventos da festa e às vezes se torna visível por meio dos objetos fixados na bandeira, por meio de gestos e/ou do próprio corpo em sacrifício. Ao interagirem com a bandeira, “as pessoas muitas vezes se transformam, psicologicamente e mesmo fisiologicamente. Este contato envolve agências mútuas, produção de emoções, curas etc.” Bitter (2008, p. 104). Dessa forma, quando os sujeitos se conectam com o espaço sagrado, com um altar ou às vezes somente com a bandeira da Santa, ocorre essa relação com os céus, ou, como profere Eliade, ali se constitui uma “abertura” para o alto e assegura a comunicação com o mundo dos deuses” (2013, p. 30). No caso em estudo uma “abertura” para a comunicação com a Santa.

Essa comunicação passa a ser direta com a Santa, sem intermediários, e isso se transforma em uma relação de trocas de serviços representada pelo pagamento de votos ou promessas. A promessa ou o voto é um campo simbólico em que predomina a relação de trocas de serviços entre o promesseiro e o santo. É nesse momento que o devoto se aproxima de seu santo protetor para diretamente pedir algo, esperando em troca o seu atendimento. Jurkevics (2004, p.199) acredita que, por meio de promessas,

o fiel sente que a salvação é possível e, sobretudo, é capaz de trazer os benefícios necessários para a sua vida, numa relação funcional com a santidade, nos momentos de maiores dificuldades materiais ou emocionais.

Ao pagar uma promessa usando o próprio corpo, doando serviços ou objetos, o devoto torna visível e pública a sua fé e a bênção alcançada. Dessa forma os demais fiéis testemunham o poder milagreiro do padroeiro.

A Figura 38 apresenta o momento em que uma devota paga um voto. A prática devocional foi realizada pelo sacrifício de seu corpo; ela andou de joelhos, segurando a bandeira da Santa, de um certo ponto (aproximadamente 20 metros) até o altar, onde o estandarte foi colocado. Desse modo, a devota apresenta sua fidelidade e respeito à padroeira. De forma que em algum momento ela suplicou e em outro ela pagou e provavelmente também agradeceu pela graça alcançada. Para sua nora, que também recebeu a bênção suplicada, essa devota pagou o voto rezando o terço de joelhos em todo o período do giro e ficou sem tomar pinga também durante o giro.

Figura 38 - Devota pagando promessa



Fonte: Trabalho de campo (2016)

O percurso entre o lugar de espera pelo sinal do festeiro até o altar é geralmente usado pelos devotos para cumprirem as suas promessas. No geral as promessas são pedidos de saúde para si próprio ou para um indivíduo familiar, mas também há pedidos para que os filhos sejam bem-sucedidos nos estudos e no trabalho.

No ano de 2016 houve um folião que pediu saúde a Nossa Senhora da Abadia. Quando indagados, os participantes da festa falam sobre seus votos a Nossa Senhora da Abadia, no que foram atendidos.

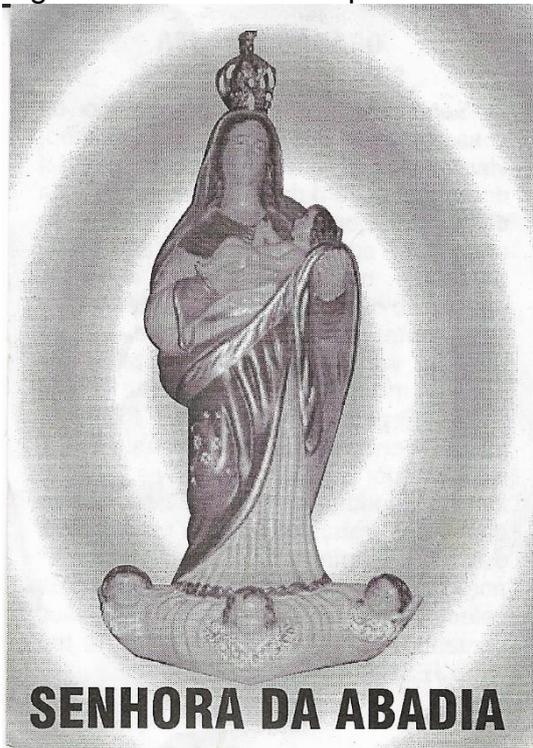
“Meu neto estava passando mal, fiz voto para nossa Senhora da Abadia curar ele. Aí andei com ele na folia inteira. A criança tinha 07 anos”. Entrevistado T- 66 anos. 2018.

“Na época da festa do Azulão, (...) o doutor pediu os exames e falou: você está com aneurisma no coração.

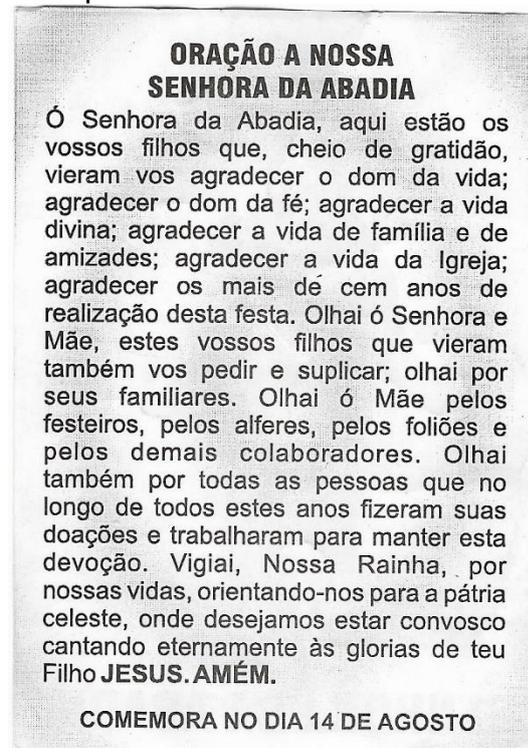
Aí vim na festa e fiz a tensão, falei: - Se Nossa Senhora da Abadia me ajudar, que quando eu fizesse os exames não desse mais nada, eu entrava na lista de novo. Aí passou a festa do Azulão, eu fui lá em Goiânia, fiz os exames e não deu nada não! Aí eu entrei na lista de novo! (A lista que se refere é a dos empregos a desempenhar durante o tempo da festa)”. Entrevistado JAG. 80 anos. 2018.

É comum no tempo da festa os devotos pagarem o voto segurando o estandarte e andando de joelhos, andando descalços, de roupas totalmente na cor branca, ou simplesmente acompanhando a romaria, segurando a bandeira durante a reza do terço em algum momento, mandando fazer em gráficas uma grande quantidade de santinhos com a imagem da Santa para distribuir aos devotos no dia da festa, e há sujeitos que fazem o voto de ajudar por alguns dias na organização da festa. A Figura 39 apresenta um exemplar de santinho distribuído aos participantes como forma de pagamento de voto.

Figura 39 - Santinho da padroeira distribuído por devoto



Frente



Verso

A parte da frente do santinho exibe a imagem de Nossa Senhora da Abadia, e no seu verso há uma oração de agradecimentos e pedidos de proteção. É uma oração que expõe algumas especificidades da festa da “Região da Onça”, na qual se agradecem “os mais de cem anos de realização da festa”, se destacam os principais promotores da festa (“festeiros, alferes, foliões, demais colaboradores e pessoas que fizeram suas doações para manter a devoção”), pede-se sabedoria para seguir nos caminhos do bem, e, finalmente, confirma-se a data da comemoração. O dia da Santa é 15 de agosto, mas se comemora no dia 14, para que, no seu dia, os fiéis possam se dedicar a sua consagração. A figura abaixo tem o registro de outro momento de pagamento de promessas.

Figura 40 - Devotos promesseiros carregando a bandeira



Fonte: Trabalho de campo (2016)

A Figura 40 apresenta o momento em que a bandeira está a caminho da casa do festeiro, sendo conduzida por devotos foliões que estão pagando voto, andando descalços e levando a bandeira. Neste caso, os sujeitos promesseiros são devotos e participantes da festividade, ele foi o chefe da folia e ela foi foliã instrumentista.

Na Figura 41 o devoto folião cumpre o voto feito à padroeira. Como foi beneficiado com a graça, ele seguiu à frente dos carros, andando a pé e levando a

bandeira consigo. Sua promessa foi andar a pé por três dias com a folia, levando a bandeira consigo. O comboio contribuiu para o pagamento da promessa, acompanhando ao ritmo do caminhante.

Figura 41 - Devoto pagando promessa



Fonte: Trabalho de campo (2018)

O giro é um evento com momentos sagrados para a folia e também ocasião oportuna para pagar promessa. Dessa forma acontece a troca de serviços entre o fiel e a divindade mediadora, numa relação íntima e direta entre o devoto e a padroeira. O devoto salda o compromisso diante da graça alcançada. Independentemente da forma pela qual está sendo paga a promessa, o que importa numa festa de santo é

colocar a promessa em seu momento de pagamento, quando o devoto, depois de ver seu voto válido, resolve em um dos rituais da festa o lado do contrato, de que se reconhece proponente e devedor (BRANDÃO, 2004, p. 127).

A intangibilidade e a invisibilidade da crença são reveladas nesse momento. É possível perceber a fé e a emoção de alguns participantes pelas expressões gestuais, quando vão até a bandeira e a beijam, tocam-na e ao mesmo tempo tocam

simbolicamente em seus corações, choram, se benzem, se ajoelham diante dela; outros ficam concentrados espiritualmente.

9.4 Mastro da bandeira

O hasteamento da bandeira de Nossa Senhora da Abadia no mastro é mais um momento de sacralidade no dia da festa, sendo o último ritual religioso. É uma ocasião importante, na qual, após a reza do terço, a bandeira é retirada do altar. Enquanto é levada pelos festeiros, a folia segue entoando uma cantoria. Chegada a hora, os festeiros amarram a bandeira na ponta do mastro, e depois ele é levantado sob a luz da fogueira. O mastro sempre fica alinhado com uma cruz e a fogueira. Para alguns participantes a fogueira tem o sentido de vela acesa para iluminar o momento do hasteamento da bandeira, e serve também para aquecer o ambiente na noite fria. Na figura a seguir, tem-se o mastro em primeiro plano, logo vem a cruz de madeira, e em seguida as cinzas que restaram da fogueira.

Figura 42 - Bandeira hasteada no mastro



Fonte: Trabalho de campo (2017)

A Figura 42 apresenta a bandeira hasteada no mastro. No dia seguinte à festa, ela é retirada do mastro ainda pela manhã. A retirada da bandeira do mastro

significa para os participantes da festa que se encerraram naquele momento os deveres para com a Santa, que é o de cumprir a promessa feita há mais de cem anos. A remoção da bandeira é feita pelos festeiros com o apoio do chefe da folia.

O tronco da árvore que serve de base para a bandeira, ao passar pelo ritual sagrado, também se sacraliza. Conforme depoimento do chefe da folia: “ele jamais poderá ser utilizado para outra função, pois o mesmo se tornou um objeto sagrado”. Por esse motivo o mastro será conservado em um local ao ar livre, onde não poderá incomodar nem ser incomodado, e assim ele vai passar pelos processos naturais dos intemperismos químicos, físicos e biológicos, até sua total decomposição.

O tronco da árvore, ao ser transformado em mastro para a bandeira, na concepção dos devotos da Santa, torna-se um objeto sagrado por ter passado pela função de intermediar os participantes devotos à Santa, e esta ao céu. Manifesta-se nele a hierofania, ou seja, ele não é mais uma simples madeira, porém um objeto sagrado e especial, mesmo não deixando de ser um pedaço de madeira. Simbolicamente o mastro liga o céu à terra, assim o mastro se trans-significa, ou seja, “a sua realidade imediata transmuda-se numa realidade sobrenatural” (ELIADE, 2013, p. 18).

Dessa forma o mastro com a bandeira representa um símbolo do território festivo, em que se representa um marco, um limite que pode ser observado por todos, sendo também presenciado o sentimento de pertencimento. Assim, o estandarte da religião é constituído por Nossa Senhora da Abadia.

O mastro tem seu protótipo vertical, e, com o procedimento de hasteá-lo, naturalmente simboliza-se a ascensão. Destarte, o ritual de fixar a bandeira em sua ponta e hasteá-la tem um significado importante para os seus devotos. É o momento para “dar o Viva”, que vem no sentido de louvar, exaltar e agradecer pelas bênçãos da Santa. Para alguns participantes, tem o significado de “escolher o próximo festeiro, porque a bandeira se posiciona para o rumo em que mora o próximo festeiro”, assim todos ficam na expectativa por esse momento. Esse aparece no verso da canção entoada pelos foliões quando se fixa a bandeira:

Essa Santa vai subir para os ares,
Para amanhã tornar voltar
Procurar novo festeiro
Para o ano festejar.

Conforme depoimento do devoto folião, ao se elevar a bandeira, a Santa vai para o céu e tira todo mal que assola a terra.

Canta para tirar ela do altar e levar para o mastro, quer dizer que aquele mal que tinha, ela vai levando, né? Leva os males! Amanhã cedinho tira ela do mastro, quer dizer que ela vem, os males ficam, né? Entrevistado B3 – 81 anos. 2019.

A interpretação do entrevistado aparece nos versos da música que se canta quando se vai hastear a bandeira.

Essa Santa vai para o céu,
Vai lá para o reino sagrado,
Vai deixando os vossos filhos
Todos eles abençoados.

Vamos, vamos meus irmãos
Todos com muito respeito
Pra ajudar cumpri o voto
Que há muito tempo foi feito.

A bandeira, ao ir para os ares, significa que vai ao céu. Dessa forma esse ritual se torna mais um momento em que se transcende a fé dos sujeitos entre a terra e o céu. O ritual, para os devotos de Nossa Senhora da Abadia, reafirma sua autonomia e interação direta com a Santa. E a bandeira da Santa, ao ser territorializada, representa a força das relações sociais e da religiosidade de seus devotos, codificada em rituais entre o sagrado e o profano.

POUSO 10

O GIRO GIRANDO O TERRITÓRIO: ACOMPANHAMENTO E DESCRIÇÃO CARTOGRÁFICA-FOTOGRAFICA-ANALÍTICA DE UM GIRO PELO PROFANO NO TEMPO DA SANTA

Bom dia / boa tarde!
O(a) senhor(a) recebe a folia?
Ou,
Bom dia / boa tarde!
O(a) senhor(a) quer que a folia cante para vocês?

Durante o giro, a folia de Nossa Senhora da Abadia tem a missão de pedir esmolas, prendas e convidar os moradores para a festa; de visitar os devotos em suas residências bem como levar a Santa para abençoá-los; além de levar alegrias, cantorias, rezas e ainda despertar sentimentos durante o seu movimento no trajeto planejado pelo espaço rural. A missão acontece nas casas dos pousos, dos almoços e das visitas rápidas.

Como pesquisadora, eu já havia participado de forma esporádica do giro da folia em outros anos, observando parcialmente os rituais durante algumas visitas. Isso me despertou o interesse em compreender e observar a experiência da expressiva devoção entre os foliões e os moradores visitados durante todo o giro. Eu tinha a expectativa de presenciar essa experiência precatória em nome da Santa, o que, para mim, seria uma revelação encantadora das vivências durante as territorialidades.

Após combinar com o chefe da folia e com alguns foliões a minha presença durante o giro, segui interruptamente o trajeto com o grupo de cantadores e pedintes durante o ano de 2016. Como os carros deles estavam totalmente ocupados com os sujeitos da folia, bagagens e instrumentos musicais, segui no meu carro. Assim eu era motorista e pesquisadora que observava, anotava, perguntava e fotografava atenciosamente os movimentos empíricos.

Dessa forma minha interação ocorria sem atrapalhar o andamento dos rituais, conforme tinha sido combinado. Mesmo sem querer ser invasiva, sem atrapalhar as energias do instante, o meu próprio corpo e a câmera já invadiam, para registrar – mesmo com muito respeito – o território do outro. Geralmente eu interagia com os sujeitos após ou antes das atividades da folia. Às vezes, quando a visita era rápida, só dava tempo de perguntar o nome do morador, da fazenda e pegar as coordenadas geográficas. Durante os ritos de almoço e de pousos, às vezes eu conseguia conversar com os moradores, intercalando minha pesquisa com suas atividades domésticas.

No período da vivência, eu baixava e anotava as coordenadas geográficas por meio de um aparelho de GPS. Isso em todas as casas visitadas. Dentro das possibilidades, eu conseguia interagir com os moradores, com os foliões, com o lugar e com o trajeto. Geograficamente o percurso da devoção foi tomando uma forma cartográfica, enquanto a folia evidenciava a territorialidade sagrado-profana por onde passava.

Paralelamente, os elementos espaciais davam sentido ao giro. Esses elementos se revelavam por meio dos rituais com a bandeira da Santa, das cantorias, das rezas, dos sentimentos, dos gestos, dos foliões, dos moradores, das fartas comidas, dos lanches, cafés e goles de pinga, das brincadeiras e às vezes dos raros conflitos entres os sujeitos envolvidos nesta vivência.

Em relação à cartografia da devoção, os foliões têm já esquematizado o mapa mental que devem seguir. O trajeto é elaborado antes da saída para o giro, considerando-se a posição e a distância entre as casas. Levando em conta também a relação religiosa dos moradores com a folia e os prováveis sujeitos que irão receber a Santa. No entanto, eles ficam atentos o tempo todo quanto ao sentido da direção do giro, para não acontecer a “batida cruzada”, que é a possibilidade de cruzarem um caminho que já percorreram. Esse movimento de cruzar não pode ocorrer pelo risco de acontecer algum infortúnio ao proprietário daquele lugar. Para evitar a “batida cruzada”, todo o giro, do início ao fim, tem a forma aproximada de um círculo, assim se evita o vai e vem, durante o percurso.

Em 2016, a folia percorreu aproximadamente 245 km durante o giro e foi a aproximadamente 90 casas, e, destas, 80 moradias receberam o grupo com seus respectivos rituais, nas demais não havia moradores no momento da visita. Foram

14 dias consecutivos de giro pela região rural e urbana, sendo 15 pontos de pousos. O Quadro 2 mostra os pontos dos pousos do giro de 2016.

Quadro 2 - Pontos de pousos 2016

Pousos da Folia de Nossa Senhora da Abadia 2016	
Pontos	Local/ Morador
Pouso 01	Fazenda Vista Alegre - José Abadio de Gouveia
Pouso 02	Fazenda Nova Esperança – Corivaldo Furtado de Ozêda - Cori
Pouso 03	Fazenda São Tomé - Lúcio Alves do Prado
Pouso 04	Fazenda São Tomé - Lúcio Alves do Prado
Pouso 05	Fazenda Rio Doce/Vista Alegre - Shirley Carvalho Barros
Pouso 06	Fazenda São Bento – Bento Gouveia de Oliveira
Pouso 07	Fazenda Onça – Maria das Graças Silva Ribeiro - Inondes
Pouso 08	Fazenda Cruzeiro – João Matias Neto
Pouso 09	Assentamento N. Sra. de Guadalupe - Sítio São Longuinho - Leôncio Freitas Vieira - Leôncio Oropa
Pouso 10	Assentamento N. Sra. de Guadalupe - Sítio Sta. Vitória - Luiz Carlos Cabral de Souza – Carlinho
Pouso 11	Assentamento N. Sra. de Guadalupe – Sítio N. Sra. da Abadia - Valdivino Raimundo do Prado - Divino Leiteiro
Pouso 12	Fazenda Bom Sucesso/Sta. Rita de Cássia – Sandra Mariza Ferreira Prado
Pouso 13	Fazenda Onça – Oscar Ferreira de Freitas - Cabecinha
Pouso 14	Fazenda Cambauvinha - João Batista Cruvinel – Batista
Pouso 15	Fazenda São Tomé/Rio Doce - Almari José de Oliveira

Fonte: Trabalho de campo (2016)

O primeiro ponto do pouso é na residência do senhor José Abadio Gouveia, que é o guardião dos instrumentos musicais, das bandeiras antigas e da bandeira atual. Conforme depoimento do guardião, a saída da folia acontece em sua casa desde o ano de 1972 (aproximadamente). No último ponto de pouso se encerraram as atividades do giro. Foi nesse ponto que a bandeira da Santa ficou até o dia da festa em sua homenagem; ele é estrategicamente pensado, ficando próximo à casa do festeiro. Dessa forma são facilitadas as realizações dos rituais nessa casa até se chegar à casa do festeiro, no dia da festa.

Seguir com o grupo me deixou claro que a divindade é imanente à folia, o que justifica sua peregrinação na experiência religiosa e festiva. É notável também que os rituais sagrados e profanos se realizam e estendem a duração da festividade, de forma que a celebração à Santa acontece além do seu dia oficial, ou seja, também se festeja durante o giro.

Nessa conjuntura eu senti as emoções; pude observar as chegadas e saídas das casas; as recepções mais contidas e outras mais calorosas; compartilhei com os foliões vários momentos, como os pousos, os almoços e os jantares saborosos da peculiar cozinha goiana, os lanches deliciosos, os causos, as conversas, as brincadeiras verbais e materializadas, as cantorias, as rezas, as danças, os jogos, as despedidas, as doações, os raros momentos de conflitos entre eles e as trocas de serviços religiosos e profanos.

Foi perceptível também que o giro da folia é o lugar dos encontros familiares, dos amigos, dos vizinhos e das relações de compadrio. Esses sujeitos vão aos ritos de giro para se socializarem com todos os presentes e para ajudar os anfitriões no feitiço da comida ou em outra atividade.

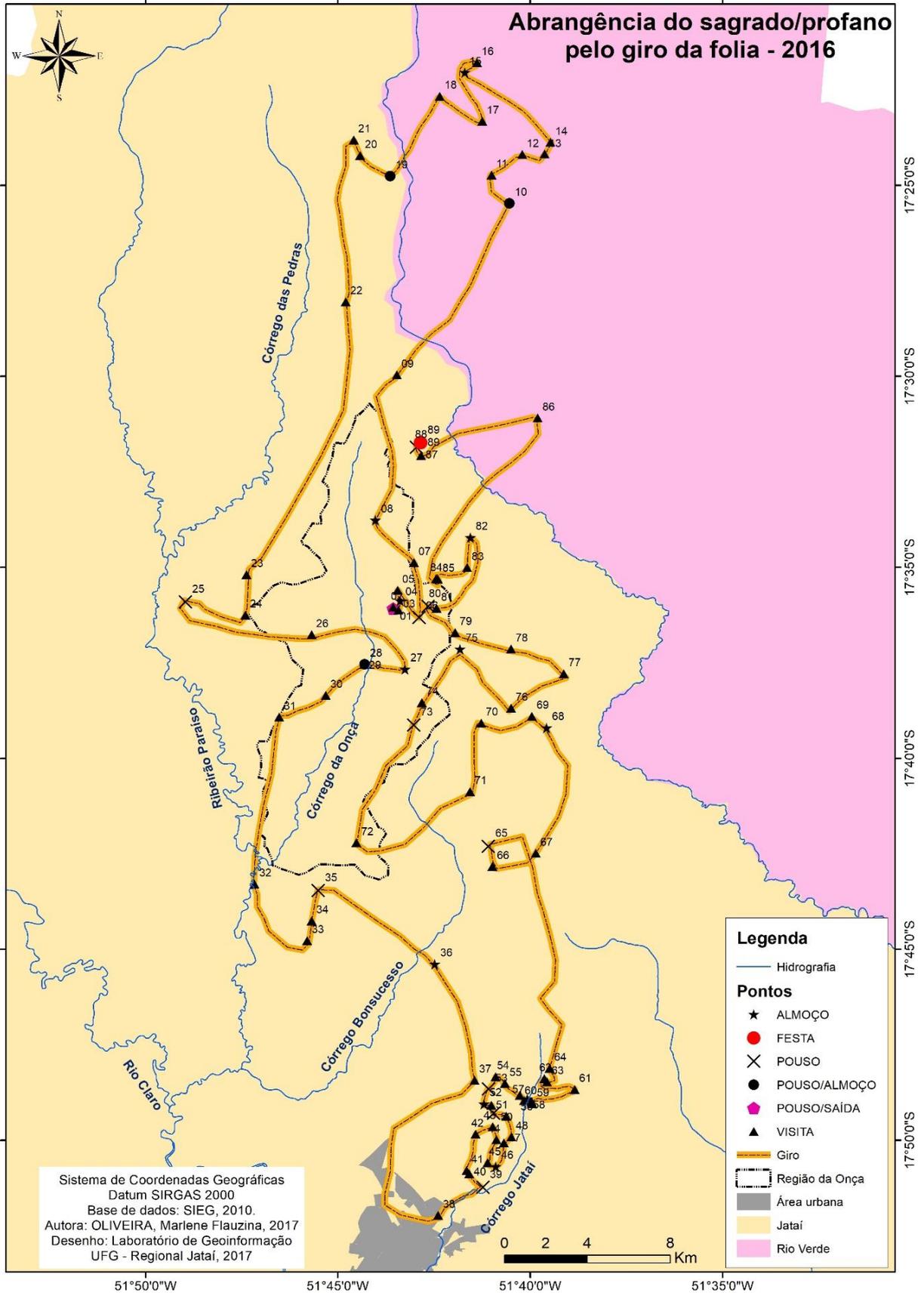
Por onde a folia passa o lugar se territorializa por meio dos símbolos e dos ritos; impregnam-se no espaço algumas impressões diferentes das atividades do cotidiano, como a cozinha da casa do anfitrião, que passa a ter mais pessoas ajudando na preparação da comida, na inclusão dos rituais de pouso e de almoço; impressiona a presença da bandeira, que traz estampada a imagem da Santa; é marcante a presença dos altares, dos cânticos, dos acompanhantes da folia e dos próprios foliões.

10.1 Mapeando o território festivo

Construir um mapa cartográfico a partir do mapa mental dos foliões foi tarefa realizada por meio do trabalho de campo durante o giro da folia de Nossa Senhora da Abadia no ano de 2016. Esse mapa aponta a dimensão cultural e religiosa de uma comunidade que busca em sua padroeira fé e forças para continuar com a tradicional e centenária festa em sua comemoração.

A mobilidade da folia durante o giro está espacializada no território festivo conforme o Mapa 2, que representa, graficamente, o resultado da territorialidade da folia, em que se criam pontos estabelecidos durante o giro. Esses pontos são dos pousos, dos almoços, das visitas, o lugar da saída da folia, o lugar da festa, a bacia hidrográfica do Córrego da Onça, que referencia a região. O mapa traz também o trajeto percorrido, a rede hidrográfica de todo o espaço e a espacialidade que o giro abrange.

Mapa 2 - Giro da folia de Nossa Senhora da Abadia/2016



Realizado com o objetivo de compreender a vivência dos sujeitos, o trabalho de campo contribuiu para perceber e apreender a relação dos sujeitos com os elementos que compõem o mundo festivo e com as demandas para a reorganização dos lugares para a realização dos eventos que dão formas à celebração.

Nesta parte do trabalho, apresenta-se o mapa-base com elementos gráficos do território da festa, com suas delimitações fronteiriças e símbolos. No entanto, faz-se necessário também apresentar um mapeamento que, segundo Seemann (2001), se constitui uma representação subjetiva em que se revela a realidade atrás dos símbolos gráficos.

Em relação ao mapeamento, faz-se necessário apresentar, junto aos elementos presentes no mapa-base, uma “cartografia cultural”. Conforme Seemann (2003, p. 268), “trata-se de uma maneira espaciocultural de ver e interpretar, objetivando dar pistas e abrir caminhos para revelar a espacialidade da cultura e das suas representações”. Dessa forma entende-se que, pela cartografia cultural, é possível mapear e apresentar os elementos visíveis e invisíveis que caracterizam o lugar da festa.

Para Seemann (2003, p. 271), estudar a cartografia cultural é uma forma de “revelar e registrar formas alternativas de pensar o espaço em nossa própria sociedade!”. O autor afirma ainda que devem ser considerados, nesse tipo de trabalho, “os mapas que nunca aparecem em forma material”, como a “cartografia de performance”, que

pode se manifestar em forma de um ato social não-material, oral, visual, etc. como gestos, rituais, canções, processos, danças, poemas, histórias ou outros meios de expressão ou comunicação cujo propósito primário é definir ou explicar conhecimentos ou práticas espaciais (SEEMANN, 2003, p. 270).

Aqui a cartografia da performance será trabalhada no sentido de representar elementos materiais e não-materiais, que territorializaram o território desde o evento da saída da folia até o último evento realizado no dia da festa. Dessa forma, serão expostos em tópicos e visualmente representados por fotografias e textos que levam a imaginação do leitor ao mapa com suas representações gráficas. Demonstrando-se assim que, por meio da geografia, estuda-se o espaço, bem como as ações humanas, levando em consideração que a cultura material e imaterial é uma categoria que o constitui. Essas ações humanas precisam ser mapeadas também para representar a realidade geográfica encontrada nesse espaço.

Ao se desenvolver a cartografia cultural, os dados foram obtidos pelo processo de mapeamento, em que se expõe a representação dos elementos da festa no território e sua intensa relação com a história e com os sujeitos que se identificam com seus respectivos significados.

O processo de mapeamento das territorialidades está inscrito aqui como uma forma de representar as relações espaciais do mundo exterior, onde se faça visível aquilo que talvez, pelo símbolo gráfico do mapa, não fique inteligível. Pela cultura e performance, apresentam-se aqui elementos que constituem o giro, referentes ao período de 2008 a 2018, temporada em que se observaram os eventos da festa, bem como suas expressões durante o fazer festivo.

Para esse estudo serão apontados dois elementos percebidos durante o trabalho de campo que não foram explorados detalhadamente em outras partes desta pesquisa. São eles: os territórios dos profanos, analisados por meio da diversão, como as brincadeiras das crianças e dos adultos; e o território das comidas.

10.2 TERRITÓRIOS PROFANOS

Usa-se o termo “profano” em referência à “dessacralização e ao não-religioso”. Entretanto, “a ideia do profano só tem sentido numa perspectiva religiosa, ou seja, no domínio fenomenológico em que se opõe à noção do sagrado” (SERRA, 2009, p. 69). Ou seja, é no âmbito religioso que essas experiências são avaliadas, mesmo que de forma antagônica, ou com uma pequena relação. O referido autor ainda afirma que “aquele para quem não há nada sagrado, nada pode considerar profano” (p. 69).

Porém, no território em estudo, existe a relação (mesmo que estreita) entre o sagrado e o profano em todos os momentos em que se desenvolvem os rituais para celebrar Nossa Senhora da Abadia. O profano presente na festa constitui-se em torno dos rituais sagrados e vice-versa. Assim, eles se distanciam e se aproximam, e ao mesmo tempo em que se alternam eles se complementam – característica comum em festa do “catolicismo popular”. Os participantes se integram ao ritual do seu interesse, sendo ele sagrado ou profano. Portanto o ritual do momento se evidencia de tal forma que deixa o outro ritual “em espera”. Para Rosendahl (2002, p. 31), “o sagrado e o profano se opõem e, ao mesmo tempo, se atraem. Jamais

porém, se misturam”. Dessa forma o espaço sagrado e o profano são criações sociais, bem como sua ordenação. O Esquema 3 apresenta como acontecem os rituais no dia da festa.

Esquema 3 - A relação do sagrado e do profano no dia da festa

O sagrado e o profano	
Produção do altar	Produção do almoço
Chegada da bandeira Participantes devotos seguem com a Santa e os foliões até o altar Cânticos Troca das imagens durante a chegada da bandeira Pagamento de promessas por devotos durante a chegada da bandeira	Bar funcionando Participantes consumindo bebidas Rodas de conversas e risadas soltas Crianças brincando por todo lado Adolescentes e jovens conversando ou namorando Mesas de jogos (dominó e baralho) Churrasqueira em atividade
Inserção da bandeira no altar Cânticos Pagamento de promessas por devotos	Bar funcionando Participantes consumindo bebidas alcoólicas Rodas de conversas e risadas soltas Crianças brincando por todo lado Adolescentes e jovens conversando ou namorando Mesas de jogos (dominó e baralho) Churrasqueira em atividade
	Consumo do almoço Bar funcionando Participantes consumindo bebidas Som mecânico funcionando em alto volume Rodas de conversas e risadas soltas Crianças brincando por todo lado Adolescentes e jovens conversando ou namorando Churrasqueira em atividade
Folia tirando (pedindo) esmolos Participantes seguram a bandeira enquanto recebem uma cantoria da folia	Leilão (das 14h às 23hs) Bar funcionando Participantes consumindo bebidas Som mecânico funcionando em alto volume Rodas de conversas e risadas soltas Crianças brincando por todo lado Adolescentes e jovens conversando ou namorando Churrasqueira em atividade
Folia tirando (pedindo) esmolos Participantes seguram a bandeira enquanto recebem uma cantoria da folia	Jantar Leilão Bar funcionando

Continua

	<p>Participantes consumindo bebidas Som mecânico funcionando em alto volume Rodas de conversas e risadas soltas Crianças brincando por todo lado Adolescentes e jovens conversando ou namorando Churrasqueira em atividade</p>
<p>Reza do terço Participantes rezando, cantando, pagando promessas</p>	<p>Bar funcionando Participantes consumindo o jantar e bebidas Rodas de conversas e risadas soltas Crianças brincando por todo lado Adolescentes e jovens conversando ou namorando No estacionamento som dos carros funcionando em alto volume (às vezes)</p>
<p>Incendiar a fogueira</p>	<p>Bar funcionando Participantes consumindo o jantar e bebidas Rodas de conversas e risadas soltas Crianças brincando por todo lado Adolescentes e jovens conversando ou namorando</p>
<p>Procissão (curta distância) Santa saindo do altar em direção ao mastro Participantes seguem a Santa em oração ao som das cantorias da folia</p>	<p>Bar funcionando Participantes consumindo o jantar e bebidas Rodas de conversas e risadas soltas Crianças brincando por todo lado Adolescentes e jovens conversando ou namorando</p>
<p>Hasteamento da bandeira no mastro Cantorias Rezas</p>	<p>Bar funcionando Participantes consumindo o jantar e bebidas Rodas de conversas e risadas soltas Crianças brincando por todo lado Adolescentes e jovens conversando ou namorando</p>
	<p>Sorteio (dos empregos para a próxima festa) Participantes (devotos) com nome na lista ficam atentos à atividade Bar funcionando Participantes consumindo o jantar e bebidas Rodas de conversas e risadas soltas Crianças brincando por todo lado Adolescentes e jovens conversando ou namorando</p>
	<p>Continua</p>

	<p>Baile</p> <p>Som mecânico em volume alto</p> <p>Alguns participantes dançando ao ritmo da música executada</p> <p>Bar funcionando</p> <p>Participantes consumindo o jantar e bebidas</p> <p>Rodas de conversas e risadas soltas</p> <p>Crianças brincando por todo lado</p> <p>Adolescentes e jovens conversando ou namorando</p>
--	---

Fonte: Trabalho de campo, 2018

Ao se organizarem as duas existências por meio do Esquema 3, fica mais fácil visualizar que as fronteiras delimitadas entre o sagrado e o profano se flexionam, de forma que ambos possam ocupar, ao mesmo tempo, o mesmo espaço; eles acontecem simultaneamente e em sua maior parte sem conflitos. Raramente há momentos de conflitos entre os devotos e os participantes “de fora”, como, por exemplo, quando ligam o som automobilístico de forma a atrapalhar a reza do terço ou outro evento, ou quando algum sujeito muito bêbado interfere no sossego do próximo. Mas são situações que os próprios participantes controlam.

O profano existente nos eventos em celebração à Santa são atraídos por meio dos eventos sagrados. A festa acontece para cumprir um voto feito à Santa. Ao promoverem os espaços sagrados, os sujeitos revelam a vontade de se comunicarem com Deus – ou seja, “lá onde se está mais próximo dos deuses” (ELIADE, 2013, p. 60). Mas o profano promove também momentos de sociabilidade por meio das comilanças, das bebidas, das danças, dos jogos, das músicas, das conversas, enfim, por meio do prazer e da diversão – diversão essa que também se torna o “centro”, a atração dos momentos profanos.

Conforme Eliade (2013), o sagrado e o profano constituem duas modalidades de situações existenciais de ser no mundo assumidas pelo homem. Assim, os sujeitos se identificam e se assumem em relação ao cosmos e ao dessacralizado do mundo ao qual pertencem. Para Silva e D’Abadia (2014, p. 203), “a vivência da festa religiosa oportuniza ao ser a saída momentânea do tempo e do espaço profano e sua inserção nas dimensões que designam os sentidos míticos sagrados”.

Na festa de Nossa Senhora da Abadia, essa transição dos sujeitos entre o tempo sagrado e o tempo profano, ou vice-versa, acontece com muita naturalidade e frequência. De forma que a existência dessa dupla espacialidade ocorre por meio de uma reorganização no contexto festivo, onde o espaço festivo, conforme Silva e D'Abadia (2014, p. 203), “se traduz na convergência e na coexistência de múltiplos significados” – esses com sentidos particulares para os sujeitos participantes, devotos ou não. Assim, essa ordenação do sagrado e do profano permite que a festa tenha sua continuidade.

10.2.1 Brincadeiras no giro

Nesta festa, o sagrado se manifesta pela crença a Nossa Senhora da Abadia, materializada na bandeira da Santa, nas rezas do terço, nos altares, no mastro com a bandeira, nos gestos, nos sentimentos e nos cânticos religiosos. Para Eliade (2013), a manifestação do profano se mostra como algo absolutamente diferente do sagrado, são manifestações sem relação com a sacralidade. Dessa forma, o profano é formado por elementos que não possuem sacralidade – o que se pode destacar durante todos os eventos da festividade a Nossa Senhora da Abadia, com as músicas, as bebidas, as danças, as brincadeiras dos adultos e das crianças, as comilanças, as piadas, os causos, os botecos, o leilão, os jogos, o baile.

Brincadeira também é coisa de adulto, conforme esse registro da Figura 43, que aconteceu numa residência de pouso; foi um momento de lazer de foliões jovens e adultos, enquanto esperavam pelo almoço. O brinquedo já se encontrava instalado na fazenda, os adolescentes anfitriões inseriram os foliões na diversão do momento. A brincadeira “montaria em tambor” imita uma montaria em touro em festa de rodeio. O brinquedo tem a seguinte estrutura: o tambor de plástico reutilizado provavelmente já foi de óleo diesel, fica no centro, amarrado por cordas, sustentadas por quatro estacas de madeira. De cada lado, entre duas estacas, fica um sujeito que puxa a corda para baixo e para cima, criando movimentos bruscos e rápidos para o tambor, e este se movimenta como se fosse um boi enfurecido e pulando, de forma que o sujeito que estiver montado no “lombo” não aguenta e desmorona rapidamente, vai ao chão! Ao cair, caía na graça da plateia, que agitava ecleticamente. Aí eram só risos, gritos e gozações.

Figura 43 - Foliões brincando



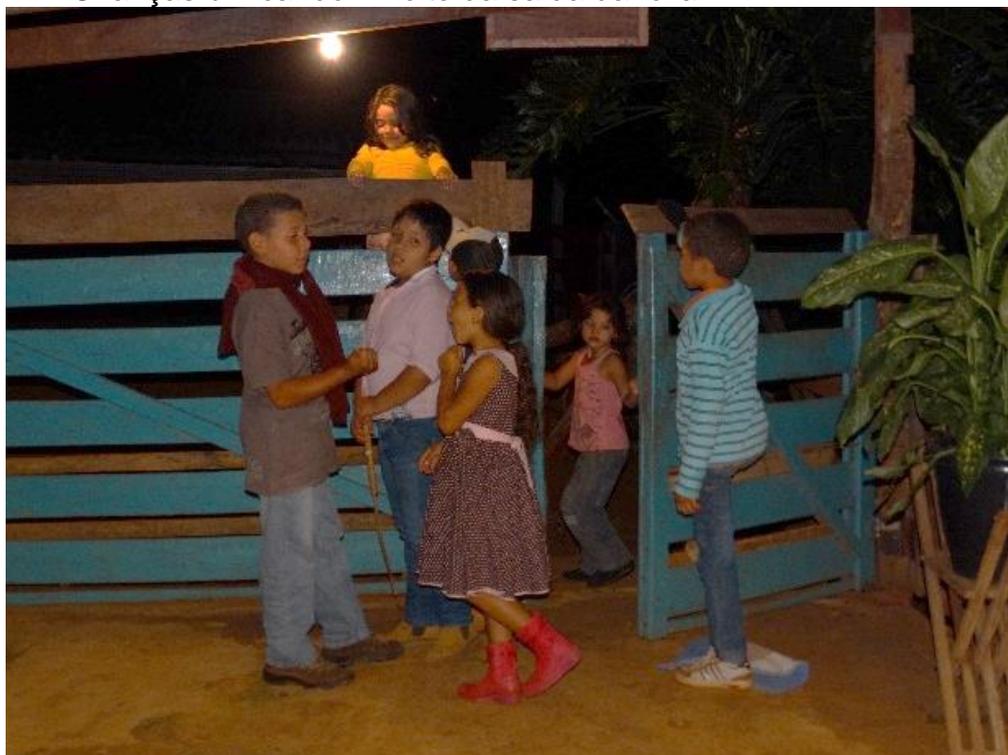
Fonte: Trabalho de campo (2016)

Nesse dia, os bravos foliões que se animaram a brincar não se intimidaram com o valente “touro” (o tambor), e um a um enfrentaram o desafio. Seguiram as regras de montaria em touro. O folião (peão) segurava a corda com uma mão, enquanto com a outra segurava o chapéu para cima, acompanhando os movimentos do corpo. E o “touro” (tambor) pulava ligeiramente, até o sujeito se espatifar no chão, levantado poeira. A brincadeira durou uma manhã, que correspondeu a um intervalo entre o pouso e o almoço, um intervalo muito divertido!

Nesta noite fria do inverno goiano, as crianças se aqueciam por meio de suas interações no território da festa da saída da folia, enquanto os adultos se entrosavam em vários espaços da residência. A Figura 44 registra o momento em que os pequenos, com idade entre 05 e 08 anos, acabavam de encerrar um ciclo da brincadeira do pique-esconde e já articulavam a próxima brincadeira. As crianças se movimentam por todo o espaço da residência, circulam correndo entre os adultos, no quintal e no pátio da entrada. Neste quadro fotográfico não existe nenhum brinquedo com as crianças, fora uma carcaça de foguete já usado, nas mãos de uma delas. O corpo era o próprio brinquedo, e é com ele que acontece o brincar coletivo. Assim, ao brincarem pelo espaço doméstico, elas se inteiram com o mundo

da festa, absorvem o que está acontecendo, e, sem perder o ritmo da alegria, elas igualmente se territorializam.

Figura 44 - Crianças brincando – noite da saída da folia



Fonte: Trabalho de campo (2015)

Elas são sujeitos participativos, elas estão ali, somando-se ao coletivo, fazendo parte do momento. Brincar é o momento de uma criança se envolver com as outras, momento de descobertas, de usar a imaginação, de ensinar e de aprender. Brincar é saudável, é “sagrado” e tem que acontecer sempre, principalmente quando há mais de um “sujeitinho” no mesmo ambiente.

As crianças aproveitam o evento para a socialização, para interagirem com o espaço e brincarem entre si, como nas brincadeiras “pique-esconde”²¹ e “pique-

²¹ O **pique-esconde** é uma brincadeira tradicional de crianças que envolve um número indeterminado de componentes. Uma criança será o pegador e as demais, fugitivas. É uma brincadeira com algumas regras: o pegador faz uma contagem de números até ter certeza que todas as crianças envolvidas na brincadeira se esconderam. Quando o pegador acaba de contar, vai à procura dos demais componentes, que estão devidamente escondidos. O pegador faz a contagem de números no pique, que é uma base (caule de uma árvore, um banco, um portão, etc.), é o lugar onde o pegador se apoia para ter vantagem em relação a sua posição. Quando o pegador está no pique nenhum fugitivo se atreve a chegar no pique. O primeiro fugitivo a ser encontrado será o próximo pegador. Mas o último a ser encontrado leva a vantagem de ter escolhido o melhor lugar para se esconder. Quando o pique fica livre do pegador e uma criança consegue chegar até ele sem ser pega pelo pegador leva vantagem. Quando um fugitivo é pego pelo pegador fica em desvantagem por ter seu esconderijo descoberto. A cada fugitivo encontrado, o pegador vai até o pique, conta até três, bate no

pega”²². Aos sons de seus gritos e risos, improvisam seus entretenimentos. Constroem casinhas e fazendinhas com água, areia e gravetos; sobem em árvores; às vezes interagem nas rodas de conversas. Ao desenvolverem as brincadeiras tradicionais, as crianças também recriam o ambiente, por meio da cultura popular. Produzem no ambiente tradicional momentos de identidade cultural durante o ato de brincar, construindo, dessa forma, um outro atrativo para aquele momento. De forma que recebem e transmitem a outras gerações o saber de outras épocas.

No contexto atual do lugar festivo, onde existem elementos tradicionais e modernos, há um conflito entre a crença e a tecnologia, de forma que novos elementos são inseridos no ambiente, como os jogos e brincadeiras em aparelhos modernos, como celulares e *tablets* usados pelas crianças. Mas essa prática moderna é contornada pelos adultos, que de forma cuidadosa transmitem e resguardam suas memórias por meio de suas práticas culturais.

Em relação à inserção de novas atividades profanas no espaço da festividade tradicional, Machado (2007, p. 88) afirma que “as práticas populares trapaceiam com a realidade, produzem novos valores e concepções, mantêm um diálogo contínuo entre as categorias do passado e do presente”. Dessa forma as práticas tradicionais existentes no festejo a Nossa Senhora da Abadia resistem e se desviam dos efeitos da modernidade, reforçando a cultura sagrada e profana. Todas essas atividades também produzem significado às vivências no momento profano da festa.

10.2.2 Os sabores territorializados da festa

A tradicional janta do dia da festa surgiu junto ao voto de rezar o terço para a Santa em sua homenagem. O lugar onde se celebra a Santa pode ser durante a folia nas visitas, na saída da folia e no próprio dia da festa. E nesses momentos e lugares

pique e revela o nome no fugitivo que foi encontrado, para que os demais fiquem informados. Uma brincadeira que envolve muita correria e gritos das crianças.

²² **Pique-pega** – uma brincadeira tradicional, e existem várias regras para se brincar. Tem-se o pegador e os fugitivos. O pegador é escolhido no início da brincadeira. O pegador corre atrás dos outros componentes, que tentam fugir o tempo todo. Quando o pegador consegue encostar ou pôr a mão em um fugitivo, este é isolado dos demais, ou seja, ele vai ficar no pique, até acabar essa rodada. A brincadeira acaba quando todos os fugitivos são pegos pelo pegador. Quando todos os fugitivos são pegos ficam reunidos no pique até acabar a brincadeira.

geralmente existe a cozinha, que se torna ambiente de referência em que se percebem diversos elementos, como a cultura, os saberes, as identidades, a organização dos instrumentos de trabalho, os alimentos, cheiros, cores, sons das panelas, sons das conversas e das risadas.

A identidade gastronômica da “Região da Onça” é revelada pelos tipos de alimentos bem como pela forma de prepará-los, pelo uso dos condimentos, por meio dos procedimentos e práticas usadas pelos sujeitos, o que caracteriza a peculiaridade dos pratos locais. A culinária desenvolvida durante toda a festividade também é uma forma de garantir vivacidade à tradição, porque possui atratividade por meio dos cheiros, sabores, cores e sentido.

Para DaMatta (2000, p. 55), a “[...] comida se refere a algo costumeiro e sadio, alguma coisa que ajuda a estabelecer uma identidade, definindo, por isso mesmo, um grupo, classe ou pessoa”, “[...] estilos regionais, e nacionais de ser, fazer, estar e viver” (2000, p. 57). Em seu estudo sobre alimentos e comidas, Almeida (2017) compactua com a ideia de que estes também são formadores da identidade alimentar e diz:

[...] certo número de indicadores gustativos afirma uma identidade alimentar, um sabor presente na memória que delimita vigorosamente o pertencimento culinário a um dado território (2017, p. 2).

Nesta identidade, a comida goiana é listada por Barbosa (2008, p. 217), destacando-se algumas iguarias presentes durante a festividade da Santa, como: “arroz com suã, arroz com pequi, paçoca de carne seca, angu de milho verde, frango ao molho, feijão tropeiro”. A gueroba ou guariroba (palmito amargo), a mandioca, o tradicional feijão são outros alimentos muito apreciados pelos sujeitos participantes da festa. Entre os tipos de carnes, destacam-se as bovinas (em forma de almôndegas, moída, alguns cortes ao molho, fritas e a carne assada), as suínas (principalmente a carne na lata) e a de frango (geralmente ao molho ou com arroz).

Entre as quitandas, estão a broa de fubá, biscoitos, pães de queijo, bolachas, roscas, bolos de queijo, de cenoura, de mandioca, de fubá. Entre os doces, destacam-se os de manga, de casca de laranja, de queijo ou doce de bolinha, de leite em pasta e em pedaços, de goiaba, banana, mamão, pau de mamão com coco ralado, ambrosia, queijada, etc.

Destarte, as comidas servidas representam uma cultura, por conter históricos e técnicas específicas, geralmente regionais ou locais, uma tradição apreciada pelo gosto coletivo. A cozinha é um espaço e um ponto cultural das diversas sociedades. Também é um lugar de identidade, conforme Signoreli (2010, p.16):

A construção histórica da identidade do homem e da sociedade humana se faz através da história, não só pelos seus costumes, crenças e valores, mas também por seus hábitos alimentares.

Em todos os eventos que compõem a festividade à padroeira, a cozinha é um lugar de socialização e de vivência entre seus usuários. Há muitas comidas em todos os eventos que compõem a comemoração. São fartos os cafés da manhã, almoços, lanches da tarde e jantares, todos gratuitos a quem queira saboreá-los. Tem também pinga, licor, leite de onça²³ e café. As bebidas são disponíveis em quase todas as residências visitadas. Portanto a comida se torna um marco fundamental na festividade a Nossa Senhora da Abadia. Segundo DaMatta (1994),

[...] há, no Brasil, certos alimentos ou pratos que abrem uma brecha definitiva no mundo diário, engendrando ocasiões em que as relações sociais devem ser saboreadas e prazerosamente desfrutadas como as comidas que estão celebrando. E de modo tão intenso que não se sabe, no fim, se foi a comida que celebrou as relações sociais, estando a serviço delas, ou se foram os elos de parentesco, compadrio e amizade que estiveram a serviço da boa mesa (DAMATTA, 1994, p. 54).

Os cardápios vão ganhado forma, cheiros e cores como um resultado da relação social, do companheirismo e da sociabilidade entre os participantes, que fazem da cozinha um meio social importante para a festividade.

Para DaMatta (2000, p. 64), “temos na nossa cozinha, na nossa comida e no nosso modo de comer, uma obsessão pelo código culinário relacional e intermediário. Um código marcado pela ligação”. De forma que as cozinhas no tempo festivo também são um movimento relacional, em que, para celebrarem as conquistas concebidas pela Santa, as relações sociais também são celebradas, como se percebeu em todas as cozinhas tomadas pelas emoções, entusiasmos e

²³ Leite de onça é uma bebida artesanal, feita com leite de vaca, açúcar, coco ralado e pinga.

comprometimentos dos amigos, compadrios, familiares e vizinhos. Esses encontros são muito oportunos e ao mesmo tempo prazerosos para aqueles que ajudam em alguma função durante a organização da festa.

Dessa forma, ao celebrar as relações sociais também, o ritual da comensalidade está garantido todos os anos, incentivando a produção da tradição. Cada participante devoto envolvido com a culinária doa sua mão de obra, de modo que cada ação desempenhada vai agregando forma e resultados ao banquete. Esses sujeitos, durante esse encontro ou reencontro, fazem desse momento uma forma para se alegrarem também, todos exercem suas funções em clima de festa, com uma alegria estampada nos rostos, misturada às emoções festivas, conforme se vê na figura abaixo.

Figura 45 - Produção de almôndegas



Fonte: Trabalho de campo (2016)

Esse grupo de mulheres participava das atividades que a cozinha demandava, nesse registro elas estavam envolvidas com a produção de almôndegas. Um prato comum na culinária festiva e goiana. A carne de vaca, depois de moída, recebe dosagens de alguns ingredientes, como: sal, pimenta, alho, cebola, farinha de mandioca e banha de porco. Mistura-se bem até formar uma massa homogênea, assim será acentuado um sabor peculiar. Depois, as

almôndegas são formatadas uma a uma, formando bolinhas de carne pelas mãos habilidosas das ajudantes. Nesse feito, ainda recebem das participantes muita dedicação e entusiasmo ao produzi-las. Geralmente o ambiente é tomado pela alegria das brincadeiras verbais, acompanhadas pelos risos soltos. As bolinhas de carne são servidas fritas ou ao molho vermelho.

Desde 2009, a churrasqueira passou ser um elemento presente em algumas festas. É uma decisão do festeiro tê-la ou não. No registro da Figura 46, os churrasqueiros, que são participantes da festa, e aos olhos atentos dos consumidores, cumpriam seu ofício e acrescentavam os ingredientes da dedicação e alegria para servir a quem queria saborear uma deliciosa carne assada. A churrasqueira se torna um lugar socialmente atrativo pelo cheiro exalado em todo o ambiente, fazendo com que, rapidamente, cérebros e estômagos passem a desejar e imaginar o sabor da comida que será degustada.

Figura 46 - A churrasqueira



Fonte: Trabalho de campo (2018)

E notável que, na festa onde existe a churrasqueira, sempre se formam rodas calorosas de conversas à sua volta, porque o churrasco naturalmente tem o poder de unir os sujeitos ao seu redor. É um momento para a descontração e para compartilhar as conversas, as bebidas e a succulenta carne assada. Sobre o balcão

de madeira feito exclusivamente para a ocasião, vai chegando aos poucos, por meio dos espetos de ferro, sendo cortado pelas lâminas afiadas das facas guiadas por habilidosos movimentos manuais, o apetitoso e principal ingrediente desse lugar.

O ato de comer coletivamente, nesta festividade, revela a identidade e a história dos sujeitos participantes. A comida, além de nutrir os participantes, é um indicador de partilha entre os presentes, de forma que estão perpetuando o ritual e apregoando sentido ao mesmo.

O valor simbólico do jantar da saída da folia está relacionado à tradição cultural e religiosa, bem como à prática dos sujeitos envolvidos em dar início aos eventos que compõem a festividade. A Figura 47 apresenta o momento em que as relações sociais durante o evento são responsáveis pelo feitiço do jantar. Ao mesmo tempo essas relações se convertem em coletividade na hora de degustar a deliciosa janta, que geralmente tem no cardápio: arroz branco, arroz com frango, feijão, almôndegas, carne moída e carne de porco na lata (carne de porco frita conservada na banha), macarrão, mandioca cozida, gueroba, salada de repolho com tomate, farinha de mandioca e pimentas em conservas.

Figura 47 - Participantes servindo o jantar na noite da saída para a folia



Fonte: Trabalho de campo (2016)

Os sujeitos se acomodam de qualquer jeito para se alimentarem, ora sentados, de cócoras ou em pé mesmo. Mas de forma que todos interagem no momento por meio da nutrição.

Woortmann (2013, p. 11) atribui à comida uma forma de expressar alguns significados, de modo que a comida “fala” de, ela é uma “expressão” de, ela é a “representação” de algo”. Dessa forma a comida revela seu significado, ao trazer em seu contexto histórico, econômico e cultural, a religiosidade, a identidade, a memória, as origens sociais, entre outros elementos, como o ato de compartilhar.

A Figura 48 traz o momento de compartilhamento expresso pelo ato social de comer, no qual os sujeitos degustam variados pratos, resultado da reciprocidade e ajuda mútua dos participantes em produzir a comida. Assim, o momento da comensalidade “fala” da prática cultural e da identidade no território da saída da folia, que, além do jantar, tem a reza do terço.

Figura 48 - Jantar na noite da saída para a folia



Fonte: Trabalho de campo (2016)

Outros momentos do compartilhamento “falam” por meio da comensalidade e da prática social dos sujeitos organizadores da festa, juntamente com os participantes de “fora da festa”. Foram observados e registrados outros instantes em que os sujeitos partilham das várias refeições no tempo da festa.

Registra-se na Figura 49 o momento de partilhar a comida por todos os participantes da festa, sendo eles “gente de dentro e gente de fora”. Os sujeitos se organizam de forma a compartilhar os variados sabores disponíveis. Momento em que se mata a fome do corpo e se alimenta a alma pelo prazer de saborear uma deliciosa comida. Para DaMatta, a comida “[...] é tudo que se come com prazer, de acordo com as regras mais sagradas de comunhão e comensalidade” (2000, p. 55).

A Figura 49 também mostra o instante em que os sujeitos, ao se servirem, estão saboreando a comida com os olhos, com o nariz e, logo que se acomodarem em algum lugar, vão saboreá-la “com a boca, com a boa companhia, e finalmente, a barriga ...” (DAMATTA, 2000, p. 55).

Figura 49 - Almoço no dia da festa



Fonte: Trabalho de campo (2011)

Em um almoço durante o rito do giro, a mesa está posta com apetitosos pratos, o convite para saboreá-los foi feito, mas antes foi proferida uma oração em torno da mesa, um costume familiar no cristianismo. Esse é um momento de comunhão com Deus e com a Santa. Nele se desperta a emoção espiritual e se pode pedir proteção e bênçãos, e, ao mesmo tempo, agradecer pela comida como fonte de energia vital, para continuar com o giro.

A Figura 50 registra quando todos os presentes compartilharam do mesmo momento, os anfitriões, os foliões, os acompanhantes da folia e os cozinheiros. Um círculo formado pelos sujeitos presentes, ligados pela união das mãos, com os olhos fechados e o pensamento voltado ao céu, eis que surge e ecoa pelo ambiente a voz de um dos sujeitos, para agradecer pela “bela comida” e pedir a bênção sobre o alimento que estavam prestes a degustar. Após a oração, de forma muito educada, os foliões pegaram garfos e pratos, e se serviram, seguidos pelos demais presentes.

Figura 50 - A fé e a comida



Fonte: Trabalho de campo (2016)

Uma outra territorialidade dos fazeres festivos se constitui em um momento mais intimista, no qual predomina, na maior parte do tempo, a presença dos sujeitos devotos de Nossa Senhora da Abadia. Isso acontece na casa do festeiro, durante os preparativos para a festa, de 10 a 15 dias antes da celebração. Nesta, se encontram os participantes e foliões, já que o giro acabou.

A merenda é mais um símbolo do convívio social, durante o giro da folia e durante os preparativos para a festa, nos dias que a antecedem. A Figura 52 é o registro desse instante. Durante os preparativos, uma equipe de cozinheiros se desdobra para não deixar de nutrir os vários sujeitos que desempenham algum emprego. A merenda significa que é hora de parar com o que se estiver fazendo e

apreciar e compartilhar mais um momento de “comes e bebes”, recheado de bolos, roscas, biscoitos, pães de queijo, doces (de queijo, banana, leite, pau de mamão, goiaba, manga, mamão, ambrosia, requeijão), café, leite, sucos e refrigerantes. Compartilham-se, nesse momento, os vários pratos com os fatos engraçados acontecidos ali, e estes se misturam às descontraídas e soltas risadas.

Para a merenda são usados muitos ingredientes produzidos na região ou no próprio quintal dos festeiros, como os ovos, polvilho, leite e as frutas. Mesmo que se comprem alguns ingredientes industrializados para o feitiço das quitandas, elas são produzidas ali mesmo, na cozinha da festa, no calor dos fornos e das emoções de seus mestres-cucas.

Figura 51 - Merenda durante os preparativos



Fonte: Trabalho de campo (2016)

A despensa da festa é território representado por um cômodo reservado para o depósito de objetos, produtos e alimentos que serão usados e consumidos durante o período que antecede a festa e para o dia da festa. É o lugar das enormes panelas, tachos e bacias, caixas de isopor e outros utensílios que atendam às demandas da ocasião. São várias latas ou baldes de plástico com capacidade para 20 litros, contendo carnes previamente preparadas, como as almôndegas, costelas e

outros cortes de carnes bovinas; e carnes suínas, todas fritas e conservadas em banha. Há latas só com banha de porco. Há também variados doces produzidos ali mesmo na propriedade do festeiro ou por algum participante em sua residência. Há várias cartelas de ovos caipiras, garrafas e latas de bebidas. E também alimentos que não foram produzidos na propriedade, como arroz, feijão, óleo de soja, verduras, extrato de tomate, margarina, macarrão, açúcar, sal, cebola de cabeça, alho. E ainda foguetes e material de limpeza e higiene.

Figura 52 - Despensa da festa



Fonte: Trabalho de campo (2018)

A Figura 53 emoldura bebidas à disposição de seus apreciadores. Estas são gratuitas desde o início da festa até o seu encerramento. Uma única xícara é compartilhada e serve doses das bebidas a todos que quiserem um golinho de pinga, de leite de onça (na garrafa *pet*) e de vinho tinto (no garrafão verde à direita). Essas garrafas sempre ficam em lugar bem visível, que se torna um ponto bem visitado e apreciado por aqueles que gostam. Fora as bebidas gratuitas, existem as bebidas geladas no bar ou boteco. Esse é um elemento novo na festa, surgiu aproximadamente há uns 10 anos, com o intuito de ajudar a custear as despesas da festa, conforme relatos de seus participantes.

Figura 53 - Bebidas à vontade



Fonte: Trabalho de campo (2016)

Figura 54 - Boteco da festa



Fonte: Trabalho de campo (2015)

O boteco ou bar recebe essa denominação pelos seus participantes. Não se tem um nome definido para esse estabelecimento comercial que se instala na festa.

Assim, usaremos a dupla nomeação, para não descaracterizar o que para eles é um lugar onde se vende o que não se disponibiliza na festa. Em algumas festas, o boteco ou bar funciona desde os dias dos preparativos da festa, que acontecem em alguns dias antes do seu início. Geralmente vendem-se cervejas, refrigerantes, águas com gás e sem gás, energéticos, balinhas e chicletes. O boteco ou bar também promove momentos de compartilhamentos das bebidas e das relações sociais, como um espaço onde os sujeitos se identificam pelos interesses em comum.

Assim como num bar na cidade ou em outro lugar, o que separa o dono do freguês é o balcão. Mas o bom atendimento do dono e a boa qualidade de seus produtos já são elementos que o transformam em um território, porque atraem o freguês várias vezes durante seu tempo de funcionamento. Assim, o bar fica movimentado o tempo todo, havendo sempre várias rodas de conversas no espaço que o circunda, bem como sujeitos encostados no balcão, consumindo suas bebidas.

Esse território de vendas não tem som musical e comidas próprias, nem mesas, cadeiras e banheiros, por isso o consumidor tem que dividir seu tempo para o uso desse território específico com os territórios vizinhos, que são o palco de som, a cozinha e a churrasqueira. No consumo dos produtos oferecidos pelo bar ou boteco em algumas festas, é usado um caderno para anotar a compra dos clientes “conhecidos”; já outros clientes, em geral, só pegam o produto mediante a compra de fichas próprias. As anotações do consumo só encerram quando se paga a dívida. O bar é mais um elemento profano e comum em festas do catolicismo popular. Dessa forma mantém uma boa relação com os elementos do sagrado que se ritualizam durante a festa.

O ritual profano foi mapeado aqui com o fim de expor a cultura de um grupo pelos seus significados, formas de pensar e representar o espaço. Desse modo, o profano é considerado pelas brincadeiras; são relações que expressam satisfação e respeito pelo próximo, porque brincar também é um momento de aprendizado. Quanto ao ritual da comensalidade, a comida foi compreendida aqui como um sistema de comunicação, que “fala” das relações e das identidades; as refeições acontecem de forma coletiva, sendo marcadas pela convivência social, de forma que são apreciados os cheiros e sabores, associados ao bom humor e alegria. Nesses momentos misturam-se todos os sujeitos, pois todos precisam se nutrir para dar

continuidade às atividades do evento. Comparecem as crianças, os adolescentes, os cozinheiros, os jogadores de truco, os foliões, os rezadores do terço, e as rodas de conversas são desfeitas para dar lugar às filas em torno da mesa das panelas, todos reunidos com um só propósito: saborear as tradicionais refeições, que dão continuidade ao voto feito à Santa no início de sua devoção na “Região da Onça”.

Assim, nesta festa do “catolicismo popular”, é notável que os rituais são categorias que se relacionam e acontecem simultaneamente em um mesmo território, mas com territorialidades distintas. Então rezar, louvar, comer, beber, dançar, brincar, pagar e fazer promessas são relações comuns nesta festa – e em várias outras festas de santos pelo Brasil.

POUSO 11

O GIRO COMO GEOGRAFIA: RAZÕES E EMOÇÕES EM UM ESPAÇO DE MULTIPLICIDADES

Ao estudar a vivência no território, não se podem negar as emoções existentes. É que estas são experiências singulares na vida de cada sujeito participante da festividade. A emoção também induz o sujeito a participar ativamente da festa de forma individual ou coletiva.

Tratar o giro como geografia tem o sentido de geografar o movimento durante sua realização, de buscar compreender as grafias e as inscrições espaciais.

E a pesquisa permitiu, pela observação, perceber como se comportam os sujeitos fazedores da festa, o olhar, os gestos, os sabores, os cheiros, as emoções, as razões, as memórias, os sons e os movimentos de cada instante. É no corpo a corpo que se faz a geografia, e como entende Suertegaray (2002, p. 65): é no trabalho de campo que se fazem diferentes leituras do mundo com suas respectivas expressões. Portanto, o campo “É o lugar (da observação e da sistematização) do olhar do outro – daí o método fenomenológico dizer da necessidade de se colocar no lugar de”. Quando o pesquisador se coloca no lugar do sujeito pesquisado – do outro –, tem a possibilidade de se relacionar com o outro também, e, além disso, “promove o conhecimento do mundo para outros” (SUERTEGARAY, 2002, p. 65)

Destarte, a realidade do outro é interpretada pelo pesquisador por meio de sua relação com seu objeto de pesquisa. A geografia permite esse envolvimento na investigação, isso produz o conhecimento, que por sua vez

[...] desvenda as contradições, na medida em que as revela e, portanto, cria nova consciência do mundo. Trata-se de um movimento da geografia engajada nos movimentos, sejam eles sociais agrários ou urbanos. Enfim, movimentos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização (SUERTEGARAY, 2002, p. 66).

E ao acontecer o movimento da territorialização no tempo da festa, os sujeitos grafam a composição de um território por meio das vidas que o completam, e ao mesmo tempo esse território se permite ser tomado por uma diversidade de emoções. As emoções e razões captadas nos instantes em que ocorrem são o motivo do esforço desta parte da pesquisa, em que pretende apresentar, por meio da geografia, sentimentos que às vezes não se encontram em bibliografias com que temos afinidades. Mas, esses sentimentos, quando especializados, são carregados de significados para os seus fazedores. De forma que as emoções estabelecem uma relação com o território, o lugar e o espaço vivido.

Para Furlanetto (2014, p. 200), as emoções e os sentimentos, ao acompanharem os indivíduos e grupos durante sua trajetória existencial, “possuem um papel geográfico: ligam os homens aos seus espaços de vida e influenciam as relações geopolíticas e os projetos de planejamento compartilhado”. Os lugares, ao serem habitados por humanos, naturalmente são impregnados de paixões, emoções e razões, enfim, por sentimentos. Portanto, as atividades desenvolvidas por esses seres são inseparáveis da afetividade, de forma que as emoções e os sentimentos atuam “sobre os impulsos, as escolhas e os comportamentos dos homens, condicionando os indivíduos e suas organizações, impregnando suas visões e concepções de mundo, agindo sobre suas estruturas e sistemas” (FURLANETTO, 2014, p. 201).

A estrutura da festividade como um sistema de emoções e sentimentos – que são afetivamente constantes na saída para a folia, no giro da folia e no dia da festa – faz parte da vida social de seus participantes, havendo alguns sujeitos que participam da festa desde que nasceram. Portanto as idades, na festividade a Nossa Senhora da Abadia, variam de 10 a 80 anos. Conforme relatos verbais, para os sujeitos que tradicionalmente participam de alguma forma da sua festa, existe uma emoção que os leva a participar, emoção que está relacionada à religiosidade, à identidade e ao sentimento de pertencimento. E isso gera expectativa para o deslocamento de suas casas até a festa.

As emoções impulsionam os participantes a irem à festa em busca dos rituais sagrados e dos profanos. O deslocamento “para a festa faz parte do mundo ritual”, segundo Maia (2001, p. 182). Ao se deslocar, o participante vai ao encontro também das rezas, crenças, do pagamento de promessas, das danças, comidas, músicas, dos amigos. Dessa forma os sujeitos, ao realizarem o movimento de ida

aos eventos da festividade, fazem desse momento uma alegria. De acordo com Maia, “retornar para a festa é deixar-se levar pelos caminhos da emoção” (2001, p. 183).

O estar na festa gera muita emoção, emoção que pôde ser percebida durante as entrevistas feitas no momento da vivência festiva, cujas respostas estão impregnadas de emoções. É o que se nota pela descrição dos sujeitos participantes, quando indagados sobre o significado da festa para eles.

“É uma alegria!” Entrevistado B - 59 anos. 2011.

“Para mim talvez é um momento de alegria, talvez é um momento de prazer na minha vida”. Festejar. Entrevistado B3 – 2011. 73 anos.

“Eu acho assim... que significa é um momento de alegria de participação da comunidade, um momento de tá assim junto com os amigos né? Eu acho assim... Eu sinto assim um momento de confraternização”. Entrevistada F. 56 anos. 2011.

“Ah! Assim, é emoção, né? Que a gente tem tanta devoção com ela, e às vezes a gente tem problema na família com doença, com tudo, aí você pede à Santa que ela ajuda, então é uma emoção muito grande”. Entrevistada I. 2011.

De acordo com Maia (2011), a emoção é também um elemento constitutivo da espacialidade festiva, o que fica evidente nas respostas dos entrevistados, quando indagados sobre qual o momento mais significante de toda a festa, desde a saída da folia para o giro até a festa em celebração à Santa.

“Aquele dia que a gente une pra sair é aquela alegria, né? Você já participou com nós, né? (Se refere ao dia da saída da folia para o giro). E o dia da chegada da bandeira aqui! (se refere ao local da festa). Na hora da chegada aquilo dá uma emoção demais na gente! Na hora do terço louvando a Santa, agradecendo por tudo que ela já fez pela região, né? Ela ter abençoado nossa região”. Entrevistado D – 38 anos. 2011

“Eu acho o momento que me toca muito é a hora da chegada, os cantos da chegada é uma coisa que me emociona muito. Acho muito bonito, às vezes até choro, é muito bonito. Tudo é importante, né? A realização da festa, mas aquele momento ali, é o momento que eu acho muito importante, a hora da chegada é a hora que os dois santos se encontram”. Entrevistada G – 33 anos. 2011.

“A chegada, a chegada é a mais emocionante! (Entrevistada emocionada, quase não consegue falar.)

– E enquanto festeira a emoção ainda é maior? - É maior, ixi, aí é maior ainda, Marlene do céu! (Entrevistada visivelmente emocionada, olhos marejados.)

– Como você descreveria esta emoção?... Ai, Marlene... eu não... principalmente quando começa a folia, sabe, ai, nossa!

– A música é linda, não é? É linda, aí você lembra de muita... (pausa para o choro)". Entrevistada I. 2011.

“Assim a saída é um momento muito importante, depois vêm os pousos, cada pouso, cada pouso é um pouso! E no dia da festa, a hora da chegada, pra mim é mais emocionante, a hora da chegada pra mim! Na hora do terço, na hora que tá rezando é emocionante, mas, na hora da chegada, gente, a hora que encontra as duas comunidades, porque a comunidade é uma só, só que é assim um grupo, um grupo do lado do festeiro e um grupo do lado do alfer, né, então a hora que reúne assim ali é hora mais emocionante, eu sinto assim!” Entrevistada F. 56 anos. 2011.

A hora da chegada para os entrevistados é o momento em que a Santa chega do giro à casa dos festeiros, embalada pelas canções da folia. A Figura 55 mostra o exato momento em que se encontram o grupo dos foliões, trazendo a Santa, e o grupo de sujeitos que acompanham os festeiros.

Figura 55 - O encontro dos foliões com os festeiros



Fonte: Trabalho de campo (2018)

Na Figura 56, logo abaixo, o registro foi feito no momento em que o festeiro estava visivelmente emocionado, de seus olhos brotavam lágrimas que percorriam

seu rosto. Era o momento do encontro dos foliões e a Santa com os festeiros, sua família, seus amigos e participantes devotos.

Figura 56 - Festeiro emocionado durante encontro com os foliões



Fonte: Trabalho de campo (2009)

Figura 57 - Alfer e festeira em abraço acalorado



Fonte: Trabalho de campo (2012)

Na Figura 57, a alfer e a festeira trocavam um abraço acalorado; era o momento em que a bandeira da Santa estava sendo entregue aos festeiros, e a imagem que os festeiros levavam era entregue à folia (imagem que eles tem em casa). É um misto de sentimentos, que pode ser compreendido por meio das conversas informais. A alfer se emociona por sentir que teve cumprida a obrigação de arrecadar donativos para a festa, e os festeiros se emocionam por receber a Santa em sua casa e por contribuir para a perpetuação da tradição.

A hora da chegada se transforma em um “território emocional”, onde os sentimentos são provocados por alguns instantes pelo ritual da chegada. Considera-se território emocional o mesmo que para Furlanetto (2014, p. 206): “territórios da alma que são almejados, consagrados, carregados de valores espirituais, por isso, percebidos e vividos com um fortíssimo componente sentimental”.

As emoções são percebidas pelos olhares atentos. São registradas pelas faces sorridentes, pelos choros, os gestos e os olhares. São íntimos os sentimentos provocadores desses gestos, que nem sempre são revelados. As emoções possivelmente podem ser por saudade de alguém que não mais está neste plano terrestre; pela alegria de ter participado mais uma vez da realização da festa; emoção pelos dizeres da letra da música da chegada; pela chegada da Santa ao ambiente; por um milagre alcançado; por uma proteção recebida; enfim, esse sentimento não desvendado cria um mistério. Mistério esse referido por Maia (2010), que, ao tratar das emoções nos momentos dos rituais, aponta:

[...] as emoções, num plano ôntico, são motivadoras do comportamento ritualístico, definindo tanto os gestos e as ações quanto, numa perspectiva mais ampla, o dito e o não dito nos rituais, pois muito do que se mostra nos rituais se faz como não dito [...] (MAIA 2010, p. 99).

Dessa forma “o não dito” está no imaginário do sujeito; sendo assim, não se pode afirmar exatamente a emoção do sujeito sem uma consulta ao mesmo. Mas pode-se compreender que, naquele instante, o corpo projeta intensamente uma emoção no momento do ritual. Destarte, Claval (2001), ao revelar a vivência das pessoas num recorte de Terra, considera interessante que se

leve em consideração o papel do corpo e dos sentidos na experiência humana, os recortes da realidade física e social pelas

peças, a riqueza da imaginação que dá sentido às geografias as mais diversas – a experiência do espaço, e que se explore a maneira pela qual se constituem as identidades e os territórios (CLAVAL, 2001, p. 43).

Pela observação e pelo entrosamento com os sujeitos, nota-se que vivenciar a festa, em toda a sua realização, comprova que ela é resultado das relações sociais, que carrega simbologias, espiritualidade e emoções. Todo o envolvimento de seus realizadores acontece pela vivência, que é carregada de múltiplos e diversos sentimentos. Segundo Chiapetti (2010, p. 140), “vivenciar, então, é mais do que viver... é viver com sentimento, ter relação com... envolver-se, adquirir experiência, experienciar [...]”. Pela vivência a emoção e a razão constituem a territorialidade religiosa, de forma que os entrevistados demonstram ser tomados pelos sentimentos que ali os levaram.

Ao experienciar, envolver-se e se deixar levar pelos sentimentos, a festa de Nossa Senhora da Abadia constitui, pelas práticas sociais, formas de geografar no território suas particularidades e territorialidades como resistência ao espaço em que se encontra (SUERTEGARAY, 2005). Sob esse raciocínio, a intenção deste estudo é compreender e respeitar as experiências do outro.

Assim, compreender esse momento e o lugar nos dá a liberdade de identificar o contexto em que os sujeitos envolvidos vivem, por meio dos “valores, crenças, atitudes, representações, significados, opiniões e visões de mundo expressos na linguagem comum [...]” (CHIAPETTI, 2010, p. 144).

A representação corporal percebida no mundo vivido da festa pode ser interpretada como uma comunicação com o outro, uma forma de reafirmar que, por meio da fé, a Santa se manifesta de forma transcendente. Reafirma-se também que os sujeitos foram atendidos ou minimamente tocados pela crença na Santa, ou seja, eles visibilizam seus sentimentos, a fim de reforçarem a energia da tradição festiva. E isso notadamente acontece de forma coletiva. Em um ponto ou outro percebem-se essas emoções entre eles.

Por esse mesmo pensamento, entende-se que os sujeitos fazedores da festa fazem do tempo da festa um momento para territorializar seus sentimentos e atuações, nas realizações dos rituais sagrados e profanos. Dessa forma existe uma correlação do corpo com o ambiente, ou seja, esses elementos se unem e se completam pela religiosidade existente naquele lugar. E assim são representadas as

emoções de estar na festa. Maia aponta que “nos rituais, mais do que em outras instâncias da existência humana, as emoções são fundantes, incontornáveis e alteram a qualidade do mundo” (MAIA, 2010, p. 102).

A qualidade do mundo para o sujeito, conforme Holzer (2013), pode ser entendida a partir da relação existencial do homem com a Terra, sendo que o espaço geográfico surge a partir dessa relação existencial:

[...] ele tem como essência a “geograficidade”, que expressa a razão de ser do homem no planeta Terra, ou seja, delimita e determina a sua possibilidade de existir como ser-no-mundo (HOLZER, 2013, p. 20).

Assim os sujeitos participantes da festa têm sua condição humana revelada por meio das emoções, que representam a vivência e uma experiência coberta de significados naquele momento. E a relação afetiva do sujeito ao lugar produz o sentimento de pertencimento, ou seja, o mundo é sentido e vivido tanto materialmente quanto subjetivamente. O que significa que o sujeito, enquanto ser-no-mundo, constitui e revela o mundo a partir de sua existência na festa.

11.1 O território de Nossa Senhora da Abadia, da razão e da emoção

Para a compreensão das intersubjetividades existentes durante a festa, faz-se necessário pensar nesse espaço relacional e em suas categorias, no lugar e território, a fim de se entender a dimensão objetiva e subjetiva da atividade sociocultural. Na geografia cultural, o lugar é uma categoria muito utilizada para se afirmar como um lugar vivido, onde acontecem as relações sociais, bem como as experiências subjetivas, conforme expõe Silva (2018, p. 71):

O espaço vivido se refere ao espaço da vida, do cotidiano, que todos nós construímos, sendo geógrafos ou não. Tal espaço encarna toda a densidade da existência humana, seus desejos, anseios, emoções, expectativas e aspirações sobre a vida. Assim, relaciona-se com a experiência humana.

Experiência humana que está sempre em movimento, assim como o lugar vivido, um mundo intercedido pelos sentimentos, experiências e símbolos.

Portanto, falar das emoções ligadas ao lugar, ao tempo e à territorialidade da festa, como situações que constroem as razões atravessadas pelo momento das expressividades, é pensar as emoções compreendendo a perspectiva relacional. Esse é o pensamento de Silva (2018), que enxerga a emoção pela

perspectiva relacional, isto é, ela não está localizada somente no indivíduo, mas, também na relação dele com o espaço e com os outros indivíduos e que oferece, portanto, uma mediação da nossa relação com o espaço (SILVA, 2018, p. 71).

Claval (2001, p. 48) afirma que: “Não é possível construir um conhecimento das realidades sociais isento das determinações materiais, históricas e geográficas das pessoas que o produzem”. Portanto, em acordo com Silva e Claval, entendemos que a emoção é uma experiência que permeia todo o contexto da vida. Destarte, o motivo que leva os sujeitos a se expressarem durante a territorialidade da festa de forma subjetiva é determinado pela crença e afetividade no fazer religioso e profano da festa, que carrega uma história de conflitos sangrentos e conquistas alcançadas pela crença religiosa. De forma que a crença em Nossa Senhora da Abadia é uma razão para fluírem as emoções, que, em alguns momentos, são representadas pelas expressividades corporais, em todo o período de realização da festa, tornando-se fatos socioespaciais.

As experiências emocionais são percebidas a partir das vivências durante todo o tempo festivo por meio de vários atos e efeitos: fazer votos, pagar promessas, voto válido, olhares concentrados, silêncio, sujeitos descalços, de roupas brancas, de joelhos, recebendo a bandeira, saindo com a bandeira, inserindo algo na bandeira, emoção em ajudar na organização da festa em todos os seus eventos, de contribuir com o leilão, na hora da prosa, pinga e café, na hora de comer, nas danças, nas gargalhadas e nos risos mais contidos, nas brincadeiras verbais e corporais dos adultos e das crianças, no jogo do truco, nos namoros, no giro da folia, na hora de construir a fogueira, o mastro, os bancos, as tordas (tendas), a churrasqueira, as fornalhas, na hora de rachar a lenha, de preparar a farta alimentação, recebendo a folia e a cantoria, nos choros, na devoção, no terço, na retirada do mastro, nas despedidas dos foliões, na fé, contando um milagre... Tudo merece um “viva”:

Viva o festeiro! Vivaaaa!

Viva o alfer! Vivaaaa!

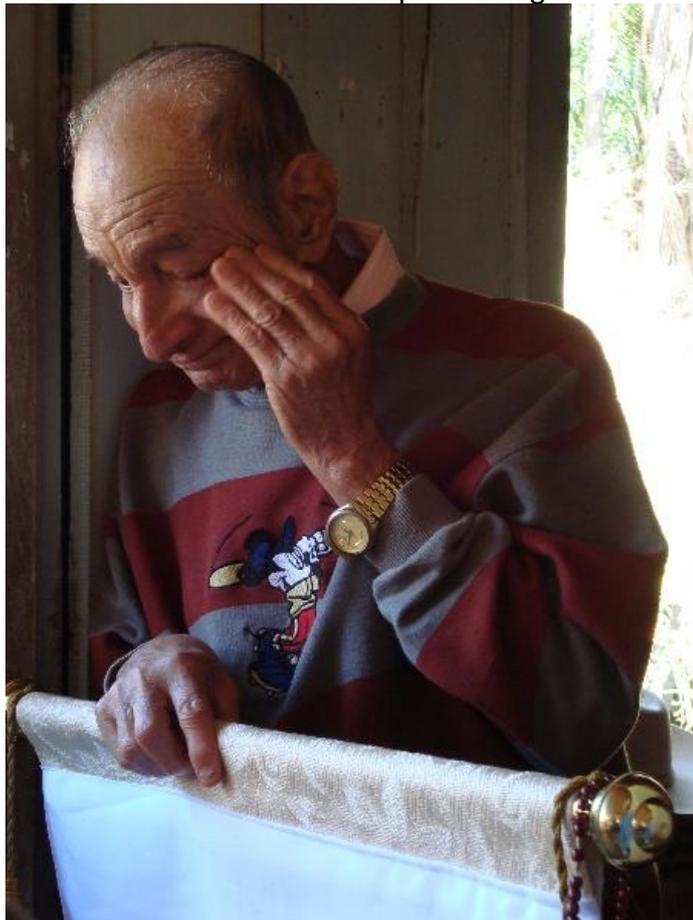
Viva a Senhora D'Abadia!

Viva o bobão aqui!

Viva as crianças! Vivaaaa!

Algumas dessas emoções foram registradas durante os trabalhos de campo.

Figura 58 - Emoção ao receber a cantoria enquanto segura a bandeira da Santa



Fonte: Trabalho de campo (2009)

Durante o giro de 2009, no momento do ritual de saída da bandeira, um homem, Seu Justino (falecido em 2014), que acompanhava o *introito* de mais um ano de giro e festa, pede uma música e a bandeira. Enquanto uma das mãos toca a fonte – como a querer que ela inspire a relação transcendental em construção –, a outra puxa para si, para seu corpo inteiro, a Santa em bandeira, fazendo de um trido, um, uma: um homem (o corpo em *carne*), uma bandeira (o corpo em representação) e Nossa Senhora da Abadia (o *corpo* em divindade), em um território *sagrado* e em uma *comunhão transcendental*. Ali, bem ali... (enquanto um “Mickey Mouse” era esquecido em sua pequenez).

Figura 59 - Festeira em agradecimento à Santa pelas bênçãos recebidas



Fonte: Trabalho de campo (2017)

A retirada do mastro provoca muita emoção. A Figura 59 mostra o exato momento em que a Santa “desce” à terra, e os sujeitos novamente têm o contato direto com ela. É a sua retirada do mastro. A festeira se ajoelha em frente à bandeira, e, visivelmente emocionada, faz uma oração em voz alta, agradecendo pelas graças recebidas, enquanto todos que participaram da retirada do mastro aguardam sua vez de reverenciar a Santa.

Uma particularidade percebida *in loco* é a reciprocidade durante as emoções. Isso ficou evidenciado em vários momentos. Com a Figura 60, registramos o instante em que o anfitrião fica satisfeito em oferecer uma pinga especial ao folião – pinga com casca de romã. E o folião também fica muito feliz ao ser agraciado com a especiaria oferecida. É uma emoção recíproca. O morador recebeu a folia com suas cantorias e brincadeiras, o que alegrou por alguns minutos o seu lar. A pinga é uma bebida muito apreciada durante o giro. Então oferecer uma dose é também uma forma de valorizar a presença dos viajores, mas receber o agrado também tem seu peso de reconhecimento. O gesto foi repetido para aqueles que gostam da pinguinha.

Figura 60 - Emoção recíproca



Fonte: Trabalho de campo (2018)

As expressões percebidas durante a territorialidade festiva são a essência do lugar da festa e contribuem para as suas especificidades, apoiadas na cultura local e na religiosidade popular dos sujeitos que a vivenciam de forma individual ou coletiva. Para Holzer (2013, p. 18): “Lugares, por sua vez, só existem porque os seres humanos compartilham suas experiências”. Em acordo com esse autor, Silva (2018, p. 74) aponta que “são as pessoas, suas vivências e experiências, as trocas, comunicações que dão sentido e visibilidade ao lugar, que possui personalidade e sentido”. Os sujeitos fazem parte do contexto histórico da festa, ao mesmo tempo em que incorporam ao lugar o sentimento de pertencimento e de identidade. Dessa forma esse lugar é impregnado de significado para suas ações sentimentais.

Para Holzer (2013), a geograficidade, ao se materializar no espaço geográfico pelas relações existenciais dos sujeitos, determina a sua possibilidade de existir como ser-no-mundo. Essa existência delimita os espaços. Mas de forma que esses espaços, agora delimitados, são compartilhados como mundos comuns. Ao delimitar mundos comuns, surgem os territórios, que “se apresentam como a afirmação da identidade, do comum-pertencer de determinado grupo, ou mesmo de um indivíduo, a partir dos lugares” (HOLZER, 2013, p. 25).

Assim como Bonnemaïson (2002) conceitua território ao estudar as etnias, pode-se assegurar que a festa de Nossa Senhora da Abadia, por meio da relação cultural vivida que traça no solo, constitui um território, por formar em sua organização lugares hierarquizados e interdependentes. Sua organização forma um sistema espacial que depende da solidariedade de seus participantes e não depende de poderes externos, como políticos ou da instituição católica. Ela constrói também um símbolo pela sua organização política e religiosidade, que lhe asseguram um mundo, representado por aqueles que o vivenciam.

Dessa forma, ao vivenciarem o território, as experiências produzem a territorialidade, conforme Bonnemaïson (2002, p. 124): “Por meio de sua territorialidade, um povo exprime sua concepção de mundo, sua organização, suas hierarquias e funções sociais”. Ele acrescenta que a territorialidade é “uma expressão de um comportamento vivido... ela inclui aquilo que fixa o homem aos lugares [...]” (2002, p. 106). Holzer (1997, p. 84) complementa, dizendo que a “territorialidade constitui os mundos pessoal e intersubjetivo”.

As categorias lugar e território, e conseqüentemente a territorialidade, nos ajudam a compreender o espaço vivido e experienciado pelos sujeitos participantes da festa, de forma que, em relação aos fatores sociais, como o lazer e a religiosidade, o sujeito se torna uma dimensão da existência enquanto ser-no-mundo.

Desse modo, o interesse pelos sentimentos e emoções, neste trabalho geográfico, não seria a sua explicação, mas uma forma de evidenciar a emotividade como um fator vinculado aos valores culturais e religiosos, e para se compreender o sentido da razão que associa a experiência ao lugar. Uma forma de entender o significado do ser-no-mundo enquanto um ser existente naquele fazer festivo a uma padroeira. Uma forma de conceber o espaço vivido como uma dimensão da existência pela religiosidade.

As interpretações subjetivas e o método descritivo tornaram-se uma tentativa de materializar a percepção da realidade enquanto ela acontecia. Tentamos captar essa realidade por meio dos registros fotográficos, das anotações no caderno de campo e finalmente por meio deste trabalho. Temos consciência de que as experiências projetadas pelos sujeitos no momento da vivência não foram e não serão plenamente reveladas e interpretadas, por serem pontuais, originais e subjetivas. Mas, mesmo assim, as interpretações das emoções nos levaram mais

perto da importância de reconhecer e compreender o mundo vivido dos sujeitos envolvidos na festa. E do entendimento de que as representações tornam visíveis, pelos gestos corporais, tanto o sujeito, quanto as emoções e a festa.

POUSO 12

O SORTEIO PARA NÃO ENCERRAR A FESTA (CONSIDERAÇÕES FINAIS)

O sorteio das próximas funções é a antepenúltima ação do ciclo festivo. Depois dele vem o baile e, no dia seguinte, a retirada do mastro com a bandeira. Mas o sorteio dos “empregos” já deixa garantidos e inscritos os sujeitos que terão funções a cumprir com o novo festeiro. Assim, ao encerrar a festa de um ano, já se deixam implantadas as expectativas para a festa do próximo ano.

Nesse feito, a Festa de Nossa Senhora da Abadia traz em sua tradicionalidade a devoção cíclica anual, pois todos os anos ela se reproduz de forma organizada e ordeira. E as transmissões dos saberes e fazeres têm características da educação informal, desenvolvidas no território da festividade, que se torna o lugar do ensino e do aprendizado. Dessa forma, compreendemos que a harmonia entre o ensinar e o aprender, durante a temporalidade e a espacialidade da festa, contribui para que os “educadores” da festa imprimam saberes e técnicas intergeracionais durante as territorialidades.

Destarte, ensinar e aprender contribuem para a permanência e perpetuação da cultura, que é produto das práticas sociais de um grupo que expressa, pela festa, sua identidade, crença e símbolos. A *essência* da festa é preservada e transmitida quando é repassada aos novatos durante todos os seus eventos. Assim, ela não vai se “acabar”.

E é nesse contexto pedagógico que, nos encontros dos sujeitos no território, evocam-se as memorialidades individuais e coletivas (HALBWACHS, 2006), num processo dinâmico e formador das identidades. Logo, identidade e memória são processadores da coesão humana, da organização e da história do grupo festeiro, que tem em comum uma referência simbólica, a qual se justifica igualmente pela bandeira, em que vem inscrita a imagem de Nossa Senhora da Abadia. Foi possível compreender o valor sagrado e transcendental que possui o estandarte, por ser um objeto emblemático e mediador em que se aproximam campos e domínios

ambíguos, ou seja, transcendem os sujeitos ao *céu*. Dessa forma, o altar onde fica por algum tempo se torna um microcosmo sagrado, nele intercedendo as energias divinas.

Partimos da geografia para estudar a temporalidade e a espacialidade do fazer festivo e religioso de um grupo, com o objetivo de interpretar suas experiências e os símbolos que se imprimem territorialmente. Compreendemos que, ao investigar e interpretar essa cultura, valorizam-se os sujeitos organizadores da festividade, bem como suas percepções, impressões e a sua história, na construção do território do sagrado e do profano. Assim, os sujeitos foram reconhecidos e interpretados em suas experiências vividas em suas dimensões simbólicas.

Ao interagir com os agentes festeiros durante a pesquisa, ao vivenciar a saída para a folia, o giro da folia, os dias que antecedem a festa, o dia da festa, e até mesmo durante a aplicação dos questionários, constatamos que, por meio da “intersubjetividade” (Nogueira, 2005), estabelecemos nossas relações com os sujeitos dos lugares, tornando-se mais fácil compreendê-los em seu meio, de compreendê-los em sua relação com seu mundo e com os outros sujeitos – os quais, juntos, constroem seus lugares e seus territórios.

Acreditamos que alcançamos o objetivo proposto para este trabalho, que consistiu em analisar, por meio da manifestação sagrada e profana, as territorialidades e identidades que emergem das relações sociais, que se estabelecem durante o desenvolvimento dos eventos pelo território em estudo. Identificamos as diferentes formas de participar e de se envolver durante a festividade, bem como as distintas formas de estar na festa.

Assim, concluímos também que, pelas razões e emoções observadas, os significados materiais e simbólicos dessa relação, para aqueles que a produzem, estão na crença, nos diversos rituais, nos momentos de encontros com os outros sujeitos, nos quais se afirmam suas identidades religiosas e culturais. E assim os elementos ritualísticos envoltos pelas emoções estruturam e inserem sentido e compreensão à experiência religiosa festiva. E festejar é um envolver-se nas emoções que são visibilizadas pelos gestos corporais, pelo festejar e cultuar a Santa, em um momento de experiências materiais e sentimentais demonstradas pelos afetos e emoções.

As territorialidades compreendidas durante a pesquisa têm dimensão social e cultural e por meio da devoção e da tradição confirmam que delineiam

simbolicamente o território. Por meio da cartografia dos rituais sagrados e profanos mapeamos o território festivo, tornando-se visível uma realidade *por trás* dos símbolos gráficos. Por conseguinte, as “cartografias cultural e de performance” (cf. SEEMANN, 2003) nos permitiram compreender a espacialidade e a representação cultural do grupo festivo durante sua realização, de forma a revelar as territorialidades *materiais e imateriais* que geralmente não se mostram graficamente em um mapa convencional – ou seja, o mundo vivido dos fazedores da festa. Um mundo que gira como o giro, que gira como o cíclico sorteio dos “empregos”, indicando que a festa continua, e a devoção e a tradição se confirmam para o próximo ano.

Em nosso acompanhamento da última festividade (em 2018), após mais um agosto de giro e de festa a Nossa Senhora da Abadia, ali, na comunidade rural “Região da Onça”, encravada em *vereda* em meio a *grande sertão* das monoculturas da *moda*, do dinheiro e das *commodities* atuais, o sorteio precisava ser feito para garantir novos encontros sagrados e profanos no ano *que vem*.

E assim é feito...

Em uma folha de caderno, em separado, vão sendo escritos todos os nomes dos sujeitos participantes da lista de empregos.

Em outra folha, também em separado, cada emprego da lista.

Todos os nomes de gente e de empregos são cortados e colocados, separados cada conjunto de dados, em dois copos (ou vasilhas, ou caixinhas).

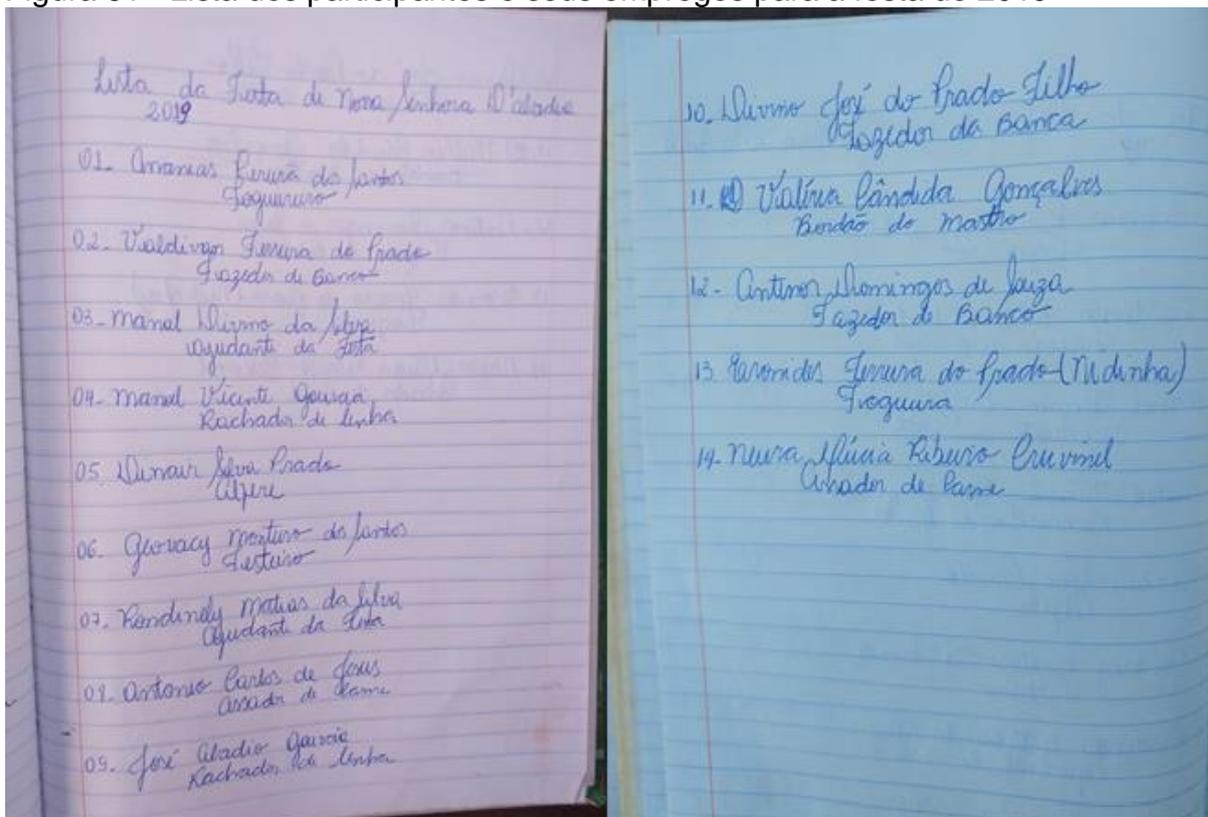
Geralmente escolhe-se uma criança para tirar, um a um, intercalando os recipientes, os papezinhos: um papel dobrado com o nome de pessoa; e um papel dobrado com o nome da função.

Pelo microfone, alguém (adulto) vai informando os sorteados e seus respectivos empregos.

Outro adulto anota em um papel os sorteados – pode ser em um papel qualquer ou diretamente no caderno “especial” das anotações ou dos não-esquecimentos.

E assim é...

Figura 61 - Lista dos participantes e seus empregos para a festa de 2019



Fonte: Trabalho de campo (2018)

Ananias Pereira dos Santos (Bim) – Fogueiro
 Valdivan Ferreira do Prado – Fazedor de banco
 Manoel Divino da Silva (Mané Divino) – Ajudante da festa
 Manoel Vicente Gouveia (Manezin) – Rachador de lenha
 Dinair Silva Prado – Alfer
 Jovaci Monteiro dos Santos – Festeiro
 Rondinely Matias da Silva - Ajudante da festa
 Antônio Carlos de Jesus (Carlinho) – Assador de carne
 José Abadio de Gouveia - Rachador de lenha
 Divino José do Prado Filho (Fi) – Fazedor da banca
 Valéria Cândida Gonçalves – Bordão do mastro
 Antenor Domingos de Souza – Fazedor de banco
 Eronides Ferreira do Prado (Lidinha) – Fogueira
 Neura Lúcia Ribeiro Cruvinel – Assador de carne

Nomes se misturando a *nomes do meio*, a sobrenomes, a apelidos e a funções. A *ordem* – escrita em papel *para não esquecer* – é o primeiro *território* que vem. Como em todos os anos, há de mais de um século, o tempo *antecede* o espaço... Mas é nele, no espaço-território, no espaço-lugar, nos territórios do giro e da festa, que o tempo se acomoda, se ajeita e se “satisfaz” de novo, ano a ano. *Ali, aqui*, na *Festa de Nossa Senhora da Abadia em Jataí, GO*, uma experiência

geográfica anualmente é *(re)interpretada*, esperada, imaginada, inventada, vivida e novamente à espera.

Porque é assim o tempo, é assim o espaço, com suas coisas, suas pessoas, suas relações, suas *(re)produções*, *trocas*, *consumos*, suas rezas, suas andanças, suas despedidas em espera de novos encontros...

Essa Santa se despede
Essa Santa se despede
Para o ano tornar voltar
Essa Santa se despede
Para o ano tornar voltar

POUSO 13**SUJEITOS**

(Referências orais)

SUJEITOS PARTICIPANTES (da festa)

Aurelena Matias Castro

Ananias Pereira dos Santos - Bim

Ana Divina Gouveia - Aninha

Arnaldo Correia da Silva - Mexirica

Antônio Carlos de Jesus - Carlinho

João Batista Cruvinel - Batista

Bento Gouveia de Oliveira

Oscar Ferreira Freitas - Cabecinha

Delicia Prado Gouveia - Délia

Valdivino Raimundo do Prado - Divino Leiteiro

Eronides Ferreira do Prado - Lidinha

João Matias Neto

José Abadio de Gouveia

Leciomar Raimundo da Silva

Luciana Divina e Silva Ferreira

Lucinéia Jesus de Gouveia Souza

Ludmila Gouveia de Souza

Manuel Vicente Gouveia - Manezin

Maria Helena do Prado Oliveira

Maria Joana da Silva

Maria Luzia da Silva

Marizeth Menezes da Silva

Neura Lúcia Ribeiro Cruvinel
Luiz Antônio Souza Junior - Souzinha
Valdelicio Nunes de Oliveira - Vardé

SUJEITOS FOLIÕES

Abrão Furtado de Oliveira - Ti Abrão
Adilsom Vicente Magalhães Filho - XT
Ana Laura Ferreira Santana
João Batista Cruvinel - Batista
Manuel Buril Lima - Catabira
Luiz Felipe Furtado Magalhães
Gabriel Ribeiro Vasconcelos
Idelso Soares de Oliveira
João Carlos de Jesus - Joãozim
José Rodrigues da Silva - Zezim
Jovaci Monteiro dos Santos - (chefe)
Kauan Cruvinel do Prado
Leonardo Vasconcelos do Prado - Léo
Maria das Graças da Silva
Nativo Crisóstomo do Prado
Pedro Henrique Ribeiro Vasconcelos
Valéria Cândida Gonçalves
Valdelicio Nunes de Oliveira Neto - Neto
Vitor Henrique Prado Gouveia
Wellington Elias da Silva
Vilmar Rosa da Silva - Zeriguim

POUSO 14

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Geralda de. Para além das crenças sobre alimentos, comidas e sabores da natureza. **Mercator**, Fortaleza, v. 16, jan. 2017. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/2011>. Acesso em: 14 fev. 2019.

ANDRADE, Solange Ramos. O culto aos santos: a religiosidade católica e suas hibridações. *In*: MARIN, Jérri Roberto. (org.). **Religiões e identidades**. Dourados: Ed. UFGD, 2012. p. 187-204.

BARBOSA. R. R. Saberes, sabores e sentidos: a gastronomia no contexto da geografia cultural. *In*: ALMEIDA, M. G.; CHAVEIRO, E. F.; BRAGA, H. C. (org.). **Geografia e cultura**. Os lugares da vida e a vida dos lugares. Goiânia: Ed. Vieira, 2008, p. 204-221.

BITTER, Daniel. **A bandeira e a máscara**: estudo sobre a circulação de objetos rituais nas folias de reis. 2008. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – UFRJ/IFCS. Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Rio de Janeiro: UFRJ, 2008. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/A%20bandeira%20e%20a%20m%C3%A1scara.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2019.

BORGES, Barsanufio Gomides. **Goiás nos quadros da economia nacional: 1930-1960**. Goiânia: Ed: UFG, 2000. 172 p.

BORGES, Ronan Eustáquio. Complexo agroindustriais e desenvolvimento regional: O caso do sudoeste de Goiás. *In*: XXI ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA. Uberlândia-MG, 2012. Disponível em: http://www.lagea.ig.ufu.br/xx1enga/anais_enga_2012/gts/1217_1.pdf. Acesso em: 26 mar. 2018.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **De tão longe eu venho vindo**: símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás. Goiânia: Editora da UFG, 2004.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Fronteira da fé: alguns sistemas de sentido, crenças e religiões no Brasil de hoje. **Estudos Avançados**, v. 18, n. 52, p.261-288. 01 dez. 2004. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10035/11607>. Acesso em: 05 set. 2018.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Sacerdotes de Viola**: Rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais. Petrópolis: Vozes, 1981. 182 p.

Disponível em: www.apartilhadavida.com.br/wp-content/uploads/2017/03/sacerdotes_viola.pdf. Acesso em: 07 out. 2012.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Folia de Reis de Mossâmedes**. Cadernos de Folclore n. 20. Rio de Janeiro: Arte-FUNARTE, Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1977.

BONNEMAISON, Joel. Viagem em torno do território. *In*: Correa R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). **Geografia cultural: um Século (III)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. p. 83-131.

CANDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vidas. 9ª ed. São Paulo. Editora 34. 2001.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. Tradução: Klauss Brandini Gerhardt. 2. v. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. Símbolos das paisagens do cerrado goiano. *In*: ALMEIDA, M. G. (org.). **Tantos Cerrados**: múltiplas abordagens sobre a biodiversidade e singularidade cultural. Goiânia: Vieira, 2005. p. 47-62.

CHAVES, Wagner Diniz. Canto, voz e presença: uma análise do poder da palavra cantada nas folias norte-mineiras. **Mana**. Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 249-280, ago. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132014000200249&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 mar. 2017.

CHAUL, Nasr Fayad. **Caminhos de Goiás**: da construção da decadência aos limites da modernidade. 4. ed. Goiânia: UFG, 2015. 293 p.

CHIAPETTI, Rita Jaqueline Nogueira. Pesquisa de campo qualitativa: uma vivência em geografia humanista. **GeoTextos**, vol. 6, n. 2, p.139-162, dez. 2010. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/geotextos/article/viewFile/4834/3583>. Acesso em: 12 nov. 2018.

CLAVAL, Paul. O papel da nova geografia cultural na compreensão da ação humana. *In*: ROSENDAHL, Z. (org.). **Matrizes da geografia cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 35-86.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. 4. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014. 455 p.

CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Introdução à geografia cultural**. 3º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CORRÊA, R. L. Espaço: um conceito-chave da geografia. *In*: Castro, I. E. de (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. 12. ed. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2009. p. 15-47.

COELHO, Damiana Antonia; BICALHO, Poliene Soares dos Santos. Caiapó do Sul: a história de um povo indígena de Goiás. **Revista Espacios**. Vol. 37, n. 17, 2016. p.

07. Disponível em: <http://www.revistaespacios.com/a16v37n17/16371707.html>. Acesso em: 19 out. 2017.

COELHO, Tito Oliveira. **Interações espaciais ritualizadas em giros de folia um estudo no Jardim das Aroeiras em Goiânia**. 2012. Tese (Doutorado em Geografia) Programa de Pós-graduação em Geografia. Instituto de Estudos Sócio-Ambientais. Universidade Federal de Goiás, 2012. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/>. Acesso em: 9 set. 2018.

Conheça os tipos de instrumentos de percussão. **Blog.multison**. Disponível em: <http://blog.multison.com.br/conheca-os-tipos-de-instrumentos-de-percussao/> Acesso em: 27 fev. 2019.

CORRÊA, Aureanice Mello. Espacialidades do sagrado: a disputa pelo sentido do ato de festejar da boa morte e a semiografia do território encarnador da prática cultural. *In*: SERPA, A., (org.). **Espaços culturais: vivências, imaginações e representações**. Salvador: EDUFBA, p. 161-179, 2008. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/bk/pdf/serpa9788523211899-09.pdf>. Acesso em: 7 dez. 2017.

CRUZ, V. C. Itinerários teóricos sobre a relação entre território e identidade. *In*: BEZERRA, A. C. A. (Org.). **Itinerários Geográficos**. Niterói: EdUFF, 2007. p. 13-35.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1983.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 4ª tiragem (2009).1996.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

ESTEVAM, Luis Antonio. **O tempo da transformação: estrutura e dinâmica na formação econômica de Goiás**. 1997. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, Campinas. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/285435>. Acesso em: 27 fev. 2018.

FURLANETTO, Beatriz Helena. Geografia e emoções. Pessoas e lugares: sentidos, sentimentos e emoções. **Geografar**, Curitiba, v. 9, n. 1, p. 200-218, jun. 2014. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/geografar/article/view/36829>. Acesso em: 12 nov. 2018.

FRANÇA, Basileu Toledo. **Pioneiros – Romance histórico da fundação de Jataí e contribuição ao estudo do povoamento de Goiaz**. 4º reimp. Goiânia: UFG. 1995. 344 p.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOETTERT, Jones Dari. **O espaço e o vento**: olhares da migração gaúcha para Mato Grosso de quem partiu e de quem ficou. Dourados, UFGD, 2008. 488 p.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio**: avaliação e políticas públicas em Educação, Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2018.

GONCALVES, José Reginaldo Santos; CONTINS, Marcia. Entre o Divino e os homens: a arte nas festas do Divino Espírito Santo. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, v. 14, n. 29, p. 67-94, jan./jun. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832008000100004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 29 nov. 2017.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos.; BITAR, Nina Pinheiro.; GUIMARÃES Roberta Sampaio. (org.). **A alma das coisas**: patrimônio, materialidade e ressonância. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2013.

IBGE. FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. v. 36. Goiás. Rio de Janeiro: IBGE, 1958. p. 258-263. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27295_36.pdf. Acesso em: 15 mar. 2018.

HAESBAERT, Rogério. Identidades territoriais. *In*: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). **Manifestação da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p.169-190.

HAESBAERT, Rogério. Território, cultura e des-territorialização. *In*: Rosendahl, Z. (org.). **Religião, identidade e território**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. p.115-144.

HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia** - Ano IX, n.17, 2007. Disponível em: www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf. Acesso em 08 nov. 2016.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução: SIDOU, de B. São Paulo: Centauro, 2006. 224 p.

HOLZER, Werther. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. **Território**, ano II, n.3, p. 77-85. Jul./dez. 1997. Disponível em: https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/31507414/03_6_holzer.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1545164359&Signature=b2SCqNGhw2YZVskfqE6kidCSvlg%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DUMA_DISCUSSAO_FENOMENOLOGICA.pdf. Acesso em: 12 nov. 2018.

HOLZER, Werther. Sobre territórios e lugaridades. **Cidades**, Presidente Prudente, v. 10, n. 17, p.18-19. 2013. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/view/3232>. Acesso em: 12 nov. 2018.

JATAÍ é destaque nacional na produção de grãos. **Folha do Sudoeste**, Jataí, 29 maio 2016. **Cidades**. Disponível em: <http://www.folhadosudoeste.jor.br/jatai-e-destaque-nacional-na-producao-de-graos/>. Acesso em: 26 mar. 2018.

JURKEVICS, Vera Irene. **Os santos da igreja e os santos do povo: devoções e manifestações de religiosidade popular**. 2004. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Paraná. Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, 2004. Disponível em: <http://www.poshistoria.ufpr.br/documentos/2004/Veraluciajurkevics.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2010.

LANNA, Marcos. A estrutura sacrificial do compadrio: uma ontologia da desigualdade? **Ciências Sociais Unisinos**. São Leopoldo, Vol. 45, n. 1, p. 5-15, jan./abr. 2009. Disponível em: http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/4880/2135. Acesso em: 28 nov. 2017.

LIMA, Binômio da Costa; FRANÇA, Almério Barros. **Primeiros fazendeiros do sudoeste goiano e do leste mato-grossense: Genealogia e história**. Jataí/GO: Sudográfica. 2004. 400 p.

LÔBO, Aline Santana. D'ABADIA, Maria Idelma Vieira. A musicalidade presente nas folias de Santos Reis em Pirenópolis – Goiás. **Anais [...]** XIV SIMPÓSIO NACIONAL DA ABHR, Juiz de Fora, MG. 2015. Disponível em: <http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/viewFile/1012/854>. Acesso em: 15 mar. 2017.

MACHADO, M. C. T. Cultura Popular: um contínuo refazer de práticas e representações. *In*: PATRIOTA, R.; RAMOS, A. F. (org). **História e Cultura: espaços plurais**. Uberlândia: Aspectus, 2002. p. 335-345.

MAIA, Carlos Eduardo Santos. Ensaio interpretativo da dimensão espacial das festas populares proposições sobre festas brasileiras. *In*: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). **Manifestação da cultura no espaço**. 1. ed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999. p.191-218.

MAIA, Carlos Eduardo Santos. O retorno para a festa e a transformação mágica do mundo: nos caminhos da emoção. *In*: ROSENDAHL, Z.; Corrêa R. L. (org). **Religião, identidade e território**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 177-199.

MAIA, Carlos Eduardo Santos. Ritual e emoção nas interações espaciais: repensando o espaço sagrado nas festas populares de romarias e folguedos (notas introdutórias). *In*: ROSENDAHL, Z. (org.). **Trilhas do sagrado**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. p. 87-111.

MARTINS, Alécio Perini. Dos posseiros aos migrantes: formação territorial e econômica do município de Jataí/GO. **Caminhos de Geografia**. Uberlândia, v. 15, n. 49. p. 90–103, mar. 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/issue/view/1104>. Acesso em: 26 mar. 2018.

MARTINS FILHO, José Reinaldo Felipe. Música e liturgia na religiosidade popular cristã: um enfoque sociocultural. **Linguagem Acadêmica**. Batatais, v. 3, n. 1, p. 9-29, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://claretiano.edu.br/revista/35/revista-linguagem-academica> Acesso em: 28 set. 2016.

MARTINS, José de Sousa. **Capitalismo e tradicionalismo**: estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil. Livraria Pioneira: São Paulo. 1975. 161 p.

MASSEY, Doreen B. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. trad. Hilda Pareto Maciel; Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 312 p.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. 536 p.

MELO, Nágela Aparecida de. **Interação campo-cidade**: a (re)organização sócio espacial de Jataí (GO) no período de 1970 a 2000. 2003. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Uberlândia/UFU. 2003.

MOTA, Rosiane, Dias. **Senhor dono da casa, se não for muito custoso, vem abrir a vossa porta que nós viemos de pouso**: as territorialidades produzidas pelos grupos das Folias de Reis em Goiânia: 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Socioambientais (IESA), Goiânia, 2011. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/.../Dissertação%20-%20Rosiane%20Dias%20Mota%20-%20...> Acesso em: 28 jun. 2016.

MOTA, Rosiane Dias. A educação informal nos “giros” de Folia de Reis em Goiânia. *In*: IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE- UFG. Disponível em: http://educonse.com.br/2010/eixo_07/e7-27.pdf. Acesso em: 11 set. 2017.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. Uma interpretação fenomenológica na Geografia. *In*: X ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA. Universidade de São Paulo. 2005. **Anais** [...] USP, São Paulo. Disponível em: <http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Teoriaymetodo/Metodologicos/11.pdf>. Acesso em: 9 fev. 2017.

OLIVEIRA, Ivanilton José de. Dinâmica da ocupação das terras no município de Jataí (GO) e sua relação com o meio físico. **Boletim Goiano de Geografia**. Goiânia, v. 27, n. 2, p. 153-179, jan./jun. 2007. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/bgg/issue/view/376>. Acesso em: 12 mar. 2018.

OLIVEIRA, Marlene Flauzina. **O giro de um povo: o espaço/tempo da festa de Nossa Senhora da Abadia em Jataí-GO**. 2012. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal de Goiás. Jataí, 2012.

PALACÍN, Luís; MORAES, Maria Augusta Sant'Anna. **História de Goiás - (1722-1972)**. 6. ed. Goiânia/GO: Ed. da UCG. 1994. 122 p.

PALACÍN, Luís; GARCIA, Ledonias Franco; AMADO, Janaina. **História de Goiás em Documentos: I Colônia**. Goiânia: Ed. da UFG. 1995. 224 p.

PAULA, Andréa Cristina de. Elementos simbólicos que remetem à bíblia na canção "Calix Bento" interpretada por Pena Branca e Xavantinho. *In: Colóquio Internacional Vicente e Dora Ferreira da Silva e do Seminário de Poesia – Poesia, filosofia e imaginário. Anais [...] vol. 01, n. 01*. Uberlândia: ILEEL, 2015. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaiscolodiadoraevicente/wp-content/uploads/2015/08/cpdv_artigo_003.pdf. Acesso em: 6 mar. 2017.

PAULA, Maria Helena de; DUARTE, Aline do Nascimento. Terços rurais cantados: identidade linguística e cultural. **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 26, n. 2, mar. 2011. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/25633/14172>. Acesso em: 29 set. 2017.

PEREIRA, José Carlos. A Linguagem do Corpo na Devoção Popular do Catolicismo. **Rever – Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, n. 3, ano 3, p. 67-98, 2003. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv3_2003/p_pereira.pdf. Acesso em: 21 ago. 2018.

PENNA, M. **O que faz ser nordestino: identidades sociais, interesses e o "escândalo"** Erundina. São Paulo: Cortez, 1992.

PESSOA, Jadir de Moraes. **Saberes em festas – gestos de ensinar e aprender na cultura popular**. Goiânia: Kelps, 2005. 94 p.

PINTO JUNIOR, Rafael Alves. **Viver no sertão: fazendas do sudoeste de Goiás**. Curitiba, CRV, 2015. 472 p.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n.10, p. 200-212, jul.1992. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941>. Acesso em: 3 abr. 2017.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. **O campesinato Brasileiro**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1973.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. **Performance musical nos ternos de catopês de Montes Claros**. 2005. Tese (Doutorado em Etnomusicologia), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005. Disponível em: <http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/9099>. Acesso em: 28 set. 2016.

RELPH, E. Reflexões Sobre a Emergência, Aspectos e Essência de Lugar. In: MARANDOLA JR., E. (Org.). **Qual o espaço do lugar? geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012, pp. 17-32.

ROMEU, Gabriela. Terreiro, espaço da intimidade. Disponível em: <https://territoriodobrincar.com.br/territorio-do-brincar-na-midia/terreiro-espaco-da-intimidade/>. Acesso em: 18 jan. 2019.

ROSENDAHL, Zeny. O espaço, o sagrado e o profano. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). **Manifestação da cultura no espaço**. 1. ed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999. p. 231-247.

ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e religião: uma abordagem geográfica**. 2. ed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002. 92p.

ROSENDAHL, Zeny. Território e territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião. In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 2005, São Paulo. **Anais** [...] São Paulo: Universidade de São Paulo, 20-26 mar. 2005. Disponível em <<http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Geografiasocioeconomica/Geografiacultural/38.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2012.

ROSENDAHL, Zeny. **Hierópolis: o sagrado e o urbano**. 2. ed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2009. 118 p.

SABOURIN, Eric. Teoria da reciprocidade e sócio-anthropologia do desenvolvimento. **Sociologias**. Porto Alegre, v. 13, n. 27, p. 24-51, maio/ago. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222011000200003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 6 ago. 2018.

SACK, David Robert. Territorialidade humana: sua teoria e história. Cambridge, **Cambridge University Press**. 1986. Disponível em: https://docgo.net/viewdoc.html?utm_source=sack-robert-david-territorialidade-humana-sua-teoria-e-historia&utm_campaign=download. Acesso em: 21 ago. 2017.

SACK, Robert David. O significado de territorialidade. In: DIAS, L. C. FERRARI, M. (org.). **Territorialidades humanas e redes sociais**. Florianópolis: Insular, 2. ed. rev., 2013. p. 63-90.

SANTOS, Avacir Gomes dos. **Culturas desviantes: as espacialidades das comunidades ribeirinhas do Vale do Guaporé (Rondônia)**. Goiânia, GO: 2011. 264. p. Originalmente apresentada como tese de doutorado - Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, 2011.CD-ROM.

Santos e Ícones Católicos. Nossa Senhora da Abadia. Disponível em: <<http://cruzterrasanta.com.br/historia-de-nossa-senhora-abadia/20/102/#c>> Acesso em: 21 nov. 2017.

SANTOS, Rosselvelt José. A dimensão cultural das paisagens rurais do cerrado mineiro. In: ALMEIDA, M. G.; RATTS, Alecsandro J.P. (org.). **Geografia: leituras culturais**. Goiânia: Alternativa, 2003. p. 29-48.

Santuário Diocesano Nossa Senhora d'Abadia do Muquém. Santuário. História. **Disponível em:** <<http://am15.com.br/artigo/historia.html>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

SEEMANN, Jörn. “Cartografias culturais” na geografia cultural: entre mapas da cultura e a cultura dos mapas. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 21, n. 2, p. 61-82, abr. 2001. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/bgg/article/view/4214>. Acesso em: 27 set. 2018.

SEEMANN, Jörn. Entre mapas e narrativas: reflexões sobre as cartografias da literatura, a literatura da cartografia e a ordem das coisas. **Raega - O Espaço Geográfico em Análise**, Curitiba, v. 30, p. 85-105, abr. 2014. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/36084/22264>. Acesso em: 27 set. 2018.

SEEMANN, Jörn. Mapeando culturas e espaços: uma revisão para a geografia cultural no Brasil. In: ALMEIDA, M. G. (org.). **Geografia: leituras culturais**. Goiânia: Alternativa, 2003. p.261-284.

SEGALEN, Martine. **Ritos e rituais contemporâneos**. Rio Janeiro: FGV, 2002. 164 p.

SERRA, Ordep. O sagrado e o profano nas “festas de largo” da Bahia. In: **Rumores de festa: o sagrado e o profano na Bahia**. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 69-112. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/83rmh/pdf/serra-9788523212315-03.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2019.

SIGNORELI, I. C. A. **Cozinha goiana: Identidade e tradição culinária em Bariani Ortencio**. GOIÂNIA, 2010. Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica de Goiás. 2010. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/2273> Acesso em: 16 dez. 2016.

SILVA, M. A., & D'ABADIA, M. I. A geografia e o sagrado: festa de Nossa Senhora do Rosário em Goiás. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 8, n. 3, p.198-214, dez/2014. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ateliê/article/view/32998/18087>. Acesso em: 15 nov. 2018.

SILVA, Genilder Gonçalves da; MELLO, Marcelo de. A Revolução de 1930 e o discurso da ruptura: Goiânia e a Marcha para o Oeste. **Revista CORDIS**, São Paulo, n. 11, p. 57-89, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/cordis/article/viewFile/19799/14707>. Acesso em: 19 mar. 2018.

SILVA, Joseli Maria. NABOZNY, Almir. ORNAT, Marcio José. A visibilidade e a invisibilidade feminina na pesquisa geográfica: uma questão de escolhas metodológicas. **Abordagens Geográficas**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, out./nov. 2010. p. 23-41. Disponível em: http://abordagensgeograficas.geo.puc-rio.br/media/Artigo_2.pdf. Acesso em: 07 nov. 2016.

SILVA, Mariângela Benine Ramos. FREITAS, Sidinéia Gomes. Ritos, rituais e cerimônias e suas implicações políticas nas organizações contemporâneas. **Revista NIC**. Londrina, ed. 0, ano 1, nov. 2008. Disponível em:

http://www.uel.br/revistas/nic/wwwroot/artigos/artigo_mostra.php?id=99. Acesso em: 04 out. 2018.

SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. da. (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SILVA, Marcia Alves Soares da. Sobre emoções e lugares: contribuições da Geografia das Emoções para um debate interdisciplinar. **RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, João Pessoa, v. 17, n. 50, p. 69-84. Abr. 2018. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/>. Acesso em: 19 mar. 2018.

SILVA, Willian Ferreira da. **O avanço do setor sucroenergético no Cerrado: os impactos da expansão canavieira na dinâmica socioespacial de Jataí (GO)**. 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal de Goiás. Jataí, 2011.

SOUSA, Patrício Pereira Alves de. As geo-grafias da memória: o lugar festivo como biografia espacial. **RA É GA - o espaço Geográfico em análise**, Curitiba, n. 20, p. 81-93, dez. 2010. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/raega/article/view/20613>. Acesso em: 19 ago. 2016.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Pesquisa de Campo em Geografia. **Geographia**, Niterói, v.4, n.7, p. 64-68, 2002. Disponível em: <http://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13423/8623>. Acesso em: 19 mar. 2018.

SUERTEGARAY, Dirce. Poética do espaço geográfico: em comemoração aos 70 anos da AGB. **GEOSP: Espaço e Tempo (Online)**, n. 18, p. 09-19, ago. 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/73969>. Acesso em: 12 nov. 2018.

TORRES, Marcos Alberto. A música religiosa e suas espacialidades. In: DOZENA, Alessandro (org.). **Geografia e música: diálogos**. Natal: EDUFRN, 2016. 399p.

TREMURA, Welson Alves. A música caipira e o verso sagrado na Folia de Reis. In: V CONGRESSO LATINO AMERICANO DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL PARA O ESTUDO DA MÚSICA POPULAR. **Anais [...]** Rio de Janeiro, 21-25 jun. 2004. Disponível em: <http://www.hist.puc.cl/historia/iaspmla.html>. Acesso em: 10 mar. 2017.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo DIFEL, 1983.

URQUIZA, Antônio H. Aguilera. Boe Bororo: A riqueza cultural de um povo e as frentes de colonização. In: **Povos indígenas em Mato Grosso do Sul: história,**

cultura e transformações sociais. CHAMORRO, Graciela; COMBÈS, Isabelle. (Orgs.). Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015. p. 165-176. Disponível em: files.ufgd.edu.br/arquivos/arquivos/78/.../povos_indigenas_em_mato_grosso_do_sul.pdf. Acesso em: 14 jun. 2019.

VANGELISTA, Chiara. Os Boe Bororo. In: **Povos indígenas em Mato Grosso do Sul**: história, cultura e transformações sociais. CHAMORRO, Graciela; COMBÈS, Isabelle. (Orgs.). Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015. p. 157-164. Disponível em: files.ufgd.edu.br/arquivos/arquivos/78/.../povos_indigenas_em_mato_grosso_do_sul.pdf. Acesso em: 14 jun. 2019.

VIANA, Keliane da Silva. Hierofanias na festa de levantamento do mastro em São Bernardo. In: I COLÓQUIO INTERNACIONAL - RELIGIÕES ONTEM E HOJE/ABORDAGENS ANTROPOLÓGICAS E PSICANALÍTICAS. **Anais** [...] UFMA. 2017. P. 01-18. Disponível em: <http://www.gedmma.ufma.br/wp-content/uploads/2017/08/HIEROFANIAS-NA-FESTA-DE-LEVANTAMENTO-DO-MASTRO-EM-S%C3%83O-BERNARDO-ANAIS-2.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2018.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. (org.) **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 15.ed. Vozes, RJ: Vozes, 2014, p.7-72.

WOORTMANN, Ellen F. A comida como linguagem. **Habitus**, Goiânia, v. 11, n.1, p. 5-17, jan./jun.2013. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/view/2844>. Acesso em: 19 out. 2017.

APÊNDICE

Relatório de campo

Giro da folia de Nossa Senhora da Abadia de 2016

A ideia do trabalho de campo ser durante o giro da folia, surgiu com a necessidade de conhecer melhor as relações sociais, a religiosidade, a territorialidade do giro, bem como a organização do grupo de foliões. Eu tinha noção que seria um trabalho desafiador, mas, tinha expectativas que seria uma experiência encantadora, e que revelaria emoções e vivências ainda não presenciadas durante outros trabalhos de campo.

A realização do campo se concretizou após ter a permissão do chefe da folia, bem como dos demais foliões, combinamos que eu não iria atrapalhar o andamento de suas atividades. Apesar de minha presença física e dos materiais que usava para coleta de dados, naturalmente atrapalhar, fazia o possível para não chamar a atenção e nem desrespeitar as normas seguidas pela religiosidade e pelos próprios foliões.

O olhar geográfico sobre esse giro da folia e de outros trabalhos de campo durante o tempo da festa, no período de 2008 a 2018, instigou na coleta de dados para serem analisados juntos as várias referências bibliográficas, o que proporcionou a compreensão dessa cultura imaterial no município de Jataí/GO.

Para a compreensão das atividades desenvolvidas pelo grupo de foliões, acompanhei-os, com o objetivo de vivenciar de perto como acontecem as relações sociais entre o grupo de viajores e os moradores que recebem a folia em suas casas, ou seja vivenciar o giro. O trabalho de campo aconteceu entre os dias 09/07/2016 a 15/08/2016. Neste período aconteceram os eventos: a saída para o giro, o giro da folia pela região e o dia da festa.

O método da observação foi usado para memorizar cada situação, bem como os elementos envolvidos, para em um determinado momento se analisar e interpretar os dados apreendidos. Para a coleta de dados usou-se câmera fotográfica, caderno de campo para as devidas anotações, aparelho de GPS, para coletar as coordenadas geográficas, computador para baixar os dados coletados, Ipod para gravar as entrevistas e cantorias, câmera do celular, barraca de camping e automóvel.

Para a coleta dos dados durante o giro da folia, acompanhou-se o giro durante seu desenvolvimento por 14 dias consecutivos. Suas atividades se iniciaram dia 10 de julho com o evento da saída da folia, teve um intervalo do dia 11 a 13 de julho. Retornando as atividades do giro no dia 14/07 até dia 27/07. Para a coleta dos dados dos dias que antecedem a festa e o no dia da festa, também foram feitos trabalhos de campo *in loco*.

Foliões do ano de 2016

Chefe da folia: Jovaci Monteiro dos Santos (42 anos)

Alfer: Rodrigo Monteiro Santana (33 anos)

Garrucheiro: Leonardo Vasconcelos do Prado – Léo (14 anos)

Guardião: José Abadio Gouveia – (78 anos)

- 1- Abrão Furtado de Oliveira - Ti Abrão (79 anos)
- 2- João Carlos de Jesus – Joãozim (59 anos)
- 3- Nativo Crisóstomo do Prado – (64 anos)
- 4- Idelso Soares de Oliveira - (53 anos)
- 5- Divino (78 anos)
- 6- José Rodrigues da Silva – Zezim (66 anos)
- 7- Antônio Carlos de Jesus - (Carlim)
- 8- Manuel Buri Lima – Catabira (48 anos)
- 9- João Batista Cruvinel – Batista (64 anos)
- 10- Luiz Felipe Furtado Magalhães – Felipe (16 anos)
- 11- Valdelicio Nunes de Oliveira Neto - Neto (17 anos)
- 12- Leonardo Vasconcelos do Prado - Léo (14 anos)
- 13- Adilsom Vicente Magalhaes Filho – XT (13 anos)
- 14- Wellington Elias da Silva - (17 anos)
- 15- Vitor Henrique Prado Gouveia – Vitinho (11 anos)
- 16- Gabriel Ribeiro Vasconcelos – (10 anos)
- 17- Pedro Henrique Ribeiro Vasconcelos – (15 anos)
- 18- Kauan Cruvinel do Prado – (12 anos)
- 19- Vilmar Rosa da Silva – Zeriguim (56 anos)
- 20- Pedro Henrique Ribeiro Vasconcelos – (15 anos)
- 21- Valéria Cândida dos Santos - (43 anos)
- 22- Ana Laura Ferreira Santana – (12 anos)
- 23- Ludmila Gouveia de Souza - (26 anos)
- 24- Maria das Graças da Silva – (51 anos)

Arnaldo Correia da Silva – (Mexirica) acompanhante de folia, andou um bom trecho com a folia. Poucos dias.

Instrumentos musicais usados durante o giro: três violões, um cavaquinho, um triângulo, um reco-reco, uma caixa e um pandeiro.

Foram cinco carros para transportar os foliões, dentre eles uma camionete F-1000 para transportar as bagagens, (Cambota emprestou sua camionete para os foliões)

o carro do alfer, carro do Jovaci (chefe), carro do Idelso e o carro do Carlinho. E às vezes tinham os carros dos acompanhantes da folia, que aumentava o comboio.

Giro da folia de Nossa Senhora da Abadia de 2016

1º dia do giro – 10/07/2016

Ponto/pouso 01- casa do José Abadio – Fazenda Vista Alegre

Depois de se confraternizarem no evento da saída para o giro que foi até a madrugada, alguns foliões dormem na fazenda do senhor José Abadio.

Pela manhã depois de tomarem café, inicia-se os rituais onde, por meio de um cântico os foliões pedem a bandeira ao anfitrião, para realizarem o ritual do beijo na bandeira.

Recebem a bandeira e cada folião em sua vez se ajoelha diante da bandeira, faz sua oração e a beija.

Depois cantam repentes para pedir as bênçãos, esmolas e prendas para cada sujeito que quiser segurar a bandeira. Neste momento o alfer está próximo a bandeira e da pessoa que a segura, geralmente cada pessoa que segura a bandeira doa esmola ou prenda.

Novamente em repente cantam pedindo aos anfitriões licença para seguir a vigem com a Santa.

Se despedem de todos e seguem os primeiros passos para o giro.

Ponto 02 – Nicinha e Geraldim

14/07/2016

Este ano houve uma mudança quanto a forma de sair. É tradição sair no domingo após a festa da saída para o giro. Mas, por conta de incompatibilidade de agenda dos foliões, adiaram a saída. A festa da saída para o giro foi dia 09/07 e saíram para o giro dia 14 de julho na quinta-feira. Informação que me foi passada na época. Depois em conversa com a Délia dona da casa da saída da folia, descobri que resolveram mudar o dia da saída da folia, que acontece no fim de semana para o meio da semana. Ela relatou o seguinte:

E o motivo é que estava dando muita “gente de fora”, gente que a gente não conhece, gente estranha...então não podemos fechar a casa durante o evento, quando você assusta tem gente que você não conhece saindo de dentro dos quartos.

Preocupada com a segurança deles, que moram sozinhos na casa, eles resolveram fazer essa mudança. Ela disse que de agora em diante a saída da folia será durante a semana, para que fique uma festa mais selecionada só com o povo da Região da Onça e de regiões vizinhas.

Na casa do José Abadio, os foliões iniciaram os trabalhos pedindo a bandeira para sair, seguiram até a próxima casa, que são do casal Nicinha e Geraldim, que receberam o grupo e a Santa. Os foliões chegaram tiraram os chapéus e bonés, penduram na parede ou colocaram em cima dos bancos, e depositaram os instrumentos musicais em cima da mesa onde se tinha o lanche servido.

O casal mora em uma casa no quintal da casa do José Abadio. Inicialmente o casal beijou a bandeira, cumprimentaram os foliões e guardaram a bandeira dentro de sua casa.

Serviram um lanche (biscoitos, bolo, café e pinga).

Um intervalo para as conversas e risadas e para as brincadeiras verbais também.

Posteriormente, começaram os rituais: uma canção pedindo a bandeira para beijarem; quando a bandeira chega carregada por Nicinha, o grupo precatório se organiza em fila, e um a um, faz sua oração e tocam e beijam a bandeira.

Depois do ritual do beijo, a bandeira é guardada novamente dentro da casa.

O grupo de cantadores ficam em frente a porta da cozinha, e pedem aos moradores para trazerem novamente a bandeira, para começarem a pedir esmolas e prendas aos presentes. Nicinha traz a bandeira cantam para ela, e ela doa uma esmola, que fica aos cuidados do alfer. Quando termina a canção ela entrega a bandeira ao marido, senhor Geraldim, que também segura a bandeira, recebe a cantoria e doa uma esmola também.

Após esse ritual de doações, a bandeira foi novamente guardada dentro da casa.

Em cântico o grupo pede aos moradores licença para levarem a bandeira para seguirem viagem. Foram atendidos, e seguiram o giro rumo a próxima casa.

A bandeira é levada pelo casal anfitrião até o portão da casa, a imagem da Santa fica de frente para o casal, depois que foi entregue a folia a imagem da Santa se vira para frente.

Nesta visita só tinha o casal morador, não tinha nenhum visitante, penso que seja porque, nesta região as casas são bem próximas umas das outras, e os próximos moradores a receberem a visita da folia, provavelmente estavam à sua espera.

Ponto 03 – Marinete e Sérgio

A Marinete é filha do José Abadio, e sua casa também fica nas terras do pai.

A Marinete e seu esposo Sérgio já esperavam pela folia, quando ela chegou a recebeu juntamente com a bandeira, fizeram o sinal da cruz, pegaram-na e guardaram dentro de sua casa.

Ofereceram pinga ao grupo. Alguns beberam um gole.

Sempre que chegam a uma casa, os foliões tiram os chapéus e bonés e os colocam em uma mesa, numa mureta, em um toco, qualquer lugar serve para guarda-los. De forma que não desenvolvem os rituais usando esses adereços.

Também procuram um lugar para acondicionar os instrumentos musicais até o momento de usa-los. Guarda-os sempre reunidos, no mesmo lugar.

Um intervalo para as conversas e brincadeiras verbais.

Posteriormente começaram os rituais: os primeiros sons vem dos violões, seguidos da caixa e pandeiros que se destacam pelos sons altos, e também pelos demais instrumentos. Logo se ouve a melodia entoado por duas vozes tirando e duas respondendo. Os foliões cantaram pedindo a bandeira aos anfitriões, para pedir esmolas e prendas aos presentes.

Um dos jovens foliões o Vitor (Vitinho), é filho do casal, e foi o primeiro a segurar a bandeira para receber a cantoria.

Depois foi a vez da sua mãe segurar a bandeira e por último foi o pai.

Guardaram a bandeira dentro da casa.

A família doa uma prenda.

Em um repente a folia pede a bandeira para seguirem o giro com a Santa. São atendidos, a Marinete leva a bandeira até o portão e a entrega ao alfer. Como o grupo está girando de carro, a bandeira vai enrolada, no primeiro carro da fila. A folia segue o giro, para a próxima visita.

Ponto 04 – Lourivaldo Barbosa Magalhães (Lorim) e Zilda Helena Vicente – Fazenda Vista Alegre

*Almoço e lanche

Aos sons da caixa e dos tiros da garrucha, a folia avisa que está chegando.

Já no portão da casa, a folia é recebida pela Zilda que reverencia a bandeira com o sinal da cruz e inclina o corpo como se estivesse ajoelhando.

Ela pega a bandeira adentra a casa.

Os foliões guardam os instrumentos musicais. Pois este é um ponto que terá o almoço.

Por volta do meio dia o almoço é servido. O alfer é o primeiro a se servir, é uma regra. Logo em seguida os demais foliões se serviram também. Neste ponto já tinha outros acompanhantes que moram ali perto.

Depois do farto almoço, algumas pessoas ficaram na área externa da casa outros se sentaram nos bancos em baixo do pé de manga. Uma sombra fresquinha. Ficaram ali fazendo um quilo, ou seja, o descanso depois do almoço.

Jovaci, o chefe da folia, convoca os foliões para cantarem para os anfitriões, pois precisam seguir o giro.

Cantam para toda família: Lorim e Zilda, para os dois filhos, para a nora e suas duas filhas e para o Felipe que é neto do casal, e é folião também.

Em quanto o grupo descansa desse ritual, Zilda serve o lanche com muita fartura, tinha bolos, doces, queijo, requeijão, café e refrigerantes.

Logo após o lanche a folia em canção pede a bandeira para seguirem o trajeto.

Zilda leva a bandeira até o portão da casa, entrega-a ao alfer, que segue em direção ao seu carro. E daí o grupo segue o giro.

Ponto 05 – Antenor Domingos de Souza e Lucinéia – Fazenda Bela Vista

Com muitos foguetes e ao som da caixa, a folia avisa sua chegada.

Antenor responde que pode chegar para a visita, com tiros de vários foguetes.

Nesta casa somente se encontrava na hora da visita o Antenor, a esposa e a filha foram à cidade.

Ele recebeu a folia e a bandeira. Guardou a bandeira dentro da casa.

Serviu pinga e café. Alguns se serviram, outros não, pois tinham acabado de lanchar na visita anterior.

Como era a última visita antes do pouso, o grupo ficou por ali fazendo hora.

Após o intervalo, o chefe da folia o Jovaci, reúne a turma e começam os rituais para aquela visita.

Pedem a bandeira por meio de uma música.

Antenor a busca, e então começa a cantoria: canta para a esposa e para sua filha, mesmo ausentes, ele segura a bandeira por elas. Depois cantaram para ele.

Antenor doa uma prenda.

A folia canta pedindo a bandeira para seguirem a viagem. Antenor traz a bandeira, e a folia segue o giro.

Ponto 06 – pouso 02 - Corivaldo Furtado de Ozêda (Cori) e Orsilia Ribeiro de Ozêda – Fazenda Nova Esperança

***Janta/pouso**

Foi a pedido do Corivaldo que a folia pousou em sua residência.

Já são 16:30h, aos sons dos tiros de garrucha e da caixa, o grupo de foliões e participantes chegam a casa do Cori e da Orsilia.

Os participantes acompanham a folia desde a casa do Lorim e da Zilda.

Corivaldo e Orsilia recebem a folia no portão da casa, Cori segura a bandeira, com a imagem da Santa de frente para si.

Como é ponto de pouso, tem-se um ritual de chegada a seguir:

Ali mesmo no portão da casa, cantaram para a família, pedindo janta, pouso e pinga para o grupo. É um repente longo dura em torno de 10 minutos.

Cori autoriza a entrada e a estadia da companhia. O grupo segue o casal atrás da bandeira, cantando até a área de serviço da casa. Logo a bandeira é guardada dentro da casa, em cima da cama do casal.

Com um intervalo longo até o momento da janta, os foliões se dispersam pelo quintal, uns vão arrumar seus colchões e barracas, outros vão tomar banho, o garrucheiro está repondo de pólvora os cartuchos usado durante o dia. Ele está sendo observado pelos jovens foliões e pelo chefe da folia que às vezes o orienta na atividade.

A cozinha da Orsilia tem várias mulheres, que são filhas, vizinhas e moradoras da região que vieram participar do evento, e ao mesmo tempo ajudam a preparar o jantar. Cada uma faz um prato do cardápio, uma prepara o feijão tropeiro, outra a salada, outra o arroz, outra prepara a carne, entre outros pratos, e assim o cheiro de comida toma conta do ambiente.

Neste momento o altar para a Santa está sendo produzido. A nora da Orsilia está empenhada na função, com ajuda de adolescentes e crianças que vão ao quintal colher flores para enfeitar o altar. Este será sobre uma pequena mesa de madeira, sobre ela uma arco de folhas de coqueiro, que recebe algumas flores, e na base da mesa uns ramalhetes naturais e velas, o estandarte fica embaixo do arco de folhas apoiado na parede. Quando terminou de fazer o altar já colocou-se a bandeira. De vez em quando algum sujeito que chegava a residência ia reverenciar a Santa.

Quando a janta ficou pronta. Todos foram convidados à saboreá-la. Com uma organizada fila, o alfer foi o primeiro a se servir, logo, os demais participantes do evento.

Após a janta tem se um cafezinho fresquinho e um intervalo para o descanso e conversas entre os participantes.

A cozinha está sendo higienizada. Sobraram as panelas, o fogão e a mesa para serem limpos, porque cada participante ao acabar de comer lava o seu prato e talheres usado durante a refeição. Assim que termina a limpeza, todos são convidados a participar do terço.

A reza do terço foi conduzida por mulheres, mas, acompanhada pelos participantes que somavam aproximadamente umas 70 pessoas.

As crianças e adolescentes se organizaram em uma muralha, ficaram sentados ali, até o término da oração, depois foram até ao altar para venerar a Santa.

Após o terço o altar foi desmontado e a bandeira da Santa foi conduzida para dentro da casa, especificamente para dentro do quarto do casal.

Como a noite estava fria, alguns participantes foram embora, outros ficaram por ali até mais tarde, outros foram jogar truco. A cerveja era restrita àqueles que a levaram. Mas, tinha pinga a vontade para quem quisesse.

Orsilia me ofereceu um quarto dentro da casa para eu e meu sobrinho dormirmos.

Meu sobrinho o Lucas Flauzino me acompanhou durante todo o giro. Ele é um adolescente de 13 anos de idade.

2º dia do giro – 15/07/2016

Ainda na residência da família do Corivaldo e da Orsilia, por volta das 06:00 h da manhã, o chefe da folia dá um tiro de garrucha para despertar os foliões. E provavelmente acorda alguns membros da família também, porque tem que preparar o farto café da manhã, para seus hóspedes.

Logo vão aparecendo um a um na área de serviço da casa, local onde será servido o café da manhã. Vão chegando e tomando o café.

Depois desmontam suas camas e barracas colocam na camionete para o transporte. Houve um momento raro e pedagógico, onde os foliões mais velhos tiraram um pouco de seu tempo para ensinar os foliões jovens a tocarem instrumentos musicais. Digo momento raro porque, isso não ocorre, o foliões mais velhos acham que os mais novos devem aprender pelo método da observação, tanto é, que os jovens são inseridos durante a realização dos rituais sem nenhuma prática, aprendem conforme vão participando.

Por volta das 10:30h da manhã, o grupo se reuniu para iniciar os rituais do dia.

Pediram por meio da música, que Corivaldo trouxesse a bandeira para a beijarem.

Pedido aceito, todos os foliões e alguns participantes beijaram a Santa em um momento individual de oração.

Logo em seguida, pediram a bandeira ao anfitrião para começar cantar para quem quisesse receber uma benção ou doar algo ao leilão.

Neste ritual cantaram para várias pessoas presentes.

Ao final a folia cantou agradecendo a família pelo pouso, a janta e a pinga.

A bandeira seguiu com Corivaldo e Orsilia até o portão da casa, logo entregaram-na ao alfer que seguiu com o giro, juntamente com todo o grupo.

Logo abaixo alguns registros fotográficos deste ponto de visita e pouso.





Ponto 07 – Caramuru e casa do Adilson e Tainara

Na empresa Caramuru Armazéns, somente o chefe da folia e o alfer foram até o seu escritório, um funcionário andou com a bandeira dentro do mesmo. Este funcionário é morador da Região da Onça – o Tom. Não foi possível receber a prenda, porque, o gerente da empresa é que faz a doação, mas, ele não estava na hora da visita. Depois o Jovaci volta sozinho para falar com gerente novamente.

Ainda nas dependências da Caramuru visitaram a cantina da empresa, onde uma funcionária recebeu a bandeira e deu uma volta com ela dentro do prédio, a mesma doou uma esmola.

Após, ao som da caixa, seguiram a até a casa do Adilson e da Tainara. O Adilson é filho do Lorim morador da Região da Onça, e é funcionário da Caramuru.

Na casa deles a folia tomou um lanche, e depois de um intervalo, iniciou-se os rituais. Cantou pedindo a bandeira para iniciar o ritual do pedido da esmola, depois cantou para a família do Adilson e para as pessoas que quiseram segurar a bandeira.

Terminaram os rituais e a folia e seus participantes seguiram o giro.

Ponto 08 – Jairo Freitas Carvalho e Nilma

*Almoço

O som da caixa e dos tiros da garrucha, avisam que a folia está chegando.

Jairo Freitas Carvalho e a Nilma, receberam em sua casa o grupo folião com seus seguidores.

Já estavam com o almoço pronto, esperando pela turma. Por volta das 13:15hs o grupo almoçou, fez um pequeno intervalo, e logo começou com os rituais, cantou pedindo a bandeira, depois cantou para os donos da casa, cantou agradecendo pelo almoço, café, também se despedindo e pedindo a bandeira para seguir o giro. Para finalizar os rituais o casal levou a bandeira até o portão da casa e se despediu do grupo.

Ponto 09 - Itton (Itim) e Dinair

Com o som marcante da folia, ela chega batucando na caixa e soltando tiros de garrucha. Nesta casa se encontrava somente a Dinair seu esposo o Itim, não estava no momento.

Mas, ela alegremente recebeu os foliões, enquanto os mesmos se acomodavam, Dinair organizou e serviu um lanche (refrigerantes, bolachas e biscoitos).

Logo após o grupo iniciou os rituais com suas melodias. Cantou para pedir a bandeira, depois para a Dinair e depois para seu esposo. Cantou pedindo a bandeira para seguir em frente a trajetória.

Dinair conduziu a bandeira até o portão do barracão e a entregou ao alfer.

O grupo segue o giro rumo a outra visita.

Ponto 10 – pouso 03 - Lúcio Prado e Dinair / município de Rio verde/GO

*Janta/pouso

Por volta das 16:30hs com os batuques da caixa e dos ensurdecidores tiros da garrucha o grupo de foliões chegam à casa da família do Lúcio Prado e da Dinair.

Os sons da folia também desperta os sons das fazendas visitadas, são os sons dos pássaros batendo asas em fuga, dos cavalos correndo assustados nos pastos, dos latidos dos cachorros bem como de suas evasões – medo dos foguetes, ah! Tem também o barulho emitido dos perus e gansos que ficam assustados com chegar de tanta gente.

Foram bem recebidos pelo filho do casal o Selimar e sua família. Selimar é morador da fazenda.

Nesta residência já se encontravam uma grande quantidade de pessoas que são parentes do Lúcio Prado e da Dinair. Entre eles filhos, netos, sobrinhos e amigos do casal. Algumas estavam de férias na fazenda, outras estavam para ajudar na recepção dos foliões.

Os foliões cantaram para pedir ao anfitrião, pouso, janta, agasalho aos instrumentos musicais e pinga. Após a longa cantoria, foi concedido o pedido, Selimar guarda a bandeira dentro da casa, e os foliões adentraram a residência e suas dependências.

Logo foram arrumar seus aposentos, pois precisam escolher um bom lugar para montar a barraca. Em quanto isso alguns foram tomar banho, acessar a internet, descansar, andar pelo quintal, conversar e brincar verbalmente.

Wi-fi liberada para todos. Os jovens foliões aproveitaram para ficarem conectados com o mundo virtual.

Mais tarde a janta foi servida. Todos de forma muito organizada, se serviram a vontade. Terminada a janta cada um lavou seu prato e talheres e foram fazer um quilo, ficaram sentados por ali mesmo, pois logo começaria o terço.

Em quanto todos aguardavam o Lúcio e a Dinair chegarem na fazenda, o foliões dançaram a catira, participaram inclusive os mais jovens.

A reza do terço foi conduzida pela Selma filha do Lúcio e da Dinair, os demais participantes contribuíram rezando e cantando nos momentos oportunos.

Depois do terço, os foliões fizeram uma animada roda de viola. A animação foi até mais ou menos 23:00h. A noite estava muito fria....

Os adolescentes e crianças aproveitaram o sinal da internet para se conectarem ao mundo virtual.

Logo cada componente do grupo foi dormir, pois sabiam que jornada do dia seguinte seria puxada.

Os anfitriões gentilmente cederam um lugar dentro da casa (na cozinha), para que eu meu sobrinho dormíssemos. Como levei colchão e roupas de camas, nos organizamos e agasalhamos para mais uma noite de descanso.

3º dia do giro – 16/07/2016

O café da manhã foi servido por volta das 08hs na casa do Sr. Lúcio

Logo após iniciou-se os trabalhos da folia. Os foliões ficam apreensivos com a qualidade e o desenvolvimento dos rituais, pois o Lucio foi folião e aprecia os episódios de forma muito minuciosa. De forma que se tiver erros durante o desenvolvimento, ele faz suas críticas, e às vezes pede para refazer o ritual de forma correta.

Em cantoria pede ao Lúcio para trazer a bandeira para acontecer o ritual do beijo da bandeira.

Lúcio traz a bandeira e a segura enquanto os foliões e as pessoas rezam e beijam o estandarte.

Depois em cantoria pediram a bandeira para ir para o giro.

O Marlon um adolescente, neto do Lúcio Prado foi com a folia para ensinar o caminho do giro aos foliões. Pois, eles não conhecem bem o caminho, praticamente andam nesta região só no período do giro. Este lugar é um chapadão no município de Rio Verde/GO, tem devotos que são descendentes de moradores da Região da Onça, ou são sujeitos que gostam de receber o grupo. Selimar disponibilizou seu carro de trabalho uma besta, para facilitar o transporte e a viagem dos foliões.

Zezinho foi dirigindo a besta, transportando os foliões.

Logo abaixo algumas imagens da visita.



Anfitrião recebendo cantoria pedindo pouso.



Dança da catira.



Reza do terço.



Roda de viola.



Jovens foliões conectados à internet.



Cantando para o anfitrião.

Ponto 11 – Maria Glória Prado Clarimundo – Fazenda Rio Doce / município de Rio verde/GO

Por volta das 11 horas, Maria Glória recebeu o grupo precatório juntamente com a bandeira. Guardou-a dentro da casa, fez um cafezinho fresquinho e serviu a todos. Durante o intervalo alguns dos foliões fazem brincadeiras verbais, e uma das brincadeiras da vez foi a troca dos chapéus entre eles, e dessa forma quem tivesse com o chapéu trocado recebia o nome do proprietário do chapéu. Eles davam muitas risadas e pousavam para a foto. Depois de um pequeno intervalo os foliões começam as cantorias. Cantam pedindo a bandeira, depois cantam pedindo a bela esmola e benção para a moradora. Finalmente cantam pedindo licença para seguirem a caminhada com a Santa. E tomam o trajeto do dia.



Momento de descontração entre foliões – troca de chapéus	Momento de descontração entre foliões
--	---------------------------------------

Ponto 12 – Venelton Prado Clarimundo - Fazenda Rio Doce / município de Rio verde/GO

A folia está chegando! Isso é que significa os sons da caixa e dos tiros de garrucha. Com tiros de foguete, Venelton confirma que a folia pode chegar em sua casa.

Então, ele já espera na porta da casa. Beija e pega a bandeira e cumprimenta os viajores. Adentra a casa com a bandeira em seu poder.

Foliões descansam um pouquinho. O logo iniciam as cantorias.

Cantam para Venelton trazer a bandeira;

Venelton traz a bandeira, e a folia canta para ele, para sua esposa e para as pessoas que estavam na casa. Posteriormente cantam pedindo licença para levar a bandeira em sua viagem.

O grupo segue o giro.



Chegada da folia



Anfitrião recebendo a folia

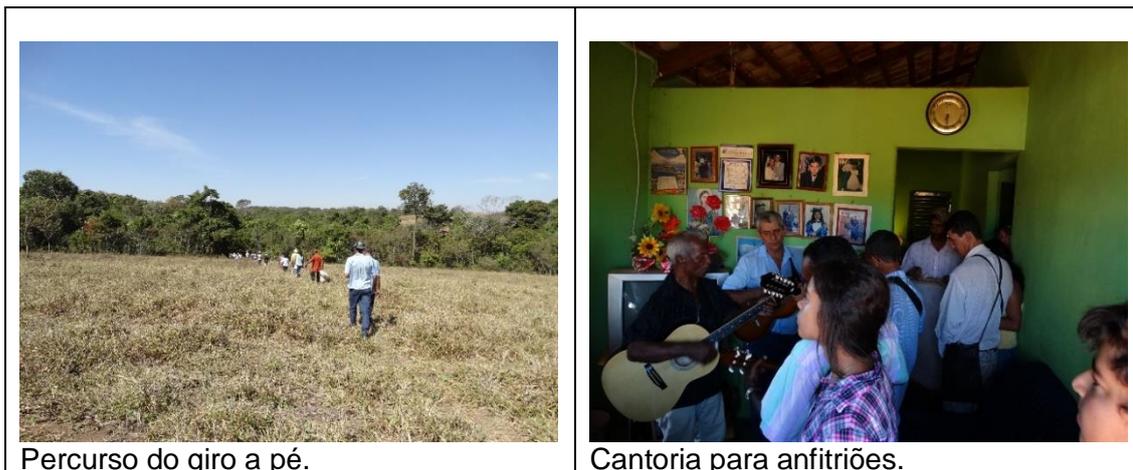
Ponto 13 – Inês Mendonça – Fazenda São Tomé / município de Rio verde/GO.

Para cortar caminho, os foliões andam um pequeno percurso a pé, para chegar à casa da senhora Inês Mendonça. Passam por um pasto de vegetação seca, adentra o vale do córrego e chega pelo fundo do quintal da casa. Tocam a caixa e soltam tiros de garrucha. Os cachorros ficam muito bravos incomodados com tanto barulho, e muitas pessoas.

A folia é recebida pela anfitriã e seus filhos, que beijam e guardam a bandeira dentro da pequena casa. Talvez pela dificuldade em andar, Inês recebe a folia na porta da sala de sua casa.

Depois de um pequeno intervalo, dentro da sala da casa, a folia começa cantar. Cantam para pedir a bandeira depois cantam para a senhora Inês. E posteriormente cantam para os seus dois filhos.

Depois da cantoria todos se despedem, o alfer pega a bandeira e o grupo segue o trajeto para a próxima visita.



Percurso do giro a pé.

Cantoria para anfitriões.

Ponto 14 – Luís Carlos do Prado - Fazenda Rio Doce / município de Rio verde/GO

Aos sons da caixa e dos tiros, a folia chega na casa do Luís Carlos, por volta das 13:30hs. Ainda não almoçaram.

O morador recebe o grupo, pega a bandeira guarda-a dentro de casa. Luís fica conversando com os foliões até chegar a hora de começar a cantar. Era perceptível sua alegria e sua paixão pelos rituais da folia. Ele gosta tanto, que gostaria que a folia ficasse mais tempo em sua casa cantando para ele. Ele até pede para o grupo ficar mais.

Ele serve um lanche. E posteriormente a folia começa com os rituais.

Canta pedindo a bandeira, depois canta para Luís Carlos, para família dele, para ele de novo, para a filha dele. Seus familiares estão na cidade, ele fica a semana toda sozinho, a mulher e a filha só vão para fazenda aos finais de semana. Luís Carlos elogia a folia e pede para cantar mais vez para ele. O grupo atende seu pedido.

Tem se um intervalo para descanso dos cantores e instrumentistas.

O grupo canta pedindo licença para seguir o giro.

Já são 14hs, os viajores estão sem almoço.

O alfer pega a bandeira se junta ao grupo e seguem o trajeto. Luís Carlos também acompanha o giro, ele participou de várias visitas neste dia.

Ponto 15 – Ari Teixeira da Silva – Fazenda Pontal do Rio Doce / município de Rio verde/GO

*Almoço

Ari responde com tiros de foguetes, que a folia pode chegar.

A família do Ari, juntamente com outras pessoas já esperavam a folia.

Ele e sua esposa pegam a bandeira, recepcionam calorosamente os foliões, e guardam o estandarte dentro da casa.

Posteriormente servem o almoço. Todos vão almoçar, pois já estão com muita fome já são 15:25hs.

Depois do almoço. Tem se o intervalo para o cafezinho, o descanso ou uma volta pelo quintal.

Posteriormente os foliões começam os rituais, pois já está tarde e ainda faltam algumas visitas para finalizar o giro do dia.

Eles cantam pedindo a bandeira para tirar as esmolas.

Cantaram para 07 pessoas da família, receberam doações de esmolas.
 A bandeira foi novamente acondicionada dentro da casa.
 Depois cantaram para o casal anfitrião pedindo a bandeira para seguir o trajeto.
 Ari e sua esposa conduziram a bandeira até o portão de sua casa, quando a entregam ao alfer.
 Mais uma vez o grupo segue o trajeto programado para o dia.



Almoço.



Anfitriões levando a bandeira até o portão de sua casa.

Ponto 16 – Aristides Teixeira da Silva - Fazenda Pontal do Rio Doce/ município de Rio verde/GO

A folia chega a mais um ponto de visita, fazendo o barulho de sempre tocando a caixa e soltando tiros de garrucha na casa do Aristides que recepciona com muito entusiasmo o grupo.

Recebe a bandeira, cumprimenta todos do grupo e convida para entrar em sua casa. Depois de todos acomodados ele serve um lanche (café, pão de queijo) e pinga.

Posteriormente, a folia começa com o ritual musical.

Cantam pedindo a bandeira, depois cantam para o neto do casal, cantam para o Aristides e depois para sua esposa.

Guardam a bandeira.

Logo a folia em cantoria pede a bandeira novamente para seguirem o giro.

Aristides leva o estandarte até bem próximo do carro.



Anfitrião recebendo cantorias.



Anfitrião levando bandeira até o carro.

Ponto 17 – Nilda Teixeira Vieira e Geraldo Antônio Vieira de Faria - Fazenda Pontal do Rio Doce / município de Rio verde/GO

A folia avisa sua chegada por meio dos toques da caixa e dos tiros da garrucha, que são logo respondidos com a recepção dos anfitriões na entrada da casa.

O casal Nilda e Geraldo e uma criança recepcionam o grupo, beija a bandeira toma-a em seu poder e guarda dentro da casa.

A visita foi mais curta, talvez pelo cansaço do dia, e também porque está anoitecendo. Com um pequeno intervalo para as conversas, o casal oferece café e um lanche. Alguns comem, enquanto outros estão dispersos pelo quintal ou sentados em um banco em frente à casa.

Dentro da casa, a folia inicia os trabalhos cantando para trazer a bandeira para eles. Logo são atendidos e eles cantam para o casal, para uma filha e para uma criança. A bandeira é guardada novamente dentro da casa. Logo pedem em cantoria para devolver a bandeira pois precisam seguir o trajeto. Se despedem, Nilda e Geraldo levam a Santa até o carro.



Moradores recebendo cantorias.



Casal devolvendo a bandeira.

Ponto 18 – José Divino do Prado Camargo (Caracu). Fazenda Vale do Rio Doce /município de Rio verde/GO.

Último ponto visitado do dia. Já está escurecendo. A folia chega fazendo barulho com a caixa e os tiros de garrucha.

José Divino aparece no quintal da casa para recepcionar o grupo. Cumprimenta a todos, pega a bandeira e a conduz para dentro da casa.

Logo os foliões pedem a bandeira para dar continuidade a visita. A bandeira é trazida e fica nas mãos de José Divino que recebe a cantoria de joelhos. Logo, pedem licença para seguir com a bandeira finalizando o giro do dia.

Foliões e morador se despedem e assim finalizam mais um percurso do giro.

Ponto 19 – Pouso 04 - Lúcio Prado e Dinair / município de Rio verde/GO

*Janta/pouso

A janta e o pouso serão novamente na fazenda do Lúcio Prado. A folia foi autorizada pelo anfitrião, a ficar o tempo necessário por ali para cumprir com as visitas na região. Uma vez que tem muitos moradores que solicitam a visita da folia.

Ao chegar do giro no chapadão, Lúcio pede aos foliões que cantem novamente o pedido de pouso, janta e pinga. Pois este seria um novo pouso. Então, os foliões se

organizam e cantam para o anfitrião pedindo novamente pouso, acomodação para a bandeira e para os instrumentos musicais, janta e o litrão (pinga).

As barracas estão prontas desde a noite passada, então é providenciar o banho e esperar pela janta.

Logo a janta foi servida, todos comeram e lavaram seus pratos e talheres.

Depois o tempo estava livre para cada componente, alguns foram descansar, outros conversarem, outros se conectaram a internet.

4º dia do giro 17/07/2016

No dia seguinte, tomam café da manhã. Pedem a bandeira para o ritual do beijo. Após, a mesma permanece dentro da casa novamente.

Os foliões ficam por ali fazendo hora. O grupo não tem pressa pois irão direto para o ponto do próximo pouso. Então, esperam pelo almoço fazem um intervalo e começam os rituais musicais. Foi um ritual demorado, pois cantaram para muitas pessoas que estavam presentes.

Cantaram agradecendo ao morador pelos pousos, jantares, almoço e pelo litrão.

Pediram a bandeira para seguirem a viagem, e continuaram o giro.

Ponto 19/pouso 05 – Shirley Carvalho Barros – Fazenda Rio Doce

Os foliões chegaram por volta das 15:30h

No jardim da entrada para a residência, os foliões foram recepcionados pela família, que logo ficam com a bandeira em seu poder, a folia canta os cânticos de chegada, pedindo pouso para os foliões.

A bandeira é conduzida para dentro da residência pelos anfitriões.

Wi-fi liberada.

Ao fim da tarde os foliões vão arrumar suas barracas, ou colchões quando dentro de algum cômodo. Arrumam mais cedo para aproveitar a luz natural do sol. Depois que cair a noite fica mais difícil para organizar os aposentos, aí só com a luz da lanterna para iluminar.

Enquanto uns se organizam para tomar banho, pois só tem um banheiro com chuveiro de água quente. Os jovens foliões se juntam as crianças da casa, vão se divertir um pouco jogando bola no gramado em frente à casa. Outros estão conversando, descansando, brincando verbalmente....

Alguns convidados dos anfitriões chegam para participar do jantar e do terço.

Foi servido a janta, todos os presentes, anfitriões, foliões e visitas, se reuniram para o momento. Os mesmos também participaram da reza do terço.

A reza aconteceu na sala da casa. Em uma cristaleira, acomodou-se a bandeira da Santa que dividiu o espaço com um forro xadrez bordado, algumas velas, jogos de copos, jogos de taças, peças de louça, porta-retratos, espelho no fundo do móvel, arranjos de flores artificiais, quadros com imagens de outros santos, e bibelôs.

Em frente a bandeira os fiéis se reuniram e fizeram uma reza com muito fervor.

Depois do terço, alguns do grupo se reuniram fora da casa e curtiram algumas músicas cantadas por alguns: um funcionário da fazenda e os componentes da folia: Ziriguim, Joãozinho e Catabira.

Com o sinal da internet wi-fi liberada as crianças e adolescentes não se interagiram com os adultos, somente entre eles, o individualismo às vezes era visível, pois estavam conectados.

Nesta propriedade não permitiu o consumo de bebidas alcoólicas, pois cumprem com uma promessa de não se ter o consumo nesta casa.

A noite está muito fria, o grupo foi dormir mais cedo.

Eu e meu sobrinho dormimos em uma barraca, montada na garagem da casa. (Com a permissão da dona da casa).

Durante a madrugada caiu geada nas redondezas da fazenda.

5º dia do giro 18/07/2016

*Café da manhã/almoço

O dia amanhece na fazenda da Shirley, na manhã fria, o tiro da garrucha desperta o sono dos foliões. Eles se levantam, tomam café, e ficam por ali no jardim, se esquentando no sol e contando as brincadeiras que faziam com os colegas em giros anteriores.

O comentário dos anfitriões é que se teve geada em alguns lugares da região. A temperatura na madrugada chegou a -2°.

Alguns foliões foram desmontar as barracas, dobrar os colchões e organizar os pertences na camionete que transporta a bagagem da turma.

O grupo permanece na fazenda esperando o almoço. Após o mesmo, depois de um intervalo, começam os rituais com as cantorias.

Cantam para os anfitriões pedindo a bandeira para beijar; depois cantam pedindo esmolas e a proteção da Santa para sujeitos que seguram a bandeira; cantam agradecendo o pouso e o jantar; cantam pedindo licença para seguir o giro.

Na saída, Ricardo o morador da fazenda doa um litro de pinga aos foliões, que saem satisfeitos.

Anfitriões e foliões se despedem e o grupo toma a estrada como o objetivo do dia.



Acampamento dos foliões.



Jovens foliões jogando bola.



Reza do terço.



Foliões animando a noite.

Ponto 20 – Yolanda Carvalho Barros – proprietária (Celso Previatti morador) - Fazenda Paineira

A folia foi em uma das casas da fazenda, uma mulher que é funcionária recebeu folia e a bandeira, mas, não aceitou cantar.

Os foliões foram embora, seguindo com o giro.

Ponto 21 – Lotário Huther – Fazenda Pedra do Rio

Sob os tiros da garrucha e das batidas da caixa a folia chega entre as máquinas e caminhões na residência do Lotário.

O morador recebe alegremente o grupo, pega a bandeira e os convida a irem a sua casa. Guarda a bandeira, e fica conversando com alguns componentes do grupo, ali mesmo na garagem.

Logo o grupo em cantoria pede ao Lotário a bandeira, iniciando os rituais.

Cantam para ele, para seu filho e neto.

E depois cantam pedindo a bandeira para seguirem o trajeto.

Lotário leva a bandeira até o portão de sua casa e a entrega ao alfer.

Ponto 22 – Danilo Aimi - Fazenda Buritizal –

Esta fazenda tem um grande barracão para acomodar as máquinas agrícolas, logo atrás ficam 05 casas para os funcionários.

Somente a Aronilda Teixeira da Silva - Caseira que recebeu a folia, as demais casas estavam fechadas, talvez por ser domingo.

Aronilda já conhece a tradição festiva, pois é moradora há muito tempo da região. Ela é irmã do Ari, do Aristide e da Nilda. A folia também visitou a casa deles no chapadão em Rio Verde.

Ela recebe a folia e a bandeira. Guarda a bandeira dentro da casa, e aguarda o momento para iniciar os rituais.

Os foliões em cantoria pedem a bandeira para cantar para ela. Pois estava sozinha.

Ela traz o estandarte, eles cantam, ela faz doação de esmola. A bandeira é novamente guardada dentro da casa. O grupo pede a bandeira, ela traz novamente, a conduz até o portão de sua casa e a entrega ao alfer que junto com os foliões agradecem e seguem o giro.

Ponto 23 – Catarina Bento

Severino Moreira de Sousa - Caseiro que recebeu a folia.

Severino recebe a folia e a Santa, recolhe a bandeira dentro da casa, oferece um lanche e pinga ao grupo.

Todos lancham, e fazem algumas brincadeiras verbais.

Após um intervalo, pedem ao morador a bandeira para cantar para ele.

Ele atente ao pedido, a folia canta pedindo uma doação e bênçãos da Santa para ele.

Enquanto a folia está cantando para Severino, um rapaz que também mora na fazenda, solta uma bombinha canhão, os foliões levam tanto susto que param de cantar por alguns segundos, mas, logo se recompõe e continuam com o ritual.

Os demais dos foliões que não estavam cantando no momento, fazem muita farra do susto que todos levaram. Eles riem muito da situação.

Severino guarda a bandeira novamente, e logo é solicitado a entregar a bandeira aos foliões, pois precisam seguir o giro.

Ponto 24 – Paulo César de Carvalho (Gordo) – Fazenda Água limpa.

Na estrada de solo arenoso, alguns carros atolaram, é preciso que alguns foliões empurrem o carro para ajudar o motorista a desatolar. Fazem isso com muita farra, gritam e riem muito.

Ao chegar na residência o funcionário da fazenda recebeu o grupo, pegou a bandeira colocou-a em cima de uma mesa, ali mesmo na varanda. Em poucos minutos a bandeira foi devolvida ao alfer.

A folia não canta nesta residência, porque o proprietário acha as músicas muito tristes. Mas, sempre ajuda com prenda.

O grupo segue o giro.

Ponto 25 /pouso 06 - Bento Gouveia de Oliveira e Zilene – Fazenda São Bento

*Janta/pouso

Entre os tiros de garrucha e o som da caixa, se ouvia os tiros de foguetes, sinalizando que a folia poderia chegar. Por volta das 16:30h, os foliões chegam à fazenda do Bento e da Zilene. Com muito entusiasmo, são recebidos alegremente pelo casal anfitrião, e por vários visitantes, estes que são devotos da Santa e moradores da Região da Onça.

A folia chega no portão da casa e entrega a bandeira ao casal anfitrião, estes seguram a bandeira com a imagem da Santa de frente para si. A folia canta uma música pedindo pouso para eles e para a Santa, janta, garrafão de pinga e abrigo para os instrumentos. Pedem também licença para entrar no salão da casa.

Bento e Zilene aceitam o pedido da folia, e todos adentram o quintal da casa.

Diferente dos outros pousos até então, a bandeira não vai para o interior da casa, neste momento. Ela vai para o altar que já está pronto, na varanda.

Depois deste ritual cada folião vai arrumar seus aposentos, e banhar mais cedo.

Logo a janta será servida. Os preparativos da janta já estão bem adiantados, o cozinheiro é o Wagner, morador da Região da Onça e amigo da família.

Do momento em que a folia chegou à fazenda até as 19hs, os amigos, familiares e moradores da região, chegaram e logo o espaço destinado para realizar o evento está tomado por sujeitos.

Alguns adolescentes e crianças formaram uma equipe para jogar truco.

A janta é servida por volta das 19:15h.

Após o jantar, depois de um intervalo, dá se início a reza do terço, o mesmo foi conduzido pela Zilene que é anfitriã e pela Lidinha uma devota, que costuma rezar o terço nas comemorações a Santa.

A temperatura caiu muito, a noite está muito fria.

Teve uma roda de viola com poucas músicas. Mas, os sujeitos presentes estavam animados tomando suas bebidas e conversando entre eles.

Mesmo animados logo foram em bora, talvez por conta do frio do inverno goiano.

O grupo de folião se dividiu, alguns foliões dormiram em uma casa abandonada, outros no espaço de um barracão que fica no espaço do curral.

Eu e meu sobrinho dormimos em um quarto dentro da casa dos anfitriões. Gentilmente cedidos por eles.

6º dia do giro 19/07/2016

*Café da manhã

Amanhece no pouso na casa do Bento e da Zilene. Por volta das 07 horas todos os foliões estão de pé.

O café da manhã é servido. Leite, café, pão de queijo e roscas fresquinhas feitos pela Zilene.

Por volta das 09:30 da manhã, a folia canta pedindo a bandeira para que eles possam beija-la, e também para os presentes que quiserem participar do ritual.

Pedido aceito. Eles se organizam e beijam a bandeira.

Logo começam a cantar para os sujeitos que seguraram o estandarte. Cantam para os caseiros e para alguns participantes que seguram o estandarte e fazem alguma doação.

Após as cantorias a bandeira e novamente guardada dentro da casa.

Logo pedem em cantoria a bandeira para seguirem o trajeto.

Com a bandeira em mãos o grupo segue a missão.



Cantoria da chegada no pouso



Dormitório dos foliões



Ritual do beijo na bandeira.



Adolescentes jogando truco.

Ponto 26 – Erinho (Bento Celestino)

Tiros e batucadas avisam que a folia está chegando, logo o caseiro responde com tiros de foguetes.

A visita agora é na casa do Erinho, um rapaz simpático que recebe a folia com muita alegria. Ele é empresário na cidade, mas, arrendou a fazenda do Celestino Bento. Erinho convive com a tradição religiosa algum tempo, pois sua esposa e da Região da Onça. Ele guarda a bandeira dentro da casa, o logo serve um farto lanche: doces de manga, leite, e geleia, queijo fresco e bebidas, café, refrigerantes, vinho, pinga e cervejas.

Após o lanche Erinho pede um favor aos foliões. Solicita ajuda deles para levantar uma vaca que está muito doente e fraca, não consegue se levantar sozinha, está pranchada. Eles prontamente a ajuda. A vaca já de pé segue caminhando ao encontro de seu bezerrinho.

A casa da fazenda é pequena e antiga, as paredes são feitas de pau-a-pique. Mas, esta estrutura é o suficiente para acolher bem o foliões, bem como todos aqueles que queiram receber as bênçãos da Santa. Começam as cantorias dentro da sala, e aqueles que se sentem bem, seguram a bandeira, fazem ou não doação de esmolas ou prendas.

Terminam os rituais, o grupo segue rumo a próxima visita.



Folião servindo um lanche.



Foliões ajudando levantar uma vaca doente.



Cantoria

Ponto 27 – Ananias Pereira dos Santos (Bim) e Jerônima

***Almoço**

Neste ponto, casa dos pais do chefe da folia o Jovaci.

A folia chegou em silêncio, sem batucadas e sem tiros de garrucha. A família está enlutada. Uma filha faleceu há três meses.

A família acolheu a bandeira dentro da casa.

Serviu o almoço.

Depois do intervalo para o quilo, pediram a bandeira para seguir o giro. Também sem cantorias. A bandeira foi levada até o carro pelo Bim.

O grupo seguiu viagem

Ponto/pouso 28 – Maria das Graças Silva Ribeiro (Inondes)

7º dia do giro 20/07/2016

***Pouso/Almoço**

Por volta das 15:30hs, a folia chegou em silêncio, sem tiros e batuques na caixa. A folia não cantou, a família está enlutada.

Maria e os filhos receberam a folia e a Santa, se cumprimentaram, e a bandeira foi conduzida para o interior da casa.

Em quanto o jantar é preparado pelo Wagner filho da Maria das Graças, os foliões tomam banho e arrumam suas camas em um barracão.

O jantar foi servido.

Mais tarde, realizou-se a reza do terço, mas, foi sem cantorias. À pedido da Maria das Graças.

Depois do terço os foliões se dispersam, uns vão dormir outros conversarem outros jogar truco.

O dia amanhece na fazenda da Maria das Graças e família. Por volta das 06:40hs, um tiro de garrucha desperta os foliões, logo aparece um aqui outro acolá. De forma que no momento do café da manhã todos os foliões estão reunidos.

A folia pede a bandeira para a Maria das Graças, sem cantoria. Maria traz a bandeira e a segura para que todos possam beijá-la e fazer sua oração.

Logo após a bandeira é guardada dentro da casa novamente.

Os foliões dormiram em um barracão.

Eu e meu sobrinho fomos embora para cidade. O pouso é próximo a cidade por volta de 30 km. A partir desse ponto não dormiremos nos pousos. Essa região é próxima da cidade o que viabiliza a ida e a volta todos os dias.

Alguns registros da visita.



Vagner o cozinheiro



Diversão - foliões e acompanhantes em montaria em tambor



Bebidas e café à disposição dos foliões e acompanhantes.



Foliões servindo o almoço

Ponto 29 – Oséias Monteiro dos Santos (Ferrim) e Maria Nilda Aguiar da Silva

Por volta das 09:30h a Maria das Graças conduz a bandeira juntamente com alguns componentes da folia, até a casa dos seus caseiros Oséias Monteiro dos Santos (Ferrim) e Maria Nilda Aguiar da Silva. Essa casa fica a poucos metros da casa da sede. Nesta também não se tem a cantoria da folia, Oséias recebe a bandeira e o grupo, guarda a bandeira dentro de sua casa.

Os foliões ficam um tempinho ali, pedem a bandeira e voltam para a casa da Maria das Graças. A bandeira volta para dentro da casa como é costume. Na varanda, alguns foliões estão afinando instrumentos de corda, outros conversando.

Neste momento, no quintal, alguns adultos e os jovens foliões estão se divertindo, em uma montaria em tambor que simula, uma montaria em cavalos ou bois. Outros estão jogando truco.

Por volta das 11:00hs o almoço que o Wagner preparou está servido. Todos do grupo sob a supervisão do chefe, vão almoçar. Como de costume depois que come, cada um lava seu prato e talheres. Após o almoço e intervalo para a sesta, o chefe da folia pede a bandeira a Maria das Graças, para seguirem a viagem.

Dessa forma deixam mais um pouso para trás e seguem com o giro.

Ponto 30 – Maria Amélia Moraes de Sousa e Altomir Viera da Silva- Fazenda Recanto Feliz

Nesta visita quem recebeu o grupo de foliões foi o filho adolescente do casal, o Fagner Moraes.

A Maria Amélia estava internada no hospital, passou por uma cirurgia. O filho adolescente recebeu a folia. Com muita organização.

Fagner recebeu a bandeira, mas não a levou para dentro da casa, colocou-a em cima de um freezer na varanda da casa.

Ele organizou um lanche e serviu aos foliões e participantes.

Após o lanche o chefe da folia pede para que inicie os rituais com a bandeira. E orienta o jovem como se deve proceder.

O grupo em canção pede ao adolescente para trazer a bandeira, para cantar para ele.

Fagner segura a bandeira na porta da cozinha, recebe a cantoria. Posteriormente, a bandeira foi guardada dentro da casa.

Depois a folia canta ao jovem pedindo licença para seguir com o giro.

Ele leva a bandeira até o portão da casa, se benze, e a entrega ao alfer.

O grupo segue o trajeto.



O anfitrião recebendo a cantoria da folia.



Bandeira em cima do freezer, aguardando o momento da cantoria.

Ponto 31 – Fernando Rodrigues Lombardi - Fazenda Beirada

Neste ponto foi uma visita mais curta, mas, realizou-se todos os rituais como de costume.

Aos sons dos tiros da garrucha e da caixa a folia chega a residência.

É recepcionada pelo caseiro, que pega a bandeira e adentra a casa.

Pouco tempo depois, os foliões se organizam e pedem em cantoria, para que ele traga a bandeira para pedir a benção da Santa e esmolas.

Ele segura o estandarte na porta da sala da casa, recebe a cantoria, e guarda a bandeira novamente.

Em seguida a folia canta novamente pedindo a bandeira para seguir o giro com eles.

O alfer pega o estandarte ali mesmo na porta. E seguem o caminho do giro.



Bandeira em cima da cama.

Foliões cantando para anfitrião

Ponto 32 – Wanderson de Lima e Silva - (Filho do João Beraldo). Fazenda Araçá

A folia foi recebida pelo Wanderson e a família. Guardou-se a bandeira dentro da casa.

Essa família mora em Goiânia/GO, mas, passam uma parte das férias de julho nesta fazenda.

A família do Wanderson tem fazenda na região, por isso ele conhece bem a tradição a Nossa Senhora da Abadia.

Serviram um farto lanche. Todos comeram.

Os foliões se dispersaram pelo quintal, ou ficavam na varanda descansando, fumando, outros foram até o Rio Paraíso que passa pertinho da casa. Era uma tarde seca e quente do inverno goiano com sol a pino.

Como é de costume seguem à risca o ritual das cantorias. Por meio de uma canção pediu a bandeira para pedir as esmolas.

Cantou-se para os três componentes da família. Doou-se esmola.

Depois pediu em uma nova canção licença para sair com a bandeira para seguir com o giro.

A família se despede do grupo, leva a Santa até o portão da casa, e a entrega ao alfer que se junta aos demais do grupo e seguem o trajeto.

Ponto 33 – Edson da Costa

A folia chegou com seus componentes dando tiros de garrucha e batendo a caixa. Logo veio uma senhora para recepciona-la. Era uma funcionária da fazenda. Ela pegou a bandeira e adentrou o quintal até a área de serviço.

Os foliões em brincadeira tentaram ganhar um queijo que estava curando (secando/endurecendo) ao ar livre. Tentaram convencer a funcionária para fazer doação do queijo, mas, ela foi contundente em dizer que só poderia doar se os patrões a autorizasse.

Neste ano eles usavam o argumento de que eu a pesquisadora, estava grávida e com vontade de comer o queijo. Se conseguissem ganhar o que pediam, o objeto era dividido entre eles, ou às vezes me davam o produto da mentira. Até porque ainda iam demorar irem para casa deles, e dependendo do produto perecível, estragaria no percurso.

Enfim, brincadeiras à parte é hora de começar cantar, então cantam pedindo a bandeira para pedir esmolas.

Cantam para a funcionária. Ela doou esmola.

E depois cantaram pedindo a bandeira para seguirem a jornada. Ela conduz o estandarte até o portão da casa.

Com a bandeira em mãos o alfer segue a frente do grupo rumo aos carros para continuar o giro.



Caseira recebendo a cantoria.



Moradora saindo da casa com a Santa.

Ponto 34 – Nilton Vieira de Freitas Filho – Fazenda Onça

A folia encontrou com o Nilton, em uma estrada trabalhando, esta é próxima a casa dele. Ali mesmo ele recebeu a folia, pegou a bandeira e doou a esmola.

Não teve cantorias neste encontro.

Mas, a folia segue a jornada para o próximo ponto que será o pouso.

Ponto/pouso 35 – João Matias Neto e Laci – Fazenda Cruzeiro

Já são 16:20hs a folia é recepcionada com os tiros de foguetes sinalizando que podem chegar.

Na porta da casa são recepcionados pelo casal João Matias Neto e sua esposa Laci, logo os outros membros da família vão chegando para receber e beijar a Santa.

A seguir inicia a cantoria para pedir pouso para os foliões e para Santa, jantar, e o garrafão de pinga. Pedido aceito e a bandeira é colocada no altar produzido especialmente para a noite.

A cozinha está movimentada com várias mulheres contribuindo para o feitiço da janta. No quintal tem se uma divertida roda de amigos, comendo carne assada e tomando bebidas, os assuntos são os mais variados, como as brincadeiras que aconteciam em folias passadas e vários causos engraçados e piadas.

As camas e barracas para os pousos dos foliões já estão arrumadas, algumas no barracão ao lado do curral.

Alguns devotos da Santa solicitam a cantoria da folia, então eles param com o que estão fazendo e vão cantar para vários sujeitos que seguram a bandeira.

O jantar é servido, neste momento a maioria dos sujeitos se reúnem na cozinha para se servirem. Nota-se que existe muitas pessoas no local, atraídas pelo sagrado e o profano, ou só pelo profano.

Após o jantar, um intervalo.

Por volta das 20:15hs inicia-se a reza do terço, que é conduzida por mulheres da família da Laci.

Após o terço inicia-se a dança da catira, um momento exclusivamente masculino. Teve a participação de adolescentes, adultos e idosos. Sendo participantes e foliões. As mulheres e os demais participantes eram a plateia da dança. Todos assistiam com muita alegria e aplausos.

Terminada a dança da catira, criaram uma roda de viola, onde se tinha a participação de vários cantores, os participantes interagiram.

A diversão foi até aproximadamente, 01:00h da madrugada.

8º dia do giro 21/07/2016

O dia amanhece na Fazenda Cruzeiro, o tiro da garrucha acorda todos foliões. Logo todos estão reunidos para tomar café.

Após o café tem-se uma roda de viola formada pelo João Matias, Joãozinho, Catabira e o Zezinho, eles tocam algumas músicas sertanejas antigas, e o folião Joãozinho toca no cavaquinho umas músicas de sua autoria.

Logo pedem em cantoria a bandeira para o ritual do beijo. João Matias traz a bandeira e os foliões e os demais devotos beijam-na e fazem suas preces.

A bandeira é novamente requisitada pelos foliões para tirar as esmolas. Dessa forma cantam para muitos sujeitos que estão ali. O alfer recebe as doações.

Após as cantorias para as pessoas, os foliões pedem ao anfitrião a bandeira para seguirem viagem. Pedido aceito e eles pegam os instrumentos musicais e a bandeira e seguem para mais um dia de giro.

Na saída dona Maria (mãe do João Matias) doa um embornal a folia. O embornal é uma bolsa de fabricação artesanal, para transportar o que for preciso.

Logo abaixo alguns momentos da visita.



Roda de conversas



Cantoria para uma devota



Altar



Jantar



Dança da catira



Roda de viola

Ponto 36 - Álvaro Prado – Fazenda Cafundó

*Almoço

Por volta das 11:10hs, a folia adentra o quintal da casa, após a confirmação pelos tiros dos foguetes. A bandeira é acolhida, levada para dentro da casa e fixada na parede da sala. A família do Álvaro recebe a folia em clima de festa, oferecem cerveja gratuitamente a todos os foliões, também tem refrigerantes, vinho e pinga. Alguns foliões tomam bebidas alcoólicas, outros não bebem.

Álvaro convidou muitos amigos para conhecer a folia e almoçar também.

O almoço foi feito por algumas mulheres da família. Quando foi liberado para todos, os participantes deixaram os foliões se servirem primeiro.

Após o almoço os integrantes da folia descansam um pouco, sentados debaixo de uma árvore numa sombra, enquanto os mais jovens se dispersam pelo quintal.

Por volta das 13:20hs os foliões cantam pedindo a bandeira para pedir as esmolas.

Cantaram para a família do Álvaro e para vários amigos dele. Tiveram várias doações de esmolas.

Ao final dos rituais a mesa de comidas e sobremesas continuava posta. Aí dois foliões o Zezinho e o Batista, falaram para a dona da casa que eu a pesquisadora estava grávida, e com vontade de vontade de comer daqueles doces de goiaba e tamarindo e queijo fresco. E pediram os doces e queijo para mim. E disseram que eles estavam pedindo por mim, porque estava com vergonha de pedir. A mulher atendeu o pedido, mas, ela percebeu que era brincadeiras deles, entrou na brincadeira também.

Pediu-se em cantoria a bandeira para seguir em frente com o giro. A visita foi um pouco mais longa, saíram da residência por volta das 14hs.



Servindo bebidas aos participantes do almoço



Foliões, acompanhantes e família do anfitrião.



Foliões servindo o almoço.



Família recebendo a cantoria da folia.

Ponto 37 – Jerônimo Domingos da Silva (Jerônimo carreiro) e Almerinda Souza Resende. Acampamento Terra Prometida

A folia chega batucando a caixa e soltando tiros de garrucha, o casal anfitrião já está na porta da casa, esperando por eles. Recebem o grupo e acolhe a bandeira, esta é levada ao interior da casa, e inserida no altar. Tem altar pois o casal quer que reze o terço.

Os foliões e os participantes convidados do casal, se acomodam em uma varanda, onde foi servido um lanche.

Ficaram um tempo conversando e descansando. Estavam tranquilos porque só tinham mais uma visita a fazer antes do pouso.

Por volta da 15:20hs, começam a rezarem o terço. Este foi conduzido pela Lidinha, mas, teve a participação de todos os presentes.

Depois do terço, a bandeira foi retirada do altar, e Almerinda a segura para receber a cantoria da folia, posteriormente foi a vez do Jerônimo.

Após receberem a cantoria e fazerem a doação de esmola, a bandeira foi guardada no quarto do casal. Logo, em canção o grupo de precatórios pedem a bandeira e licença para seguirem o percurso do giro.

O estandarte foi conduzido até o carro pelo Jerônimo. E os foliões seguem a jornada.



Altar.

Reza do terço.

Ponto 38 – Antônio Alves Pereira. Zona Urbana. Bairro Dom Abel.

Este ponto fica na zona urbana no bairro periférico - Dom Abel. Esta visita foi uma solicitação do senhor Antônio. O mesmo já foi folião do Divino Pai eterno e de Santos Reis na cidade. Ele é pai dos foliões Carlinho e Joãozinho.

Seu Antônio é idoso e no momento da visita estava acamado, não estava bem de saúde.

A folia cantou para sua esposa, para ele e para o Carlinho.

Depois cantou pedindo a bandeira para seguirem o trajeto.

Sua esposa conduziu a bandeira até o portão da casa, entregando-a ao alfer.

Ponto/pouso 39 – Leôncio de Freitas de Vieira (Leôncio Oropa).

Assentamento N. Sra. Guadalupe – Sítio São Longuinho

Entre os sons dos tiros e foguetes o Leôncio e sua família esperam pela folia na porta da casa. Leôncio e sua esposa seguram a bandeira e cumprimentam a todos.

Em um repente os foliões pedem pouso para eles e para a Santa, pedem também jantar, garrafão de pinga e acomodação para os instrumentos musicais.

A família acolhe a todos. E o grupo adentra as dependência da casa. A bandeira e colocada no altar produzido para ela, que fica na área bem na porta da cozinha.

Leôncio segue na lida cuidando do gado enquanto sua esposa está na cozinha preparando a janta. As filhas do casal ficam recepcionando o grupo.

Os integrantes da folia já estão arrumando suas camas para mais uma noite do giro.

Por volta das 19:00hs o jantar é servido.

Todos jantam, e ficam fazendo o quilo em quanto esperam pelo terço.

A reza do terço acontece a pedido dos anfitriões, chegada a hora, todos se reúnem para rezar.

Após o terço alguns vão dormir outros vão beber uma pinguinha, outros ficam conversando.

9º dia do giro 22/07/2016

Amanhece no sitio do pouso, o tiro de garrucha acorda todos os foliões.

Eles já desmontam suas barracas e guardam seus pertences na camionete.

Logo o café da manhã está servido. Eles comem, e posteriormente o chefe da folia organiza o grupo que pede a bandeira aos anfitriões iniciando os ritos do dia. Precisam agilizar com as atividades, estão no assentamento Guadalupe e são muitas casas para visitarem.

Recebem a bandeira beijam-na.

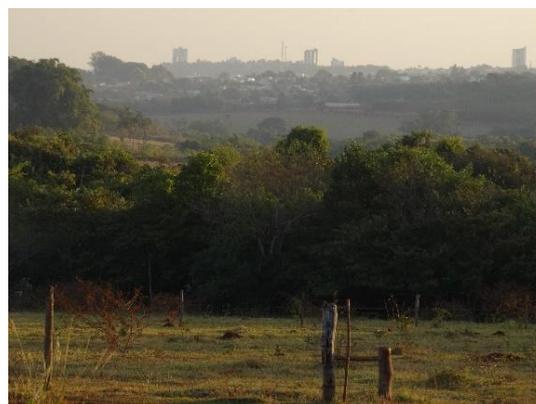
Logo pedem a bandeira novamente para cantar e pedir esmolas.

A folia canta para toda a família do Leôncio, agradecem pela estadia e as pelas esmolas.

Pedem de novo a bandeira para seguir o giro. Leôncio entrega a bandeira ao alfer que junto a turma seguem o percurso.



Cantoria da chegada ao pouso



Vista da cidade



Altar



Cantoria para tirar esmolas

Ponto 40 - Valdir Mugnol (Catarino) e Maria Divina Mugnol Assentamento N. Sra. Guadalupe. Sítio Terra Nostra

A Maria Divina recebe a folia e acolhe a bandeira que fica em cima de uma cadeira, na varanda.

A folia canta para ela, mas, ela não segura a bandeira, que continua em cima da cadeira.

Feito as cantorias, o grupo pede a bandeira para seguirem a viagem. Ela leva o estandarte até o portão e o entrega ao alfer.



Anfitriã recebendo a cantoria.

Ponto 41 – João Gonçalves (João Brogó) - Assentamento N. Sra. Guadalupe. Sítio Bom Jesus

João Brogó, recebeu os foliões em sua casa, cumprimentou todos os participantes, pegou a bandeira e levou-a para dentro da casa. Serviu café, em quanto a turma aguardava para iniciar as cantorias.

Logo os foliões em melodia pedem a bandeira para tirar esmola.

João Brogó se posiciona na porta da sala e segura o estandarte, recebe a cantoria pedindo esmola e bênçãos da Santa.

Ele faz a doação de esmola e leva a bandeira novamente para dentro de sua casa.

Logo, o grupo faz o pedido em canção para continuar o percurso com a Santa.

João leva a bandeira até o portão e a entrega ao alfer, que segue com o grupo de precatório rumo a mais uma visita.

Ponto 42 – João Rosário Davi dos Santos – Assentamento N. Sra. Guadalupe. Sítio São Bom Jesus

A folia avisa que está chegando por meio dos tiros de garrucha e das batidas na caixa, João Rosário recebe o grupo e acolhe a bandeira.

Depois de um pequeno intervalo os foliões se organizam para pedir a bandeira ao anfitrião, dentro da sala, cantam pedindo esmola e bênçãos ao mesmo.

Depois cantam pedindo a bandeira para que ela possa seguir o trajeto com eles. Pedido concedido e folia no giro novamente.

Ponto 43 – Reila Luciana e Magno Justino de Sousa – Assentamento N. Sra. Guadalupe. Sítio São Jorge

No assentamento, o percurso do giro parece que está num labirinto de cor marrom, ele tem boa parte ocupado com plantação de milho que já está seco, deve estar

perto da colheita, os pés de milho na beira da estrada estão da mesma cor do chão, por conta da poeira solta dessa época seca.

No final do labirinto surge mais uma casa para a visita do grupo. Com o barulho da caixa e dos tiros da garrucha, surgem na porta da casa um casal sorridente, e receptivo. Acolhem a Santa e cumprimenta a todos.

A bandeira permanece dentro da casa em quanto o morador e a folia conversam um pouquinho, até ela pedir em cantoria o estandarte para pedir esmolas.

O ritual acontece dentro da sala da casa. O casal segura o estandarte. Cantam se duas canções uma para o homem e outra para a mulher e seu bebezinho de colo.

Depois de guardada, canta-se novamente pedindo a bandeira para seguir com o grupo o percurso.

Ponto 44 – Joaquim Carvalho Camilo – Assentamento N. Sra. Guadalupe. Sitio Nossa Sra. da Guia

Quando a folia chega a esta casa é recebida alegremente pela esposa do Joaquim. Que pegou a bandeira e guardou-a dentro da casa.

Alguns foliões ficaram na varanda esperando pelo momento da cantoria, outros foram ver um lago, outros andando pelo quintal.

De forma que quando foram convocados pelo chefe da folia para iniciar os ritos musicais, todos se posicionaram com seus instrumentos a cantar, pedindo a bandeira, pedindo esmolas e bênçãos da Santa para a moradora e seu filho. Pediram também licença para seguir com a bandeira o percurso.

Depois da cantoria, os foliões recebem a bandeira de volta e seguem o caminho traçado para o dia.

Ponto 45 – Alessandro Andrade Santos - Assentamento N. Sra. Guadalupe. Sítio Bom Sucesso

A folia chega em mais uma visita, aos sons das batidas da caixa e dos tiros de garrucha, que se misturam ao sons emitidos pelos animais como o latir dos cachorros, o grugulejar dos perus, o cacarejar desesperado das galinhas, as corridas dos cavalos, enfim, dentre esses barulhos aparece o Alessandro tocando os cachorros para que a folia acabe de chegar. Ele recebe alegremente os foliões e acolhe a bandeira.

O grupo se acomoda na varanda, conversam um pouco com o anfitrião, que conta sobre seu *hobby*, um tipo de rali em carros feitos artesanalmente.

Logo, os foliões em cantoria pedem à Alessandro, a bandeira para iniciarem as cantorias para os presentes. Dessa forma cantam para três pessoas na casa, e depois cantam pedindo a bandeira para seguirem o giro. Pedido aceito, se despedem, agradecem pela a recepção e seguem o trajeto.

Ponto 46 – Sebastiana Gomes Pereira – Assentamento N. Sra. Guadalupe. Sítio São Joao Batista

*Almoço

Por volta das 12:40h a folia chega à casa de Sebastiana, que gentilmente acolhe a Santa bem como seus seguidores. Ela leva a bandeira para dentro de sua casa.

Sebastiana e sua nora fizeram o almoço para os foliões. Já estava pronto quando o grupo chegou. A comida exalava um cheiro delicioso, estava no fogão, para não esfriar. A anfitriã logo convida para almoçar.

Após o almoço, a tarde está muito quente e seca, os integrantes da folia procuram um lugar mais fresco para descansarem um pouco, alguns se acomodam dentro dos carros, outros na sombra em baixo das árvores, outros na varanda da casa, uns até tiram um cochilo e outros fumam cigarro.

Depois do descanso é hora de começar os trabalhos novamente, o grupo se organiza e em canção pedem a Sebastiana a bandeira para tirar esmola.

Ela traz a bandeira e junto com a nora e o netinho, recebem a cantoria, para tirar esmola, de agradecimento pela estadia e almoço. E o pedido para sair com a bandeira, pelo giro.

Saem por volta das 15:00h.

Ponto 47 – Jacó Pereira de Sousa – Assentamento N. Sra. Guadalupe. Sitio N. Sra. Aparecida

Nesta visita a folia é recebida pelo Jacó e sua esposa, que prontamente guarda a bandeira e volta para cumprimentar a todos.

Os anfitriões conversam um pouco com o grupo que logo pedem a bandeira para cantar para eles.

Cantam para o casal e para uma filha. E para sair com a bandeira também.

O alfer pega a bandeira no portão da casa, e o grupo sai em busca de outra visita.

Ponto 48 – Meire Sarmento Ferreira - Sitio Esperança Sarmento. Assentamento N. Sra. Guadalupe.

A Meire recebe a folia com sorriso no rosto, já com a bandeira em mãos cumprimenta todos, depois guarda a bandeira, dentro da casa.

O grupo fica reunido na varanda da casa, outros observam a diversidade de materiais amontoados no quintal, aparentemente para serem vendidos para alguma empresa de reciclagem.

Os foliões cantam pedindo a bandeira.

Meire se posiciona em frente a porta da cozinha, onde tem fixado na parede, um quadro de imagem de santo e um folder de uma igreja evangélica da cidade.

Ela segura a bandeira bem rente ao seu corpo, e se concentra nas cantorias.

Feito os rituais, a folia segue o giro.



Anfitriã recebendo a cantoria, com a bandeira rente ao seu corpo.	Anfitriã recebendo a cantoria.
---	--------------------------------

Ponto 49 – José Abadio da Silva (Zezão) – Assentamento N. Sra. Guadalupe. Sitio Divino Pai Eterno

Ao chegar para a visita, os foliões foram recebidos pela esposa do Zezão, pois o mesmo estava tirando o leite no curral.

Ela guardou a bandeira e ficou conversando com alguns do grupo, enquanto outros foram andar pelo pomar. Logo chegou uma família para receber os serviços da folia. Enquanto isso Zezão terminava a lida.

Neste sitio o Zezinho e o Batista fizeram novamente a brincadeira, de que eu a pesquisadora estava grávida, e com vontade de comer gueroba (palmito amargo), Zezão me deu uma gueroba, eles ficaram felizes com o resultado da mentira, davam risadas.

O grupo se organizou e logo começaram a cantoria, pediram a bandeira, cantaram para os visitantes e para a família anfitriã. A bandeira foi guardada dentro da casa novamente. Fizeram um intervalinho e logo pediram em canção licença para seguirem o giro com a Santa.

A bandeira foi devolvida ao alfer e o grupo precatório seguiu a viagem.



Acompanhante da folia recebendo cantoria

Acompanhantes da folia recebendo cantoria

Uma observação - Quando algum folião ganha alguma coisa dos moradores visitados, geralmente é dividido entre o grupo. Mas, quando ganhavam alguma coisa para mim, não aceitavam que fosse dividido entre eles. Nas brincadeiras deles ganhei doces, gueroba e queijo.

Ponto/pouso 50 – Luiz Carlos Cabral de Souza (Carlinho) e Oleídes Ferreira do Carmo – Assentamento N. Sra. Guadalupe. Sitio Santa Vitória

Já são 17:30h este é o último ponto do dia a receber a folia, então será o ponto do pouso. O grupo chega a casa e é recebido pela moradora Oleídes, seu esposo está tirando leite no curral. Ela recepciona o grupo, e segura a bandeira para os foliões pedirem em cântico o pouso para eles e para a Santa, janta, o garrafão de pinga e acomodação para os instrumentos musicais.

Quando a folia termina de cantar, Carlinho chega, cumprimenta todos e se desculpa por não ter recebido a folia junto a sua esposa, mas, que precisava tirar o leite e não poderia parar com o trabalho, naquele momento.

Desculpas aceitas e começam várias brincadeiras verbais entre eles.

Logo, os foliões vão arrumar os leitões, em quanto tem-se a luz do dia. Depois se organizam para o banho. Em quanto isso o jantar está sendo preparado por Oleídes e sua filha.

Neste pouso não teve a reza do terço. Ela só acontece quando é solicitado pelos moradores.

Alguns foliões vão dormir em casa, este ponto é próximo da cidade.

10º dia do giro 23/07/2016

Amanhece no sitio do Carlinho e da Oleídes, o tiro de garrucha desperta os foliões, e provavelmente a família do Carlinho também.

O café da manhã é servido a todos.

Os foliões que pousaram na cidade chegaram, com eles veio o Salú, um antigo folião que vai seguir o giro com a turma, nesse dia.

O grupo fica fazendo hora por ali, porque tem só mais visita antes do almoço. Fazem uma roda de cantorias, cantam várias músicas sertanejas.

Esperaram o Carlinho terminar de tirar o leite, para começar a cantar pedindo a bandeira, isso por volta das 11:00 horas.

Após o ritual do beijo na bandeira, os foliões cantaram para toda a família. Depois pediram licença para sair com a Santa para o giro.

O casal faz doação de prenda.



Anfitriã recebendo a cantoria do pouso



Casal segura a bandeira para o ritual do beijo

Ponto 51 – Tereza Ferreira Guimarães – Assentamento N. Sra. Guadalupe. Sitio Beija Flor

A folia é recebida pela Tereza e pela Maria Helena, Tereza guarda a bandeira dentro de sua casa.

Depois de um pequeno intervalo de tempo, a folia canta pedindo a bandeira, a anfitriã traz e recebe a cantoria.

Depois a folia canta para Maria Helena que mora numa casa ao lado, no mesmo quintal. Como, os foliões disseram que não poderiam ir à casa dela cantar, ela virou a imagem da Santa para a sua casa e recebeu a cantoria.

Depois da cantoria ela segue com a bandeira até sua casa e fixa um dinheiro na mesma (geralmente dinheiro é costurado). Ela cobra a visita do próximo ano em sua casa.

A bandeira é devolvida à Maria Helena, que guarda-a novamente dentro da casa, para posteriormente ser pedida para sair novamente.

O grupo segue o trajeto.

Quando terminaram os rituais, perguntei porque não poderiam cantar na outra casa. Eles disseram que só podem fazer o ritual em uma casa no mesmo quintal. (Mas, cantaram em outros pontos com mais de uma casa no quintal, ou seja, cantou em mais de uma casa, no mesmo quintal).

Ponto 52 - Sebastiana Lucimar de Carvalho e Reis de Carvalho. Assentamento N. Sra. Guadalupe. Sítio Reis

*Almoço

O grupo de precatórios chegam ao sítio e é recebido no portão pelo Reis e sua esposa Sebastiana. A bandeira é reverenciada e acomodada dentro da casa.

Todos se cumprimentam e se acomodam na varanda. Em quanto isso o cheiro do almoço que já está quase pronto, se espalha pelo ambiente.

Logo, serve-se o almoço, como é de praxe o alfer é o primeiro a se servir, em seguida seguem os demais componentes do grupo e os familiares do Reis.

O grupo descansa um pouco depois do almoço. Depois começam os rituais, cantam pedindo a bandeira, cantam para toda a família e visitantes, cantam agradecendo pelo belo almoço, o café e a pinga. Depois pedem a bandeira em cantoria para seguir com o giro.

Ponto/pouso 53 – Valdivino Raimundo do Prado (Divino leiteiro) e Eronides Ferreira do Prado (Lidinha)

Assentamento N. Sra. Guadalupe - Sítio N. Sra. da Abadia

Divino e Lidinha recebem a bandeira e o grupo com muita satisfação, os sorrisos estão comprovando isso. Foram muito receptivos, cumprimentaram a todos, que logo começaram a cantar, pedindo pouso para o grupo e para a Santa, abrigo para os instrumentos musicais, janta e pinga.

A família do Divino e Lidinha sempre estão envolvidos nos eventos que acontecem na Região da Onça. Ela é rezadora do terço e sempre é convidada para tal.

Os foliões se dispersam para escolher um lugar para arrumar as camas e as barracas. Logo em seguida vão banhar.

Os anfitriões receberam muitas pessoas amigas, vizinhos e parentes, para o evento da noite.

Um delicioso jantar foi servido.

Depois veio o terço. Todos presentes participaram da reza.

Terminou o terço, logo formou-se a roda para dançar a catira, uma dança para participantes do sexo masculino. Dessa, participa quem quer, criança, adolescentes, idosos, foliões, visitantes etc., enfim, é um momento para se divertir.

Continuando com o entretenimento formaram a roda de viola, todos se misturam, nesta as mulheres participaram, cantaram muito. A animação era contagiante e foi até tarde da noite.

Os foliões que se sentiam cansados foram dormir, e outros ficaram até mais tarde.

11º dia do giro 24/07/2016

O dia amanhece no sitio do Divino e da Lidinha.

O farto café da manhã está servido, os foliões comem e vão preparar os instrumentos musicais para os próximos rituais.

Hoje a folia tem-se a companhia do antigo folião o Valdelicio – o Vardé.

Por volta das 09:00h pedem em cantoria a bandeira para o Divino que está posicionado na porta da cozinha.

A partir daí eles cantam para várias pessoas da família, inclusive para seu neto, o jovem folião Kauan. Agradecem pelo pouso, a guarda os instrumentos, pela bela janta, pela pinga, belo café e pela bela janta.

Também pedem a bandeira para seguir com eles no giro.



Jovem folião recebendo a cantoria.

Anfitrião levando a Santa até o carro.

Ponto 54 – Maria das Graças de Jesus e Itamar Rosa Vieira

Assentamento N. Sra. Sítio Nova Canaã

Maria das Graças recebe os foliões bem como a bandeira, guarda-a dentro da casa até o pedido do grupo para pedir esmola.

Feito o pedido, Maria das Graças segura o estandarte e recebe a cantoria. Logo ela guarda novamente a bandeira dentro da casa.

Em cantoria o grupo pede novamente a bandeira para seguir o giro.

Ponto 55 – Maria José Ferreira – Assentamento N. Sra. Guadalupe - Sitio 3 Corações

Depois da recepção, a folia canta pedindo a bandeira para tirar esmola. Canta, para três pessoas da casa, e depois cantam pedindo a bandeira para continuar o giro.

Ponto 56 - Geandra Ferreira Silva Teles – Assentamento N. Sra. Guadalupe. Sítio Flamboyant

Neste ponto a visita da folia também não foi demorada. O grupo foi recepcionado, a bandeira foi guardada dentro da casa, depois de um pequeno intervalo, em cantoria ela pede a anfitriã que traga a bandeira para cantar para as pessoas da casa.

Cantou-se para três pessoas. E para sair com a bandeira para o trajeto.

Ponto 57 - Hélio Cabral dos Santos e Nilda Santos Cabral- Fazenda Matão

Cabeceira do Córrego Jataí

Os foliões chegaram, foram bem recebidos, logo a bandeira foi conduzida para o interior da casa. Aguardaram um pouco, para em canção pedir o estandarte para cantar para os moradores.

Cantou-se para duas crianças e para Nilda, pediram esmolas e as bênçãos da Santa aos seus filhos.

Depois cantou pedindo a bandeira para seguirem a viagem.

Ponto 58 – Valdivino Cabral dos Santos (Divino)- Sitio 3 Irmãos

*Almoço

Por volta de 12:30hs a folia chega à casa do Valdivino para visitar e almoçar, os tiros de foguetes sinalizam que a folia é bem-vinda, podem chegar. Os foliões adentram as dependências da casa, são recepcionados com um cafezinho quentinho. Os anfitriões guardam a bandeira dentro da casa, na cozinha finaliza-se o almoço, alguns do grupo ficam descansando e esperando pelo almoço na varanda, outros vão andar pelo quintal.

Quando o almoço é servido todos o saboreiam com muita disciplina, e todos os presentes partilham do momento também.

Após o almoço e o intervalo para o descanso. Começam as cantorias da folia para a família do Valdivino.

Cantam pedindo a bandeira, pedindo esmolas, agradecendo pelo belo almoço e o belo café. Por último cantam pedindo a bandeira para seguirem o percurso. Se despedem e saem.

Ponto 59 - José Welington Mendonça - Fazenda Santa Rosa

A chegada dos foliões é percebida pelos seus sons, que despertam os moradores da casa a ser visitada, dessa forma os mesmo já esperam pelo grupo na porta da casa. Principalmente quando não se responde com o tiro de foguete.

Assim aconteceu na casa do José Welington, a família recebeu os foliões e a bandeira. Como tradicionalmente acontece o estandarte foi conduzido para o interior da casa, ficou um tempo lá. Posteriormente, os foliões são convidados a entrar e cantar na sala, em cantoria eles pedem a bandeira para cantar para os sujeitos do lugar. Cantaram para quatro pessoas, depois o estandarte foi novamente guardado. Tem se um pequeno tempo de intervalo, e os viajores pediram em canção a bandeira de volta para seguirem com ela no giro.



Foliões cantando dentro da casa

Moradora recebendo a cantoria

Ponto 60 - Adair Silva Ferreira - Faz. Recanto do Jatobá

O casal anfitrião recebe o grupo de precatórios, de forma espontânea e alegre. Se cumprimentam, o casal pega a bandeira e a conduz para o interior da casa. Depois de um tempo, os foliões se organizam na sala da casa e em cantoria pedem a bandeira para tirar as esmolas. Cantam para um filho, depois para a mãe com outra criança de colo e depois para o marido. Por último cantam pedindo a bandeira para seguir com eles no giro.

Depois de cumprir com o ritual, o grupo segue o trajeto.

Ponto 61 - Mauro Cândido de Jesus e Neuraci Cândido da Silva - Sítio São Jorge. Cabeceira do Córrego Jataí

O casal foi muito simpático ao recepcionar o grupo folião. Com sorrisos nos rostos recebeu a bandeira e cumprimentou a todos. Adentrou a casa com a bandeira e a deixou por lá, até o pedido da folia.

Logo a folia pediu a bandeira para cantar para Mauro e Neuraci, que seguraram juntos o estandarte, após guardaram a bandeira novamente. A folia em canção pede a bandeira para seguir com eles o giro.



Casal recebendo a cantoria



Folia cantando

Ponto 62 - Maria Regina dos Santos - Sítio Alvorada

Algumas pessoas da família vão ao encontro da folia, para recepcionar e pegar a bandeira. A mesma é acondicionada dentro da casa.

Em quanto isso vários foliões compraram rapadura feita do caldo de cana. Tem se uma fábrica no sítio.

Logo, cantaram pedindo a bandeira, depois cantaram para cinco pessoas da família e depois para sair com a bandeira.

Ponto 63 - Claudio Cabral de Lima. Sítio Sol Nascente/ Cabeceira do Córrego Jataí

Este sítio fica próximo do ponto 62, as residências ficam aproximadamente 150 metros de distância uma da outra, o grupo foi a pé. O Claudio já esperava pela folia, que foi bem recebida, da mesma forma a bandeira.

Cantaram para: pedir a bandeira, para duas pessoas, e finalmente para sair com a Santa.

Claudio acompanhado pelos foliões, conduziu o estandarte até o carro do alfer.



Morador levando a bandeira até o carro do alfer

Ponto 64 - Onezino Cabral de Lima. Faz. Boa Esperança/Cabeceira do Córrego Jataí

A folia tem o costume de pousar na casa do Onezino há muito tempo, mas, esse ano não deu certo de pousar, porque sua esposa está com o pé fraturado. Irão dormir na casa da Sandra Mariza.

Os tiros de foguete vindo da casa do Onezino indicam que a folia pode chegar. No entanto, a família toda já esperam por eles na varanda.

Todos se cumprimentam e a bandeira é conduzida para dentro da casa.

Com uma melodia a folia pede o estandarte para cantar aos presentes e tirar a esmola. Cantam para o casal anfitrião, para suas três filhas e para os netos, depois cantam pedindo a bandeira para seguir a viagem.

Ponto/pouso 65 – Sandra Mariza Ferreira Prado. Faz. Bom Sucesso

Depois dos vários cumprimentos, afinal a casa da Sandra tem muita gente da região, vieram para ajudá-la recepcionar o grupo.

Sandra e a família recebem a cantoria da chegada dos foliões, a combinação das vozes e dos instrumentos musicais já estão em harmonia, afinal já são vários dias em peregrinação e em entrosamento social. Cantam como de costume para pedir pouso para o grupo e para a Santa, pedem janta, pinga e acomodação para os instrumentos musicais.

Depois do pedido aceito os anfitriões adentraram a sala da casa com a Santa e a folia cantando. Depois a bandeira foi colocada em uma mesa, que representa um altar. Terminou-se a cantoria e guardaram os instrumentos musicais ali mesmo.

O jantar foi servido, num ambiente festivo os acompanhantes da folia e os foliões comiam e bebiam.

Após esse momento de confraternização os foliões foram arrumar seus leitos.

Mais, tarde um pouquinho teve a roda de viola com a participação de alguns foliões e praticamente de todos os presentes participaram da cantoria.

12º dia do giro 25/07/2016

Para os foliões o dia amanhece após o tiro de garrucha disparado pelo chefe da folia. Todos se despertam e começam a dobrar e guardar os pertences usados durante a noite.

Todos tomam café, logo após pedem a bandeira para beijar e para sair. Vão sair e voltar para a casa da Sandra, não deu para visitar um vizinho da Sandra no dia anterior. Eles foram na visita do ponto 66.

Voltaram entregaram a bandeira novamente a anfitriã, que a guardou dentro da casa.

Por volta das 09:40hs, pedem a bandeira para começar cantar para as pessoas, para agradecer pelo pouso, pela comida, enfim por tudo que foi servido a eles neste período.

Cantam para todos os presentes. Recebem doações. Antes de entregar a bandeira ao alfer, Sandra pediu para que rezassem a oração do Pai Nosso e da Ave Maria, ambas três vezes cada. Ela justifica o pedido dizendo que é porque não rezaram o terço na noite anterior.

Sandra fala que esta foi a primeira vez que a folia pousou em sua casa. Agradece a Santa e pede para abençoar os foliões e suas famílias. Ela fala da importância dos jovens participando desta fé, enquanto outros, não tem essa oportunidade e estão usando drogas e fazendo coisas erradas.

Ela disse que espera que o ano que vem todos estejam novamente na folia e em sua casa. E disse que se emociona todas às vezes que folia vai à sua casa.

A família de Sandra e o foliões rezam as orações solicitadas pela anfitriã.

Depois em canção o grupo de cantores pedem o estandarte para seguirem o giro.



Moradores recebendo a folia para o pouso.



Cantorias da folia no pouso.



Jantar.



Jantar.

Ponto 66 - José Pedro da Silva. Faz. Bom Sucesso/Capão Grande

A folia saiu da casa da Sandra, e foi a casa do José Pedro, que recebeu o grupo no pátio da casa pois estava saindo, e não tinha ninguém na casa. Ele doou uma prenda e a folia não cantou. Os foliões voltaram para casa da Sandra para dar continuidade aos rituais.

Ponto 67 - Eurípedes Rodrigues de Souza (caseiro). Fazenda Indaiá (Manuel do Tande)

Os foliões estavam chegando na sede da fazenda, quando encontraram com o Eurípedes. Eles se cumprimentaram, falaram da possível visita, mas, o Eurípedes tinha compromisso não poderia recebe-los em sua casa. Ele fez a doação da prenda ali mesmo. Não houve cantorias. O grupo seguiu com o giro.

Ponto 68 – Manoel Vicente Gouveia – Manezim e Ana. Faz. Irmãos Gouveia

*Almoço

Aos sons dos tiros de garrucha e da caixa, a folia avisa que está chegando, ao mesmo tempo, está pedindo permissão para ser recebida. Logo é correspondida com os tiros de foguetes que Manezim está soltando.

O grupo de precatórios com seus acompanhantes, estacionam os carros e entregam-se a bandeira ao casal que a conduz para dentro da casa.

Na residência do Manezim se encontram algumas pessoas da família, que foram para ajudar na produção do almoço e também receber a folia.

O delicioso almoço é servido, todos os presentes almoçam.

Em quanto tem se o tempo da sesta, alguns foliões criam uma roda de viola para cantar algumas músicas sertanejas. Ficam algum tempo ali se divertindo. Até quem não sabe tocar instrumentos musicais entrou no ritmo e ariscou tocar.

Depois do descanso é hora de começar a cantoria.

Se organizam dentro da sala e cantam pedindo a bandeira ao Manezim, logo, com a mesma em mãos cantam para toda a família, e finalizam cantando para o Manezim, o agradece pelo almoço e pela pinga. Pedem licença para levar a bandeira com eles, seguindo o trajeto do dia.



Ponto 69 - Irani Ferreira Silva. Faz. Tetéia

A folia encontrou com o Irani na estrada de sua fazenda, e ele fez a doação da prenda ali mesmo, porque não tinha ninguém em sua casa. Se despediram e seguiram seus caminhos.

Ponto 70 - Maria José Santos de Jesus - Faz. Indaiá – Barracão

Maria José recebe a folia e a Santa, recebe também as canções entoadas pelo grupo. Os rituais seguem conforme a tradição: cantam pedindo a bandeira, depois cantam para a Maria e sua filha, e finalmente cantam pedindo a bandeira para que eles possam leva-la no giro.

Maria faz doação de prenda.

O alfer organiza as doações de prendas por meio de uma ficha, onde se anota os dados do doador e o tipo da prenda, quando o arrematador pode buscar a prenda.

Nesta visita Cebolinha, meu esposo que me acompanhava, substituiu um integrante da folia, ele tocou o triângulo. Às vezes acontece isso, por algum motivo o integrante não tocar algum instrumento musical, o chefe convida algum acompanhante que se dispuser a tocar o instrumento. De forma que tem que ter presente todos os instrumentos durante a melodia, sendo: três violões, um cavaquinho, um triângulo, um estrivinho, uma caixa e um pandeiro. Pode até ter mais instrumentos, mas, tem que ter no mínimo oito instrumentos.



Anfitriã recebendo a cantoria da folia

Moradora doando prenda

Ponto 71 - Valdivino Gouveia Prado - Faz. Bom Sucesso

Nesta visita, o caseiro recebeu a folia, pegou a bandeira levou para dentro da casa, fez doação de prenda, mas, disse que a folia não precisava cantar para ele.

O alfer recebeu a prenda e a bandeira, e seguiu o percurso conforme o programado para o dia.

Ponto 72 – Itamar Braz do Prado (Tim) e M. Aparecida da Silva Prado. Faz. Onça

Nesta visita a folia chegou em silêncio sem as batidas da caixa e sem tiros de garrucha. Depois que a mãe da Maria Aparecida faleceu, ela pediu para os foliões que não cantassem mais durante a visita. Sua mãe gostava muito dos cantos do grupo. Eles respeitam a vontade da anfitriã.

Maria Aparecida, emocionada recebe o grupo e acolhe a bandeira.

Todos adentram para a área de serviço que fica no fundo da casa. Ela serve um lanche e pinga.

Após o lanche o chefe da folia reúne a turma, o alfer solicita a bandeira, e sem cantorias todos seguem para os carros, que tomam o caminho do giro.

Ponto/pouso 73 – Oscar Ferreira de Freitas (Cabecinha) e Maria Luzia - Faz. Onça

Com tiros de foguetes o Cabecinha responde que a folia pode chegar. A família dele e os amigos que moram na Região da Onça, foram para a porta da casa e recepcionaram o grupo de precatórios.

Cabecinha e Maria Luzia empunharam a bandeira e receberam a cantoria de chegada ao pouso, foi uma canção de aproximadamente 12 minutos. Pediram pouso aos foliões, abrigo para os instrumentos musicais, licença para adentrar o portão da casa, pede benção da Santa ao casal, para colocar a Santa no altar, e para finalizar a música pedem um “viva” a Nossa Senhora da Abadia e a todos os sujeitos presentes.

A Santa já está no altar, os instrumentos abrigados e os foliões descansando.

Enquanto se prepara o jantar, os anfitriões disponibiliza a todos, café e pinga.

Rodas de conversas são formadas geralmente são constituídas por gênero. Se formam rodas de mulheres, outra só de homens.

Os adolescentes também se reúnem para suas conversas e brincadeiras próprias da idade.

Logo os foliões foram arrumar seus leitos.

É uma tarde de outono linda! E nesta fazenda tem-se um pôr do sol maravilhoso de encher os olhos, inclusive alguns sujeitos ficaram observando todo o acontecimento.

A janta foi servida por volta das 18 horas.

Depois do intervalo após o jantar, teve a reza do terço, quando terminou a reza, a bandeira da Santa foi conduzida para dentro da casa.

Agora é hora de diversão! Teve roda de viola com direito a dança do forró, e posteriormente a dança da catira, nesta as modas de viola são tocadas pelos próprios componentes da dança.

A diversão vai aproximadamente até à meia noite.

13º dia do giro 26/07/2016

O tiro da garrucha desperta aqueles que ainda dormem.

O foliões logo aparecem, a mesa do café está posta, conforme vão chegando vão se servindo, com muita simplicidade.

Depois do café fazem um intervalo, fizeram uma roda de viola cantaram um pouco, ficam por ali conversando, organizando as malas, afinando instrumentos musicais, repondo pólvora nos cartuchos da garrucha.

Por volta das 09:00h, pedem ao Cabecinha a bandeira para o ritual do beijo.

Depois pedem para cantar para tirar as esmolas. Cantam para a família. Quando cantam para o Cabecinha, fazem um repente diferente porque ele foi folião no passado. Fazem o agradecimento pelas refeições, pela bela pinga, pelo pouso pelo agasalho dos instrumentos musicais. Depois a letra fala das bênçãos e proteção da Santa ao nobre folião e sua família, e a mesma o convida para seguir no giro.

Após essa cantoria, a bandeira é guardada novamente dentro da casa. E logo os foliões pedem para sair com a bandeira no giro.

Alguns momentos registrados desta visita.



Altar



Roda de conversas - masculina



Ponto 74 - Manoel Divino da Silva e Marizete. - Faz. Três Irmãos

A chegada da folia é simbolizada pelos tiros de garrucha e dos batuques da caixa. Logo, Manoel Divino e Marizete aparecem na porta da casa, para recepcionar o grupo de precatórios.

Eles são devotos da Santa, foram festeiros em 2011. Recepcionaram os foliões e a Santa no portão da casa. Ela conduz a bandeira para dentro da casa.

Após oferece um lanche aos foliões.

Depois de saciados, se organizam dentro da sala, e pedem a bandeira para tirar as esmolas. Cantam para o casal e para mais uma pessoa. Depois cantam para sair com a bandeira para continuar com a missão.

Agradecem novamente, se despedem e pegam a estrada do giro.

Ponto 75 – Leciomar Raimundo da Silva e Maria Joana. Faz. Indaiá/Onça

*Almoço

Por volta do meio dia, a folia foi recepcionada pelos filhos, netos, nora e genro do Leciomar e Maria Joana. Se cumprimentaram, pegaram a bandeira e a levaram para dentro da casa. Quando os foliões e seus acompanhantes chegam para essa visita/almoço, a refeição já estava pronta.

O almoço foi servido na área de serviço, mas, antes todos os presentes fizeram um grande círculo, deram-se as mãos e fizeram uma oração. Após todos almoçaram.

No período da sesta pós almoço, que foi um intervalo mais curto, alguns descansaram, outros andavam pelo quintal. Mais curto, porque ainda tinha muitas visitas para o período da tarde.

Logo, o grupo se posiciona em frente a sala da casa, em cantoria pede ao Leciomar que traga a bandeira para pedir as bênçãos da Santa a todos e também a esmola. Cantam para toda a família, e quando é a vez do casal anfitrião, pedem bênçãos da Santa para eles, pedem as esmolas, e agradecem pelo almoço, café e pinga. A bandeira é novamente guardada dentro da casa, e logo os foliões solicitam em canção licença para sair com a bandeira pelo giro.



Menina da Região da Onça tocando na folia.



Devota se despedindo da Santa

Ponto 76 - Silvanor Alves Ferreira. Faz. Tetéia do Indaiá

Silvanor recebe alegremente os foliões, acolhe a bandeira, e tem-se um momento de descontração entre o morador e o grupo. Após, Silvanor recebe as cantorias: para pedir a bandeira, para tirar esmola e para sair com a bandeira.

O grupo segue o giro, rumo a uma nova visita.



Foliões saindo da residência.



Comboio dos foliões.

Ponto 77 - Célia Maria de Castro Caetano. Faz. Indaiá

Ao ouvir o som de chegada da folia, Célia vai para o portão esperar pelo grupo. Ela pega a bandeira e cumprimenta a todos, os convida para entrar.

Célia guarda a bandeira dentro da casa, faz um café, alguns componentes do grupo aproveitam para degustarem as mexericas no pé, fruta da época.

Ela serve o café, e logo os foliões se organizam para pedir a bandeira, eles cantam para tirar a esmola e para sair com a Santa.



Moradora recebendo as cantorias da folia.



Moradora devolvendo a bandeira a folia.

Ponto 78 - Selvino Schneider. Faz. Rio Doce

A família recebe os foliões bem como seus acompanhantes, o grupo se acomoda na garagem enquanto a Santa vai para dentro da casa.

Em quanto isso alguns foliões vão conhecer o quintal da casa.

Logo o grupo é solicitado pelo chefe da folia a cantar para pedir a bandeira. Depois eles cantam para tirar esmolas para cada componente da família, e posteriormente cantam para sair com a Santa e seguir o giro.

Ponto 79 - Andréia Vicente Magalhães. Faz. Indaiá

Andreia já esperava a folia e pela amizade. Ela é devota, conhece a tradição e os foliões também. Ela é filha do Lorim e da Zilda, (a folia visitou a casa deles) e o filho dela o Felipe é um jovem folião.

Andreia recebe com muita satisfação o grupo e a Santa que adentram a casa com a bandeira.

Ela serve uma farta mesa de lanche. E todos participam desse momento de união e alegrias, afinal a comida tem esse poder.

Logo após o lanche, a folia se organiza para cantar e pedir a bandeira, depois cantam para a Andréia para as crianças e para uma amiga dela, com bebê no colo. Cantam também para sair com a bandeira seguindo a missão.

Agradecem pela recepção e o belo lanche, e seguem o giro.

O próximo ponto de visita é ao lado da casa da Andréia, pois tem várias casas neste lugar.



Foliões lanchando

Moradora recebendo a cantoria da folia

Ponto 80 - Márcia Moura. Faz. Indaiá

Ainda na mesma fazenda do ponto 79 – duas casas visitadas no mesmo quintal, os foliões deram uma volta com a bandeira dentro do quintal para não dar batida cruzada. Foi preciso estudar o caminho com cuidado.

A Márcia recebe os foliões com a bandeira, conduz o estandarte para dentro de sua casa. Depois de um pequeno intervalo, o grupo pede em cantoria a bandeira para tirar esmola. Cantam pedindo a esmola, depois para sair para o giro.

Ponto/pouso 81 – João Batista Cruvinel e Neura. Faz. Cambauvinha

Em meio aos tiros de foguetes e da garrucha e com muita animação o grupo chega à casa do folião Batista. Muitos acompanhantes da folia e familiares do Batista receberam o grupo, bem como a Santa.

A bandeira é entregue ao casal Batista e Neura que seguram a mesma em quanto a folia cantam pedindo: pouso aos foliões e a Santa, janta, pinga, café, agasalho aos instrumentos musicais.

Após a cantoria a bandeira é colocada em um altar produzido para a ocasião. Nossa Senhora da Abadia é posta sobre um forro de tecido colorido e divide o espaço com as imagens de Santa Luzia e de Nossa Senhora Aparecida, tem também vaso de flores artificiais e vela.

Depois desse ritual os foliões se organizam para tomar banho, em quanto outros já arrumam seus leitos.

Logo é servida a deliciosa janta. Todos os presentes compartilham desse momento. Como é de costume quando termina de comer cada sujeito lava seu prato e talheres. Depois de um intervalo, iniciou-se a reza do terço, esta foi conduzida por mulheres da Região da Onça.

14º dia do giro 27/07/2016

O dia amanhece, junto com ele a animação dos sujeitos que dormiram neste pouso.

A família do Batista oferece um farto café da manhã.

Por volta das 09:15h a folia começa com os cânticos para pedir a bandeira para o ritual do beijo, depois pedem a bandeira em cantoria, e cantam para tirar as esmolas, agradecem pela estadia, pelas “belas” refeições, pela pinga e pelo café.

Fazem um intervalo, enquanto isso tem folião fazendo brincadeiras com os outros, fixaram roda de arame na roupa ou na mochila dos outros sem os que os mesmos

percebessem. Era uma farra danada, davam muitas risadas. Porque as pessoas que estavam com o arame, não percebiam e andavam por todo lado.

A imprensa local estava fazendo uma matéria sobre a festa. Entrevistou vários foliões.

Para finalizar os rituais sagrados, cantaram aos anfitriões pedindo a bandeira para sair para o último dia de giro.



Chegada da Bandeira ao pouso



Cantoria da chegada ao pouso



Foliões, anfitriões e acompanhantes – levando a bandeira para dentro da casa



Altar



Imprensa local entrevistando anfitrião/folião



Em brincadeira folião tem um feixe de arame preso a sua calça.

Ponto 82 - Divino José do Prado (Foia). Escola Municipal Campos Elísios.

A família do Foia já aguardavam pela folia, receberam o grupo e acolheram a bandeira dentro da casa.

Ele serviu um café, e minutos depois começaram os rituais, cantaram pedindo a bandeira para tirar as esmolas. Cantaram para seus filhos, nora e netos, depois, o Foia segurou a bandeira e pediu para cantar para sua esposa que está em tratamento de doença. E posteriormente ele recebeu a cantoria também. E por último cantaram pedindo a bandeira para seguir com a viagem.

Em brincadeira eu a pesquisadora fui vítima dessa vez, algum folião escondeu meu caderno de campo. Fiquei preocupada quantas informações anotadas, me senti sem pernas e braços. Após uma insistente explicação sobre a importância do caderno, ele apareceu, mas, o autor da brincadeira não.

Ponto 83 - Ormênio Carneiro Prado. Faz. Três Barras

*Almoço

Ormênio e sua família já esperavam pela folia e seus acompanhantes, quando ela chegou, já foram logo cumprimentar e pegar a bandeira, levaram-na para dentro da casa.

Enquanto o almoço era preparado, os foliões ficaram esperando na varanda.

O pessoal da imprensa local, também acompanha os foliões e entrevistam alguns deles.

Quando o almoço ficou pronto, todos os presentes em círculo deram-se as mãos e fizeram uma oração. Após almoçaram.

Por volta das 13 horas os foliões em cantoria pedem a bandeira para tirar as esmolas. Cantam para todos da família do Ormênio que estão presentes, e para os acompanhantes da folia que solicitaram. Finalmente cantou-se para o Ormênio, agradeceu pelo almoço e pelo belo café.

Depois cantou-se pedindo a bandeira para seguirem o giro.



Oração antes do almoço



Mulheres tocando instrumentos na folia

Ponto 84 - Jarbas Batista Souza (caseiro) – Feijão é o proprietário. Faz. Recanto da Cana

Nesta visita o Jarbas recebeu o grupo e a bandeira, a levou para dentro da casa, e ficou conversando um pouco com os foliões. Logo, foi pedido em cantoria para que

trouxesse o estandarte, cantou para ele e sua família que estava ausente, e finalmente cantou pedindo a bandeira para seguir o giro com eles.

Ponto 85 - Oldemar Weyrich. Faz. Girassol

Nesta fazenda foram feitas visitas em duas casas no mesmo quintal.

A primeira visita foi para Oldemar Weyrich, que recebeu os foliões, e guardou a bandeira dentro da casa.

O anfitrião serviu café e pinga ao grupo.

Oldemar recebeu as seguintes cantorias: para pedir a bandeira para tirar as esmolas, cantaram para ele e sua nora, depois pediram a Santa para seguir o giro com o grupo.

Dentro do quintal os foliões se preocuparam com a cruzada batida, então, analisaram por onde passaram quando chegaram e a volta que dariam agora para não passar pelo mesmo caminho.

Agora vão realizar os rituais na casa da Luzimeire, funcionária da fazenda.

Luzimeire recebe o grupo e a bandeira, recebe também as cantorias para trazer a bandeira para tirar esmola, para ela e para os filhos, e para se despedir da bandeira e devolve-la aos foliões para seguir o trajeto.



Oldemar e nora recebendo cantorias.

Luzimeire recebendo cantorias.

Ponto 86 – José Pereira Chagas (Maranhão). Faz. São Tomé

Maranhão e sua esposa recebem os foliões e a Santa. Abrigam a bandeira dentro de sua casa.

No intervalo, autorizado pelo Maranhão a maioria dos foliões foram ao pomar desfrutar das deliciosas laranjas e mexericas.

Depois se organizaram na varanda da casa para cantar: pedindo a bandeira para tirar esmolas, para o casal e pedir a mesma para seguir a missão.

Ponto 87 - Leandro Oliveira Silva. Faz. São Tomé

Esta é a penúltima visita da folia, encerrando se a missão do giro. O Leandro e irmão do festeiro.

A família recebe alegremente os foliões e a bandeira. Conduz o estandarte para o interior da casa.

Serve um farto lanche.

A folia canta: pedindo a bandeira para tirar as esmolas, para cada membro da família, e depois cantam pedindo a bandeira para seguir com a missão.



Família recebendo a bandeira e a folia



Lanche



Mãe e filha recebendo cantoria



Família levando a bandeira até o portão da casa

Ponto/pouso 88 - Almari José de Oliveira. Faz. São Tomé/Rio Doce Pouso 15

Este é o último ponto de visita/pouso da folia 2016. É na casa do Almari onde a bandeira e os instrumentos musicais ficarão até o dia da festa - 14 de agosto. Esta é a casa mais próxima da casa dos festeiros.

A família e os vários acompanhantes da folia recebem os foliões e a Santa. Todos estavam muito alegres.

Almari recebe o grupo e a bandeira. Se posiciona na porta da sala. Recebe a cantoria da folia pedindo pouso, janta, pinga e agasalho para os instrumentos. Ainda em canção a folia pede licença para entrar para o salão da casa, geralmente é neste lugar que está o altar para receber a Santa.

Todos adentram a casa, especificamente na sala. Cantam pedindo para colocar a Santa no altar, que foi produzido para a ocasião. Os anfitriões põem a bandeira no altar.

Após, cada folião de joelhos em frente ao altar, faz sua oração de agradecimento pelo giro por ter ocorrido tudo bem.

Missão cumprida e aliviados, é assim que o grupo de precatórios se sentem.

Com muita emoção que os integrantes da folia se despedem uns dos outros. Afinal ficaram 14 dias juntos, criaram e fortaleceram o vínculo de amizade.

A janta foi servida. Após teve a reza do terço.

Alguns foliões ainda dormiram nesta fazenda, foram embora na manhã seguinte. Outros foram embora para suas casas.



Chegada da Folia/bandeira



Cantoria para anfitriões



Folião rezando em frente ao altar



Despedida dos foliões

Ponto 89 – Lázaro Henrique de Oliveira e Ana Flávia. Faz. São Tomé/Rio Doce Casa da festa

Nesta casa a folia não fez a visita, pois já estão sem a bandeira e só irão no dia da festa, fazer a chegada da Santa.

A Santa só vai para a casa do festeiro no dia da festa.

Esse trabalho de campo proporcionou de forma pessoal e pela Geografia, um aprendizado e um pouco de compreensão do mundo do outro. Pelos pressupostos cultura, sagrado, profano, e por meio de suas categorias de análises, a geografia nos permitiu reconhecer a dinâmica do espaço “multidimensional” em que ocorre a festa de Nossa Senhora da Abadia.